

Deputati

62

LICA

1
460

7
209

+ 138647

R 372799

C 1180 584

2-2-1909

H. Salas

A S O B R A S
DO CELEBRADO

LVSITANO,

O doutor Frãcisco de Sã de Mirãda.

Collegidas por Manoel de Lyra.

*Dirigidas ao muito illustre Senhor dom Ie-
ronymo de Castro, & c.*



*Impressas com licença do supremo Conselho da Santa
Geral Inquisição, & Ordinario.*

Anno de 1595.

Com priuilegio Real por dez annos.

Por mandado de S. A. vi estas obras de Francisco de Saa de Miranda, & assi como vão, não tem cousa contra nossa santa fee, & conthem doutrina, & sentenças, que podem aproueytar para os costumes, por onde são dignas da impressam.

Frey. Bertolameu Ferreyra.

Vista a informação pode se imprimir este liuro, & de pois de impresso tornará a esta mesa com o original pera se cõferir com elle, & se lhe dar licença para correr. Em Lisboa 10. de Agosto de 89.

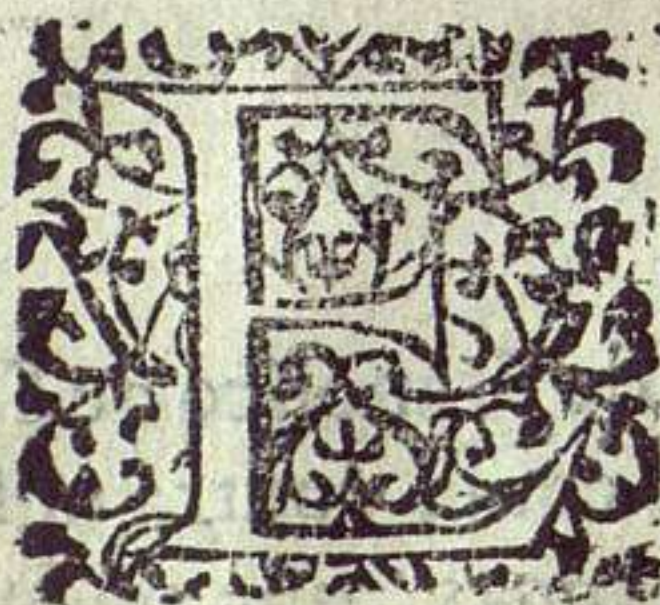
Jorge Sarrão. Antonio de Mendoça. Diogo de Sousa.

Podese imprimir a 6. de Dezembro. 94.

Ioão de Lucena Homem

O Suplicante podera imprimir este liuro vista alicença q̃ tem do sancto Officio, & como despois diso foy visto nesta mesa, Em Lisboa. a 11. de Setembro de 89.

I. Pereyra de Saa. Antonioda Gama. D. Daguiar.



V EI Rei, Faço saber aos que este aluará
virem, q̄ auendo respeito ao q̄ na peti-
ção atras escritta diz Manoel de Lyra,
Impressor de liuros, & visto as caulas q̄
allega, & por lhe fazer merce; Ei por bẽ
& me praz, que por tẽpo de dez annos
Imprimidor nem liureiro algum, nem outra pessoa, de
qualquer calidade q̄ seja, não possa imprimir nẽ vender
em todos meus Reinos & senhorios de Portugal, nẽ tra-
zer de fora delles, os liuros de q̄ na dita Petição faz men-
ção, s. os naufragios da nao Conceição, da nao S. Paulo, da
nao Santa Maria, do Galleão S. Ioaõ, da nao S. Bento, que
se perderaõ na carreira da India: & assi as obras de Frã-
cisco de Sá de Mirãda, saluo aquelles liureiros & pessoas
que pera isso teuerẽ poder & licença do dito Manoel de
Lyra: & qualquer imprimidor, liureiro, ou pessoa que du-
rando o dito tẽpo de dez annos, imprimir ou vender os
ditos liuros nos ditos meus Reinos & senhorios, ou trou-
xer de fora delles, sem licença do dito Manoel de Lyra,
perderá pera elle todos os volumes q̄ assi imprimir, vẽ-
der, ou de fora trazer, & alem disso encorrerá em pena
de cincoenta cruzados, ametade para a minha camara,
& a outra ametade pera quem accusar. E mando a to-
das as justiças, a que este aluará for mostrado, & o conhe-
cimento pertencer, o cumpraõ inteiramente, como se
nelle conthem, posto q̄ o effeito delle aja de durar mais
de hum anno, sem embargo da Ordenaçãõ do 2. liuro, tit.
20. que o contrario dispem. Ambrosio de Aguilar o fez
em Lisboa, a 7. de Janeiro, de M. D. Lxxxv. Eu Francis-
co Nuncz de Pauia, o fiz escreuer.

R E Y.

AO MVITO ILLVSTRE
SENHOR DOM IERONYMO
DE CASTRO,

Manoel de Lyra Impressor, S. P. D.



OSTVME foi dos Gregos & Romanos, (muito illustre senhor) & d'outras nações ja d'antes, offrecer & dedicar seus estudos & trabalhos aos illustres de sua idade: para que ajudados, & fauorecidos delles, tiuessem mais largo caminho para sua gloria, & môr emparo contra as injurias do tempo. Co este meo floresceirão tantos insignes varões, como as historias celebrão em Homeros, Aennios, Virgilios, Sallustios, Suetonios, & Lirios, que fazendo memorauel a gloria de seus nomes, fizerão gloriosa a memoria de seus tempos. Não conheço eu menor causa, antes cõfesso ter môr diuida, de vos offrescer a vos honra dos Castros, flor de nossa idade, Moecenas dos ingenhos, a grandeza desta obra, (se nella tiuera mais que o seruiço da impressão) pois estando ella ja desconhecida, trocado, & quasi perdido o esmalte com que foi composta, vos a tornais á primeira verdade; & segurais do segundo naufragio. Não fez mais Diodoro Siculo, que por dar credito a sua historia correo Europa, & Asia, a ver a verdade della. E vos por que esta teuesse o preço que lhe o autor deu, passais de Reino a Reino, a ver na primeira lamina a letra do proprio autor. Por onde descreditados os erros que enleuão esta obra, & accreditadas as verdades que vos em seus originaes alcançastes, fica ella cõ o credito que conuem a quem a fez, & vos com a gloria de dar remedio a tão cõmum desejo, & nossa idade rica, & enuejada.

A Dom Ieronimo de Castro,
Ieronymo de Morais.

Quien de Corte, d'Aldea, y de Pastores,
De Musas, cortesia, y de cuydado,
Del tiempo ver pretende el vario estado,
Y de cosas escritas, las mejores:

Vea en este autor de los autores,
De vna y otra vida, vn gran dechado,
Para la quietud del despoblado,
Para trato de Reyes, y Señores.

Estos bienes, que vencen plata y oro,
Trabajos del Miranda, iua comiendo
El tiempo, que sin tiempo corre, y huye.
Y el chefre de los Castros, no sufriendo
La perdida comú de vn tal tesoro,
Lo busca, caua, halla, y restituye.

D. Sebastianus d'Alfaro, Carmen.

*Mirandus cælo & terris Miranda, Maronem
Excellens, cecinit pascua, rura, duces.*

[Aliud.]

*Quid nisi mirandum potuit Miranda futuris
Totus mirandus scribere temporibus?
Sed quæ mirandum laudabunt carmina vatem?
Mensuram tanti nominis implet opus.*

Dom Manoel de Portugal, às obras
de Francisco de Saa.

Soneto.

Alma Felicē, a nos alto decoro
De virtude, porquem os Reis deixaste,
Ao som de teu espirito a que cantaste
Nunca assi respondeo ecco sonoro.
Indo desta regiaõ, doñde inda moro
Saudofo de ti, que amando, voaste
A essa de luz: magino desque entraste,
Que versos cantaràs no eterno coro.
Tua voz acordando, & teu conceito,
Com hum & outro espirito, qu' em seu canto
Do que sempre assi vc, sempre se admira.
Recebe o que de ti sente este peito,
Por deuido louuor, & estima coanto
Ora te faz soar hũa culta Lyra.



AS OBRAS
DO DOCTOR FRANCISCO DE SAA
DE MIRANDA.

Ao Principe dõ João nosso senhor,
quando lhe mandou pedir estas
suas obras.

SONETO.



Principe tamanho, cujo rogo,
(E mais ós seus) ind'he mais que
mandar,

Que posso hial fazer, senão passar
Pella agoa, pello ferro, & pello
fogo?

Se me firo, se me queimo, se afogo,

Se dou de mĩ às gentes que fallar,

Leucmente se pode desprezar

Tal danno, & inda mal que não foi logo.

Mas era quasi tudo encomendado

Aa traça, & a não sei que, com tal presteza,

Com que ja quasi em pó tudo he tornado.

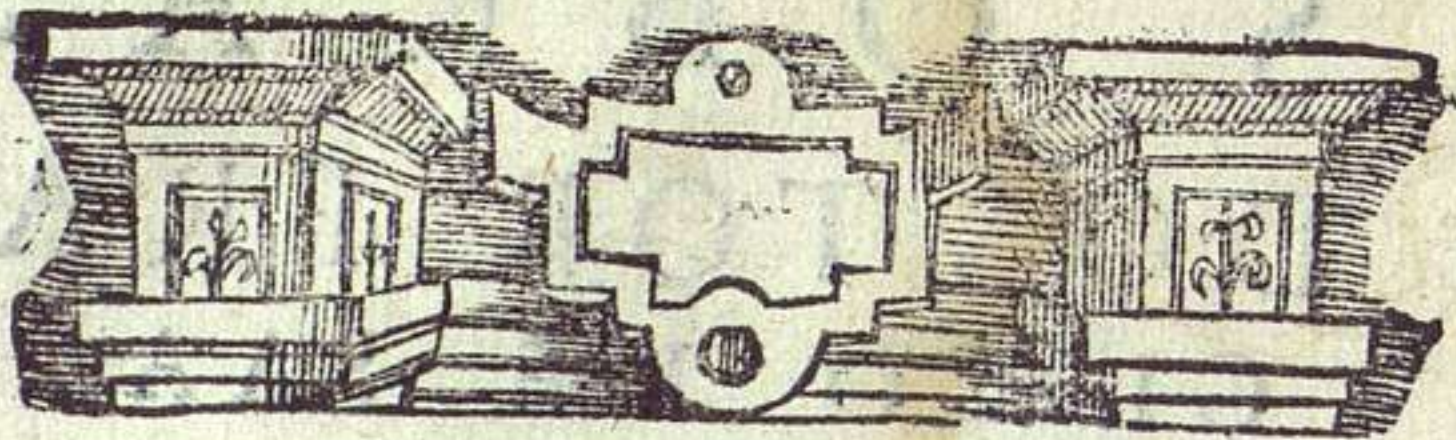
Iágora gram senhor tudo despreza

Quem sae á praça por vosso mandado,

Abasta o nome sò de vossa Alteza.

A

A segun^a



A segunda vez que lhe mandou
mais papeis.

SONETO.



Nda qu'em vossa Alteza a menos
parte
Em que Deos ajuntou tantas, &
taes,

Seja esta, toda via entre as Reaes
Se contou ella sempre em toda parte:
Dar fauor aos engenhos, & a toda arte,
Das boas, faz os Reis aqui immortaes;
Por fama: inda passando auante mais
Hús fez Deoses de todo, outros em parte.
Aa guerra leua o mór Scipião consigo
As Musas brandas de seu natural,
Que assi sem armas sam d'altas ajudaes.
Ainda nos cantão do bom tempo antigo
Cayrão as estatuas de metal,
Qu'al se podi'esperar de coufas mudas?

A





A terceira vez, mandandolhe
mais obras.

SONETO.



Ardei, e cuido que me julgão mal,
Qu' emendo muito, e qu' emendãdo dãno,
Senhor porqu' ei grã medo ao mau engano
Deste amor que nos temos desigual:

Todos a tudo o seu logo achão sal,
Eu risco, e risco, voume d'anno em anno:
Com hum dos seus olhos soo vay mais vfano
Philippo, assi Sertorio, assi Hannibal.
Ando cos meus papeis em differenças,
São preceitos de Horacio (me dirão)
Em al não posso, sigoo em apparencias:
Quem muito pelejou como irã sani?
Quantos ledores, tantas as sentenças,
Cum vento vellas vem, e vellas vão.

A 2

Canção



As obras de
Canção a Nossa Senhora, seguindo ao
Petrarcha na composição daquella,
Vergene bella, &c.



Virgem fermosa, que achastes a graça
Perdida antes por Eua, onde não chega
O fraco entendimento chegue a Fee;
Coitada desta nossa vista cega,
Que anda apalpando pella neuoa baça,

E busca o que ante si tendo não vee,
Sem saber arinar como, ou porque
Entrei pellos perigos,
Rodeado de imigos,
Por piedade avos venho, e por merce,
Vos q̄ nos destes claro a tanto escuro,
Remedio a tanta mingoa,
Me dareis lingua, & coração seguro.

Virgem toda sem magoa, inteira, & pura,
Sem sombra nem daquella culpa, herdada
Por todos nós, tẽ o fim desde o começo,
Claridade do Sol nunca turbada:
Sanctissima & perfeita creatura:
Ante quẽ de mĩ fujo, & me aborreço:
Ey medo a quãto fiz, sey que mereço,
Dos meus erros m'espanto,
Que m'aprouerão tanto,
Agora á sò lembrança desfalleço:
Mas lêbrame porem que vos fizestes
Paz entre Deos & nos,

E a quẽ por vos chamou sempr' a mão destes.

Virgem seguro porto, emparo & abrigo
Aas mores tempestades, ah que tinha
Aos ventos esta vida encomendada,
Sem olhar ja a que parte hia ou vinha,
Descuidado de mĩ, & do perigo,
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada:
Não vos seja em desprezo esta coitada
Alma que ante vos vem
Cos receos que tem,
De imigos grandes mal ameaçada:
E que eutão peccador & errado seja,
Vença vossa bondade
Minha maldade grande, & assi sobeja.

Virgem do mar estrella, & neste lago
E nesta noite hum Faro, que nos guia
Pera o porto, antes claro & certo Norte:
Quem sem vos atinar; quem poderia
Abrir samente os olhos? vendo o estrago
Qu' atras olhando deixa feito a morte?
Quem me daria proa com que corte
Portão braua tormenta?
De toda parte venta,
De toda espanta o tempo feo & forte:
Mas tudo que sera? co a vossa ajuda
Neuo a d'alagoa,
Que ao vëto voa, & num momento a muda.

As obras de

Virgem perfeita, & do Sacrario sancto
Porta qu' Ezechiel cerrada via,
Aa parte que responde ò Oriente:
Alto Siluado, que todo elle ardia
Sem offendido fer tanto nem quanto,
E foi tal testemunha ali presente.
Vello de Gedeão, diuinamente,
E diuino final
Do orualho celestial,
Que tudo o mais enxuto, elle sò sente:
Senhora que podeis, em tal afronta
Restituime a mi
Antes da fim, que o sol vayse & trasmonta]

Virgem & madre juntamente, quem
Tal nunca ouuio? nẽ dantes nem depois,
Somér' em vos entãõ quem o entendeo?
Vos madre & filha, vos esposa sois
Daquelle que apertado ao peito tem
Vossos braços, o que não pode o ceo,
Na vossa alta humildade se venceo
O soberbo tyranno,
Que com enueja & engano
Nos fez tão perigosa & longa guerra:
Por molher se causou tal dãno nosso,
Quem nos restituiu
De vos sayo Sñora, o preço he vosso.]

Virgem nossa esperança, hum alto poço,
De viuas agoas, que contino corre:
Em que se matãõ pera sempre as sedes,

Não

Não de Nembrot, mas de Daud a torre,
Donde socorro espero ao meu destroço,
Afsi tão perseguido como vedes,
Dantre tão altas, tão grossas paredes,
De ferro carregado,
Hum coração coitado
Chama por vos enuolto em bastas redes:
Húas sobre outras; porem sinais tenho
De ser do vosso bando,
Que a vos bradando por piedade venho.

Virgem do Sol vestida, & nos seus rayos
Claros, enuolta toda, & das estrellas
Coroada, & debaix'os pès a lúã,
Sam vindas minhas culpas & querellas
Sobre mí tantas, valeim' aos desmayos,
De muitas que possa yr chorando algúã:
Não me deixarão desculpa nenhúã
Os meus erros fobejos,
Leuarão me os desejos
Tantas occasiões, indo húã & húã;
Quem tormenta passou per toda a praya
Com os ventos contrastando
Saya nadando ja cõa vida, & saya.

Virgem horto precioso, alto & defeso,
Rico ramo do tronco de Iesse,
Que floreceo milagrosamente,
Custodia preciosissima da Fè,
Que vos sò toda tiuestes em peso,
Tendo hum & o outro Sol sua luz ausente;

As obras de

A alma que os seus enganos tarde sente
Altissima senhora,
Por vos sospira & chora;
Ontem minino, sou velho ao presente,
De dia em dia voume, d'anno em anno,
Aa minha fim chegando,
Dissimulando a vergonha & o dano.

Virgem andando aqui, ja celestial,
E em corpo aysi leuada ao ceo Empyreo,
Sem fer vista mais ca de olhos humanos,
Certa porta do ceo, dos valles lyrio,
Que nunca teue nem terá igual,
Dada por sò remedio a nossos dãos,
Contra os demonios, sejão meridianos,
Sejão da noite efcura;
Esperança segura
Taes forças, contra taes mestres d'enganos,
Com vosso esforço por terra & por mar,
Não digo eu auer medo,
Mas fair ao campo ledo, & pelejar.

Virgem das Virgēs, como o tempo voa!
Nossa certa esperança,
Por toda a vezinhança
Quanto gemido a toda parte soa!
Quãtas lagrimas caem mal derramadas!
Mas posto de giolhos
A vos os olhos, tudo o mais sam nadas.

A HVM

A HUM CAPITULO
DA MANEIRA ITALIANA,
QUE FEZ FRANCISCO DE
Sá de Meneses á Madanella.

De Francisco de Miranda,

SONETO.



*A vossa verdadeira penitente
Quã bẽ guardastes seus pōtos devidos,
Os Apostolos erãõ ja partidos,
Ella nãõ parte, ved' o qu' ali sente:
E assi mereceo ver primeiramente
Deos em terra em habitos fingidos:
Tudo amor vence, altissimos sentidos,
A quem tal ortelãõ se faz presente.
Gregorio a poem por hũa, outros doutores
Fazẽas tres, apos Gregorio vãõ
Despois os mais, com todos os pintores.
Aquelles direy eu senhor que sam,
Aquelles outra vez, que sam amores,
Dos taes sospiros hum soo nunca em vãõ.*

A 5

Soneto.



SONETO.



O no la entiendo bien, mas está
fuente
Habla conmigo: y horas se m'antoja,
(Como de tantas queexas) que se
enoja,

Oras que me consuelá, y que las siente.
Truxome aqui vn cuidado, y no consiente
Que me vaya a otra parte, y que m'acoja
Delos sueños en q'ando, juzgue, escoja,
Ya verguença es tardar tan luengamête.
Gran fuerça se m'ha hecho a los mis ojos,
Grande al entendimiento, andando así
De veras ocupado en mis antojos.
No se lo que me vi, ni que no vi,
Quien puso tal sabor en mis enojos?
A pesar (ques peor) tanto de mi.

Donn



DOM MANOEL DE
PORTUGAL, A FRANCISCO
de Sá, mandando-lhe húa
Ecloga.

SONETO.



Oem às vezes ser mais estimada
As pallidas espigas, puramente
Offrecidas, que o ouro reluzente
Descuberto por veas soterradas.
Por isso ante vos vão confiadas
(Rarissimo Francisco, & excellente)
A rudeza d'estillo differente,
E as incultas estanças desornadas.
O que brotou de si a natureza,
D'arte nem d'artificio ajudada,
Colhido sem fazão senhor offreço.
A vontade de vos seja estimada,
Qu'em tão baixo tempo, em q' pureza
Em q' obras não ha, deue ter preço.
Reposta

REPOSTA DE FRANCISCO
de Sâ, pellos mesmos consoantes,
como fez o Petrarcha.

SONETO.



Antas mercês tão desacostuma-
das,

Como as seruirey eu deuida-
mente?

Farei como ja fez hũ innocente,

Hum rustico paitor d'antre as manadas:

Que d'agoa offreceo em mãos lauadas

A Xerxes: bebeo elle, & sanctamente

Iurou, que não bebera tè o presente

Cõ tal fabor, por copas d'ouro obradas.

Senhor dom Manoel, se a só clareza

D'um peito aberto, puro, & fé lauada,

Muito merece, muito vos mereço.

A pedraria vãmente estimada,

Os ricos crystallinos de Veneza,

Lá f'achão, eu ós meus palmos me meço.

Soneto.



SONETO.



Amã que fica por fazer desdoje
 Na vida mais? se a vã minha espe
 rança

Que sempre figo, que me sem
 pre foge,

Ia quanto a vista alcança a não alcança?
 Fortuna que fará? roube, despoje,
 Prometa doutra parte em abastança,
 Que tem cõ que m' alegre, ou com q' anoje?
 Tanto tempo ha que dei mão á balança.
 Chorei dias & noites, chorey annos,
 E fui ouuido ao longe, pello escuro
 Gritando, acrecêtar muito em meus dãos.
 Agora que farey? por amor juro
 De tornar a cantar fora dengano,
 E por muito do mal, posto em seguro.

Soneto.





S O N E T O.



Quella fee tão clara & verdadeira,
A vontade tão limpa, & tão sem magoa,
Tantas vezes prouada em viua fragoa
De fogo, hi apurada, & sempre inteira:
Aquella confiança de maneira
Qu' encheo de fogo o peito, os olhos d' agoa,
Por qu' eu ledo passei por tanta magoa,
Culpa primeira minha, & derradeira.
De que me aproueitou? não de al por certo
Que d'um soo nome tão leue & tão vão,
Custoso ao rosto, tão custoso à vida.
Dei de mui que fallar ao longe, & ao perto,
Ria, a si se consola a alma perdida,
Se não achar piedade, ache perdão.

Soneto.





SONETO.



Vien darà a los mis ojos vna fuente
 De lagrimas, que manen noche y dia?
 Respirarà siquiera esta alma mia,
 Llorando ora el passado, ora el presente.

Quien me darà apartado dela gente
 Sospiros, qu'en la mi luenga agonía
 Me valgan, qu'el afan tanto encubria,
 Siguioseme despues tanto accidente?
 Quien me dara palabras con que iguale
 A tanto agrauio, quanto amor m'ha hecho?
 Pues que tan poco el suffrimiento vale?
 Quien m'abrira por medio este mi pecho,
 Do yaze tanto mal? donde no sale
 A tanta cuita mia, y mi despecho?

Soneto.





SONETO.



El Tybre embuelto, al nuestro Tã
jo vfano,

De sus arenas de oro, y rica praya,
Todo lo enchi de lagrimas, q̄ vaya

Dando al mundo señal del dolor vano.

Fragua, no coraçon, no pecho humano;

Quantas de torres, quanta de atalaya

Alçaes cad'hora, a fin que todo caya,

Por tierra, y metan todo a sacomano.

Que Sifipho quereis mas embebido

En sus trabajos, y loca perfia?

Eislo arribado al monte, eislo boluido.

Noches tras noches van, dia tras dia,

No pido a amor piedad, consejo pido,

Mandame loquear como solia.

Soneto.





SONETO.



M tormentos crueis tal sofri-
 mento,
 Em taõ continua dor, que nunca
 aliua,
 Chamar a morte sempre, & que
 ella aliua

Seria dos meus rogos no tormento:
 E ver no mal que todo entendimento
 Naturalmente foge, & quanto auiua
 A dor mais, o vagar da alma catiua,
 A quem naõ farà crer qu'he tudo hũ ventos
 Bem sey hũs olhos que tem toda a culpa,
 E sam os meus, que a toda a parte vem
 Apos o que vem sempre, & os desculpa.
 Oo minhas visoões altas, meu sò bem,
 Quem vos a vos nao vê, esse me culpã,
 E eu sou o sò q'as vejo, outrem ninguem.

BSoneto



SONETO.



Esarrezoado amor, dentro em meu peito
Tem guerra com a razão, amor que jaz
Hi ja de muitos dias, manda & faz
Tudo o que quer, a torto & a direito.

Não espera razões, tudo he despeito,
Tudo soberba & força, faz, desfaz,
Sem respeito nenhum, & quando em paz
Cuidaes que sois, então tudo he desfeito.

Dontra parte a razão tempos espia,
Espia occasiões de tarde em tarde,
Que ajunta o tempo: emfim vem o seu dia,
Então não tem lugar certo onde aguarde,
Amor trata treições, que não confia
Nem dos seus, que farei quando tudo arde?

Soneto.





S O N E T O.

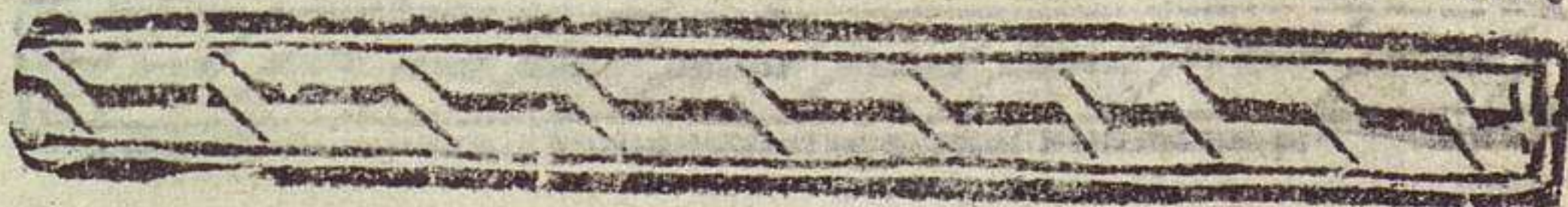


Quellas esperanças, q̄ eu metido
A tormento, lancei fora por vãs,
Que fazê ind'áqui? coas mais sãs
Cōtas, feito em pó ja tudo & be-
bido?

Como, & será tão cego, & sem sentido
Amor, que hūas razões claras, taõ chãs,
Naõ ouça? & que naõ veja tantas cãs?
Tempo lançado a longe, & nam viuido.
Esta alma tantas vezes enganada,
Nam tornarà por si? naõ fara conta
Co sol, coa despesa, coa jornada?
Quem do mar escapou quanto mal conta!
Que perigos sem fim! & logo brada
Outra vez ós da nao: na terra afronta.

B 2

Soneto.





S O N E T O.



Mor que não fará? fez me engeitar
Tão leuemente a mim por quem me en-
geita,
Castellos de esperanças & sospeita
Faz, & não sei que faz, tudo no ar;
Fez me pedras colher, fez mas lançar,
Apertase a alma triste em si encolheita,
Aa força que fará, & lei estreita?
Queira ou não queira, em fim ha de passar.
Tão cego & tanto era eu, que da vontade
Tudo fei? que tudo a traves guia,
Tão grande imiga minha, & da verdade?
Que al se podia esperar de lãta tal guia?
Cabi onde ora jaço, ô crueldade
Não sei quando he de noite, ou quando he dia.

Soneto.





SONETO.



Quella apresurada y rueda biua
 De sobrefaltos, que mudá tan presto
 Tantas vezes cad'hora este mi gesto,
 Nunca la voluntad, tanto ha catiua:
 Esta llama cruel, la pena esquiua,
 Que no reposa sol nacido y puesto,
 Señal de como os veo manifesto,
 Turbada siempre, desdenosa, y altiua.
 Si no me dexan (como digo) el dia,
 Y no la noche, antes m'es tormento,
 Y agora crueldad, que culpa mia?
 El tiempo passa en vano, ha hecho assiento,
 En mi alma abrafada, y luego fria,
 Tal ser, qu'es menos ser cada momento.

B 3

Soneto.





SONETO.

Em Ecco, & em Dialogo.



Abe vna fuente a boz alta sin tino,
 Se queixa el buen Salicio, atormentado
 D'vn mas q̄ nuevo amor, vano cuidado
 A tal remedio de sus males vino.

Amor que nunca va por buen camino,
 Yua bolando por el despoblado,
 O fuesse el llanto que despedaçado
 Del monte, respondia alto y vezino.

Sal. Quien dio principio a mis cordojos? A. ojos

Sal. Cierta crueles, y a mi destierro? A. yerro.

Sal. Dessesos a que fin lleuanos, A. vanos.

Sal. A lagrimas y enojos: A. mas enojos,

Sal. Pues que remedio a tanto de yerro? A. hierro.

Sal. Que muera assi a mis manos? A. y a mis manos.

Soneto.





SONETO.



Am fei qu' em vos mais vejo ; não
 fei que
 Mais ouço, & sinto; ao rir vosso, &
 fallar:

Não fei qu' entendo mais, tè no calar,
 Nem quando vo snão vejo a alma que vé;
 Que lhe aparece em qual parte qu' estè,
 Olhe o ceo, olhe a terra, ou olhe o mar,
 E triste aquelle vosso fospirar,
 Em que tanto mais vay, que direy qu' he?
 Em verdade não sey: nem isto qu' anda
 Antre nos: ou se he ar como parece,
 Sê fogo doutra forte, & doutra ley,
 Em que ando, & de que viuo, & nunca abranda:
 Por ventura que à vista resplandece;
 Ora o que eu sey tão mal, como o direy?

B 4

Soneto.





SONETO.

Em Dialogo, de duas Nymphas. Nisa.



Vees esto Philis, qu'estas tan turbada,
Sola, demudada, y sin color?
Cab' esta fuente tanto ruy señor,
Y tanta otra auezilla enamorada?

Si lo que vees, y que oyes no te agrada,

Que te puede agradar, ni dar sabor?

Vees tanta diferencia, y tanta flor,

De que la tierra està como esmaltada?

Philis. Oo Nisa, Nisa, leda, y desseosa

De caçar, vine a la fresca riber a,

Todo oluidè por esta fuente hermosa.

No soy la Nisa no que dantes era,

Salteome aqui vn cuidado, ah flaca cosa

La vida, muy ayna aqui muriera.

A la





A L A M V E R T E D E

Leandro,

SONETO.

Entre Sesto y Abydo, al mar estrecho,
Lidiando con las ondas sin fosiiego,
Noch'alta el buen Leandro prueua el
fuego,

Y lagrimas que corren sin prouecho.
Viendo qu'es todo en vano, buelue el pecho
De nueuo a aquel mar brauo, ojos al fuego
Que luze en'alta torre, ay amor ciego,
Que tãta crueldad has visto, y has hecho.
Nadaua mientras pudo hazia la playa
De Sesto, descado, y dulce puerto,
Porque si quiera alli muriendo caya.
En fin ondas venceis (dixo cubierto
Ya dellas,) mas no hareis que alla no vaya,
Biuo no quereis vos, mas ire muerto.

Aa



As obras de
A MORTE DE POLICENA,

SONETO.



Rayda en sacrificio Policena
Al sepulchro de Achilles, ya que vido
De Pyrrho el cruel brazo erguido
Por la ferir, boluio toda serena:

Diziendo descansada, A quanta pena
Pornas fin luego, ô golpe bien venido,
Dexando el cuerpo frio aqui tendido
Cabe Troya, su nombre solo appena.

Y luego la Real cara animosa
Boluiendo a todos, mas clara qu' el dia,
Aun desse cuerpo despues recelosa;
Trocadme a lloros de la madre mia
(Les dixo) que ya no le queda otra cosa,
Y qu' a oro nos remio quando podia.

SONETO.



H que dire qu' es esto? qu' ansi engaña
Tan dulcemente en lo que tanto duele?
Ea contrario del todo alo que suele
D'a contecer, en lo que offende, y daña.

Vemos (y es cosa clara) que s' ensaña
Quanto se mueu' en tierra, y al ayre buele,
Vna vez engañado, y que se vele,
Nunca seguro, o del caso, o de maña.
Ora este coraçon tan offendido,
Tantas vezes llegado ala su muerte,
Como lo pone aisi todo en oluido?
Quanto al hado se dio! quanto a la suerte!
Quan poco a la razon, poco al sentido!
Por verte soy yo tal, y bueluo a verte?

.Soneto



SONETO.



Sol he grande, caem co a calma
 as aues,
 Do tempo em tal fazão, que fo e
 fer fria:
 Esta agoa que dalto cae a acordar
 m'hia?

Do sono não, mas de cuidados graues.
 Oo cousas todas vãs, todas mudaues!
 Qual he tal coraçam qu' em vos confia?
 Passão os tempos, vae dia tras dia,
 Incertos muito mais que ao vento as naues.
 Eu vira ja aqui sombras, vira flores,
 Vi tantas agoas, vi tanta verdura,
 As aues todas cantauão d'amores!
 Tudo he seco, & mudo, & de mestura,
 Tambem mudandom' eu fiz doutras cores,
 E tudo o mais renoua, isto he sem cura.

Soneto.





SONETO.



Vando eu senhora em vos os olhos ponbo,
E vejo o que não vi nunca, nem cri
Que ouuesse cá, recolhese a alma a si,
E vou tresualiando como em sonbo.

Isto passado, quando me desponbo,
E me quero afirmar se foi assi,
Pasmado, e duuidoso do que vi,
M'espanto às vezes, outras m'auergonbo.
Que tornando ante vos senhora tal,
Quando m'era mister tant' outr' ajuda,
De que me valerei, se alma não val?
Esperando por ella que me acuda,
E não me acode, e está cuidando em al,
Afronta o coração, a lingua he muda.

Soneto.





SONETO.



Mor tirando va por cielo y tierra,
Mil flechas d'oro, mil de plomo
elado:

Ha muerto, ha mal herido, ha la-
stimado

A muchos, y (dize el) de buena guerra.
Ojos ya no tenia, oydos cierra,
Las malas manos, estas le han quedado,
Duro flechero, al mal tanto auezado,
Tirando a caso, que nunca el golpe yerra.
Dizele la su madre, de las queexas
Quantas oygo de ti (burlando vn dia)
Mal burlador, no quieres que algo crea?
Besola el en los ojos, y madexas
De oro, respondiendole, ò madre mia,
Como quieres si foy ciego que vea?

Soneto.





SONETO.



Do se boluerà, que no se espante
De nueuo esta alma mia lastimada?
A la presente cuita? o a la passada?
O que esperança me lleva adelante?
Que me aprouecha que illore o que cante?
Que grite noche y dia, en fin, que es? nada:
Ir porfiando por la via errada,
Antes es vanidad, que ser constante.
No fuera mucho descudarme vn poco,
Mas ir perdiendo el dia pieça a pieça;
Que esfria, y sobreuiene noche escura.
En fin para qu's mas? cierto soy loco,
De quien confiare la mi cabeça,
Que me la cure de clara locurà?

DE



DE PERO DANDRADE,
QUE LHE MANDOU
com hũa Ecloga.

SONETO.

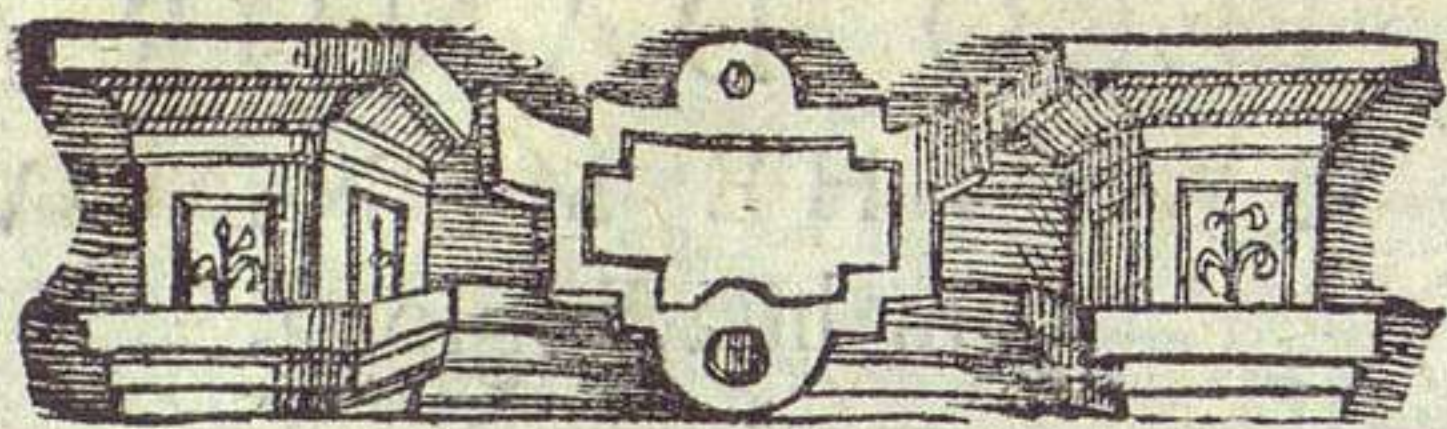


Am oufarão ategora aparecer
Estes verios, de si desconfiados,
Porque de mal compostos, & orde-
nados,

Aflaz tem porque de uão de temer.
Vaõ vos pedir senhor que os queiraes ver,
E riscar, & emendar, porqu' emendados
Por vos, possam andar mais confiados,
Do que por meus poderão merecer.
Vay hi Androgeo triste, & vay Serrano,
Queixase este presente, aquelle ausente,
No Mondego, por vos ja celebrado.
Queixãose Nymphas delle, aqui do dãno
Que por Syluia se vê nelle: & se sente,
Triste, della & de vos desemparedo.

Resposta





REPOSTA DE FRANCISCO
de Sã, pellos mesmos consoantes,
como fez o Petrarca.

SONETO.



*SSI que me mandaueis atreuer
A versos ja das Musas assellados,
E âquella grande Syluia consagrados,
Icaro me poem medo, & Lucifer.*

*Os meus, se nunca acabo de os lamber,
Como vssa os filhos mal proporcionados,
(Ah passatemplos vãos, ah vãos cuidados)*

A quem posso porei nisso offender?

Tudo cabe no tempo, entrego ao anno,

Depois â perda, digame esta gente,

Qual anda o furioso assi emendado.

Torno âs cousas sagradas: que hum profano

Leigo, como eu, tocalas tão samente

Não he de siso sam, mas de abalado.

CARTA



C A R T A

A el Rei dom João nosso senhor.



Ei de muitos Reis, se hum dia,
Se hũa hora fò, mal me atreuo
Occuparuos, mal faria,
E ao bem comum não teria

O respeito que ter deuo.

Que em outras partes da Esphe^{ra},

Em outros ceos differentes,

Que Deos tẽgora escondera,

Cada hũa de tantas gentes

Vossos despachos espera.

Porque senhor elles fòs

(Iusto & poderoso Rey)

Desdão, ou lhe cortão noos,

Como tambem entre nòs,

Que fois nossa viua ley.

Onde ha homês ha cobiça,

Ca, & là tudo ella empeça,

Se a sancta igual justiça,

Não corta, ou não desempeça,

O que a ma malicia enliça.

C

Senhor

As obras de

Senhor qu'he muito atreuida,

E onde ella nós cegos deu

Cortar he cousa deuida,

Exemplo o jugo de Myda,

Qu'el Rei vosso auò fez seu.

Ora eu que respeito auendo

Ao tempo mais qu' ao estylo,

Irei fugindo ao que entendo,

Farei como os caës do Nylo

Que correm, & vaõ bebendo.

A dignidade Real

Que tem o mundo a direito,

Sem ella terfehia mal,

He sagrada, he natural,

Deixemos medo & proueito.

As vossas vellas que vam

Dando quasi ao mundo volta,

Raramente contarão

Gente de algum Rey solta,

Sem cabeça, o corpo he vão.

Dignidade alta & suprema

Quê ha que a não reconheça?

Viose em Marco Antonio tema

De a Cesar pór diadema

Real sobre a cabeça,

Que

Que o nome de Emperador
D'antes a Cesar se dera,
Sem sospeita, & sem temor,
Qu'inda entaõ muito mais era
Ser Consul, ser Dictador.

Hum Rei ao reino conuem,
Vemos que alumia o mundo
Hum sol, hum Deos o sostem,
Certa a queda, & a fim tem
O reino onde ha Rei segundo.

Nam a favor das orelhas
Arenga cudadã & brandã,
Abastem as razões velhas,
A cabeça os membros manda,
Seu Rei seguem as abelhas.

A seu tempo o Rey perdoa,
A tempo o ferro he mezinha,
Grandeza, & condição boa
Ao Liam deraõ coroa
Entre a gente montesinha.
As aues (tamanho bando,
Doutra liga, & doutra ley)
Por vencer todas voando,
A aguia foi dada por Rey,
Que o sol claro atura olhando.

Quanto que sempre guardou
David lealdade, & fee
A Saul! quanto o chorou?
Quantas maldições lançou
Aos montes de Gelboe?
Onde cahira o escudo
Do seu Rey, inda que imigo,
Inda que ja mal sefudo,
Saindo de tal perigo,
E sobindo a mandar tudo.
O senhor da natureza,
De que o ceo & a terra he cheia,
Vestido em nossa baixeza,
De Real fangue se preza,
Por Rey na cruz se nomea.
Sobre obrigações tamanhas
Velemse com tudo os Reis:
Dos rostos falsos, & manhas,
Com que lhes fazem das leis
Fracas teas das aranhas.
Que se não pode fazer
Por arte, por força, ou graça,
Saluo o que a justiça quer
Senhor não chamão poder
Saluo o que lhes val na praça.

E por muito que os Reis olhem
Vão por fora mil inchaços,
Que ante vos senhor se encolhê,
D'hús gigantes de cem braços,
Com que dão, & com que tolhê.
Quem graça ante o Reialcança,
E hi falla o que nam deue,
(Mal grande de má priuança)
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra bebe.
Quem joga onde engano vae
Em vão corre, & torna atras,
Em vao sobre a face cae,
Mal ajaõ as graças mas,
De que tanto engano fae.
Homem d'hum sò parecer,
D'hum sò rosto, & d'húa fê,
D'antes quebrar, que voluer,
Outra cousa pode fer,
Mas de Corte homem não hê.
Ouço gracejar de ca,
De quem vae inteiro, & sam,
Nem se contrafaz mais la,
Como este vem aldeão,
Que não sabe onde s'está.

As publicas santidades,
 Estes rostos transportados,
 Não em ermos mas cidades,
 Para Deos sam vaydades,
 Para nos vaõ rebuçados.
 Mas despois que lhes fazemos
 Pode ser, pode nam ser,
 Adiante o saberemos,
 Estamos hum pouco a ver,
 Caethes o rebuço, & vemos.
 Senhor eyuos de fallar
 (Vossa mansidam m'esforça)
 Claro o que posso alcançar,
 Andaõ pera vos tomar
 Por manha, que não por força.
 Per minas trazem suas hazes,
 Encubertos seus assanhos,
 Falsas guerras, falsas pazes,
 De fora sam mansos agnos,
 De dentro lobos robazes.
 Tudo sua cura tem,
 Que he así bem o sabeis,
 E o remedio tambem,
 Quere ilos conhecer bem,
 No fructo os conhecereis.

Obras, que palauras não,
 Porem senhor fomos muitos,
 E entre tanta obrigação
 Tresmalhamos vos os frutos,
 Que não saibaes cujos sam.
 Hum que por outro se vende
 Lança a pedra, & a mão escóde,
 O danno longe se estende,
 Aquelle a quem doe, entende,
 Com sós sospiros responde.
 A vida desaparece,
 Entretanto geme & jaz
 O que cahio, & acontece
 Que de hum mal que se lhe faz,
 Muito mais se lhe recrece.
 Pena & galardam igual
 O mundo em peso sostem,
 He hũa regra geeral,
 A pena se deue ao mal,
 O galardam ao bem.
 Se algũa ora aconteceo
 Na paz, muito mais na guerra,
 Que a balança mais pendeo,
 Fazse engano ás leis da terra,
 Nunca se fez ás do ceo.

Antre os Lombardos avia
 Lei escrita, & lei usada,
 Como inda oje parecia,
 Onde a proua falecia
 Que o prouasse a espada.
 Ali no campo âs singellas,
 Em fim morrer, ou vencer,
 Fosse qual quifesse dellas,
 Não era melhor morrer
 A ferro, que de cautellas?
 A hum nosso Rey excellente
 Dom Dinis tão acabado,
 Tão justo, a Deos tão temente,
 Falsa, & maliciosamente
 Foi grande aleiue affacado.
 Elle posto em tal perigo,
 Rey que Reys fez & desfez,
 Co as manhas do falso imigo,
 Foihe forçado essa fez
 Aa lei chamar-se que digo.
 E ás villas, & ás cidades,
 A que cumprio d'acudir
 Pellas suas lealdades,
 Tanto sam más as verdades
 Aas vezes de descubrir.

Da mesma casa Real

Em verdade hũ grande Iffantẽ

Tratado por manhas mal,

Bradaua por campo igual,

E imigos claros diante.

Em fim vendo a astucia & arte

Quanto que pode, chamou

Hum leal conde a de parte,

Sò com elle se apartou,

Foi viuer à melhor parte.

Onde tudo he certo & claro,

Onde sam sempre hũas leis,

Principe no mundo raro,

Sobre tanto desemparo

Foraõ tres seus filhos Reis.

Oo senhor quantos fuores

Sua o corpo, & a alma em vam,

Em poder de enuoluedores,

E em fim batalhas que sam

Saluo hũs desafios m`ores?

Coa mão sobre hum ouuido

Ouvia Alexandre as partes,

Como quem tinha entendido

Por fazer certo o fingido

Quantas que se buscãõ d'artes.

As obras de

Guardaúa elle aquelle inteiro,
Para a parte não ouuida,
Não vá nada em fer primeiro,
Quem muito sabe duuida,
Sò Deos he o verdadeiro.

A tudo dão nouas cores,
Enuoluendo os peitos puros,
E falão sempre em primores,
Ante os Reis vossos senhores
Vindes com rostos seguros.

Contaes, gabaes, estendeis
Seruiços, & lealdade
Olhae que a nam daneis,
Falai em tudo verdade
A quem em tudo a deueis.

Senhor nosso padre Adam
Peccára, chamao o Juyz,
Tenha que dizer ou não,
Hi sua fraca razam
Porem liuremente diz.

Sempre foi, sempre ha de ser,
Onde hũa só parte falla,
Sempr'a outra aja de gemer,
Se hum jogo todos iguala,
As leis que deuem fazer?

Vidas

Vidas & honras tomaes

Debaixo de vosso empaço,

De estranhos, & naturais,

Suspiraõ, nam podem mais,

E ás vezes isto mal claro.

Tambem tras aquella arde

Tão estimada a fazenda,

Por mais que se velle & guarde,

Tem ella melhor emenda,

Se não fosse mal & tarde.

Geralmente he presumtuosa

Espanha, & disso se preza,

Gente oufada, & bellicosa,

Culpaõna de cobiçosa,

Tudo sabe vossa alteza.

Pensamentos nunca cheos,

Nam tem fundo aquelles sacos,

Ainda mal com tantos meos,

Para viuer dos mais fracos,

E dos suores alheos.

Que eu vejo nos pouoados

Muitos dos salteadores,

Com nome & rosto d'honrados,

Vão quentes, andam forrados

De poles de lavadores.

E senhor não me creaes
Se as não achão mais finas
Que as dos lobos ceruaes,
Que arminhos, & zebelinas
Custão menos, cobrem mais.
Ah senhor que vos direy?
Que acode mais vëto ás velas,
Nunca se descuyde o Rey,
Que inda não he feita a ley,
Ia se lhe buscão cautellas.
Então tristes das molheres,
Tristes dos orfaõs coitados,
E a pobreza dos mesteres,
Que nem fallar sam ousados
Diante os mōres poderes.
Os quaes quem os asy quer,
Quem os negocea asy,
Que fara desque os ouuer?
Nossos ouuerão de fer,
Buscarão nos para si.
Senhor esta vossa vara
Como as mãos em qu' anda he,
A boa he aue mui rara,
Crede qu' sta nunca he carã,
Que seja muita a merce.

Liure de toda a cobiça,
 A Deos temente, & a vos,
 Sem respeitos, sem perguiça,
 Varas direitas, sem noos,
 Se quereis que aja hi justiça.
 Tomae senhor o confelho
 Do bom Ietro ao genro amigo,
 He verdade, he Euangelho,
 Como disse aquelle velho
 Humilmente assi vos digo.
 Qu'estas leis Iustinianas
 Se não ha quem as bem reja
 Fora de paixões humanas,
 São hum campo de peleja,
 Com razões fracas & vfanas.
 Morre o nobre Conradino,
 Co parceiro em todo igual,
 Cada hum de tal morte indigno
 Porque o duro ou o maligno
 Doutor interpreta mal.
 Diz Agostinho sãmente,
 Cesse o sangue, a guerra finda,
 Diz mais, d'algũs mayormente,
 Vem grosas que corra ainda
 O Real sangue innocente.

Asobras de

Mas senhor melhor o temos,
Sendo vos o que mandais
Todos nos reuolueremos,
Os que tanto não podemos,
E aquelles que podem mais.

Quem por amor se encadea,
Não he nome errado, ou nouo,
Se por liure se nomea,
Não tem tanto amor de pouo
Rei em quanto o mar rodea.

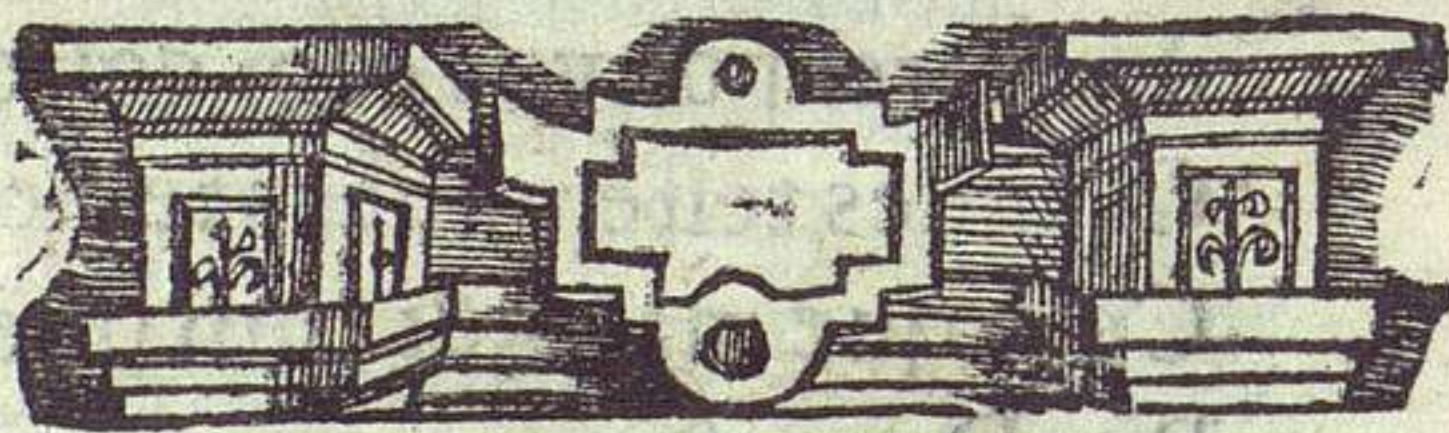
Não asoberbaõ soldados
Aqui, nem foa atambor,
Os outros Reis seus estados
Guardam de armas rodeados,
Vos rodeado de amor.

A charnoshaõ as diuinas
No meo dos corações,
Esculpidas vossas quinas,
Estas sam as guarnições
De vos, & dos vossos dinas.

He sem duuida o Frances
A seu Rey de amor aceso,
Não lho nega o Portugues,
Traz porem guarda Escoccez,
Que não he de pouco peso.

O Padre sancto assi faz,
 A quem certo se deuia
 Alto affofigo, alta paz,
 E tem guardas toda via
 Com que vay seguro, & jaz.
 Que se pode ir mais auante,
 Cos olhos, nem co sentido?
 Sem ferro, & fogo qu'espante,
 Com duas canas diante
 His amado, & his temido.
 Hũs sobre os outros corremos,
 A morrer por vos com gosto,
 Grandes testemunhas temos
 Com que maõs, & com que rosto
 Por Deos, & por vos morremos.
 Outro si pera os reuefes,
 (Queira Deos que nam releue)
 Em vos tem os Portugueses
 Codro dos Athenienses,
 Decios, que s̃o Roma teue.
 Do vosso nome hum gram Rei
 Neste reyno Lusitano,
 Se pos essa mesma lei,
 Que diz feu Pellicano
 Polla Ley, & polla Grey.

As obras de
Mas eu sou hum guarda cabrās,
Vaõse así de ponto em ponto,
Queria sò duas palauras,
Que dos gados, & das lauras
Despois naõ tem fim nem cõto.
Asi que seja aqui a fim,
Tornem as praticas viuas,
Perdestes mea hora em mĩ
Das que chamaõ succesiuas
Estes que sabem Latim.



CARTA





CARTA

A Ioão Roíz de Sã de Meneses.



Os nossos Sãs Coluneses
 Gram tronco, nobre columna,
 Grande ramo dos Meneses,
 Em fangue, & bês de fortuna,
 Qu'he tudo antre os Portugueses.
 Mas vos que sempre vos ristes
 Do pouo que nam vê mais,
 Rica mente a alma vestistes,
 O mais tendes por demais.
 Aos grandes, aos valerosos
 Passados, de quem herdastes
 Sobrenomes tam lustrosos,
 Desque nas armas pegastes
 Não fostes dos ociosos.
 Podéreis tambem folgar,
 Que foraõ tempos de paz,
 Podéreis rir, & jugar,
 Como se na terra faz.

D

Mas

Mas entrastes noutra afronta,
Hi fizestes nouo emprego,
Desejando de dar conta,
Tambem daquelle affofigo,
Como de Catão se conta.
As letras que hi não achastes
Trouxestes de fora â terra,
Aa nobreza as ajuntastes,
Com quẽ dâtes tinham guerra.
Dizem dos nossos passados
Que os mais não sabião ler,
Erão bõs, erão ousados,
Eu nam louuo o não saber,
Como algũs ás graças dados.
Louuo muito os bõs costumes,
Doeme se oje não sam taes,
Mas as letras ou perfumes
Quaes no los danarão mais;
Destes mimos Indianos
Ey grã medo a Portugal
Que nos recreçam taes danos
Como os de Capua a Hanibal
Vencedor de tantos annos.
A tempestade espantosa
De Trebia, de Trasimeno,

De Canas, Capua viciosa
Venceo em tempo pequeno.

O Marques de Santilhana

Homem de braço & saber

Antre a naçam Castelhana,

Da lança sohia dizer

Co as letras que se não dana

Est'he a quem João de Mena

Fez alta coroação,

Tinh'elle ja grande pena,

Mas aparada inda não.

Dous vencedores do mundo,

Cesar, & Alexandre o grande,

Nas letras forão tè o fundo,

Em que a fortuna não mande

Ponho aqui Bruto o segundo,

E os grandes dous Scipiões,

Fim (como dizem) fatal,

De Carthago, & dous Catões,

Podêra por Hannibal.

A fortaleza louuada

Anda em braços coa prudência,

Irmã sua muito amada,

Poêna auante a experiencia,

Tudo sem governo he nada.

Pouco por forças podemos,
 Isso que he por faber veo,
 Todo o mal jaz nos extremos,
 O bem todo faz no meo.
 Os Poetas vão a tudo,
 Buscando por alto o crauo,
 Olhando pello meudo
 O seu grande Achilles brauo
 Rege o Centauro fesudo.
 Que lhe abrande aquella sanha
 Natural sua, qu'he muita,
 Nũa coua soterranha
 Tange o velho, o moço escuita.
 Veados correm co vento
 Em contenda, & os liões
 Tem força, & atreuimento,
 Tem seus brauos corações,
 Nos temos entendimento.
 Por onde antre nós deuemos
 Estimar aquelles sòs
 Que naquillo em que vencemos,
 Nos vencem elles a nos.
 Quando daua homés a terra,
 O que ja tanto nam faz,
 Da paz tratauam na guerra,

Tra

Tatuaõ da guerra em paz,
Em tudo jâgora f'erra.

(A departe algum abrigo)
De mal laurada, ou de fraca,
Semeaes, esperaes trigo,
Nace joyo & eruilhaca.

Diogenes claro o dia
Buscava andando â candeia
Que nunca a cabeça erguia,
Em Athenas (em que aldeia)
Ia cansado aysi dezia.

Voume por aqui buscando
Entre tantos homês hum,
Neste vam trabalho ando,
Qu'inda não achei nenhum.

Deixemos queixas antigas,
Daruos ey conta de mî,
Que destas vossas amigas,
(Digo as letras) pera a fim
Ajunto como as formigas,
Porque ninguem me lançasse
Como á cegarrega em rosto,
No dezembro que bailasse,
Pois cantára no Agosto.

Perdido tudo no mar,

As obras de

Saindo o grã Zeno a nado,
Vendo a fazenda ondejar,
Parece q' así despojado
Me mandão philosophar.
Ia vou sentido algum fruito
Cad'ora espero que creça,
Andei fora ao vento muito,
Fezme grão mala cabeça.
Curame a Philosophia,
Que me promete saude
Doulhe a noite, doulhe o dia,
Ouço falar da virtude,
Se a viffe sararmehia.
Diz Platão (que he dos melhores)
Quem posse os olhos nella,
Qu' altos que acesos amores
Sempre traria coella,
Como digo, eu fô d' ouuir
Ando así como pasmado
Desejoso de a seguir
Chorando todo o passado,
Temendo todo o por vir.
Em toda a parte ha perigos,
A cuja lembrança tremo,
Mais ao perto hũs maos imigos,

De

De casa, que muito temo.
 Aquella mestra o assento
 De viuer assi ca fora
 Louua, & fazme atreuimento
 D'ir auante hora por hora,
 Inda qu'assi cego, & atento.
 Sobre todos os doutores
 Sanctos, louuão tal tençam
 Pera cuidar nos amores,
 Tão certos no galardam.
 Em quem tanta força ouueffe
 Como cumpre á vida actiua,
 Qu'ós encontros se tiueffe,
 Virtude er'ella mais viua,
 De mais fruto & interesse.
 Por Rachel que não por Lya,
 Sete & sete annos serui,
 Pode ser por ella hum dia
 Qu'inda voasse daqui.
 Entretanto, conselheiros
 Busco, q' andem ás verdades,
 Estes liuros meus parceiros,
 Não das praças, & cidades
 Dos passeos nos terreiros.
Amigos de louuaminhas

Como grimpa ao vento o peito,
Fazem como as andorinhas,
Vão & vem co tempo feito.
Sophistas me sam defesos,
Com todas as suas cismas,
Eilos soltos, eilos presos,
De fê que não de sophismas.
Quer Deos os peitos acefos,
Que nas agoas encharcadas
Hi se ajuntaõ como rãs,
Fazem grandes matinadas,
Tudo sam palauras vãs.
As Musas me não defendem,
Deixemos as demafias,
Que a toda boa alma ofendem,
Mandaõ rir de coufas frias,
D'algûs que agudezas vendem.
Entendimentos diuersos
Com que artes vos encantam?
Psalmos que sam fenão versos,
E os Hymnos q a Deos se cantã?
Aquelles cantares finos,
A que Lyricos differam
Os Gregos, & os Latinos,
Digaõ me donde os ouueraõ,

Saluo dos liuros diuinos?
Quanto que hi se limou,
Leuaõ as agoas á mão,
Sapho, Pindaro regou,
Regou seus campos Platam.
Mas o que por ora aprendo,
He ler liuros de giolhos,
Diuinos, que mal entendo,
Mas fossẽm dignos meus olhos
De cegar sobre elles lendo.
Que de seus mysterios altos
Afsi lubrigando vejo
Que naõ sou pera taes saltos,
Porem sospiro & desejo.
Era em grande differença
Se casaria, ou se naõ,
Ouue de sair sentença
Que a só hũa o coraçam
A amores desse licença.
Isto dito, amor mais raro
Deu final como era alli,
Outro som do coldre claro,
Outro das frechas ouui.
Amor que estã sempre auindo
Co aquella pura verdade,

As obras de

Sejas por sempre bem vindo
Ao entregar da vontade
Qu'entrego emr' aqui sê tindo.
Poem do teu fogo a esta casa
Faze quanto nella ha teu,
Que Deos he fogo que abraza,
Seyo de hum priuado feu.



C A R T A

A P E R O C A R V A L H O .



O lugar onde me vistes
Dagoa & de montes cercado,
E doutros males que ouuistes,
Tenho mais dias contado
De ledos, que não de tristes.
Isto que hora ouuis de mim
Não sei se ouuireis dalguem,
Buscai, preguntai sem fim,
No desejado Almeirim
No farto de Santarem.

Que

Que guerra que lhe fizestes
Aa terra que me criou,
De quem tão ás lingoas destes,
Porque? que vos acoutou
Da peste com que hi viestes.

Fostes mal agasalhados?
Certo não, que tès as fazendas
Vos dauão paruos honrados,
Pois porque? porque os priuados
Tinheis longe vossas rendas?

Q qu' eu por parcialidade
Nem outro respeito digo:
Da antigua & nobre cidade
Sou natural, sou amigo,
Sou porem mais da verdade.

Como vos partistes d'hi,
Logo abrigados achei
Onde me defencolhi,
Seguramente dormi,
Seguramente veley.

Cidade rica do santo
Corpo do seu Rei primeiro,
Qu'inda vimos com espanto
Ha tão pouco, todo inteiro
Dos annos que podem tanto.

As obras de

Rei a quem Deos se mostrou,
Rei que tantos Reis venceo,
Rei que taes Reis nos deixou,
O bom filho hi se lançou,
Que tẽ Seuilha correo.

Outro Rey nosso sem mal
A que empeceo a bondade,
O quarto de Portugal,
Qual teue elle outra cidade
Que lhe fosse taõ leal?

Qual a sua fê saluou
Por tanto trabalho & medo?
Em fim nunca se entregou,
Primeiro as chaves mandou
Ao seu Rei morto em Toledo.

Mas tornando ao abrigado,
Em que me furtei aos ventos,
Hi depois de em mĩ tornado
Querir, que esmorecimentos
De tempo taõ mal gastado!

E o fogo que ora se acende,
A pretteza das mudanças,
Mal que mui longe s'estende,
Aa vida curta defende
Tomar longas esperanças.

Giges na sua abastança
Que de toda parte ajunta,
Cudando em tanta possança,
Inchado a Apollo, pergunta
Polla bemauenturança.

Tal fumo Apollo entendendo,
Pos auante ao seu estado
Aglao, que só pastor sendo,
Hia cantando & tangendo,
Olhos sòmente ao seu gado.

O ricos, qu'esta riqueza
Estâ no contentamento,
Mais tem quẽ mais a despreza,
Naõ foge o rico auarento
Por mais que fuja, á pobreza.

Qnde pode mais caber
Sinal he que fica hi vaõ,
Que se pode mal encher,
E os corações hão de ser
Ricos, que os cofres não!

Por faminto que venhaes,
Morto com fede, ou com frio,
Do fogo onde quer achais,
Vay muita agoa pollo rio,
A terra da que comais.

Quem a apertitós da crença
Hũa mão toma outra pede,
Nunca espereis que se vença,
Sinal d'hũa má doença
Quanto mais agoa mais fede.
Cobiça a da boca aberra,
Isto que te assi parece
E tras que andas tanto álerta,
Luz de fora, & resplandece,
Dentro nam ha couisa certa.
O juyzo & razaõ ata,
Tudo fica escuro, & em erro,
A as leis & a Deos defacata,
Do brando ouro, & da prata
Faz duras prisões de ferro.
Esta entrada em nossos peitos,
Fez nelles estragos taes,
Qu'ermos jazem & desfeitos
Abertos por mil portaes
A qualquer rumor sogeitos.
Que não fará? quem trocar
Nos fez a paz pella guerra?
Faz hús a outros matar,
Passou de viuenda ao mar
Homés naturaes da terra.

Escrauos

Escrauos mais que os escrauos,
Por razam, & por justiça,
Deixaiuos de vossos gauos,
Que vos vendeo a cobiça
A mar brauo, & a ventos brauos.

Espritus vindos do ceo
Postos aos lanços na praça,
Com que nadas vos venceo!
Porque nadas vos vendeo!
Milhor fora antes de graça.

Metaes de tão baixa liga
Que nos na terra esconderã
Natureza, mãe & amiga,
E antre nos & elles posera
Tanto trabalho & fadiga.

Assi mayor apetito
(Differaõ cobiça & enueja,
Em fim feu feito seu dito,
Para al criado o sprito
Isto sò sonha & deseja?)

E porem que sam engano,
(Que mais hũa mãe fizera?)

Afastauanos o danno
Aos filhos que a vida dera
Deste amor aceso humano.

Mas que pode aproueito
Se lhe fazemos tal guerra
Co contino trasfegar,
Ora reuoluendo o mar,
Ora reuoluendo a terra?
Nas minas altas que digo,
Reuolta a terra tẽ o centro,
Que faz o homem imigo
Do seu descanso, la dentro,
Com tal trabalho, & perigo?
Debaixo da terra fria,
Aja vergonha a razãõ,
Aja a alma que mais deuia:
Que deixãõ atras o dia.
Polla noite auante vam.
Nãõ tem termo homẽs oufando
Do seu siso ao desemparo,
Tudo forãõ apalpando,
Por este ar taõ solto & raro,
Ouue quem fosse voando.
Gente que nãõ teme nada,
Com tudo se desafia,
Por mares sem fundos nada,
Passou a Zona torrada,
Anda por passar a fria.

Não he para tanto a vida,
Quanto melhor escolheo
Quem na dorna ao sol voluida
Viueo mais rico & morreo
Que Cresso, q̄ Crasso, & Mida!
Fugia Crates ao ouro
Como hum couarde ao ferro,
E as coulas de mau agouro,
Lançou ao mar grão thesouro,
Quem fará agora tal erro?
Por força a cidade auida
Que responde a seu imigo
Bias, a que fica a vida?
Tudo o meu leuo comigo,
Fica a fortuna corrida.
Aos d' Esparta naturaes
Responde Apollo a seu rogo,
Se a liberdade estimaes
Velaiuos deste ouro mais
Que do ferro, nem do fogo.
Do grande Epiteto, o nobre
Spirito, o soo liure & franco
Num corpo coitado, & pobre
Escrauo, & ainda manco,
Quanta da bastança encobre!

EDá

As obras de
Da sua fraca casinha
Ledo fac, ledo a ella torna,
O mesmo que hia, esse vinha,
Casa que porta não tinha,
Que mais montava que dorna?
Iesu Christo busca obreiros,
Não os quer espedaçados,
Quer os seus de todo inteiros,
Dos corações alugados,
Poucos são os verdadeiros.
Gente de vontade dura,
(diz elle) que não andaes
Em quanto esta luz vos dura?
Não vos tome a noite escura
Antes que vos acolhais.
Não feria, eu isto vendo
De juyzo, & razão faã,
Andarme o dia perdendo,
Comecei ante menhaã
Não sei que andava fazendo.
Hiame enjoado aysi,
Ao tom peronde os mais andão,
Olhe cada hu por si,
Que estes bês falsos daqui
Se não são mandados, mandão.

Os desejos são sem termo,
 A esperança he laborosa,
 Eu contenteime deite ermo,
 Pola razão da raposa
 Que deu ao Lião, enfermo.
 Meu Rey, meu senhor Liaõ,
 Olho ca, & ólho lá,
 Vejo pegadas no chaõ,
 Que todas para la vão,
 Nenhũa vem pera ca.
 Esta Circes feiticeira,
 Todos os peitos trasanda,
 Este faz onça ligeira,
 Lobo outro, qu' a carniça anda,
 Outro caõ que empraza, & cheira.
 Algũs papagayos vão,
 Outr' vſſo direito empee,
 Cad'hum de sua feiçaõ,
 Outro gatinho ermitaõ,
 Destes que vem de Guiné.
 Vou co pensamento, & venho,
 Deuo ao meu medo muito,
 Por quem assi me ſostenho,
 Pello que vi, & que eſcuito,
 Nisso que tenho, affaz tenho.

Do com que folgo outros rim;
Cad' hum terá sua escusa,
Dei vos ja muitas por mim,
E estas coufas faõ em fim
Como dellas homem vfa.
Sejão razoës poderofas,
Olhai que o ferro se deu
Para coufas proueitofas,
Despois este meu, & teu,
Fez delle armas tão danofas.
O fogo que nos foi dado
As tantas necessidades,
Não quis que fosse apreçado,
Fará & fez no passado
Em poo ja muitas cidades.
Deste engenho que diremos
De que nõs taes gabos damos?
Com quem tudo accmetemos,
Quantas vezes de elle vfamos
Mal, & como não deuemos?
Dom do Ceo noſſo ſpecial,
E veo a ſer toda via
Este homem racional
Tão engenhofõ em feu mal,
Como ontem na artilharia!

A tantos

A tantos & tantos males,
 Que remedio se acontecem?
 Diz saõ Paulo, Homés errados
 Se os odios antre vos crecem,
 Comeruos eis a bocados.

O nome da ociosidade
 Soa mal, á boa & saã,
 (E mais ja fobre a idade)
 Socrates da Liberdade
 Lhe chamaua sempre irmaã!

Douuos Ennio por autor,
 Quem vsar não sabe do ocio
 Cansa, & anda d'arredor,
 E vem a ter mais negocio
 Que hum grande negociador.
 Porque este sabe apos que anda,
 A quelle a si não se entende,
 Quanto anda, tanto desanda,
 Não se õbedece nem manda,
 Ora se apaga, ora acende.

Velo ir, velo tornar,
 Velo cansar & gemer,
 E em busca de si andar,
 Cobrar a cor & perder
 Que se não pode topar.

Mas eu porque passa assi
Que seja muito, direi
Dias ha que me escondi,
Co que li, co que escreui,
Inda me não enfadei.



C A R T A

A seu Irmão Mem de Saã.



M quanto de hũa esperança
Em outra esperança andaes,
Fazeruos quero lembrança
Como he leue, & não se alcança,
Que sempre adiante he mais.

Cuidaes que soes ja com ella,
Quando volo mais parece
E quereis lançar mão della,
Mete remos, mete vella,
Vairindo, & desaparece.
Mas não sofre o coração
Soltalla assi leuemente,
Tamanha deleitação
Ah, que a tinha na mão
Se fora mais diligente.

Dos Alquimistas se diz
 Despesa he fadiga vã
 Cobiça he cego juiz
 Deixai que se oje o não fiz
 Falocy logo amenhaã.

Não lhes val ver a fazenda
 Ir apos as esperiencias,
 Andão de emenda em emenda,
 Da fornalha para atenda,
 D'assoprar fazem sciencias.

Aperfiou, & cahio
 Phaeton do carro do dia,
 Que ao pay por seu mal pedio,
 Sentio a terra, sentio
 Hum rio da Lombardia.

Não soube Icaro reger
 As asas que ouue de seu,
 Subindo, veo a decer,
 Aos peixes deu de comer
 E ao mar nouo nome deu.

Apos o que ha de cair
 Por aleuantar andamos,
 Que nos não deixa dormir
 A alma que pode fobir
 A esta as asas quebramos.

Em quanto hum busca seus danos,
E outro ja té os olhos jaz,
Por muitas fortes d'enganos,
Morte que não conta os annos,
Vem, & leua o que lhe apraz.

Quantos a que era deuida
Dos noffos (deixò os alheos)
Ao menos mais longa vida,
Que por conta não fabida,
Tinhão perto os dias cheos.

Vistes hũa claridade
Que de ca, té lá correo
Como rayo? em tal idade
Tanto saber, tal bondade
Afsi desapareceo?

Ima bemauenturada
Da quelle moço taõ nobre,
A hũa mui alta affomada,
Tudo lhe pareceo nada,
Quanto se dali descobre.

Dous condes d' hũa alta vea,
Que alumião Reyño & linguoa,
Em dano & em perda alhea,
Tinhaõ sua conta chea
No tempo da nossa mingua.

Ao menos pera esforçar
Os engenhos que atras vem,
Que os soe a terra de dar,
O passo he mau d'acertar,
Ficamos muitos daquem.
pollo qual a este abrigo
Onde me acolhi cansado,
E mais inda a graõ perigo,
E âquellas letras que figo
Deuo que nunca me enfado.
Deuo a muito minha amada,
Esõ rica liberdade,
Que tiue aos dados jugada,
A que fomento he mandada
Da razão boa, & verdade.
Nas cortes não pode fer,
Vedes os tempos que correm,
Vedes fugir & correr,
or fugirem te morrer,
Dos lugares donde morrem.
Ora pór peito á corrente,
Que seiais forçoso & saõ,
E de fangue inda feruente,
Graõ nadador claramente,
He quebrar braços em vaõ!

As obras de

Cançar, & sonhar priuanças,
Dar d'entrada á liberdade,
Logo por vãs esperanças,
Esses jogos, essas danças,
Passem co a mocidade.

Ando alimpando a pouxada,
Lembre-me quem diz qu'está
Ante a porta, bare, & brada,
Se a sentir despejada,
Pola ventura entrará.

Olhae as aues do ar,
(Diz o senhor qu'enriquece
O ceo, a terra, & o mar)
Vedelas ledas cantar,
Dize-me que lhes falece?

Da muita vossa fraqueza
Vem estes tantos suores,
Estes medos á pobreza
Vedes como a natureza,
Vestes ricamente as flores?

Andando nestes enleos,
Em quantos erros cahimos?
Sem conto, sem fim, sem meos,
Dormimos sonos alheos,
Os nossos não os dormimos.

Que

Queremos o que outrem quer,
O que não quer engeitamos,
Dizēime como isto he fer,
Rimos o alheo prazer,
E ainda quando choramos.

Como de casa sahia,
Sempre dos seus olhos agoã
A Heraclito corria,
Pello que ouuia, & que via,
Que de tudo tinha magoa.

Em fim vendo o pouo incerto
Que pressa a errar leuaua,
Não sofreo tal desconcerto,
Fugio pera o campo aberto,
Liure sem muro & sem caua.

São Ieronymo, alumiado
Da clara & diuina luz,
Passaua a vida apartado,
Das letras acompanhado,
Que nos consagrou a cruz.

Aquelle peito seguro,
A quem o mundo era riso,
Aas torres altas, & ò muro,
Carcer lhe chamaua escuro,
E áquelle ermo parayso.

As obras de

Da nossa tão clara herança
Cegos, que razão daremos?
Como nos não faz lembrança
Hũa tão certa ordenança
Do ceo, & do Sol que vemos?
Este posto, a noite traz
Configo tantas estrellas,
De que fermosa se faz,
Qual descuido pode em paz
Alçar os olhos a ellas?
Não se gaste mais pauio
Apos nossa alma esquecida,
Lançada do Senhorio,
Tornemos atras ao fio,
Desta a que chamamos vida.
Ponhamonos em razão,
Cousa he que verá hum cego,
Queremos repouso, ou não?
Queremos, todos dirão
Ninguem não quer affo flego.
Dizeime, & quando será
Que nos lēbre, & que nos doa,
Quam certa que a queda está,
Siguindo a mentira má,
Deixando a verdade boa?

Que

Que vejamos como demos
 Coufas sem preço, por preço
 Que lhe tão baixo posemos,
 A que estado nos decemos,
 E de quam alto começo.

Antre os brutos animaes
 Não se ouuerão por seguros,
 Os homês racionaes,
 Erão brauos, & erão mais,
 Fizerão armas, & muros.

Agora porque vos conte
 Quanto vi, tudo he mudado
 Quando me acolhi ao monte
 Por meus vizinhos de fronte
 Vi lobos no pouoado.

Hum rato d'hũa cidade
 Tomouo a noite por fora,
 (Quem foje á necessidade?)
 Lembroulhe a velha amizade
 Doutro que hi no monte mora.

Sahiome a conta errada
 (Muytas vezes a contece)
 Creceome a minha jornada
 (Diz entrando na poufada)
 Logo cidadão parece.

O pobre assi falteado
D'um tamanho cidadão,
Em busca d'algum bocado
Vai, & vem muito apressado,
Que não punha os pees no chaõ.
Ordena sua mesinha,
Inda tinha algum legume,
Inda algum poo de farinha,
Poslhe hi tudo quanto tinha,
Pede perdaõ por costume.
Diz, Quem tal a deuinhára,
(Contra o cidadão severo)
Tanto reuoluera, & andara,
Que algũa cousa buscara,
A quem tanto deuo & quero.
Cumpre muito aquella mesa,
Mais da fome que da gulla,
(Tem a fugueirinha acesa,)
Faz rosto ledo á despesa,
Co trabalho dissimula.
Diz o cidadão consigo
Que gente ha dantre penedos!
Que vai de Pedro a Rodrigo!
Bem disse o bom sengo antigo,
Que não são iguaes os dedos.

Depois do fraco comer,
 Estando de tras o lar,
 Começa o rico a dizer,
 Douz dias que has de viuer
 Aqui os queres passar
 Na aspereza do deserto,
 Que não fei quem o foporte,
 D' yrzes & tojos cuberto,
 Sendo tudo taõ incerto,
 E taõ certa sò a morte?
 A iue amigo a teu fabor
 Mais he que cousa perdida,
 Quem por si toma o peor,
 Vaite comigo onde eu for,
 La veras que cousa he vida.
 Quando as ambas prouares,
 (Que eu doutré não adeuinho)
 Quando te cnganado achares,
 Ahi ficaõ teus manjares,
 Ahi tês tambem o caminho.
 Assim disse, Eis o villaõ
 Em aluoroço & balança,
 Hia & vinha o coração,
 Ora si, & ora não,
 Venceo porem esperança.

E que

E que pode hial fazer?
Viue com tanto cansaçõ,
Inda não pode viuer,
Naõ pode o anno vencer,
Que lhe assi corre despaçõ.
E diz, Quê nao s'auentura
Naõ ganha, quê he q' o negue?
Escolhem hora segura,
Era pella noite escura,
Guia o rico, o outro segue.
Entraõ por paços dourados,
Cheirosos inda da cea,
Fiquẽ os casaes colmados,
Por sempre do sol torrados,
Fique a faminta da aldea.
Voume por meu cõto auante,
Amostra o cidadão tudo,
Que traz no bucho hũ ifantẽ
Quê quereis q' naõ s'espãte?
Anda o vilanzinho mudo.
Que taõ sõmente em prouar
Das cousas que mais lhe aprazem,
Começam ja d'engeitar,
Começão de bocejar,
Em finos tapetes jazem.

Ora, o despenseiro chega,
(Que estes bês nao duraõ tanto)
Senteos, mas a pressa o cega,
Hum tiro, & dous mal emprega,
Segueos de canto em canto.

Os caês à volta correrão,
Ladrão, que he alto ferão,
As casas estremecerão,
Hũs & os outros hi correrão,
Quis Deos que os gatos não.

Sabia o de casa a manha,
Sabia os passos, fugio,
O Ratinho da montanhã
Aos pees em pressa tamanhã
O coração, lhe cahio.

Mas espãçado operigo
Da morte que ante si virã,
O coitado assi consigo
Polo seu repouso antigo
Que mal deixãra, suspira.
Minha segura pobreza,
Se chegarei a ver quando
A ti torne? & èsta riqueza
Mal que todo o mundo preza,
Fuja se poder voando.

Mal tomadas as esperanças
(Apaga aqui não me tome)
Traças que não abastanças,
Affaz vi das vossas danças,
Deos me torne à minha fome.



A Antonio Pereyra Senhor do Basto,
quando se partio para a Corte coa casa toda.



O mo eu vi correr pardaos
Por Cabeceiras de Basto,
Crecerem cercas, & o gasto,
Vi, por caminhos tão maos
Tal trilha, & tamanho rasto.

Logo os meus olhos ergui
A casa antiga, & á torre,
E disse comigo assi,
Se Deos nos não val aqui
Perigoso imigo corre.
Não me temo de Castella,
Donde inda guerra não foa,
Mas temome de Lisboa,
Que ao cheiro desta canela,
O Reyno no despouoa.

E que

E que algum embique & caya,
 (Afora va maõ agouro)
 Falar por aquella praya
 Da grandeza de Cambayã,
 Narfinga das torres d'ouro.
 Ouues Viriato o estrago
 Que cá vay dos teus costumes,
 Os leitos, mesas, & os lumes,
 Todo cheira: eu oleos trago,
 Veni outros trazem perfumes.
 E ao bom trajo dos pastores,
 Com que faiste á peleja
 Dos Romaõs taõ vencedores,
 Saõ mudados os louvores,
 Naõ ha la quem t'aja enueja.
 Entrou dias ha peçonha
 Clara pellos nossos portos,
 Sem que remedio se ponha,
 Hús dormentes, outros mortos,
 Alguem polas ruas sonha.
 Fez no começo a pobreza
 Vencer os ventos, & o mar,
 Vencer quasi a natureza,
 Medo ey de nouo á riqueza,
 Que nos venha a catiuar.

Estas terras & penedos
 Fazem se vos vistas feas,
 Ia torceis o rosto ás aldeas,
 Direis dos vinhos azedos
 O que ja disse Cineas,
 A quem nos conuites dado
 A prouar, se lhe aprouesse,
 Depois nos olmos mostrado,
 Nunca vi (disse) enforcado,
 Que a forza assi merecesse.
 As vozeiras montarias,
 Derribar aues que vão,
 Cantando inuerno & verão,
 Que al he saluo remir dias,
 Do enfadamento aldeão?
 Que trabalhosos concertos,
 De vilaõs desentoados,
 Os de vilaõs mal cubertos,
 E o que he peor, pouco certos,
 Muito desarrezoados.
 Direis, & eu naõ volo nego,
 Mas quereis tambem que diga?
 Este mundo he armado em briga,
 Não busqueis nelle affossego,
 Nem nua alta ermida antiga.

Toda

Todã via ha differenças
Antre o de cã, & o de lâ,
Cá nas mais das defauenças,
Ereis mestre das sentenças,
Para ond'his outrem as dá.

Tereis em troca manjares,
Composições delicadas,
Húas por outras grosadas,
Pellos tempestuosos mares
A gram perigo buscadas.

Conuites de quem conuida,
Amostrãuos suas tendas,
Quanta cousa hi he perdida!
Ceas imigas da vida,
Imigas más das fazendas,

Disto o cheiro, disto a cor,
Que preço nam tem igual,
Milagres de Portugal,
Cousas de tanto sabor
Para saberem taõ mal.

Onde se ha de lançar tanto?
Aquillo he pagar o pato,
Em fim quando m'aleuanto,
Ou cy de morrer d'espanto,
Ou se não m'espanto, mato.

Que contas vão tão erradas,
Enfastia o que sobeja,
Quem come o que não deseja,
Soyão fer as conuidadas
Vontades, agora he enueja.
Entra com vosco amenhaã,
Falaõse muitas linguoages,
Aa tal cea cortesaã
Quanta mestura vay vaã,
A fora as nouas potages,
Os bõs conuites antigos
Antes de se tudo alçar,
Erão para conuersar
Os parentes, & os amigos,
Que não pera arrebentar.
E de viuer juntamente,
Ouuerão conuites nome,
Soltos os olhos da gente,
Porque vissem que somentẽ
A li se mataua a fome.
Aquelle vãna Raynha
Irmaã do vil Tolomeu,
Que o rico pendente deu
Prodigamente à cozinha
Num grande banquete feu.

Vendo

Vendo tudo irse a perder,
Os amigos conuidava,
La porem não de viuer,
Mas d' aysi juntos morrer,
Na sua lingua os chamaua.

A vossa fonte taõ fria
Da Barroca, em Julho & Agosto,
Inda me he presente o golto
Quam bem que nos hi sabia
Quanto na mesa era posto.

Ali não mordia a graça,
Erão iguaes os juizes,
Não vinha nada da praça,
A li da vossa cachaça,
Ali das vossas perdizes.

Ali das fruitas da terra,
(Que tem cada mes a sua)
Colhida em fazão cada hũa,
Nunca o sabor á cor erra,
Nem ao nome de nenhũa.

O ceas do paraíso
Que nunca o tempo vos vença,
Sem fala trocada, ou riso,
Nem carregadas de fiso,
Nem danadas da licença.

Des hi o gosto chamando
A móres outros sabores,
Liamos pollos amores,
Tambem escritos d' Orlando,
En voltos em tantas flores.
Liamos os Assolanos,
De Bembo, engenho tão raro
Nestes derradeiros annos
Cos pastores Italianos
Do bom velho Sannazaro.
Liamos polo alto Lasso,
E seu amigo Boscão,
Honra d' Espanha que são,
Hiame meu passo, a passo,
Aos nossos que aqui não vão.
Se eu isto estimado agora
Vira, como dantes era,
Por meu conto auante fora,
Mas não diz hora com hora,
Vaife como ao fogo a cera.
Que troca, ver la pasquinos,
Desta terra cento a cento,
Quem o vê sem sentimento?
Tratar os liuros diuinos
Com tal desacatamento!

E o que

E o que não deuem d'ouſar,
 Dizer, ſe em giolhos não,
 (Que graças para chorar!)
 Torcem, fazendo falar,
 Ao ſom da ſua paixão.

Eſquecidos do conſelho
 Mas que digo eu? do mandado
 Sendo por quem foi vedado,
 No ſantiffimo Euangelho,
 Aos caes não deis o ſagrado.
 Peitos que ſonhando andaes,
 O muito não no troqueis.
 Por nadaſ, como o trocais,
 As perlas Orientaes
 Aos porcos aſ não lanceis.
 Jugareis? O razão cega
 Sempre o jogo fiz defeſo,
 Que tem noite, & dia preſo,
 O triste que aſſi o emprega,
 O ſeu tempo todo em peſo.
 E des o Grou, tè Folofa,
 Homês de ſeiscentas cores,
 Sò no jogo não tem groſa,
 Conuerſação perigofa,
 Miſia d'arrenegadores.

Mal sem emenda he o jogo,
Antre os seus males maiores!
Hum Rey de grandes primores,
Dos nossos, mandou por fogo
Aa casa, & aos jogadores.
Das leis antigas imigo,
Desprezador das modernas,
Continuador do perigo,
Dores sempre aqui, configo,
Vai caminho das eternas.
Passemos por outros jogos
Que la vão, por outros tratos,
Fazer, deffazer contratos,
Salamandras nos seus fogos
De Herodes para Pilatos.
Eaquelle grande aluroço
D'Atãbor que à guerra chama,
Leua o velho, leua o moço,
Que entrã primeiro emdestroço
Que percão de vista Alfama.
Oo vida dos lauradores,
Se elles conhecessen bem
As auantages que tem,
Co aquelles santos fuores
Que a si & ò mundo mantem.

Tratan-

Tratando coa madre antiga
Que de quanto em si recebe
(Nã entre engano, ou maa liga)
Singelamente se obriga
A pagar mais do que deue.
Aquelles mayores nossos
Antigos Padres primeiros,
Erão no começo inteiros,
Eraõ fantamente grossos,
Sẽ mal como os seus cordeiros.
Regidos da natureza,
Nem tanto papel escrito
Vem hum reza, & outro reza
Sem canfar, & sem certeza,
Buscaõ, nunca achaõ o fito.
Foi sem malicia & mau erro
A boa idade dourada,
Apreffouse a prateada,
Naõ tardou nada a de ferro,
Que tudo pões á espada.
Quanta sombra que apparece,
Tapaim a boca coas maõs,
Ora atras que naõ me esquece,
Tambem por cà se adoece,
Vaõ porem aires mais saõs.

As obras de
Por isso a gentildade
Que em tudo philosophaua,
Ao Deos da faude alçaua
Templo fora da cidade,
Hi por ella se offertaua.
E áquelle Virbio a quem
Dera vida, nunca às festas
Nunca às cidades vem,
Sempre sô por fora o vem
Caçando pollas florestas.
Hi que encontre cum Lião,
Cum vffo que anda ao traues,
Traz consigo a seus librès
Com que lhe o caminho dão,
Não he aquella a sua Res.
Da coufa maa claramente
Logo quem a vé se vella,
Chegase á que branda fente,
Por isso á antiga serpente
Pintão rosto de donzella.
Quando os antigos a alguém
Louuauão, não de senhor,
Nem de rico era o louuor,
Chamauão lhe homem de bem,
E ainda bom laurador.

A nossa

A nossa gente que quis
 Arremedar nos louvores,
 Que agora parecem vis,
 Aos bõs Reys Sancho & Dinis
 Chamarão lhe lauradores.

Os prudentes dos Romanos
 Antes que o tino perdessem
 Donde cuidaes que escolhessem
 Cincinatos & Serranos,
 Que ante si em campo posessem
 E aquella sua grandeza,
 Que o tempo não quer q' moura
 Vemos que á mais da nobreza
 Sobrenomes da riqueza
 Não pós, antes da laoura.

Inda oje vemos que em França
 Viuem nisto mais à antiga,
 A villa o villaõ se abriga,
 Donde traz nome de herança
 Mantêno a sua fadiga.

Acende a fragoa o ferreiro,
 Juntamente, & o gallo canta,
 Morde o couro o çapateiro
 Brada como ço ronçeiro
 Que inda se enuolue na manta.

Viue a nobreza por fora
Segura, os despouoados
Corre cos lobos oufados,
Por darcedor donde mora,
Mantem liure o mont' ós gados.
Da má gente a uentureira,
Que ás escuras traz feu trato,
Que possa liure quem queira
Cantando ir de noit' á feira,
Ou dormindo no mulato.
Bom tempo, quando segura
A cabeça s'encoistaua
Onde o sono a conuidaua,
Contente da cobertura
Taõ rica, que lhe o ceo daua.
Bebiaõ tomada ás mãos
D'agoa, que fosse em velhice,
Melhor que por vasos vaõs,
Lauaua ella os peitos saõs,
Antes da gargantoice.
Iacob fugindo ao irmaõ,
Qu'o mal tinha ameaçado,
Pastor ao campo usado,
Passou o rio Iordam,
Na ajuda do seu cajado.

Como o sol ao mar de ceo
Comeria do fardel,
Dagoa nõ rio bebeo,
Nũa pedra adormeceo,
Pos nome ao lugar Bethel!

Natureza nos posera
Como os olhos nos abrio
Ao perto, tudo o que vio
Que necessario nos era,
Do mais tudo se forrio.

Como hũa aue ja vezada
A toda delicadeza,
He melhor ajuizada,
Foge â gayola dourada,
Vay buscar a natureza.

Hũa disposiçãõ má,
Longa enfermidade & dor,
Que vay de mal em peor,
Onde remedio achará
Se á natureza nam for?

Cega da minha porfia,
Qu'em vão tanta razam gasta,
Que fazeis? que vos obriga?
Deixais esta madre antiga,
Isvos buscar a madrastra.

Dos vossos nobres auós
As Cruzes em fangue abertās,
Vos poem obrigações certas
Que não as deixeis cá fós,
A fer do musgo cubertas.
O que porem não dirão
Em quanto cá tem tal feira,
Como he a de tal irmão,
Que não ouue o nome em vão
De Nuno Alvarez Pereyra.
Por toda esta grande Espanha
Froais que sohiaõ chamar,
Fez em Pereiras mudar,
Não do Rey mouro a patrãhã,
Mas vosso antigo solar.
Do qual não ha muitos annos
Que hum que aqui Braga regeo,
Pondo a parte os longos panos,
Hum passo aos Castelhanos
Aa espada de fendeo.
Ao Reino cumpre em todo elle
Tera quem o seu mal doa,
Não passar tudo a Lisboa,
Que he muito o peso, & com elle
Mete o barco na guoa a proa.

E mais

E mais isvos muito ao ponto
Para qualquer apetito,
Então j'eu ouui hum conto,
A quem espreita & está pronto,
Não vades mudar o fito.

[Tereis la conuersações,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço adubadas,
E ás vezes das prégações,
Com muito gosto furtadas.]

[Trasposarão os amores,
Deixarão o paço aas cegas,
Saem de nouo mantedores,
Continuos murmuradores,
Pola praya d' Enxobregas.

[Vereis barcos ir à vella,
Hús que vão, outros que vem,
Como que se defauem,
Cúa viração singella,
Tanta força a arte tem.]

[Os marinheyros vadios
Que vil mente a vida apreção
Polas cordas dos nauios,
Volteaõ como bugios,
Inda que vos al pareçaõ.]

G

Naõ

Nam ey por perda esta leue,
Que sejaõ palauras tudo,
Mas ao coraçam acudo,
Senão dizei quem se atreue
Aa dor esperala mudo?
São ellas pore[m] já muitas,
Felas ir crecendo a magoa,
Lembrovos as vossas frutas,
Lembrovos as vossas truitas,
Que andaõ ja por vossas nagoa.



C A R T A

Aa maneira Italiana, a dom Fernando de Me-
neses, em reposta do que lhe escre-
ueo de Seuilha.



Vadalquibir arriba, a rica praya
Que vistes, os perigos, & armadilhas,
De que escreueis, ouuindo homẽ desmaya.
Vistes nũa Seuilha mil Seuilhas,
Guardese da fortuna, & dos reueses,
Que assi creceo co este ouro das Antilhas.
Senhor meu dom Fernando de Meneses,
Eu vi Roma, Veneza, & vi Milão,
Em tempo d'Españhoes, & de Franceses.

Os jardins de Valença d' Aragão,
 Em q̃ amor viue & reina, & forças ganha,
 Por onde tantas rebuçadas vão.
 Mas isso (assi direi) mais ja parece
 A coua da Sibila sobterrãha,
 Onde a vida em prazer desaparece.
 Se cousa he pera crer, & não patranha,
 Mas isso, assi não fosse elle verdade
 Como he, sabei que amor vsa de manha.
 Spreita onde vê rica ociosidade,
 Hi enarvora bandeira, solta a vão
 Desenfreada prodigalidade.
 Imiga das leis sanctas, & da saã
 Da boa temperança, & vida pura,
 Mas dessa Seuilhana amada irmãa.
 Aquelles sam seus parques, hi assegurã
 (Eu digo amor) o seu estado & Cortes,
 Ali he grã senhor, dure o que dura.
 Por hi passeia, & vay a seus deportes,
 Viue ali Salamandra no seu fogo,
 Que a elle vida dà, aos seus mil mortes.
 Minino & cego (o risos) foge logo
 A doce liberdade, & nunca mais
 Em quanto o sente hi, torna, nem em jogo.
 Mas tornemos às nouas que me daes

As obras de
Das senhoras, & das casas, & das sedas,
Pedraria que cega os auençaes.
Per onde correm todas as moedas,
As d'ouro poderoso, & preta fina,
Em ricas praças ricas almoedas.
Quem vem a estar aos lanços, desatina
A primeira aventura he a do siso
Que logo perde, tudo â banda inclina.
Ali sospiros, ali o brando auiso,
As boas manchas todas quantas sam,
Nobrezas, parecer, he tudo hum riso.
Vendendo ellas o seu tanto ao pregão,
Cousas que se achão nas tendas por nada,
Regateiras crueis, por quanto as dão?
Mas que cegueira tão acostumada!
Em todo estado, toda lei, & idade,
Quê mais leua na bolsa, esse arrecada.
Não falemos naquella infirmitade
Dos seus priuados, que he como se acerta,
Por appetites sôs, & liuiandade.
Onde pôr não se pode regra certa,
Sòmente assi lhe apraz, a quem se obriga
Dos outros, & cadahum como se offerta.
Quem o creará? que nisto a gente antiga
Que tanto viu, viu pouco, do costume

Cega,

Cega, & desta baixa humana liga.
 Depois coa melhor lei, entrou mais lume
 Suspirouse milhor, veo outra gente
 De que Petrarcha fez tão rico ordume.
 Eu digo os Proençaes, de que ao presente
 Inda rithmas ouuimos que entoarão
 As Musas delicadas altamente.
 Aquelles Dantes, que versos danarão,
 Perdoem, ah que o digo vergonhoso,
 Com doo de bõs engenhos que enganarão.
 Todavia Xenocrates famoso
 Sabio rindo de Lais por quem se chama
 O porto de Corintho perigoso.
 Vinhão de toda parte ali por fama
 Da sua fermosura, elle foi tal
 Que vencedor ficou, vencida a dama.
 E mais sendo o perdão assi geral
 Naquelle tempo, a todos tanto a vsança
 A dar culpa & desculpa, pode & val.
 Porem dũa tumanha confiança
 De si, & coa virtude, taes amores
 (Qu' m soo seja aqui dito em abastança.)
 Enxamea este mundo, & da das flores
 Como lhe apraz à grande natureza,
 Dos santos, não me meto em seus louvores.

Que não se atreue a tanto esta rudeza
 Do baixo estillo, & minha fraca vea,
 Qu'entẽdo, & não m'engana sua pobreza.
 Ora soes ja na Corte, onde se atea
 Pera vos outra chama, outras contẽdas,
 Outra prisam mais nobre, outra cadea,
 Digna de vos, não tem a chaue as rendas,
 Nam negoceações, que isso seria
 Tirar o poder a amor, dalo às fazẽdas.
 Amor he senhor grande, & não se guia
 Por interesses vis, dar & tomar,
 Amor noites não tem, que todo he dia.
 Amor que nunca sabe atras olhar,
 Que nam sabe pòr nodoas de sospeitas,
 Na fê, não em querer, nem duuidar:
 Não ergue ao ar figuras contrafeitas,
 Como vemos às tardes nuuẽs raras,
 Em pouco espaço feitas, & desfeitas.
 Não traz contrafinaes, nem almanaras,
 Não mãda escuitas fora, ali he paz boa,
 Das fontes limpas, corrẽ agoas claras.
 Quam longe do outro cego, que ao ar voa,
 Todo desafsoffegos & queixumes,
 Cudais q'his vêt' a popa, his vêt'o a proa.
Mandãno desconfianças & ciumes,

Hũs

Hūs nadas, que porem ferem d'agudo,
 Reina no pouo, guarda os seus costumes.
 Todo he palauras, estoutro casi he mudo,
 Ouçãose os corações, que ouuidos tem,
 Mais certos, & outros olhos q̄ v̄e tudo.
 E os peitos passam da banda dalem,
 Como o sol dando faz nũa vidraça,
 Os claros corações claros se vem.
 Verdade q̄ não daõ os tempos graça
 Tanta, como elles dauaõ no passado,
 Anda encolbeita, não sae tanto à praça.
 Temese dum amigo apoderado
 Do tempo, q̄ os sonha India & Brasil,
 Tè que cadabum de lâ torne dourado.
 Lançounos a perder engenbos mil,
 E mil, este interesse que aja mal,
 Que tudo o mais fez vil, sendo elle vil.
 Os momos, os seraos de Portugal,
 Tão falados no mundo, onde sam idos?
 E as graças temperadas do seu sal?
 Dos motes o primor, & altos sentidos,
 Os ditos delicados cortesaõs,
 Qu'be deilles? qu'è lhes da somete ouuidos?
 Mas deixem de tratar os Aldeãos
 Da Corte, sempre foi, sempre serà,

As obras de

Trocãose os tempos, fogem dantre as mãos.
Não vedes quantas voltas o Sol da?
Ora aparece, ora desaparece,
Debaixo deste Ceo quedo que está?
O que ontem muito aprouue, oje aborrece.
As que agora erãõ faces, são ja enueses.
Nos poços sobe hum balde, o outro dece.
Porem (ò bom dom loãõ o de Meneses,
E ò Manoel) que taes tempos lograstes,
Dous Condes nos amores tão corteses.
Vos dias, vos as noites suspirastes
Com tanto louuor vosso, Ind'cu ouui
Os queixumes finaes que ao ar soltastes.
Depois de fora parte, por aqui
Se ouuem cantares, nãõ dos naturaes,
Mas estrangeiros, j'eu cantára assi.
Ora outra vez a vos senhor que andaes
Naquella viua chama dessa idade,
De que os amores se apoderãõ mais.
Nãõ me seja contado isto a vaydade,
Mas eu nãõ vejo ca cousa mundana,
Que tanto suba sobre a humanidade.
Quem cuidando sera por força humana,
Com que tão altamente a alma se escora,
Que esperança nem medo a nam abana.

Alcãse

Alçase o tempo, & vay de foz em fora,
 Dos sentidos conuem todos se aliue,
 E q̃ ouça, veja, & viua, hora por hora.
 De tudo (que ja muito me detiue)
 Faz a conta que faz de neuo a & ṽeto,
 Passouse a corpo alheo, & ali se viue.
 Buscou, & pos tãõ alto o fundamento,
 Que por cousa nenhũa que aconteça,
 O mesmo he no prazer, que no tormẽto.
 Hi se acaba o seu bem onde começa,
 Faz com' aguia òs filhos, q̃ os engeita.
 S'a vista ò sol dalgũ vè qu' enfraqueça.
 Assi toma aos cudados conta estreita,
 E aquelle que o seu bem claro não vè
 Não he dos seus, nũ nada a cõt' he feita.
 Ali se abraça sò co a sua fè,
 Nella s' enuolue, nella se adormenta,
 Que riqueza grandissim' aquell' he,
 De q̃ outrẽ viver possa, & eila o não senta.

ELE.





ELEGIA.

A hũa Senhora muito lida, em nome de
hum seu seruidor.



Vidãdo em vosseñora, no alto engenho
Delicado saber, na tanta estima,
Não sei cõ q̃ ousadia ante vos venho.
Por dõ da natureza, posta encima
De todo o q̃ aqui vemos descuberto,
A que he tão necessaria vossa lima.

Orações esperando, & algum acerto,
(Que tudo he cheo d'acontecimentos)
Quantos males passei quam incuberto?
As esperanças forãse cos ventos,
Iaa dias se eu tiuera vista algũa,
(Mas assi he bem que vão vaós pensamentos.)
Senhora quanto sol & quanta lũa
Em quanto eu cuido & temo, se me vão
Viuendo triste sem vida nenhũa.
Cuidava que valesse esta razão
A que tanto se da, val pouco em fim,
Nomes vistosos, que remedios não.
Comigo aos braços, a que estado vim?
Lidando noite & dia, elles quebrados
Hũs me mostrão ao dedo, outros sorrim.
São fogos como os que vemos pintados
Não chego adizer mais, digo o que posso,
Os d' alma saõ os viuos, & os calados.

Não sei como não vistes este vosso
 Spirito em tanto tempo: onde assi val
 Este nome de meu, & inda o de nosso
 E como tanto andaes cuidando em al,
 Que não vistes esta alma ha tantos dias
 Que a vos sò ve feu bem, tendeslho a mal.
 E não se vos mostrou por tantas vias,
 Tanta verdade, por esperiencia tanta,
 Apurada em taes fogos, & agonias.
 Aquella vista que a todos espanta,
 Aquelle entendimento tão porfundo,
 Não sei quem nisto o cega ou que o encanta,
 Hercules tão falado pelo mundo
 Quantos trabalhos venceo, mas adura
 Madrastra nem por isso sequebranta.
 Em fim veo no fogo, inda assegura
 Seus olhos farta, & quanto ás immortaes
 Honras que se lhe deuem, torna escura.
 Julgão se as cousas pellos seus sinaes,
 Melhor que por palauras, que farei:
 Tudo me lembra, & tudo por de mais.
 Tirania cruel, aspera lei,
 Que assi quer o que quer, brava opinião
 Abasta, assi me apraz, assi mandei.
 Menosprezando de todo a razão
 Seja a culpa d' Amor que enuolue tudo
 Deixai chamar os seus por elle em vão.
 O duro, o brando, o fem. siso, o sefudo,
 O velho com suas lagrimas piadosas
 O moço aos sobrefaltos branco & mudo.

Amor

As obras de

Amor tem cheo d'armas victoriosas
Em padrões altos, tudo ao derredor,
Polas façanhas suas espantosas.
Poderoso, absoluto, & sò senhor,
Os Deoses tem os fados sobre si,
Liurementemente o que quer sò pode Amor.
Os santos juramentos, ora assi
Ora assi feitos, passa em graça & riso
Tè da lagoa sobterranea ri.
Não se pode falar estando em si
Nas grandezas de amor, cumpre que este
O entendimento, do corpo diuiso.
Ao baixo oliuel nosso, o que se vê
Tudo tambem he baixo: estes sentidos
Leuemente enganados, não dão fê.
Os remos na goa parecem torcidos,
Os olhos nos enlea hum jogo leue
De mãos, & assi se enganão os ouvidos.
Senhora bem sabeis o que se escreue
De dous pintores nobres a porfia,
Em que cada hum vencer o outro se atreue.
Fruitas pintou hum delles, que de dia
Vinhão aues comer, outro de hum veo
Pintado, fez que a sua obra encobria.
Vede quanto a arte pode, não valeo
Ali vista & saber, o veo de diante
Mandaua alevantar o que perdeo.
Diz ledo o vencendor, Foste bastante.
A enganar aues? que victoria a minha
Enganando hum pintor tão posto auante!

Aquel-

Aquelle leue Grego que hia & vinha
Con tanta ligeireza, & tal feruor
Que os pees voauã, quedo o corpo tinha.
Quando cuidauão que auia de traspor,
Inda desse lugar não se mouera
De que esperaua merces & louuor.
El Rey Agefilao que não posera
Nisto cuidado mais, não disse então
Somente que iogral lhe parecera.
Ora tornando a tras, certo mais são
Os nossos olhos que os dos morcegos
Que hũa cousa foo vem, as outras não.
Os seus thesouros, os ricos empregos
Alcançãose por forte grande & rara
Iazem em mui profundos & altos p'egos.
Tanto ha que canso me desempara,
O mesmo tempo, as forças desfalecem,
Ay quanto custa hũa esperança cara.
A algũs queixumes de fora parecem,
E talvez o serão, fò a alma o sente,
E estes olhos coitados que amolecem.
Entre tanto que cuida a leue gente
Destes que vemos tantos a milhares
Regidos do fò caso & accidente.
Ondas q̃ aos ventos vão correndo os mares,
Andabatas que ferem ás escuras
E sem certeza dão por esses ares.
Estas serião as desauenturas
Que Heraclito choraua em vida andãdo,
E Democrito ria por locuras.

Com muitas outras que fazem grã bândo,
Però sempre hão de fer as principaes
Dosque perdendo vaõse, outré buscâdo.
Meus defatinos onde me leuaes?
Vadiamente aysi de monte em monte,
Ou (como dizem) por andurriaes?
Tomastesme jazendo á minha fonte,
O caminho não mingoa, ãtes mais crece,
Por muito que a razão clara desconte.
E não me abasta o mal que m'acontece,
(Qu'he tão em meu quinhão) inda a vergõ-
Que de mĩ & q̃ doutré me recrece. (nha
Que sorte tão estranha de peçonha!
Ando em busca de mĩ não sei por onde,
Em quanto esta alma tresvalia, & sonha.
Aqui samente a vãa Ecco responde,
Que parece tambem q̃ and'ella embusca
Não sei per que cauernas se m'esconde.
Quãdo o mũdo esclarece, & quãdo ã brusca,
Suspirando eu, suspira, ah crueldade,
Tambem dirá por mĩ, Este que busca?
Triste, que ja nam ando apos piedade,
Som em poder da dor, entendo o erro,
Entendo o danno, entendo a vaidade.
Sigo hũas sombras vãs, que nunca aferro,
De hũa sò folha que atrauessa tremo,
O tempo gasta as pedras, gasta o ferro,
Por mĩ ja nada, por vos tudo temo.



Ao senhor Francisco de Sã de Mirãda,
Aa morte de seu filho Gonçalo Mendez de Sã.

ELEGIA.



Am chores, mas alegrate Elegia,
Força agora o costume, & natureza,
Inda que de chorares causa auia.
A parte vas onde ha nojo & tristeza,
Mas com aquelle nojo, que he forçado,
Iunto està grã prazer, grã fortaleza.
Veras bum pay, a quem o duro fado
Desemprou d'bũ filho, em q̃ esperança
Ver seu nome nos ceos alevantado.
Veràs a mãe, que tanto o filho amava,
Que partindo a sua alma pello meo,
A metade lhe deu, a outra ficava.
Dizendo, Filho viuirei em receo
Em quanto te não vir, & elle partido,
Eis que subitamente a morte veo.
Inda bem se não tinha despedido,
Inda as lagrimas bẽ não s'enxugauão,
Inda não tinhão delle noua ouuido.

As obras de

E a primeira noua que lhe dauão,
Era de morte, porem morte qu'al
Elle quis sempre: & a q̄ elles o mãdauão?

O primeiro accidente he natural,
Com este não poderão, q̄ òs mais fortes
Como aos mais fracos, soe ser igual.

Mas de que virão bem as iguaes sortes
Que nos outros cayrão, em si tornarão,
Vendo chorar a todos tãtas mortes.

As lagrimas alheas consolarão
As suas, que ja deixão de lançar,
Iãgora rim os olhos que chorarão.

Veras ambos jagora taes estar,
Que por mais q̄ tu vas triste, & chorãdo,
Rindo t'hão de ver ja, rindo falar.

Começate jãgora ir espantando
Daquella fortaleza, com que o pay
Seu nojo tão cruel foi temperando.

N'alma o sentio soamente, que la vay
A verdadeira dor, mas não se ouuio
De sua boca algum sospiro, ou ay.

De pura dor a triste alma se abrio,
Mas acudio o siso, & a prudencia,
Com que aquelle aluoroço se encubrio.

Acudio à ferida igual paciencia,

Ar.

Armouse contra a carne logo o sprito,
 Esforçado do tempo, & experiencia.
 Tanto que o triste caso lhe foi dito,
 Co aquelle coração prudente & forte,
 Qual em seu rosto veras logo escrito,
 Disse, Sabia que obrigado à morte
 O gèrei, & calouse: Ô gloriosa
 Voz, ò bem vinda, & bem ditosa sorte.
 Eu vejo despedirse a tão fermosa
 Purpurea alma do corpo, & ir voando,
 Coroada de louro, & tão lustrosa.
 Como hũa bella estrella, allumiando
 Os ceos, & dando lume ca na terra,
 Em que seu rayo està reuerberando.
 Ô alma bem nacida, qu' em tal guerra
 Ganhaste hũa tal vida, honra, & gloria,
 Quem morte lhe chamar contra ti erra.
 Teu vencimento foi tua victoria.
 Teu sangue rico esmalte da tua alma,
 Tua morte te deu vida & memoria.
 Quam bem compraste aquella bella palma,
 Com que estás la nos ceos fazendo enueja
 A quem ca està temendo frio & calma.
 Qual quelle serâ, por mais que seja
 De sua vida amigo, que não queira

Ser tu? & que tal morte não deseja?
 A todos está hũa ora derradeira
 Esperando, ha de vir, & ha de chegar,
 O quando, Deos o sabe, & a maneira.
 Pois ô que trabalho he sempre esperar
 Tão incerta certeza, mas mayor
 He della se esquecer, ou descuidar,
 E quem não querera de tal temor,
 De tal perigo, liure estar seguro,
 Com Deos em gloria, em fama câ, & louuor?
 Ditoso aquelle que do ferro duro
 Traspassado cabio, pois foi leuado
 Seu sprito onde está tão claro & puro.
 Ditosos paes de que foste geerado,
 (Glorioso mancebo) & boa estrella,
 Em que naceste, & glorioso fado.
 Seguiste aquelle bem pera que t'elba
 Sempre inflãmou, & seguindo, o alcãçaste,
 E a coroa que ja vias nella.
 Mas ô estrella cruel, ja que mostraste
 Tão grande sprito ao mundo, porque assi
 Mostrado dantre nos logo o leuaste?
 Morte cruel, queixemonos de ti,
 Que sempre andas roubando o melhor q' ha,
 Sempre o ouui dizer, agora o cri.

Leua

Leuáralo em nacendo, ou pois que já
 Quiseste que o nós vissemos, quiseras
 Que delle nos lográramos mais cá.
 Não deras a seus paes tal dor, não deras
 Tamauha perda a quem delle esperaua
 As cousas que tu nunca desfezeras.
 Par' elle sò a fortuna se guardaua,
 Qu' enueja ouueste morte à nossa terra,
 Qu' outro Marcello neste nos criaua.
 Aquelle fora outro rayo de guerra,
 Se os fados o deixaraõ, duros fados,
 Quem vos cuida fugir oh quanto erra.
 Mas estes dias seus seraõ contados
 Por muitos, & mui grandes, grãd' he a vida
 Dos que em virtude & hõra sam louuados.
 Aquella vida sò se diz perdida,
 Aquella sò denia ser chorada,
 Aquella sò por triste & breue tida,
 Dos qu' em morrendo, assi fica apagada,
 Que memoria não deixa nem sinal
 Em testemunho da que lhe foi dada.
 Igual à d' hum bruto he tal vida, igual
 A d' hũa planta, ao pô, à sombra, ao vento,
 E a qualquer cousa, se a ha que menos val.
 Que de que vem que aqui morrendo cento,

As obras de

Se falle mais de hum soo? por que viuia,
E em bem morrer trazia o pensamento.
Dos outros outra vida não se via,
Senão dos corpos, a estes igualmente
A morte & vida os nomes lh' encubria.
Viue teu nome claro, & excellente
(Glorioso mancebo) & viuirá,
Em quanto hi ouuer vida, & ouuer gente.
Quuilo ha o Tejo, ouuilo hà.
O Indo, o Ganges, la sera escuitado
O som que em ti teu pay leuantarà.
Dignamente seras delle cantado,
E em todo mundo com prazer ouuido,
Por elle mais glorioso, & enuejado.
Muito de ti dirá, mas muito crido
Sera de ti, muitos desejarão
Tal nome ter, & tão bem merecido.
Tambem as bellas Nymphas cantarão
As bellas Nymphas do Minho, & do Douro
Teu nome, & a todo o mundo o leuarão.
Alegres andão co cabello d' ouro
Ao vento solto, rindo, & não chorando,
De palma coroadas, & de louro.
Todas esta tua morte festejando,
Como teu nacimiento festejarão,

Por

Por isto que de tibião esperando.
Para esta morte tua te criaraõ,
Com ella estaõ agora tam contentes,
Que mais agora te amaõ, do que amaraõ.
Pois tu q̃ la nos ceos, ond'estã, sentes
A gloria que la tês, & a que te damos,
Porq̃ chorar por ti ninguem consentes?
Estabe a causa porque naõ choramos
Elegia, esta morte gloriosa,
Mas vida gloriosa lhe chamamos.
Por tanto tu nam triste, nem chorosa
Mas rindo, vay alegre ver aquelles
Pae & mãe seus, & a terra que ditosa
Fizeraõ por tal causa sayr delles.

Emende.

Bejo as mãos a v.m. Antonio Ferreira.



ELEGIA.

A Antonio Ferreira, em resposta da sua.

E Sta branda Elegia, esta tão vossa,
Quero dizer de tanto preço, & tal,
Que vai fugindo ant'ella a neuoã grossa.

H 3

Bem

Bem vejo que era a empresa principal,
Esta a que vinha, mas a dor rezente
Tempo esperava, cura mais geeral.
Quanto que áquella vea assi corrente
Se deue! áquelle engenho prôpto, & raro,
Que assi sente! assi diz tudo o que sente!
E mais em tal fazam, tal tempo, auaro
De louuores alheos, em grã danno
Dos engenhos, que s'achaõ sem amparo.
Vem hũ dando á cabeça, & entra vfano,
Cousas do seu bõ tẽpo, ardẽdo e chamas,
Polas q̃ fez, todo al lhe he claro engano.
Andaõse às razões frias polas ramas,
Hum vilancete brando, ou seja hũ chiste,
Letras ás inuenções, motes ás damas.
Hũa pergunta escura, sparfa triste,
Tudo bom, quem o nega? mas porque
Se alguem descobre mais, se lhe resiste?
E como, esta era a ajuda? esta a merce?
(Deixemos ja as merces) este o bõ rosto?
De menos custa em fim? q̃ este tal he?
E logo aqui taõ perto com que gofio
De todos, Boscaõ, Lasso, ergueraõ bãdo,
Fizeraõ dia ja quasi sol posto.
Ah que naõ tornaõ mais, vaõse cantando
De valle em valle, de ar mais lumioso,
E por outras ribeiras passeando.
Tornemos ao defastre a nos choroso,
Furtando m'hia a dor qu'inda ameaça
Como hum parto ao fugir mais perigoso.

Não

Não ouso inda a fallar tanto de praça,
 Fallo com vosco como em puridade,
 Incerto do que diga, & do que faça.
 Quando mandei meu filho em tal idade
 A morrer polla fè, se así cumprisse,
 (Qu' esta era a verdadeira sua verdade,)
 Tu vas pello camrnho agro (lhe disse)
 Que tu mesmo tomaste á tua conta;
 Sem perigos quem se acha que subisse?
 De tempo que así foge, que te monta
 Vint' annos, trinta mais? que môtaõ cêto?
 Ergueo a vista a mí alegre, & prompta:
 Suspirando por ser lá num momento,
 (Se ser podesse) tão depressa os fados,
 Corriaõ (nomes vãos, sem fundamento.)
 Então o encarreguei destes cudados,
 Deos, & logo honra; logo o capitão;
 Quam prestes a cūprir foi taes mādados!
 Parece que os leuou no coraçam,
 Não soltos por defora nos ouvidos,
 Como outros fazê, que perdê doos vão.
 Do corpo aquelles espertos sentidos,
 Mais inda os d' alma tão limp' & tão pura;
 Ia agora os bõs desejos sam cumpridos.
 Vio onde a deixaria em paz segura,
 Depressa á occasiaõ arremeteo,
 Não quis mais esperar outra ventura.
 No dia do começo a conta encheo;
 Seguro vio a morte, espanto antigo,
 Nos sonhamos aqui, tu vas te ao ceo.

As obras de

Ditoso a quelle Mestre, dom Rodrigo
Manrique, a quem em seu tempo louuou
O filho, & deu ao corpo em mort' abrigo.
Er' ella conta igual, que quem entrou
Antes á vida, sayffe primeiro,
Eu sou que deuera ir, quem nos trocou?
Cordeiro, ante o throno alto do cordeiro
Lauado irás no teu sangue sem magoa,
Oo quem como era pae, fora parceiro.
A Paulo da fè nossa ardente fragoa,
Que pera o filho, o pae ponha é thesouro
Parece natural hum correr d' agoa.
Não assi ao contrario, abaixo o Douro
Aqui perto ao grã mar se lança escuro,
Mondego, & Tejo das areas d' ouro.
Quanto mais certo contra o imigo duro
Podes que outrem dizer, vim, vi, venci,
Cerrãdo & abrindo a maõ posto em segu
Não se vejaõ mais lagrimas aqui, (ro.
Saluo se por nõs forẽ, qu' em taes treuas,
E taõ cega prisam, deixaste assi.
Vaite à boa ora, nam tês de que deuas.
Temer, la tudo he paz, tudo affossego,
Quem leua hum tal seguro, qual tu leuas:
Ditoso, que não viste de dor cego,
Por senhor hum imigo da tua lei
A tanta pressa, fora hum certo emprego.
Quantas graças meu Deos, quantas te dei,
Sabendo d'alma qu' era liure & viua,
Sem ella ao corpo de que temerei?

Sabia

Sabia a sua condiçam altiua,
(Nesta sò parte) no mais, brãda, humana,
Era para morrer, não ser catiua.
A sepultura que os olhos engana,
He leuissima perda, assi tambem
He lodo, he terra, he pò, terra Africana.
Que tam estreito mar antre si tem,
Abila & Calpe, foi tempo, hum sòmente,
Dous agora, hum daquem, outro d'alem.
Nos quaes, duas colūnas pos defronte
Hercules, qu'ali entrada ao grã mar deu.
Falece autes quem crea, q̃ quem conte.
Os Gregos no que escreuem, poem de seu
As vezes muito, & ha quẽ diz q̃ chamadas
Ia foraõ as colūnas de Briareu.
Acabemos nas bemauenturadas
Almas subidas para sempre á luz,
Sem treuas, rindo la dos nossos nadas.
Hum sò qu' em sangue aberta traz a Cruz:
Branca por armas, deu Deos á cidade,
Milagre, que em fina es claros reluz.
Rotas as armas, rota a humanidade
Por muitas partes, Mouros a milhares,
Morde se a enuej'ás mãos, ri se a verdade.
Para as festas diuinas que lugares
Tão claros, hi ganhastes polas lanças,
Correndo ledos á tal gloria, a pares,
Sem fim, sem sobressaltos, sem mudanças.

Ao





Ao senhor Frãcisco de Sã de Miranda,
Iorge de Monte Mayor S.



*A*bra es digna cosa (ò pluma mia)
Que os afineis, mostrando mis conceptos,
Con arte, ingenio, estillo, y melodia.
Conformense a la causa los efectos,
Preuengan luego aqui la eterna mano,
Con terminos subtiles, y discretos.
No escriuo la grandeza d' Octauiano,
No los triumphos de Cesar, no la gloria
Qu'en cõquistar gano Alexãdre Magno.
No las pompas de Dario, no la hystoria
Del diuino Scipion, no la riqueza,
D' Antiocho, ni de Manlio la victoria.
No escriuo a Ciceron, qu'en subtileza
Con su pluma llego al summo grado,
Ni del Poeta heroico la bueza.
A otro blanco tiro, que ha tirado
La barra tanto mas, que siempre anda
En la Corte de Apollo sublimado.

A

A Francisco de Sà el de Miranda

Escriuo, aunque a mi ingenio le parece

Que a mas delo que puede se desmanda.

Y si a vos (pluma mia) os enflaquece

El temor dela empresa, en fin fortuna

En los mayores casos fauorece.

Estad ya sin temor de cosa alguna,

Que por baxo que sea nuestro estyllo,

La causa lo alçarà, qu'es qual ninguna.

Y pues mi ingenio veis que en esto a filo,

Qu'es sin comparacion, podeis creerme

Que Atropos no podra cortarme el hilo.

En fin señor Illustre, he de meterme

So tu amparo y fauor, por sublimarme,

Y al mundo podre luego anteponerme.

Que pierdes de tu ingenio en leuantarme?

Ha de mēguar por dicha tu grã sciēcia?

Por la pequeña mia acrescentarme?

Puedes perder de todos la obediencia?

Puedes perder que fama en todo el mūdo

Publique tu alto estyllo, y grã prudēcia?

Puedes dexar de ser el mas profundo

En sciencia, erudicion, q̄ alguno ha sido?

O tu ingenio podra hallar segundo?

No cierto, que tan alto te ha subido,

As obras de
Que te pierdo de vista, y no es posible
Poder dexar de ser lo que ha sido.
Pues luego claro está que te es posible
Hazerme rico amy, sin quedar pobre,
Que quien podra vencer al inuencible?
Haras que a poca costa tuya cobre
Tal arte, tal ingenio y fundamento,
Que oro buelua yo mi baxo cobre.
Doite cuenta de mi, que es argumento,
De me hazer tan tuyo como digo,
Aunque me falte aqui merecimiento.
De mi vida el discurso yo me obligo
A contartelo en breue, aunque mas breue
Fortuna se mostro para conmigo.
Comigo se estrecho, y no se mueue
A me subir a mas que a vn cierto grado,
Y a me passar de alli, ya mas se atreue.
No en la studiosa Athenas fui criado,
Ni aun en la insigne y grande Babylonia,
Ni la superba Troya he passeado.
Ni en la justa y Real Lacedemonia,
Ni en la bellica Thebas, ni en Carthago.
Ni en la grande Paris, Sena, o Bolonia.
Ni en la triumphante Roma, hondo lago
De tantos hechos en armas, sangre y fuego,
Qu'en

Qu'en Africa, Asia, Europa, hizo estrago.
 Riberas me crie del rio Mondego,
 A do jamas sembro el fiero Marte,
 D'el Rey Marsilio aca desassosiego.
 De sciencia alli alcance muy poca parte,
 Y por sola esta parte, juzgo el todo
 De mi sciencia, y estillo, ingenio, y arte.
 En Musica gaste mi tiempo todo,
 Preuino Dios en mi por esta via,
 Para me sustentat por algun modo.
 No se fio señor de la Poesia
 Porque vio poca en my, y aunque mas viera,
 Vio ser passado el tiempo en que valia.
 El rio de Mondego, y su Ribera,
 Con otros mis iguales passeaua,
 Sugeto al crudo amor, y su bandera.
 Con ellos el cantar exercitaua,
 Y bien sabe el amor que mi Marsida
 Ya entonces sin la veer me lastimaua.
 Aquella tierra fue de my querida,
 Dexela, aunque no quise, porque veyo
 Llegado el tiempo ya de buscar vida.
 Para la gran Hisperia fue la via,
 A do me encaminaua mi ventura,
 Y ado senti que amor biere y porfia.

As obras de

Alli me mostrò amor vna figura
Con la flecha apuntando dixo, Aquella,
Y luego me tirò con fuerça dura.
A mi Marfida vi, mas y mas bella
Que quantas nos mostrò naturaleza,
Pues todo lo de todas puso en ella.
El Mar, de perficion y gentileza,
Fida, por la mas fiel que nadie vido,
Sūma lealtad de fe y firmeza.
Mas ya qu'el crudo Amor me buuo herido,
Le vi quedar tan preso en sus amores,
Que yo fui vencedor, siendo vencido.
Alli senti de amor tales dolores,
Que hasta los de aora no creya
Que los pudiera dar amor mayores.
Però despues que vn mal en mi porfia,
(El qual se llama Absencia) es quasi nada
El otro graue mal que antes suffria.
En este medio tiempo, la estremada
De nuestra Lusitania gran Princesa,
En quien la fama siempre està occupada:
Tuuo (señor por bien) de mi rudeza
Seruirse, vn baxo ser aleuantando
Con su saber extraño, y su grandeza.
En cuya casa estoy ora passando

Con

Con mi cansada Musa, ora en esto,
 Ora de amor y ausencia estoy quexando.
 Ora mi mal al mundo manifiesto,
 Ora ordeno partirme, ora me quedo,
 En vna hora mil vezes mudo el puesto,
 Ora a burto de amor, me finjo ledo,
 Ora me veo tan triste que me muerdo,
 Ora querria morirme, y nunca puedo.
 Mil vezes me pregunto que me quiero,
 Y no se responderme, ni sentirme,
 En fin me ballo tal, que desespero.
 Si con tu Musa quieres acudirme,
 (Gran Francisco de Sâ) darasme vida,
 Que dela mia estoy para partirme.
 De tu sciencia, en el mundo florecida,
 Me cõunica el fructo desseado,
 Y mi Musa serâ fauorecida.
 Pues entre el Duero y Miño estâ encerrado
 De Minerva el thesoro, a quien iremos?
 Si no es ati?do estâ bien empleado.
 En tus escritos dulces los estremos
 De amor podremos ver mui claramente,
 Los que alcançar lo cierto pretendemos.
 Dexar deue el arroyo, el que la fuente
 D'agua limpia y pura veê manando,

As obras de

Delgada, dulce, clara, y excelente.
Mui confiado estoy de ti, esperando
Respondás a mi letra por honrarme,
Pues d' escreuirte yo, me estoy honrado.
No quiero importunarte, ni alargarme,
Que do ay prolixidad, no falta vicio,
Escriue señor por consolarme
Que amy haras merced, â Dios seruicio.



Resposta de Francisco de Sâ de Mirãda.



On te mayor, que a lo alto del Parnaso
Subiste, porque al nuestro Lusitano
Truxieffes dulces agoas de Pegaso.
Que hare q̄ al respõder tiẽbla la mano?
Trabajé por escusa, si la hallara,
Buscãdo lo q̄ no ay, cãfase en vano.

No dissimulare la verdad clara,
Y endote a responder, atras boluia,
Viendo tu pluma quanto que me alçara
Temia lo que aun temo, que diria
El que oydos alçara ala respuesta
La tierra tan preñada, que paria.

Parturiunt mō-
res, nascetur ridi-
culus mus.

Soltose

Soltose en rifa todo, tanto cuesta
 Esperar mucho, viendo por d' antojos,
 Quanto a my, quien me loa, me amonesta.
 Poniendome de lante de los ojos
 Como en pintura, lo que seguir deuo,
 Que en traje de loores, son abrojos.
 Forçado a responderte en fin me mueuo,
 Y erro a sabiendas, van y vien sudores,
 Agora el huelgo, ora la pluma prueuo.
 Si con Monte mayor trato d' amores
 Quando lo alcancare: vâ de corrida,
 De laurel coronado, yedra, y flores.
 Y si antes quiero tratar de la vida
 Que sola es vida perpetua y segura,
 La entrada es alta, ciega la salida.
 O buen Mondego que en la Estremadura
 Nuestra, a Neptuno pagas el tributo
 Deuido, como vuisse gran ventura;
 Al fin (dire) del mundo has dado vn fructo
 Que lo inche de odor todo, y que leuanta
 Del campo y sierras niebla, el campo ha enxuto.
 Mientras tañendo va , mientras el canta
 La su Marfida, por los campos llanos
 De tus agoas regados, quien no espanta?
 Por donde (vn tiempo fue) mil gritos vanos
 El mi Diego espargio, sin aluedrio
 D' amontado alli de pies y manos.
 Estotro con mejor suerte el tu rio
 Passo, los altos puertos, buelue lleno
 De mucha gloria al nido suyo y mio.

Todo este se hizo mas sereno
La nuestra Lusitana a lexos tierras
Se va, de boca en boca, seno en seno.
Fue Montemayor ya mentado en guerras
Del santo Abbad Don Iuan, (cuentase assi)
Agora dexa atras agoas y sierras.
Quando los Moros lançauan de aqui
(Ab los muchos peccados de Christianos)
Quedose el leal Monte en saluo alli.
Marfilio de gran nombre entre paganos,
Del Hebro a la Ribera puso silla
Ya raya entre Carthago y los Romanos.
Entraron Maomethanos por Castilla,
D'amor, y Marte fiero vuo aventuras,
Quien cree, quien no lo cree, se marauilla.
Grandes cosas se cuentan de como a escuras
D'aquellos tiempos de vista Turpino,
A estranhos cuentos orejas seguras.
El hadado Roldan, Reynaldo, Dino,
Que le fuera fortuna mas cortes,
De sus riquezas, vn tal Paladino.
Rogel, del ingenioso Ferrares,
Tanto alabado, en tan sabroso estillo,
Astolpho auenturero, y vano Ingles.
Que dio la muerte al fabuloso Horrilo:
Violo el blanco Grifon, violo Aquilante
Negro, hermanos, ribera del Nilo.
Dos guerreras, Marfisa, y Bradamante,
En campo armadas, tormenta y terror,
Por enemigas hazes adelante.

Hasta

Hasta tanto llegue, por tu sabor
Que todo es en Marfida, he te seruido
Si mal no deprendi las leies d' amor.
Vezino a aquel tu monte do has nacido,
Cogi este ayre de vida, y del Mondego
Tan clara y tan sabrosa agoa he beuido.
Asiento de las Musas, tras el ciego
Niño que buela, perdi el tiempo andando
Vno de los sus locos, no lo niego.
Y aun aora, la memoria quando
Bueluo por las pisadas que atras dexo,
Lo que me hago no se, si ando, o desando.
A tal fazon quiça de amor me quexo,
Si viste algunos de los mis renglones,
Triste Andres, triste Diego, triste Alexo.
Que haremos a estos nuestros coraçones?
Si se nos hurtan toda vez que quieren?
Vanse como acogiendo a sus prisiones.
Bien vees que estos sentidos en nos mueren,
Biuen en otra parte, alla passados,
Alla nos llaman, d' allan nos requieren.
Y mas conque blandura! amenazados
Como esclauos huidizos, noche y dia,
Duras leyes, duros fuegos, duros hados.
Hasta el mal d' otro tiempo desafia
La vida, y con desseos de presencia
Se buelue a codiciar lo que dolia.
El nuestro Andrade vi muerto d' ausencia,
Sprito tan gentil, tan mal tratado,
A mal tan aspero, tanta de paciencia.

As obras de

Nacido para amar y ser amado,
Mas es amor cruel naturalmente
Tanto en contrario al nombre que le han dado.
O ciegos, ciegos, qual razon consiente
Que lo que os aquexaua alla, cad' ora
Aca con su deseo os atormente:
Quien no sabe que amor al que lo adora,
Y mas de vientos beue por sus cosas,
Por vna vez si riè, quantas que llora?
Que muestras son las fuyas tan lustrosas;
Que pintadas; que lexos tan diuinos;
Agoas que caen d' alto tan hermosas;
Que soledades d' vnos altos pinos,
Como del monte Menalio, a las estrellas.
(Licencia ayan palabras) tan vezinos,
Que los cantares, antes las quorellas,
De sus pastores oyen en tal parte,
Parece que responden al fin dellas.
Demos buelta al Archero, que reparte
Tan mal sus flechas, van lo acompanyar
(Por la razon que ende ay,) Venus y Marte.
Con que palabras te podre rogar,
(Sea con gran perdon de quien te llama)
Que no nos quieras tan presto dexar.
Marfida, el fuego tuyo y dulce llama
Aura por bien de ser aca cantada,
Do no vino en persona, venga en fama.
Sabe bien que la muerte toda ayrada
Amenazò quanto nace, y no perdona
A cosa biua, y todo buelue em nada.

Enterne

Enterneciste esta braua leona
 A los cantares de tu ingenio raro
 Con gran fauor del hijo de Latona.
 Leuanta los sentidos al amparo
 Tan seguro y tan alto, como tienes
 Desta Princesa nuestra, vn sol tan claro.
 No seas como muchos, que sus bienes
 Bien no conofcen, mira que acontece
 A pocos lo que ati, si bien te auienes.
 Yo digo con tu suerte, que esclaresce
 Por la casa Real en todo estado
 Do por costübre antigua embidia cresce.
 En fin las Musas ternan el cuidado
 Del su Poeta, que lo quieren tanto
 Como a quien de años tiernos han criado,
 Al son de las sus vihuelas, y al su canto
 Lo entonan siempre, ve se clara prueua,
 Cantando el mueue agozo, mueue a llanto.
 Destos mui cuerdos, no me es cosa nueua
 Que esten burlando esclauos del prouecho
 Onde aparece, o que arda el cielo, ollueua
 Esforçandose siempre, o con derecho,
 O sin derecho (aqui poned el tino)
 Inchamos esta casa, hasta el su techo.
 El oro blando a todo abre el camino
 Mas que el hierro, y solo el es dicho Auer,
 Nadie inquiere despues de donde vino.
 Las buenas Musas bastales tener
 Lo necessario, para que es affan
 Vano, y sin fin: que poco es menester.

As obras de

No vees los dias que prissa se dan?
Vnos tras otros, pocos son los ledos,
Y todos juntos pero que seran?
Humos y vientos que nunca estan quedos,
Esse poco de vida y breue instante
Lleno de sobrefaltos y de miedos.
Otra vida a Beatriz ha dado el Dante,
A Laura hizo el Patracha tan famosa,
Que fuena deste mar al de Leuante.
Bocacio algo Fiumeta en verso y prosa,
De Pistoia el buen Cino a su Seluaja,
Ah buenos años, buena edad dichosa.
Parece que este mundo haze ventaja
En tiempos a si mismo, otros se esfria,
De toda parte, y como que se nos coaja.
A ti las Diosas de la Poesia
Ya tu Marfida, os haran immortales,
Que nunca le anochezca al vuestro dia.
En lo del cuerpo de stos animales
Que dizen brutos, mucho atras quedamos,
En vn sentido, mas otros iguales.
Hemos de confessar que no queremos.

Francisco de Saa de Miranda.

FABVLA





FABVLA DO MONDEGO.

A El Rey noſſo Senhor.

Inclyto Rei, que deſte al otro Polo
Enchiſtes de tropheos, abriendo al
Nylo

Deſde el Tajo: luz nueva, y nuevo dia,
Mudando en eſto la natura eſtillo:

Dádoos Neptuno el mar, dádoos Eolo
Sus viétos: y armas Marte ala porfia:

Por la Zona que ardia

En braua, continuamente

Vueſtra animoſa gente

Los Portugueſes, a que nada eſpanta,

A vos ſeñor los ojos, y ala ſanta

Empresa, y lealtad, ppria, y d'abuelos,

Contra amenaza tanta

Gran denuedo vencio, tantos recelos.

Ora mientras al mar Roxo el Otho-
mano

(Soberuio de los muchos vécimiétos,
Por culpa agena, mas q̄ virtud ſuya)

Ata las llagas, trueca pensamientos,

Tiembla, pensando a vueſtra armada
mano,

Busca donde ſe eſcoda, o por do huya,

Antes que lo concluya,

Del todo, y buelua en nada

La vueſtra luenga eſpada,

Alto ſeñor, no falte aqui ninguno

Que no os véga a ſeruir a vno a vno

Yo tábien tropecando haſta q̄ caya,

Fauor pidiendo alguno

Al eſtrellado Pá, con que a vos vaya.

Y viendo que baxais vueſtros oydos

Por eſta tan amable mañſedumbre,

Al canto paſtoril medio dañado,

Quiça mouerè mas hazia la cumbre

Del mui alto Parnaſo, por oluidos

Malos, y malos tiempos oluidado.

Aquel tan alabado

Ty tiro Mantuano

Alçando el cantar llano

Del campo, nos dexò ſobrada eſcuſa

De irnos tras la ſu Thalia vſana Mu-

ſa,

Quanto las fuerças podrá abranger,

Haremos lo que ſe vſa,

Reconocièdo al tiempo el ſu poder.



As obras de

Entre el gran Duero, y Tajo, el buen Mondego
(Ya Munda) (que es dezir, clara agoa y pura,)

Se va por los sus campos passeando,

Parece que saliendo destrechura,

El trabajo vencido, entra el sosiego,

Y quedo a su ciubdad muestra va dando:

Donde aora cantando.

Las hermosas hermanas:

Del fauor vuestro vfanas:

Se mueuen juntas en cuento y concierto,

Que salen del ñublado al descubierto,

Cantando el vuestro nombre, y subillohan

Al cielo su alto puerto,

Do tales Reyes por tales obras van.

Ribera deste cabdaloso rio:

Riquissimo de pastos, y ganado

Vuuo vn noble zagal de nacimiento,

En edad tierna sin padre dexado,

Sin madre, sin hermano, en señorío

Libremente del largo heredamiento:

El puesto entre otros ciento

Donzel apuesto, y tal,

A ser el principal

No cuerpo, gesto, o gracia le faltaua,

Antiga

Antiga y comum fama lo arrayua
 De sangre de Gerion, que atantas lides
 Ante sus greis se armaua:
 Fuerte en tres cuerpos, contra el grande Alcides.

Cuya venida donde aquella agoa baña
 Los campos de Coimbra, ay tal memoria,
 D' vna alta torre de su nombre rica
 Por suya juntamente, y nuestra gloria,
 Como las dos colūnas que esta Espanha
 D' Africa parten en distancia chica,
 Tras esta multiplica:
 Otra y otra señal,
 Vn arco triumphal,
 Las grutas, y edificios Romanos
 Los luenzos aqueductos, ya mal sanos,
 Que la han de antigüedad en noblecida,
 Segun las nuestras manos
 A sus obras mal dan años de vida.

Mas sobre todo que la enriquecio
 Ala noble ciudad, es el thesoro
 Del santo cuerpo de su Rey primero
 Que enel campo vencio tanto Rey moro,
 Quando otro Rey mayor le aparecio
 Por nosotros erguido enel madero,

Y aquel

Y aquel padre primero
 Que con el bien no pudo:
 Por lo qual vuestro escudo
 Real, lleva pinturas tan diuinas,
 De tales Reyes, y tal misterio dignas,
 El buen hijo cab'el quiso yazer,
 Que desplego las quinas,
 Sangre a Guadalquivir hizo correr.

Boluamos al Mondego, que a esta parte,
 Ora âquella, se va suauemente,
 Otro nuestro Meandro en sus rodeos.
 Ende al passar d'vn bosque, y d'vna fuente,
 Rica dela natura, y pobre de arte,
 Viose vna Nimpha tambien sin arreos,
 Diuina en sus meneos,
 Graciosamente estando,
 Gratosamente andando,
 Vn blando ayre respiraua al prado ameno,
 Ella cantaua, y juntamente el seno
 Enchiendo se yua de diuersas flores,
 De que el campo era lleno,

Al fresco bosque en la calor se entrâra
 La Nimpha hermosissima, cubierto
 De sauses, que enel alto se abraçauan,
 Sobre verde variado de mil flores.

De sauzes, que en lo alto se abraçauan,
 Quasi en cierta medida, y cuento cierto,
 D'vn cabo el monte, d'otro el agua clara,
 Como a porfia, que lo rodeauan:
 Las aues combidauan
 Con su dulce armonia
 Tomar amor por guia,
 Al que en el bosque solitario arriba.
 Vna fuente manaba en peña biua,
 Escondida a los hombres, y al ganado,
 Que dulcemente se yua
 No se que murmurando por el prado.

Nieve la Nimpha, el vestido de nieve,
 Entretexidas de oro flores raras,
 Al viento las madexas d'oro fino,
 Vencen sus ojos las estrellas claras,
 Los blanquissimos pies por flores mueue,
 Quanto vees y no vees todo es diuino.
 Vn cuerpo mortal digno
 Nunca fue de tal ver,
 Si vuo d'acontecer
 Nunca s'acontecio sin graue daño:
 Exemplo es de Acteon el caso extraño,
 Qu'en ciervo transformado, corre el campo.

As obras de
Vn caçador tamanho
Fuyendo el su Pampago, y su Melampo.

Ella cantaua aquel cantar famoso
De la blanca Diana, y el roxo Apollo
Hermosissimo parto de Latona
Que no le dan con los sus niños, solo
(Siquier por breue espacio) algun reposo,
Perseguida sin le ayudar persona
Comun fama apregona
Que las que ora son ranas
En fin siempre villanas
Lycios malsines que le auian hecho,
Turbando el agoa de comun derecho
Deuida a todos, pidela en merced,
Tales hijos al pecho,
De calor muerta, de cansancio y sed.

Diego (que el donzel tal nombre auia)
A caso alli arribo, busca sosiego,
(Que baxaua del monte fatigado)
Ah triste adonde vas? todo ende es fuego,
El bosque, el rio, aquella fuente fria,
Todo arde en llamas, buelue atras cuytado,
De su suerte llevado,
La Nympha en oteando

Como

Como aqui vine, o quando,
 (Dixo) o do me estoi? ojos que veis?
 Oydos que a tan alto os estendeis?
 Ay Dioses immortales, no me sea
 Contra todas las leyes
 Por culpa auido aqui cosa que vea.

La Nimpha que sintio d'ojos mortales
 Su beldad immortal ser offendida,
 Dexado el canto, gimio contra el cielo,
 Del gesto hermoso la color perdida,
 Y juntamente todas las señales:
 Del plazer fuidizo buelto en duelo:
 Y como aquel moçuelo
 Troyano, no pudiendo
 Suffrir su cuita ardiendo,
 Echose al agua alla por lo escondido,
 A los ojos buyo, que no se vido
 Despues aca entre nòs en parte alguna:
 El moço esuanecido,
 Sin ojos mecer, mira a la laguna.

Auia amor dispuesto a la sazón
 El pecho (enantes duro, y çabareño)
 Usado a caças de las brauas fieras,
 Despreciando amor desde pequeño,

Por lo qual assechando la occasion,
 Vengatiuo qual es, diole de veras,
 Diciendo, Mas tu que eras
 Tan atreuido, y loco,
 Ternas en este poco
 Para toda tu vida, o corta, o luenga.
 Vengose el niño ciego, aora te venga,
 Si tanto puedes. Diego frio está,
 Oyo la dura arenga,
 Sintio el gran golpe, Amor bolando vá.

Despues (como de sueño alto) despierto,
 Los ojos buelue aca y alla pasmado,
 Al cielo, al agua, al monte, al campo llano,
 Y qual ir vemos vn desasifado,
 Alli se mueue el triste sin concierto,
 Ora para, ora corre, y grita en vano:
 Gozase Amor villano,
 De como en poco trecho
 De Diego vn otro ha hecho,
 De como por el águia entra sin tino,
 Todo turbado, no sabe el mesquino
 Lo que haze, o que haga àquella cuita suya,
 A aquel furor diuino,
 En que modo lo attienda, o por do buya.

Decia a gritos, Como, y pudo auer
 Lugar en que cupiesse vn bien tamaño,
 En todo este cercado aca del cielo?
 Aquel bien solo, que igualaua el daño,
 A tanta claridad donde esconder
 Se pudo, con igual mi desconuelo?
 Quien me alçaria a buelo
 Para qu' este ayre todo
 Busque, y que tenga modo
 D' entrar, y reboluer las agoas dentro?
 Quien me abrirâ caminos hasta el centro,
 Que vaya siempre, y nunca buelua atras,
 Por malo, o bueno encuentro,
 Hasta que vaya a dar donde tu estâs?

Que podeis ya aqui ver ojos cuitados,
 Saluo ora baxo, ora mas alto el rio?
 Ora mal al amigo, ora al pariente?
 Ora grande calor, ora gran frio?
 Y roñas, cōmun mal delos ganados?
 Las renzillas que van continuamente,
 El luengo año que miente
 A tantos de sudores
 De nuestros labradores,

As obras de
No basta trabajados, mas hambrientos?
Yelos, truenos, granizos, malos vientos,
Humida, y graue lluvia, ayres corruptos,
Tantos dessabrimientos
De tiempos lluviosos, ora enxutos.

Todo quanto este mundo en precio tiene,
Las flores, las verduras, claras fuentes,
Que hieruen al nacer, es como estraña
Aquella beldad, si para es meintes,
Que o nada, o poco dello nos conuiene:
El fuego hermoso, todo quemay daña:
Quien espera la saña
Del agua quando crece?
Alla arriba aparece
Tanta d'estrella, que la noche muestra,
Mas estan altas: es rica la muestra,
Estraña a nos, però no lo era aquella
Que vi, y assi tan presta
Se fue: Nympha immortal, que no donzella.

A mi mismo soy hecho vna enojosa
Y graue carga: ay que en igualdad
Soy falto delo mio, y delo ageno,
Pobre en mis bienes, qu'es de auer piedad:
Que abasta al coraçon que no reposa?

Quien

Quien tal fuego encendió dentro en mi pecho?
Que se hizo el tiempo bueno?

Tras peces por los rios,

Por los bosques sombríos

Tras delas fieras: que alegre porfia,

Viniendo ledó, mas ledó boluia:

Como las cosas van mudando el ser!

Ora con que alegría

A casa boluerè? con que plazer?

Iuase Diego ansi deuanecando

Por sus locuras, que cabo no tienen,

Vnos y otros cansancios sin prouecho,

Los vnos idos, los otros que vienen,

Configo de continuo peleando:

Va batalla cruel dentro en su pecho:

D'amor, y de despecho

A reuezes llevado,

Ora vence vn cuidado,

Ora vence otro: el triste hecho pedaços,

Con tal contrario lidiando a braços,

No viendo que camino dexé, o siga,

Embuelto en embaraços,

A la fortuna se rinde su enemiga.

Vn dia (vano aliuio de su mal)

As obras de

Alli viniendo con la supreciada
Sampona (que otro tiempo ser solia)
Estuuo vn rato en auerla acordada,
Desacordado el triste, y desigual:
Dexa ora el tañer, ora tañia:
Puesto en tal agonía,
Vuo de començar
El lloroso cantar
De Eurydice y d'Orptheo (antigo cuento)
Caen lagrimas vanas, lleva el viento
Muchos suspiros, tiempos mui diuersos
Traendo al pensamiento:
Enfin soltò la lengua en estos versos:

¶ Huyendo al atreuido de Aristeo
Eurydice en el prado ponçoñoso,
Mordida cae: cruel caso por cierto
A las sus Nymphas: cruel al quexoso,
Al solo, al lastimado, al triste Orptheo,
Qu'entre muertos la sigue antes de muerto.
Nunca con tal concierto
Las cuerdas mano humana
Tan dulce y tan liuiana
Mente tocò, como el, su mal cantando.
Como el tañiendo, y Eurydice llamandc:
Eurydice en repuesta el valle dá,

Quando

Quando se assienta, y quando
 A las lagrimas buelue, y quando va.
 D'vna merced d'amor (dixo) forçado
 Si ante tiempo me aueis, como fezistes
 (A vos mismas juzgar (sombras) lo dexo,
 Si os mueuen a piedad las cosas tristes)
 Vn solo coraçon a entramos dado
 Partistemelo assi? de esto me quexo.
 Si aquel Sol que atras dexo,
 (Que todo vee) veer pudo
 Iamas caso tan crudo,
 No tengo en nada, ni sea nada el daño,
 Amor me trae aca, tratam' engaño
 Deseo (qu'esperando se consuela)
 No os parezca extraño,
 Tiempo os pido, y no mas, poco, y que buela.]
 Todo se os deue en fin, corre a la muerte
 O cedo, o tarde, quanto alla aparece,
 Y el nuestro cedo, o tarde, a vos q' es? nada:]
 A mi que amanesciendo me anochece,
 Fueme amostrada la mi rica suerte,
 Que entre vella y no ver me fue quitada:]
 Veer vna flor pisada
 Primero que cogida,

As obras de
Veer la fruta perdida,
Que al primer buen odor el viento estraga,
Miesse del temporal, o de arte maga.
Tollida, es daño que la vista ciega,
Mirad la cruel llaga
Que os muestra amor por mi piadoso y ruego.

Que no me trae aca codicia estraña
Delos vuestros thesoros encubiertos,
No loco atreuimiento, y no maldad,
D'espíar los caminos, y los puertos
Escuros, qu'el gran lago Stygio baña.
Traeme solo amor, trae impiedad,
Y si tal crueldad.

En estas partes se vsa,
Que no me valga escusa,
Que no me valgan lagrimas, ni ruegos,
Sombras que os is por estos ayres ciegos,
Que ya de mi la mayor parte vuides,
A fuegos o sosiegos,
Porque vna no quereis, otra quesistes?

No melo ayais echado a presuncion,
Mas a gran cuita que me trae, y guia,
D'amor forçado, y de su llama buena,
Si aca de amor conoscimiento auia:

No

No se que ya desto oyme, a tal sazón
 Que del gran nombre suyo oyera apenas,
 Alla suso se suena
 El como, donde, y quando,
 Aca baxo llorando
 Ceres, aca buscando
 Su dulce fija, baxò, que satisfecha
 Boluio (si quiera en parte) desta estrecha
 Pena: respire aqui:
 Mi mal que os aprouecha?
 Del bien que os cuesta mas el no, qu'el si?

Al son delas palabras piedosas
 D'aquella Lyra dulce, y voz diuina,
 Que de su mano amor todo acordara,
 Todo enternece por donde encamina,
 Baxaron las sus crines espantosas
 Las sus hermanas, blando se le para
 Caront, sin vella, o vara
 Passò sin remos la barca segura,
 De fea catadura,
 Por tres bocas vuiando el Cancerbero,
 Oyendo al dulce, oyendo al lastimero
 Llanto, llorò, dexando aquella puerta
 (De que era antes portero
 Tan duro) por piedad al viento abierta.

Estuuo luego queda a quella rueda
Del Centauro atreuido: las hermanas
Nietas de Bello, ninguno acudio.

Al vano officio, quedas las mançanas:
De Tantalos, la su agoa estuuo queda,
Su sed, su hambre, todo se a queda:

El Buitre no tragò
De Titio las entrañas.

Vino a las soterrañas

Casas de Pluto, palacios Reales,
Taño, cantò, lloro tambien sus males,

Que Eurydice le fue dada con ley

Que en Reinos infernales

No mire atras, ansi le plugo al Rei.

Todo promete amor, todo lo espera

Cumplir, pueda, o no pueda, buelue ledo,

Sigue Eurydice callada tras el:

Ora aquel que denantes tanto miedo,

Tanto trabajo por amor venciera,

Burlolo en fin, no se fie nadie del:

Boltofe a ella, y aquel

Ayre escuro abraçando,

En vano suspirando,

La sigue que es uanece, amor ingrato

Juega estos juegos: no puede el contrato

Real quebrarse, no su lei firmada:
Dize de rato en rato,
Quanto fuera mejor nunca aver nada.

Echado de alla dentro, ante las puertas
De firmes diamantes, luengamente
Maldixo aquellas cuevas, y altos muros
La vihuela hechò lexos impaciente,
Y mil vezes llamò sombras inciertas,
Y aquellos dioses mil vezes escuros,
Los dones mal seguros,
Por demas alcançados,
En Reinos nunca vsados
(Dezia) ni a merced, ni a piedad,
Sabeis qual es firmeza, y qual verdad,
Veer bien con que intencion otre os offende:
Amor y humanidad
Qual es tanto cruel que tal defiende?

Asi cantava Diego, y no pudiendo
Con la gran cuyta, que a desora crece,
A mil remedios vanos se acogia,
Oluida la sampona, y no s'estrece,
Que no viesse visiones, eis corriendo
Va como furioso a la porfia,
Mientele toda espia,

Nunca cuenta concluye,
 Del campo a casa huye,
 De casa fuye por los campos llanos,
 Tomados tantas vezes a las manos,
 Mis engaños (dezia) o que s'es esto?
 Conozcoos por vanos,
 Y bolueisme a burlar luego tan presto?

Bien veo que los Dioses offendidos,
 De mi se vengán como a ellos plazé,
 No midiendo la pena con el yerro,
 Yo que puedo ende hazer? el alma yaze
 Como por muerta: yaze en los sentidos
 Cargados deste amor como de hierro,
 A las sabiendas yerro,
 No lo puedo emendar,
 Ya fuera de passar
 Quanto mal entre dia se me offrece,
 Mas ido el sol, que todo se escurece,
 Forçado de irme a casa, y triste al lecho,
 Que buelta se recrece!
 Que sobresaltos van dentro en mi pecho!
 Los mis ojos gran tiempo ha que pusieron
 El buen sueño en degredo, y si ende llega,
 De fuera a lexos, el reposo dexa,

Vase

Vase bolando por la noche ciega,
 En su lugar visiones sucedieron,
 Todas de miedo, que mucho me aquexa,
 El alma se me alexa,
 A mui grandes jornadas,
 Seran presto acabadas,
 Estas pependencias vanas: los pastores
 Diran que fue locura, otros que amores,
 Contaran otros que fue assombramiento,
 Y si ay males peores,
 Haran cuentos de mi triste sin cuento.

Quantos votos se hizieron, y que ayunos,
 Que deuociones tan exprimentadas,
 Quantos cuerpos de cera s'offrecieron,
 Quantos de tierra en las encruzijadas:
 Mas los Dioses a ruegos importunos
 Hazia otra parte se boluieron.
 Que alturas no subieron?
 De montes sin caminos?
 Los Rhitmances diuinos
 Cantando, do la nieue el suelo esmalta,
 Quica pensando en parte tan alta
 Seren oydas mejor las sus prezes:
 Pero la suerte es falta,

Esperança

As obras de
Esperança no falta,
Mas falta lo esperado muchas vezes.

Como vn pino alto al monte combatido
Del impetuoso viento en la tormenta
A quantos que lo veen pon' en recelo,
Los truenos amenazan, llueue y venta,
Va creciendo el pavor con el ruydo,
Por el feo ayre van ramas a buelo,
Hasta tanto qu' el cielo
Se abre en llama ardiendo,
Entre viendo y no viendo,
El fiero rayo en sus bueltas descende,
Aâ quel postrero mal quien se defiende?
Queda vn tronco quemado, vu cuêto breue,
A quien passa por ende,
O busca alli quiza que a casa lleue.

Los males que passando el tiempo cura
Como vemos qu' el haze, pues que vâ
A tal priessa (dezia) no son males,
Este si, que este es mal, que ansi se estâ
Aqui d'espacio, y del tiempo no cura,
Vu tan cierto remedio a los mortales:
Y si las inmortales
Almas de aca partidas,

Del

Del todo escaecidas

Se van de quanto vieron por baldio:

Toda via este amor, este mal mio,

Do quiera que yo d'aqui sea llevado,

El soterrano rio

D'oluido passará junto a mi lado.

Y si lo que esta tierra no fue digna

Tener mas luengamente, anda cantando,

Fuera deste ayre gruesso, escuro, amaro,

Por otras sus riberas passeando

Que digan con la tal beldad diuina,

Que m'estoy aqui mas? a que me paro?

Sin buscar aquel claro

Ayre qu'ella esclarece,

Donde nunca aparece

Vn' hora escura, y siempre el claro dia:

Ella me fuisse la mi buena guia

D'aqui partiendo, que si quiera vea

Que en fin le amanescia

Despues de tanta noche escura y fea.

Fueron oydos como vuios estranos

Por el callado delas luengas noches,

Qu'el sueño por gran rato afuyentaron,

Fueron vistas visiones de sonoches,

Que

As obras de
Que espantados los niños tiernos de años
A pechos de sus madres se apretaron,
Alto dia bolaron
Las aues enemigas
De luz, con sus cantigas
Poco agradables, antes alaridos,
En las manadas bueyes dauan bramidos,
Qu'era vna piedad vello, y oyllo,
Bauados y transidos,
Desd' el toro mayor, hasta el nouillo.

Los gruessos campos sembrados de trigo
Candial hermoso, dauan vana auena,
Y joyo, que la gente embouecia,
O que mucho sembrasse, o mucho, apena
(La fama que no muere m' es testigo)
Con la simiente nunca respondia:
Alcauase y ponía
El sol sin claridad,
Temiose aquella edad
D'vna noche sin fin, o almenos luenga,
Quien quereis por seguro que se tenga?
Entre tantos de males de contino?
Llevado assi a la luenga,
Al fin determinado el hado vino.

Vete

Vete buen Diego en paz, que en esta tierra
Si ay plazer oy, no dura hasta mañana,
Y dura mucho quando te desplaze,
Agora ya no vees la sombra vana,
Que tanto aqui te hizo luenga guerra,
Ardiendo el pecho que ora frio yaze,
Lo que los fatisfaze
A tus mas claros ojos,
No son vanos antojos
Que veas, y no veas juntamente:
Mas siempre la paz buena alli se siente:
Cierto contentamiento te acompaña,
No tanto de accidente
De quantos van por esta tierra estraña.
El acontecimiento doloroso
Sabido por los lugares conuezinos,
Ayuntò luego gente a nuevo llanto,
Y nueuas alabanças: los caminos
Eran llenos de madres sin reposo,
Temiendo de sus hijos, que aman tanto:
A todos causa espanto,
Que lo han visto y oydo,
Vn mal no conoscido,
Vn mal que nunca viose entre los males,
Dizen como pasmados los zagales,

As obras de
Diego es muerto, diuinos consejos!
Si vanse ansi los tales,
Que sera de nosotros zagalejos?

Auianse ende erguido, que dixeras
Qu'era vn gran monte: auian cubierto
De rama escura todo al derredor,
Teas de pino ardian sin concierto
Por essos campos, no claras lumbreras,
Señal a todos del commun dolor.
Passado aquel furor,
Desque plañido assaz,
Vn poco estando en paz,
Diosele fuego al monte dela cumbre,
Ardiendo baxa aquella pesadumbre,
Leuantanse alaridos desiguales,
Dixo vno por costumbre
A las cenizas palabras finales.

Despues cogidas ellas luego alli,
En alto las pusieron, puson mas
La çampona y ayado: puson luego
La honda que dexaua el viento atras,
Y todo junto, vn verso dixo ansi:
Despojos ante tiêpo del buê Diegô.
Ya que esto vno sosiego,

Porfiaron

Porfiaron pastores
 A cantar sus loores,
 D' Amor y muerte, plasmando tal saña,
 Mandò los sus ingenios toda España:
 Colgaronse Epitaphios diuersos:
 D'aca desta montaña:
 Vino vn pastor, tañio, puso estos versos.

EPITAPHIO.

Buen Diego, el tu enemigo a las postreras
 Tus honras vino (Amor) ende quemò
 El arco, y las sus flechas lastimeras:
 Lloroso y desarmado se partio,
 Secaronse laureles, y las eras,
 El ganado a pacer no se baxò,
 Todos dieron señal de su tristura,
 Los hombres esta negra sepultura.

A EL REY.

¶ Señor, el ya cantado duro acierto
 De Diego, (luengamente alli plañido)
 Lloro la Nimpha Neiuá, y Nimpha Lima,
 Esta llamada el agua del oluido.
 Estotra del comienço hasta su puerto,
 Do se entra por la mar de mucha estima,
 La fama por encima
 De montes y de rios,
 A estraños señorios,
 Bolò el caso, contando sin fosiago.
 Ora del claro Munda, & del Diego
 El su Lusillo erguido alli cercano,

Mudò

Mudò el nombre al Mondego,
Que parte el vuestro Reino Lusitano.
Por nueva prueva del antiguo cuento,
Que mi flaca Thalia os ha cantado,
Conseruolo Coimbra en su pendon,
Como oy cad'año al ayre desplegado
La Nimpha en forma d'vn encátamêto,
Que la guarda vn drago, y vn leon;
Y por justo blason,
(Pues qu'el Reino pregona
Qu'es alli su corona)
A la Nimpha, corona fue añadida,
Que hermosa va por el agua merida,
Quanto mano pintar la pudo hermosa;
Pero como offendida
Turbada toda, y toda desdenosa.
Otros dan tal pintura a la Donzella
Que dio nombre a los montes Pyreneos,
De Hercules con amor despedaçada,
El cuerpo de las fieras, de deseos
El alma, mientras sola se querella,
Y que buscandolo a el no teme nada.
Otros á aquella hadada,
Que fue medio Serpiente,
Y que el contra Oriente
De si en cinta dexo, dexole vn vaso
Porque beuia, en fin qual fuesse el caso
Vos lo sabeis, a quien nada escaece,
(Musas del gran Parnaso)
A nos el tiempo todo lo escurece.

ALEXO.



ALEXO.



Ecloga en que hablan los siguiētes Pastores.

Alexo Zagal, Sancho Viejo,
 Nimpha de la fuente, Iuan Pastor,
 Anton, Turybio, y Pelayo, Pastores.

Alexo.

YO vengo como pasinado,
 Y no se lo que me diga,
 Que mi coraçon litiga
 Entre cuidado y cuidado.
 Valasine Dios, que pecado
 Pudo ser mio tamaño,
 Yo no soy quiē me era, antaño
 Han me como barajado.

Dias ha que no me entiendo,
 No percundo este mal mio,
 Al Sol moriendo de frio,
 Ala sombra en fuego ardiēdo.
 En ninguna parte atiēdo,
 No se dar con lo que fuesse,
 Como si d' otro fuyesse
 Ansi de my voy fuyendo.

Heme aborrecido el ható,
 Los apriscos, y injadas,
 Ando tras vnos nonadas,
 Que no se que ende me cató;
 Que buena ganancia y trato,
 Sulpitar noches y dias,
 Vanas esperanças mias,
 Que me engañan cada rato.

Quiça de los mis cabellos
 Debaxo del mi portal
 Me los pusieron, por tal
 Que vudiesse a passar por ellos,
 Y emboluermethian conellos
 Del pan de los mis bocados,
 O passe sobre finados,
 No hize oracion por ellos.

L

Si

Si a caso de tal dolor
 (Que en buē juizio no cabe)
 La benzedera que sabe
 Lo quellostrarà mejor?
 Ando como al derredor
 No se que se me afigura,
 Quiça puede ser locura,
 Quiça puede ser amor.

Soncas si fue assombramiento
 De los cuerpos fuidizos,
 O me dieron beuedizos
 Con q̄ voy beuiēdo el viento:
 No se, pero mal me siento
 De quando esposò Guiomar,
 Que dixè aquel mi cantar
 Buelue aca pastor fin tiento.

Mas porque asì me acordè
 De aquel dia de plazer,
 Quiero à cantallo boluer,
 Quiça que descansarè.
 Dias ha que no cantè,
 Con el coraçon no puedo,
 Estonces cantarà ledo
 Ora como cantarè?

Buelue aca pastor fin'tiento,
 Buelue aque corriendo vas?
 No te engañe el pensamiēto,
 Sino que te perderás.
 Porque así te acucias, di?

Las mentes enagenadas,
 Cata que apocas passadas
 No aura memoria de ti.

Buelue, buelue, ah perdimiēto,
 Que si no buelues atras
 Solo en veer tu atreuimiento
 De miedo te moriras.

Aun estonces yo era sano,
 Era (me acuerdo) por Mayo,
 Luche, corri, como vn rayo,
 Iua contento y loçano.
 Despues me vino vn affano,
 Que a pocas muerto me tiene
 Dizen q̄ el mal se vos viene
 Como de suyo a la mano.

Ay que locura he pensado,
 Quāto aquel yerro me plugo,
 Agora ya atado al yugo
 Tirar, no saltar al prado.
 Que buena fuente he hallado,
 Que sabrosa, fria, & fresca,
 Puede ser que me adormesca
 Ala sombra aqui abrigado.

Sancho viejo.

En vano el viejo affanò
 Soncas lo que me parece,
 Que el mi moço no aparece.
 Antes de saparecio,
 Quātas vezes q̄ esto he hecho.
 Sin prouecho,

Aqui

Aqui vaa, por alli vaa,
Ya cansado sin prouecho,
Otro lo vido a culla.

Iuntamente con el hijo
Te nascea muchos enojos,
No nos dexa abrir los ojos
Vno y otro regozijo,
Que descanso me fue dado,
Ochenta años quando menos,
Mal con hijos q̄ he engēdrado,
Mal con los hijos agenos.

Vn lunes por suerte estraña
(A vn no me dexa aquel dia)
De la noche me acogia,
Por el pie de la montaña,
Ende de vna braua breña
Cahareña
Vna cabra que perdiera,
Por el hueco de vna peña
Vide que se me acogiera.

Fuime alla, vi que plañia
Vn niño tierno mas dentro,
Por do tras mi cabra entro
Que contra si me fue guia
Que mas me auia de estar?
Si no entrar,
Como iua por veer lo que era,
No pude alla diuisar,
Saquelo en los braços fuera.

Cierto que es cosa deuida
Tener al ganado amor,
Y que auenture el pastor
Por el, mil vezes la vida,
Que el su buen entendimiēto
Es sin cuento,
Passa a ssi, y es caso estraño,
Tras my la mi cabra sientto
Recelosa de mas daño.

Vilo embuelto en tales paños
El por cierto crache tal
Que harto alli yazia mal,
Esto ha fus dezisiete años.
Quien del tiempo no se vella,
Como buela?
Parece que fue esto ayer,
Dandose como despuela
Que prissa lleua acorrer.
Traxelo ala mi Teresa,
Que podria ser de vn mes.
Veislo q̄ anda en quatro pies,
Veis lo que se ergue ala mesa,
Luego a mayores alcança,
En criança,
Y en costumbres, y en saber,
Ved de tamaña esperança
Lo que queda al recoger.

Era locura pensar
Sus donayres y los sesos,
Ante tiempo aquellos pesos

En esto van a parar.
 Sabia mas que el jurado
 Bien jurado,
 Ayudaua a missa al crego,
 Aunq̃ este es mal muy vsado.
 Seres con tu hijo ciego.

Dixome vno que lo vido.
 Aun agora por aqui,
 Ques del? bien diran por my
 Perdido tras el perdido.
 Ando cansado, y soy viejo,
 Que consejo
 Tomarè del mi camino?
 Veis el mi perro bermejo,
 Ala fè tras my se vino.

Y tu hijo andas huyendo
 De my, de val en collado,
 Que mal camino has tomado,
 El porq̃ yo no lo entiendo.
 Sigues antojos liuianos,
 No los fanos.
 Consejos del viejo padre,
 No se te acuerda d'hermanos,
 No la vieja de tu madre.

Hame dicho vn escholar
 Que sabe de encantar males,
 Que siete rios cabdales
 Te conuiene de passar.
 Y nadar por la laguna

Con la luna
 Nueva, y buscar siete fuentes
 Perenales, y en cada vna
 Lauarte, y cobrar las mentes.

Ay quien tenga tal sospecha
 Ay quien otras? dicho me han
 Muchas, y muchas diran,
 Mas sin ti que me aprouecha?
 La vejez es cierto cosa
 Trabajosa,
 Niñez sin distinto alguno,
 Mocedad tan peligrosa,
 Que no escapa de ciento, vno.

Este flaco cuerpo cansa,
 De andar, todo me despeo,
 Mas puede tanto el deseo,
 Que algo el coraçon descansa.
 Quiero dar buelta al lugar,
 Quiero dar
 Bozes, si por aqui fuere,
 Todo lo quiero prouar,
 Antes que me desesperere.

Ay Alexo, ay hijo Alexo,
 Quiça si de my te escondes,
 Dime, que no me respondes
 Que por ti todo atras dexo?
 Alexo, aquel viejo loco,
 A que tan poco
 De consejo, y vida queda

Pues

Pues ando cansado y ronco
Que no se como mas pueda.

LA NIMPHA DE LA FUENTE.

Duerme el hermoso Donzel
No zagal, no pastor, no,
Mientras al sueño se dio,
Mi alma diosele a el.
El sol es alto, y con el
Del dia es ido buen trecho,
No se q̄ de mim se es hecho,
Sera lo que fuere del.

Loca de my que a mirar
Me puse, y dixé tal viendo,
Quien tãto aplaze dormiêdo,
Despierto que es de pensar?
Quiseme luego apartar,
No se quien me buelue aqui,
Quan tarde que lo entendi,
Que peligro es començar.

Mientras pensando esmagino
(Sin examinallo primero)
Amor cruel confegero,
Con sus razones me vino:
Mostrandome aquel camino,
Alto, y quisome dezir,
El donzel se querra ir
Luego que cobre su tino.

Pero mi fuente encante,
Mas quando me la encantaua,
Quien las palabras guiaua
(El me este tigo) amor fue,
Agora que mas pensè
Fue la mi cuyta mortal,
Pudiera sufrir mi mal?
El suyo como podrè.

Y quando el mio quiça
No pudiera sufrir yo,
Pagara aqui el que pecò,
Que la razon asiva.
Qual otra alguna valdra
Que me quite desta culpa?
Su beldad no me disculpa,
Antes mas culpa me da.

Ora los ojos dexeis
Pagara a amor su tributo,
No quede a qui nada enxuto
Llorad, que gelo deueis.
Aues que os así sabeis
Quiça que exando aliuiar,
Mientras me entiêdo que exar,
Ruegouos q̄ me acompañeis.

D' amor bié dizen q̄ es ciego,
Niño, liuiano, y cruel,
Si en my fuere encêdio fuego,
Quien podra valerse del?

Poderoso amor aliuo
 Quien razon dar me fabria
 Si mi vida era agoa fria,
 Como agora en fuego biuo?
 Sordo en todo, en todo ciego,
 Todo breuajes de hiel,
 Todo guerra a sangre y fuego,
 Tal es el, tal dizen del.

Alexo.

He dormido, ora que atiendo?
 Quiero passar la montaña,
 Quiça que en la parte estraña
 Me estarà el bien atendiendo:
 Eya, q̃a Dios me encomiẽdo,
 Que en esta tierra zagal
 Dias ha que te va mal,
 Mal desperto, y mal durmiẽdo.

Yo soñaua que me fuera
 Por vnas cerradas breñas,
 De vna parte y de otra peñas,
 Que nunca el Sol descubriera,
 No viendo via o manera
 De esperançã en parte alguna,
 Quexoso de la fortuna
 En lloros me deshiziera.

Entretanto que me quexo
 La sola muerte esperando,
 Oya de quando em quando
 Agritos llamar Alexo,
 Si es quiça que si me alexo

Daqui, que me ira mejor?
 En auentura de amor
 Y cortesia lo dexo.

Sem ejaua ciertamente
 La boz del buen viejo mio,
 Abaxo espumaua vn rio
 Que nunca sofriera puente.
 Veya la muerte presente,
 En tan fiera angustia puesto,
 Desperteme, y fuy de presto
 Fuera da quel accidente.

Mi fe sea lo que fuere,
 Mal parece, y mal serà
 El coraçon me lo dà
 Haga Dios lo que quisiere
 Huertemente me requiere
 Soledad grande y desao
 De quanto desdaqui veo
 Sufrire lo que podiere.

La voluntad se me encierra:
 No es tiempo de mas cõsejos,
 A Dios mi tierra, y mis viejos
 Gran mal de vos me destierra.
 Si yo moriere en otra tierra
 A qui los huesos me trayan,
 Que mundos piensas q̃ vayan
 Alla tras aquella sierra?

No cale tiempo perder

Mas

Mas del perdido, q̄ es mengua
Palabras vanas la lengua,
Los ojos a aguas correr.
Lo que se ha de acometer,
Para que es mas dilatar?
De los viejos es dubdar,
De los zagales hazer.

Matar me he la sed de nueuo,
Y gran secura que tengo
Con que cuita ora a ti vengo,
Fuente que en mi alma lleuo.
Si abeurir tanto me atreuo,
Quando vernè por aqui
Que beua mas ledo en ti
De lo que agora en ti beuo?

Ya encantado.

No veo al bosque salida,
La vista se me eua nece,
Por toda parte escurece,
Mal se ordena esta partida,
Ala fe que se me oluida,
Soncas queria de zir
Yo era el para huyr,
Vos no pera ser huida.

Anton y Iuan pastor.

Anton.

Suspirado has compañero

Iuan pastor.

No se como no lloraua,
Sabes porque suspiraua?

Porque aqui canto Ribero,
Aqui nuestro amo escuchaua,
Rodeauanlo pastores,
Colgados de la suboca,
Cantando el los sus amores,
Gente de firmeza poca,
Que le dio tantos loores,
Y aora gelos apoca.

Anton.

Esto falta Iuan pastor,
Soncas porque suspirar?
A que se pueden alçar
Ya los ojos sin dolor?
Ya que los puedes baxar
Donde los pornas enxutos?
Adelante o cara tras?

La tierra niega sus frutos,
El sembrar es por de mas,
Los ayres andan corrutos,
Los hombres cada vez mas.
Ala sombra da quel pino
Que a tal dicha se plantò
No lia por mucho nõ
Que todo el campo vezino
De la su rama assombrò,
Vine por Ribero veer
Como otras vezes iolia,
(Quan presto fuye el plazer)
Configo aqui te tenia,
A cantar y a tañer,
Mientras la siesta cahia.

L. 4. Y Rebuol-

Rebutuo enel pensamiento
lo que cantastes estando,
Mi fê fuefeme olvidando,
Del tō me acuerdo y del cueto.
En busca del cantar ando.
Ora atinemos al ton,
Amigo que juro amy
Este era el tiempo, y fazon,
El lugar este era aqui,
Las palabras de rondon.
Ellas se vernan por si,

Iuan pastor.

Porque esse cantar, fue llanto
De Cisne (como se cuenta
En su postrimera afrenta)
Yo te ayudare, con quanto
Es cantar como en tormenta.

Bien vees q mundos son estos
Nunca tales fueron creo,
En las mudanças tan prestos
Truecansete a cada oteo.
Vide aqui mil buenos gestos,
Quando miro, vno no veo.
Mas las queexas adeparte,
Alo que mandas vengamos,
El cantar que aqui cantamos
Fue (sabes) destraña parte,
Donde anduimos entramos.
Yo le lleuaua el descante,
El se entonaua primero,
Con el su triste semblante
Al modo y son estrangero,
Ya, ya, ya, voy me adelante
Como si fuesse Ribero.

Anton.

A mor burlando va, muerto me dexa,
Tiene de que por cierto, a su merced
(Como de señor) vine, agora ved
Quãta de razon tēgo en la mi quexa;
Cada hora mas se alexa,
De my mucho cruel, quien me desmientes
Ah que lo saben todos, quien ganò
El precio de la lucha, esse perdiò,
Enemigo señor que tal consiente.

Iuan pastor.

Enemigo señor que tal consiente,
Mas antes fauorece tal maldad,
Todo se rige por la voluntad,
Y si esto fue alguna hora, es al presente

Vn pastor

Vn pastor innocente.

La çampoña tañia en regla estrecha,
Del cierto y buen tañer, y aysi cantaua,
Plugo mas vn zagal que alto siluaua,
Ved razon ante amor de que aprouecha.

Anton.

Ved razon ante amor de que aprouecha,
Moçuelo, antojadizo, voluntario,
Al mayor seruidor mayor contrario,
Bolando a ca y alla, siempre en sospecha,
Vno porque coecha,
Otro por atreuido y mal criado,
Otro por no se que mejor atina,
Quien lo piensa, enloquece y se esmagina,
Sin ventura que hara quien lo ha prouado?

Iuan pastor.

Sin ventura que hara quien lo ha prouado.
Y lo prueua cada hora, (estraña suerte)
Puede auer quien aysi corra a la muerte,
Dotro cuidado, de si descuidado?
Amor cruel te ha dado
(Zagala hermosa pero fementida)
Enteramente todos sus poderes,
Mas ingrata muger de las mugeres,
Quien el alma lleuo lleue la vida.

Anton.

Dime zagala, y como puedes ver
El Sol en paz en quien juraste, y estrellas?
Dedia viendo a el, de noche a ellas?
Como puedes dormir? como comer?
Que piensas, al tremor
De tierra, como ogaño, si arde el Cielo?

Piensas?

AS OBRAS DE

Piensas que es burla? o que? No pienses tal
Que si fue vano vn rayo, otro hizo mal,
Y donde el no cayo, caye el recelo.

Inan pastor.

A aquellos ojos tuyos que al passar
No se lo que callando me dezian
Aquellos falsos q̄ esta alma enbayan
Vn tiempo a mi plazer, otro à pesar,
El dulce murmurar
Con la tu compañía, y de color
Mil vez es traíste en vn momento,
Todo soltaste, olvidadiza al viento,
Y biues, muero yo, sufre lo amor.

Anton.

Hasta quando sere tan loco yo? hasta
Quando tan sin juyzio? y sin sentido?
El tiempo y la razon piden oluido?
Amor solo no quiere, solo el basta.
Quien así me contrasta,
Que viendo claramente lo mas cierto,
Tomo el camino auiesso, y esse figo,
Tambien oydos cerrando al castigo,
Con mis cuydados vanos de concierto.

Juan pastor.

Mas dexadas vn poco las peleas
Dime, qual señor fue nunca tan brauo
Que tal dixesse? en fin eres mi esclauo
Yo no soy tu señor, ni se quien seas:
A palabras tan feas
Te trae el tu rancor? soberuia es esta,
Que se pueda sufrir en dicho o en hecho?

A que

A que somos venidos! Tiempo estrecho.
 Aflaz bastára el mal sin la respuesta.

Anton.

Quando luego te vi, vire piadosa
 Despues por te querer, por te adorar,
 Subitamente te senti mudar,
 Que es esto? es bien querer tan mala cosa?
 Ay vida dolorosa,
 Ora se vaya el carro ante los bueyes,
 Los pcces apascer los montes vayan,
 Los ganados cubiertos dagua vayan,
 Oydo auia amor destas tus leys.

Iuan pastor.

No siguió Ribero mas,
 Antes (como era cuidadoso)
 Estuuo vn rato en reposo
 Pienso que te acordaras.
 Hablaua a tiempo y lugar,
 Pero despacio,
 Ay buen pastor, si al palacio
 No te dexaras caçar.

Turibio.

No es mucho quié tá bié supo
 Negociar, jure a diez
 Siganasse desta vez,
 Que la mi parte me cupo.
 Digoos que assi me estuuiera
 Todauia,
 Hasta que passado el dia,
 La noche vos despartiera.
 Siguios desde ha buen cacho,
 Que os vi venir passeando,

Vengo tras vos assechando,
 Dexe el ganado al mochacho
 Luego entre my lo pensè
 Estos que van
 Solos, quiça cantaran,
 O si tal fuesse, y tal fue.

Anton.

Turibio vengas em paz
 (Todo el bié denuestra Aldea)
 Que en hora buena tal sca,
 Llegate ayamos solaz:
 Y porque eres verdadero,
 Te pregunto,
 Como paresciote apunto
 Nuestro cantar estrangero?

Turibio.

Anton a dezir verdad,
 Pues con ella me esconjuras
 Nunca supe hablar a cscuras,
 Voime por la claridad.

Quanto

Quãto a mí no soy mas de vno
 Quanto a todos,
 Digote que destos modos
 Se quiere juzgar cada vno.

Ques menester mas palabras,
 Vna vez me fuera en villa
 Diçõ me ende vna escudilla,
 De vnos como pies de cabras:
 Yo no podia comellos,
 Mas despues

Comi vno y dos, y tres,
 Comi las manos traz ellos.

Anton.

Ati en todo se te entiẽde (uas,
 Que has hecho dello mil prue
 Empero las cosas nueuas
 Alaban todos porende.

Turibio.

Si, mas con tu paz concluyo,
 Que no luego,
 Primero se aslopla el fuego,
 El despues arde de fuyo.

Iuan pastor.

Contrariar a las costumbres
 Es nadar contra la vena,
 Aunque tengas grande lena
 Forçado es que te deslumbres:
 Y mas en tierra ado tanto
 Embidia vale,
 Si alguno del hilo fale
 En comiendese a buen santo.

Anton.

Ora el murmurar dexemos,
 Que es mal q̃ mucho se a pega,
 De cantar tambien te plega,
 Bien o mal, cantado auemos.

Iuan pastor.

No aya aqui mas rodeos
 Que tambien
 Sabemos que cantas bien,
 No nos mates a deseos.

Turibio.

No lo digo porque quiera
 Mas palabras, ni mas ruegos,
 Mas porq̃ ardo ètre dos fuegos
 Que mucho escusar quisiera.
 No cantar criança es mala,
 Y cantar mal,
 El selo dize que es mal,
 Vuestra medida me vala.

Aunque a mucho me atrono
 Cantando, si a cantar hẽ
 Delante de vos, de que?
 Si nõ de amor puedo y deuo?
 Amor que este pensamiento
 Rige y manda,
 Qual dire? Amor en q̃ anda?
 No, mas la De mi tormento.

De my tormento vencido
 Lo que se, lo que no se
 Quanto mandardes dire.

Pero

Per o pensad si despues,
 Digo lo que ni pentara,
 Esta crueldad es clara,
 Que os saldra mucho alreue s.

Andaes a saber lo que es,
 Dessa manera ala fè
 Sabreis lo que nunca fue.

En pena que a tanto obliga
 Que no me dexa, ni auaga
 Harè, que mandaes que haga?
 Dirè, que mandaes que diga?
 Lo que se siguiere siga,
 Que en tal tormento ala fè
 Lo que me digo no se.

Anton.

No te quiero dar loores,
 Turibio, ni dezir mas,
 Sino que con tus amores,
 De amores muertos nos has.
 Yo hablo como lo entiendo
 Hable el maestro.

Iuan pastor.

Si callando no lo muestro,
 Mal lo mostrare diziendo.

Anto.

Antes que se esfrie, presto
 Gelo digo afsi de lante,
 Helo de forçar que cante
 Mas, y ser villano enesto,
 Ayudame ora a rogallo,

Iuan te ruego,
 Y si no nos basta el ruego
 Ayudame ora a forçallo.

Iuan pastor.

Por los sus cantares buenos,
 De que nasce este desseo
 Si por fio, y si peleo
 Viene a ser la culpa menos.

Turibio.

Fuerça es esta toda via,
 Soy tomado,
 Bastàra el vuestro mandado
 Quanto mas tal cortesia.

Mientras tanto a los mis ojos
 Me obligo, y doyme al cuidado
 Ved amor qual me ha parado.

Para q̄ es mas? yo soy muerto
 No pense que era el mal tãto,
 Hanme traydo en concierto
 Solto se todo en mas llanto,
 Descudeme algo, entretanto
 Que amor me vio descuidado
 Vio tiempo, y tuuo cuidado.

Hanme trastornado el pecho,
 Sin dexar cosa en su ser,
 Mas gran crueldad han fecho,
 Yo, ansi de que aprouecho?
 Cruelmente lo han pensado,
 Que mejor fuera acabado.

Iuan

AS OBRAS DE

Iuan pastor.

Si muchos tales pastores
Lleuassen nuestras montañas,
No se irian los loores
Todos a tierras estrañas.
Y aunque alla los merecian
Bien, y bien,
Pero por aca tambien
Algunos nos dexarian.

Quantos buenos naturales
Ay por aqui, si aprendiessen?
Mas delicados zagales
En plazer se enternecen,
A trabajos cuerpo tierno
Se demuda,
En verano quando suda,
Quando tiēbla en el inuerno.

A rifa, ya que no digo al,
No se como defenderme,
Que se quiere hazer igual.
El q̄ duerme, al q̄ no duerme.
Y despues ansi dormiente
Qual se yaze,
Dezir, Esto no me plaze,
Le es razon muy suficiente.

Anton.

Es lo que dizes sin falla,
Cada vno alla se lo vea,
Pero Turibio aunque calla
Dios sabe lo que desea.

De cantares e strangers
Gran sed muestra,
Seria esta deuda nuestra
Pagalla, y mas sin dineros.

Iuan pastor.

Grande o pequeña que sea,
Toda cosa que el de mande
Puede estar seguro, y crea,
Que holgare d'antes ser grãde
Porque querria que fuesse
El cantar bueno,
Dire ora de lo ageno,
Y despues quanto el quisiessse

Deseoso de ver tierras
Vue de passar los puertos,
Puseme alas blancas sierras,
Por caminos poco abiertos
Alla que pastores vi
Quan enseñados,
En cantar versos rimados
Que plazer que ende senti.

Vino vn dia vn viejo cano,
Combidamos lo a tañer,
Tomo la çampoña en mano.
Toco, boluiola a poner,
Todos, sobre todos yo
Deseando
Que cantasse porfiando
El buen viejo assi canto.

Los

Los manjares de amor son coraçones
 Beue de nuestros ojos, las sus fuentes.
 Sabrosas, las musicas y fones,
 Son los suspiros de los innocentes,
 Que cruelmente trata en sus prisiones,
 Todos enagenados de las mentes,
 Celos, cuidados, cuytas, desto os dà,
 Lo que no tiene amor como os dara?

No veis que va desnudo? y que no lleva
 Sino con que haga mal, y bien ninguno?
 Fuego, arco, y las sus flechas cõ que os prueua,
 Con todos los tormentos vno a vno.
 Vos vno a vno os his, dando la nueua
 Que es falso, que es cruel, que es importuno:
 Sin que nada aproueche: hombres perdidos,
 Ya que ojos no teneis, tened oydos.

Y tu que infingimiento es este tuyo?
 Vn niño (ah que verguença nuestra) y ciego
 Huyes si voy ati, sigues quando huyo,
 Vencedor, y vencido, luego y luego,
 Veis que no tiene amor nada de suyo,
 Nos los tiros le damos, nos el fuego,
 Quercis la su deidad veer tan loada,
 Abrid los ojos bien, no vereis nada.

No os pongan miedo sus espantos vanos,
 No sus triumphos, que todo esuanesce,
 Perdelde el miedo, que es cuerpo sin manos,
 A quien en campo ofado le aparece,
 Vn engaño comun de los humanos

Vn como

Vn como encantamento que enloquece,
 Y bla con vn assoplo se leuanta,
 Niño que como a si, niños espanta.

Cantado q̄ el buen viejo vuo,
 Toda aquella nuestra gente
 Como personage estuuo,
 Yo tambien por configiēte.
 El viejo licencia toma,
 Yo aduino,
 Que era pastor peregrino,
 Que iua en romeria a Roma.

Mas no es biē q̄ esto así passe,
 Y q̄ de nos solo Anton quede
 Riendose, si no cantasse,
 De lo que el sabe, y q̄ puede,
 Si no que nos quexarcinos
 Al Mayoral,
 Mas a ç ampoña zagal
 Tomado ha, bien lo tenemos.

Anton.

Aueis tan corteses sido
 En quanto se os ha rogado,
 Vno, y luego otro despues,
 Que aunq̄ aya quedar corrido,
 Sea antes que descortes.
 La mi musica aldeana
 Que os dira?
 Diga os vn cantar de aca
 Destos, de la tierra llana.

Quando tanto alabas Clara
 Blas, que a luchar se desnuda,
 La triste de la mi cara
 Que frios sudores suda?
 Ora alabas el aluura,
 Y dizes del blanco pecho,
 Con toda aquella hermosura
 Del su cuerpo, alto y derecho.

Quien de tal nunca pensara
 (Cruel mi suerte, y sañuda)
 Verte contra ti tan clara,
 Verte contra mi tan cruda.

Dizes sus madexas de oro,
 El mirar manso y suaue,
 Las fuerças como de vn toro,
 La ligereza de vna aue.

Todo esto te es cosa clara,
 Busca a tus ojos ayuda,
 La vista tan turbia aclara,
 Y veras quien dello dubda.

Tambien de los mis cordojos.
 De los mis vascos y fuegos,
 Son testigos muchos ojos,
 Que lo veē, hasta los ciegos.

Las

Las mudanças de mi cara,
El mi pecho que amenuda,
Los mis secretos declara,
Sola la mi lengua es muda.

Entre dos males tamaños,
(Que no se qual dellos véça,)
Grandes fuegos de mis daños,
Grandes de la tu verguença.
Si del todo me pasmara
(Que era de pasmar sin dubda)
El mal mucho me ayudára
Que en todo me desayuda.

Iuan pastor.

Mejor es que hombre se calle,
Mas en mi verdad diria,
Que resonaua el valle,
Como que te respondia.

Turibio.

Esta rassa, esta pareja
Alo estrangero.
Quien viene alla compañero?
El lobo es en la conseja.

Pelayo.

Yo vengo fuera de my
Mis amigos, y no poco,
Que en el bosque vn zagal vi
Solo, que parece loco.
Mas porque son mui diuersos
Los modos de enloquecer,
En verdad este a mi veer
Que anda cõponiendo versos.

Iuan pastor.

Dalo por mal remediado
Si tal es la su dolencia,
Comerse ha como arrauiado,
Sin ninguna paciencia,
Destempladas las tu venas
Que arden, o tiẽblá sin medio,
Para todo ay cosas buenas,
Este mal es sin remedio.

Pelayo.

Venid, y ved, si dubdaes,
Yo os guiare por donde
Callad, que si mucho hablaes
Como siente alguen se escõde.
Ala fè yo dixen y fize,
Con la mano la frente hieren,
Està como que hablar quiere
Ora escuchemos que dize.

Alexo.

Engañame el mal extraño
Pense coytado que os veyá,
Mas bien que no mal seria,
Durasse solo el engaño.

Turibio.

O bien de mi, y que bueno
Mil cosas destas se dexa,
Dezir, quien tãbien se quexa,
No està de si muy ageno.
No veys con que ansia suspira?
Qu'hermoso, y q'biẽ dispuesto,
Veis lo alla buelto tan presto
Veislo que buelto aca mira.

M

A roda

Alexo.

A toda parte pensando,
Verte, miro, y no te veo,
Si no muere este deseo,
Morirme he yo deseando,

Iuan pastor.

Segun suenan las palabras,
Yo os digo deste mochacho,
Da le amor (parece) empacho,
Y el no guarda aqui otras ca-
Amor cruel, y no tal (bras,
Como el de falso se nombra,
No lo dexa a sol, ni a sombra,
Haze, (como fuele,) mal.

Alexo.

El mi coraçon mal fano
Fue seme, no se tras quien,
Eso se buscan tambien
Los ojos tristes en vano.

Anton.

Yo no se que desto crea,
Mas con el mi saber poco,
Nunca por nunca vi loco
Que enamorado no sea.

Alexo.

Aquel gran golpe por medio
Quel mi pecho tierno abrió,
A quantos males me dio
No me dio solo vn remedio.

Turibio.

Cata, cata Iuan pastor
Aotas bien lo entendiste,

Viendolo luego dixiste
Que el su mal era de amor.

Alexo

Por el bosque tan sombrío,
Por puertos tan mal seguros,
Entre enemigos tan duros,
Que descuydo es este mio?

Iuan pastor.

Si ya la vista no se embrusca,
Fuime alçando el sobrecejo
Y este es el hijo quel viejo
Sancho nuestro ha dias busca,

Alexo.

Que la mi alma se vea
En tal aprieto y fatiga?
Pues la ventura enemiga,
Pues amor quiere, así sea.

Anton.

Hablo contigo, o con quien,
Iuan no vees que este zagal
Asi se queixa del mal,
Soncas que parece bien?

Turibio.

Ah nora mala esta sea,
Quiē lo puede veer sin duelo?
Que no auia aqui moçuelo
Tan sesudo en toda Aldea.

Iuan pastor.

Moço para dar consejo,
No es cosa de mucha tura,
Mas assiento haze locura
En la cabeça del viejo.

Pelayo

Pelayo.

Vamos su padre a llamar
Iuan pastor.

Antes carillo te ruego
Vamos a buscar vn crego,
Que lo venga a esconjurar
Pelayo.

No es tiempo de otra respuesta,
Son que ala fuente te espero.
Ansi corres compañero,
Como que va sobre apuesta.
Iuan pastor.

Estos aque van corriendo
Tan a prissa y tal porfia?

Anton.

Corren ala fuente fria
Yo ardo de sed en la viendo.

Iuan pastor.

Todos nos vamos alla
Que nunca tuue tal sed,
Si no la mato sabed
Que ella amy me matara.

Encantados dizen.

Viste jurar Violante

Viste que fue pordemas?

Anton.

Como quies pastor que cante
O rios corred atras,
Y montes id adelante.

Iuan pastor.

El bosque arde al derredor
Tira amor tiros apares
Piedad, ò piedad señor,
Quãdo mas crueldad pēsares
Miembrate que eres Amor.

Pelayo.

Por estos buenos abrigos
Ay que zagala Clarença,
Sean los ojos testigos,
Reyne amor, y biua, y vença,
Y mueran sus enemigos.

Iuan pastor.

Fuerte ceguedad humana,
Que nos a todos destruye,
Vedes que es in cierta y vana,
Vedes que la vida fuye,
Andais os doy en mañana?

M 2





A Nuno Alurez, Pereyra.

POl as ribeiras d'ús rios
(Como dizem os cãtares)
E pelos bosques sombrios,
Dando lugar aos pesares,
Ouui meus contos baldios.
E porque meu tambem a fasto
Do pouo que me não reja,
Ou tras si me leue a rasto,
Vede em que do tempo gasto
Tambem, o que me sobeja.

Em quãto hũ joga, outro caça
Outro dorme, outro trasfega,
Tantos murmurão na praça,
Outro quãto affirma ou nega,
Com juras tudo embaraça.
De si tanto outro se preza,
Que so cuida q̃ ench'as festas,
Outro pela ruas reza,
Fallemos com a natureza,
Andando pelas florestas.

Grande final de faude
He ter tudo á parte posto,
Olhos sòmente a virtude,
Ledo, ou triste hũ mesmo rosto.
Que não ha quẽ volo mude.

Sabeis sem outra mais troca
Que he ella assi paga igual,
Por isso não vos trastroca
O coração nem a boca,
O bem nem menos o mal.

Por de mais tudo aperfia
Cum peito tão liure & faõ,
Que tomou tão certa guia,
Daqui nace a presunção.
Cuidão que da fidalguia.
Quem sabe por onde vay
Leua sua conta feita,
Nunca do caminho sac,
Nunca olha a quem diz tomay
A esquerda, ou à direita.

Ambos nos temos à banda
De Gil q̃ aqui vos enuio.
Por onde a menos gente anda,
Eu porei não a por fio,
Que a cada hũ seu gosto mãda
Não falecem contendores.
Seja a razão a que vença,
Estem á parte os fauores
Ouui os vossos Pastores,
Outrem parta a deferença.

Egloga

ECGLOGA.

Basto representador, de quem se
toma o nome.

Bieito. }
Gil. } — Pastores.

Basto.

Como corre & como atura
Quê vai apos o seu gosto,
Não sente frio ou quentura,
Mas no suor do seu rosto
Busca as vezes ma ventura.
Semguia & sem esconjuro,
Cos medos se defafia,
So vai, afouto, & seguro,
De noite polo escuro
Por montes ermos de dia.

Este apetito que digo
Quem o desse á má maleita,
Que traz mil artes consigo,
Guarte delle que te espreita,
Por dar dauesio contigo.
Rosto ao si, & rosto ao não,
A fortuna he feita assi,
Mal a conhece o vilão,

Cuida que a tem na mão,
Ella sorriffe entre si.

Onde quer cho demo jaz
Para auer de embicar nelle,
Fui topar cum ma lo baz,
Deime cos meus cães tras elle
Tiuc de fadiga assaz.
Eis desaparece, eis que assoma
Desfaziame correndo,
Toma aqui cão, alli toma,
Som caçador fuime em soma
Assi traspondo & perdendo.

Isto a quem não acontece?
Seja porem na mà hora,
O tempo desaparece,
Estão se rindo os de fora,

A nos não no lo parece.
 A correr & a dar à choca
 Este desafia mil,
 Aquel outro vende & troca,
 Outro traz graças na boca,
 Doutro chia o Arrabil,

Cuida q̃ as namora todas,
 Não sey quẽ che p'or fermoso,
 Vaife às festas, vaife as bodas,
 Tenho me eu co dadiuoso,
 Qu'vnta o carro, andãas rodas
 Grandes coufas Cap'emcolo
 Conta (se ellas así saõ)
 Que me dão volta ao miolo.
 Deuem me de ter por tolo
 E eu a elle porque não?

Como lontra jaz no rio
 Hum, & o seu gado mal passa
 Elle pesca, ora co fio,
 Ora cana, & ora nafla,
 Outro q̃ anda sempre em cio.
 Daquelloutro a esposa crama,
 Ve se desejosa & noua,
 Dando voltas pola cama,
 Elle por neue & por lama
 Corre cos seus cães á proua.

Vai así ja ha muitos dias
 Que nã voluc atras ninguem,
 Bebemos das bemquerias,

Que cada hum consigo tem,
 Damos dessas razões frias.
 O bom Gil sendo mais moço
 Muita da terra correra,
 Passa hũ, passa outro aluoroço,
 O seu fardel ao pescoço
 Por bom parceiro escolhera.

Ora elle así pastor sendo,
 Se primeiro estaua mal,
 Foi apalpando, foi vendo,
 Antre nos che era outro tal,
 Tambem se foi delambendo.
 Hũa vez lama, outra poò
 Sempre te achas achacado,
 Inda deu mais outro voò
 Por melhor ouue andar foò,
 Que así mal acompanhado.

Era grande amigo seu
 Byeyto, & vendo a tal mania,
 Consigo vn dia la deu,
 Tiuerão grande perfia,
 Hum rezões deu, outro deu.
 Não ha quem se não defenda
 A pareceres alheos,
 Antes mais quedas q̃ emêda,
 Contar vos hey da contenda
 Sem meter verbas nos meos.

Byeyto.

Que he isto Gil, q̃ andas triste

Desy

Despois q̄ entrou este Abril?
 Não sei que demo te viste,
 Que tu não pareces Gil,
 Amigo onde te sumiste?
 Vlo aquelle grande amigo,
 De limpos bofes lauados?
 Daquelle bom tempo antigo.
 Que assi falaua contigo,
 Tu comigo os teus cuidados?

Assi tão sô te vieste
 Forte burrão foi o teu,
 Tanto da amigo esqueceste
 Como aqui tinhas de teu,
 Nem amim não mo disseste.
 Ora dime se te apraz,
 Despois de tanto Sol posto
 Tal inchaço inda em ti jaz?
 Arrenega o mal que traz
 Sempre à memoria maõ rosto.

Tu olhas me de traues
 Parece que a mal o tomas,
 Mas se Gil tu inda este es,
 Não hei medo que me comas,
 Por anojado que estès.
 Posto que por maõ acerto
 Fezeste forte mudança,
 Ia tanto to não referto:
 Mas dehum amigo tão certo
 Deueras ter mais lembrança.

Muitas vezes esmagino
 (Gil amigo, em ti cuidando)
 Na tua brandura, & ensino,
 Que fallarias estando
 Duas horas cum menino.
 Ora olha bem o que fais,
 Tinhas tantos de bõs modos
 Cos iguaes, & não iguaes,
 Quando estauas bé cos mais,
 Das que em ti fallar a todos.

Que se fez do teu cantar;
 Ninguem não cantaua assi,
 Mas para que he preguntar
 Se não que se fez de ti?
 Onde te iremos buscar?
 Não ha ora hum tanto espaço
 Quando lancbra casou,
 Con Gregorio teu colaço
 Quem teue rosto aos do paço?
 Quem tangeo? & quẽ cantou?

Morre cote gado meudo?
 Assi vai de grao em grao,
 Não se pode saluar tudo,
 Vem bom tempo apos o maõ,
 Sofre, que sofre o sefudo.
 Arrenega dos assanhos,
 Ioos deuias ter prouados,
 Não são os males tamanhos,

Se este Março não foi de Anhos
Outros virão melhorados.

Gil.

Seja amigo meu Bycyto
A ta vinda em ora boa,
Eu digo amigo escolhe ito,
Como quem o leite coa,
Q'ha dir por dêtr' ao seu peito
Mas respondendo ao q' dizes,
Vefme cajado & fardel,
Bem sei que ha muitos juizes,
Não caçador de perdizes,
E muito poucos sem fel.

Mas em fim, que pesa ou val
(A nos parece que muito)
Diz Turibio, diz Pascoal
Palavras vaãs, & sem fruto,
E as vezes inda sem fal.

Quando a biberá no ar morde,
Por mais peçonha que traga,
Nã temas q' eu inche, & égorde
Nã ajas medo que acorde
Bradando polla triaga.

Ves tu coufa que estè queda?
Ora he noite, ora amanhece,
Ora corre hũa moeda,
Ora outra, tudo enuelhece
Tudo tem no cabo a queda.
E nos a ter mão na conta
Errada, sejamos velhos,

Quer meninos, q' mais monta?
O presente todo afronta,
A vida vaife em conselhos.

Do leite & fangue empolado,
O bezerinho viçoso
Vai brincando polo prado,
Despois eis que priguiçoso
Ora o carro, ora o arado.
Cos dias & co trabalho
O faltar dantes lhe esquece,
Nã he ja o que era almallo,
Vendafe para o talho,
Queste boy velho enfraquece.
Bycyto.

No começo os erros tem
Bom remedio, ao diante
Tem no maõ, se não vas bem
Peor muito iras auante,
Torna atras que te conuem.
Nã o tenhas por amigo
Quem fala sempre à vêtade,
Que dissimula contigo
Lembrate dum dito antigo
Qu' enfada muito a verdade.

Malvay què sempre empeora
E que meninos pastores
Hum olho ri, & outro chora,
Vem hum diz q' saõ amores
Outro, mas q' he mal de fora.
Hum se torce, outro moteja,
He

He mau jogo este das lingoas,
 Ou seja maldade, ou seja
 Nossa amiga a triste euueja
 Venise em tâto à praça as min
 (goas,

Gil.

O moço q̄ entra em terreiro
 E não toca em chão de leuc,
 Polo ar voa o pandeiro,
 E a toda a festa se atreue,
 Elle sò co seu parceiro.
 Este tal baile, este cante,
 Este seus jogos ordene,
 Corra, voe, & passe auante,
 Este cos saltos espante,
 Este dè penas, & pene.

Mas quem ja se vê das pontas
 Nem acha o que sohia em si
 Começa a tomarse contas,
 Ouui ja melhor, & vi,
 Suar & passar afrontas.
 Ves o tempo como foge
 Que parece que não toca?
 Não queres q̄ homem se anoje
 Que me não conheci oje
 Na fonte em que pus a boca.

E porque t'eu hora conte
 De como me acontecco
 Quando m' eu tal vi de frôte,
 Dos olhos agoa correo,

Mais que corria da fonte.
 Passouseme a sede emfim
 Que m'aquellelha agoa trouuera
 E a tal desacordo vim,
 Que quando tornei em mim,
 Bom espaço o Sol correa.

Byeyto.

Come de toda vianda
 Não andes êstes entejos,
 Não sejas tão vindo à banda,
 Tente ás voltas eos desejos,
 Anda por onde o carro anda.
 Ves como os mûdos são feitos
 Somos muitos, tu sò es,
 Porisso em todos seus geitos
 Hũ esquerdo antre direitos
 Parece que anda ao reues.

Dia de Mayo choueo,
 A quantos a agoa alcançou
 O miolo reuolueo,
 Ouue hum sò que se saluou
 Que ao cuberto se a colheo.
 Dera vista así semeadas,
 As que tinha mais vezinhas,
 Vio armar a toruoadas
 A colheffe as bem vedadas
 Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia hum lhe daua
 Paparotes no nariz

Via ha

Vinha outro que o escornava.
 Ahy tambem era o juiz
 Que se de riso finava.
 Bradaua elle, homês estay,
 Hiãolhe co dedo ao olho,
 Disse então, & assi che vay?
 Não creio logo em meu pay
 Se me desta agoa não molho.

Apaixonado qual vinha,
 Achou num charco quefarte,
 (O conselho auido o tinha)
 Molhouse de toda parte
 Tomoua como mezinha.
 Quantos virão, la correrão
 Hum que salta, outro q̃ trota
 Quantas graças hi fizerão!
 Logo todos se entenderão,
 Eilos vão numa chacota.

Gil.

Tu sabes que eu me abrigàra
 A esta vida de Pastor,
 Viera corrido à vara,
 Cuidei que era esta melhor,
 Que ouuira, & não a prouara.
 Determinauame ja
 D'andar com minhas ouelhas,
 A conta sahiome má,
 Mas tambem ca, como la
 Fadas ha, dizem no as velhas.

Andei dàquem pera alem,
 Vira terras, & lugares,
 Tudo seus auessos tem,
 O que não espermentares
 Não cuides que o sabes bem.
 E às vezes quando cuidamos.
 Que esprimêtado o ja temos,
 A cabra cega jugamos
 A cheyvos ca fortes amos,
 Querem que os adoremos.

Pera o mal que te acontece
 Buscas o amo, ora o sono,
 Ora al que nunca falece,
 Ao trosquiar, achas dono!
 As pressas não te conhece.
 Tudo lhes o demo deu,
 Tè razões màs que nos daõ
 Quando te haõ mester es seu,
 Quando os has mester es teu,
 Que não tés amos então.

Essa vez que saem à rua
 Estremece toda a Aldea,
 Elles bebem, homem sua,
 Doelhes pouco a dor alhea,
 Querem que nos doa a sua.
 Inda que he o dano em grosso,
 Fora de dissimular
 No mais, mas nisto não posso,
 O entendimêto que he nosso,
 Não

Não no lo, querem deixar.

Pollo qual co meu fardel
Fugi das vossas Aldeas,
Nunca fui cresta colmeas,
Nem trago nos beiços mel.
A saudade não se estrece,
Mas cahio me hum coração
Em sorte que muito empeece,
Outro señoer não conhece
Somente a boa razão.

Porem queixome te logo
Que em casos q̄ acontecerão
Vime por ella no fogo,
Bradei, & não me valerão
Brados, queixumes, nem rogo,
Então me sahi meu quedo
A quedo, & fara algum dia
O q̄ outro não fez, & hei medo
De ver mór vingança cedo
Do que ja gora queria.

Pelayo.

Tornasteme ora a lembrança
Hum teu amigo foão,
Que ao tempo dessa mudança
Tua, foite assi a mão,
Como a quem os dados lança
E lembrame ora bem tudo
(Que era eu hi, no tal ensejo)
Inda que então me fiz mudo,

Faloute como sefudo,
Pareceme ora que o vejo,

Seja, (disse elle,) à boa hora,
Mas eu tambem co meu gado
Faço assi contas cadõra,
Cadhora me acho enganado
Desta esperança trêdora.
Dirtey como me acontece
Quando neste valle estou,
Qualquer outro que aparece
Muito melhor me parece,
Não he assi quando la vou.

Assi disse aquelle amigo
Agora digo eu, que hei medo
Quando debates contigo
Que testê mostrando ao dedo
Gomez, Gonçalo, & Rodrigo.
Nã queiras irmuyto ao fundo
Inda q̄ ora tanto entendas,
Nesta razão te me fundo,
Não has de mudar o mundo,
Por mais razões q̄ despendas,

Perigosa he a dianteira,
Deixa ir diãte os mais velhos,
Co a paixão tençoeira
Nunca ajas os teus conselhos,
Sempre foi mã conselheira.
De contino anda ao peor

Sem

Sempre a deuinhando o mal,
 Nunca lhe falece dor,
 Mas se tudo igual não foi
 Seja o coração igual.

Gil.

Se cos teus olhos não vejo,
 Nem ouço cos teus ouvidos
 Por meus sentidos me rejo
 E tu pelosteus sentidos
 Todo o debate he sobejo.
 Comes tubaras da terra,
 Eu não nas posso comer,
 Nem hum nem outro nã erra
 Para que he sobristo guerra
 Come o que bem te souber.

E não te digo que faças
 Quanto ao apetito vem,
 Não entro tanto nas graças
 Mas entendo o saber bem
 Disto que anda pellas praças.
 Porque o tempo fez abalo,
 E somos em forte ensejo,
 Inda aleuanto outro valo
 Que nos docentes não falo
 Os quaes mata o seu desejo.

Bem digo que a verdade era
 Ir pelo fio da gente
 Cos mais, mais forças ouuera
 E o amigo & o parente

Que murmurar não teuera.
 Porem a mim so não minto
 Não dobro, não lisongeo
 Som farto, o que era faminto,
 Que mal he o meu destinto
 Antes seguir, que o alheo?

Vou fugindo às armadilhas
 Que vi com manha esconder
 Não quero ouvir maravilhas
 As vezes muy mas decrer
 Da mãy nagem mas filhas
 Querem q̄ homẽ ouça & crea
 E que estè a boca aberta.
 Não posso, & daqui se atea
 As vezes a mã estrea
 Que a cada passo está certa.

Olha se a razão con crude
 Es doente, teu pay não,
 Digo outro tal da virtude
 Pola ventura es tu são
 Porque teu pay tem faude?
 Não que cūpre outra mēzinha
 Olhe cada hum por si,
 O bem não he como atinha
 Que se apegue tão asinha,
 O mal pode ser que si.

Leme primeiro esta lenda,
 Dexaraõte os teus passados
 Terras,

Terras, & vinhas de genda:
 Olha que vão mesturados
 En cargos, coa fazenda.
 Cumpre a cada hum q̄ arribe
 Perfi, se desejas honra
 Não te abasta, donos tiue,
 Que quē como elles não viue,
 Tanto mais sua des honra.

Byeyto.

Pois contigo a razão val
 Vejamos quem mais conjūta,
 Olha que todo animal
 Forte, ou fraco, aos seus se ajūta
 Por distinto natural.

As pombas andão em bandas,
 Voão Grous postos em haz,
 Estas andorinhas brandas,
 Não querem de nos viandas,
 Querem companhia, & paz.
 Como no mundo apontamos,
 Do ventre em terra caimos,
 Como de nosso choramos,
 Doutrem, que ajudar pedimos
 Nosso os para que prestamos?
 Então ver a fantasia
 Dos nossos leues zagaes,
 Aquem inda mais diria
 Que não hei por companhia,
 Saluante a dos meus iguaes.

Hum bacorote honra diço
 Foy ver ogado ouelhum,

Polo todo a seu seruiço
 Trombejava alli hum e hum
 Que espantalo era o seu viço.
 Vem hū dia o lobo, & a panha
 O bacorote engrifado,
 Abrandoulhe aquella sanha,
 Brada elle em pressa tamanha,
 Cadum de si tem cuidado.

Vinhão os porcos d' Aldea
 Atras, & grunhir ouuirão,
 Hum escuma, outro esbrauea,
 Estes si que lhe acudirão,
 Perde o lobo a sua cea.
 Olhou elle, & vio tremar
 Da laã brāca o gado, & o lhādo
 De longe se poem a ver,
 Disse, Antes mandado ser,
 Que a tal perigo tal mando.

Fui hum dia à villa Gil,
 Eu logo oo sair da casa,
 Mais verde que hum perrexil,
 Cuidei que mataua a brasa
 Degalante, & de gentil.
 Bempassei cos viandantes,
 Mas despois la quando cheas.
 Vi as ruas, de galantes,
 Seu viera vfano dantes,
 Não tornei tal as aldeas.

Em quanto hum diz, outro ri.

Bom

Bom vay o do barretinho,
 Nunca o tão figadalvi,
 Chamauão me outros ratinho,
 Hūs assi, outros assi,
 Finalmente por acerto
 Vinhãose dos nossos ja,
 Deixeios chegar ao perto,
 Hi passei como encuberto,
 Mas tarde me acolhem lá.

Gil.

Falame nos animaes
 A que nos brutos chamamos,
 Que guardão leis naturaes,
 Nos outros nã nas guardamos
 A isso obrigados mais.
 Estes homēs com quem tratão
 Não homēs, mas liões brauos,
 Por força tudo rematão,
 Os liões não te resgatão,
 Não te vendem por escraues.

Para que mandem nem rejão,
 Não vão as agoas tingindas
 Do seu sangue, se pelejão,
 Não alção forças erguidas,
 Onde às aues manjar sejão.
 Não tem repartida a terra,
 Por marcos tão desiguaes,
 De sangue & fogo, por guerra,
 Hum possue de serra a serra,

Outro nada, ou dous tojaes.

Espanto he desigual
 Da lei q̄ entre si tem gralhas,
 Vendo hũa que passa mal
 Decem gritando em batalhas,
 Não tratão estonces de al.
 Ora te direy assi,
 Quem diz o q̄ vio não mente,
 Guarde de cair aqui,
 Que veras passar por ti
 O amigo, & o parente.

Nunca ora ouvi hum rifaõ
 Mais sabido, & mais vsado,
 Que darem todos de mão
 Se jaz o carro entornado,
 Os que vem, & os que vão.
 Falo porem geralmente,
 Não tomes outra sospeita,
 Que he mui sospeitoia a gēte,
 O meu amigo feruente,
 Não entra nesta receita.

Muytos dos vaos apalpei,
 Aos trabalhos me despus,
 Desque cuidei, & cuidei,
 Disse comigo, Ora sus,
 Se erros fiz, erros paguei.
 Cuida homem que bẽ escolhe
 As singellas so consigo,

Não

Não fei quem te a vista tolhe
Fujo como quem se acolhe
Donde vê, certo o perigo.

Andando sô não me empecem
Maos olhos, nê mas patauras,
Nem se apega, se engafecem,
Por outros fatos as cabras,
Curoas se me adoecem.
Porque tudo diga em foma,
Não me tomo que o cabrito
Me escôda o vezinho, & coma,
Aqui se paixão me toma,
Posso cantar voz em grito.

Que me não ouça ninguém,
Somente as aues (que taes
Duas auantagês tem)
Destes outros enimaes
Voar, & cantar tambem,
Ou ao som dagoa que cae
Rompendo pelos penedos,
Deçe ao fundo, ao alto sae,
Ella que a grão pressa va y
Elles para sempre quedos.

Ves tu as minhas cabanas,
Se o vento se muda ahsi,
As reuezo eu, Aldas, nê Anas,
Não dão voltas por aqui
Mais leues que ao vêto canas.
Cantando dos seus solaos,

Que me, fação merecer
Muytas destas varapaos,
Com seus olhos vaganaos,
Bôs de dar, bôs de voluer.

O sol de dia, as estrellas,
De noite, quantas que vemos
Nacem dellas, poemse dellas,
Olhamos mais q̄ entendemos,
E alúa fermosa ent r ellas
Que se renoua & reueza,
Ora hum fio, ora mais chea,
Ora em sua redondeza,
Cada mes (com que certeza)
Semelha à da nossa Aldea.

Do que ao meu gado sobeja
Vou viuendo ano por ano,
Pouco ou muito que elle seja
A ninguém não faço dano,
E não se ha ao pouo enueja.
Parece vida em verdade
Dos mastis, gado, & pastor
Como de cômunidade,
Conta a fome & frieldade
Tudo rege, & manda a mor.

Do mais dezia Pascoal
Sabes que he o que nos come
Ma cobiga que não al,
Onde quer se mata a fome,
Matão se appetites mal.

Polo sol & pella neue,
 Natureza a grande madre
 (Qu' aos filhos tábé cho deue)
 A tudo acudir se atreue,
 Por mais q' este ventre ladre.

Meugado leuo, esse figo,
 Que inda são mais embaraços
 Do que eu quifera comigo,
 Passei por tantos dos laços,
 Que olhar somente he perigo.
 No meu çamarrão metido,
 Que mais quero? fou pastor,
 Cà nunca chega apellido
 De fogo, nem de arruido,
 Mal se for, mal se não for.

Aqui por estes abrigos
 (Os mais debates deixemos)
 Virão verme os bõs amigos,
 Ao Sol nos estenderemos,
 Fallando em tempos antigos,
 E despois dos meses mil
 Quiçais inda dira alguém,
 Olhando este meu couil,
 Por a qui cantaua Gil
 Sem queixia de ninguem.

Quando tudo era fallante
 Pasçia o Ceruo hũ bõ prado,
 Ahi veyo o cauallo andante,
 Quis comer algum bocado,

Pos selhe o Ceruo diante,
 Outra razão lhe não deu
 (Que erão pacigos geraes,)
 Saluo posso, & quero o meu,
 Este Meu, & este Teu
 Tanto ha ja quenos fez taes.

Vendo tão pouca prestança,
 O cauallo dantes forro,
 Com desejo de vingança,
 Pedindo ao homem socorro,
 Por terra aos seus pees si lança
 Não pode à justa querella
 Deixar de se por no meyo,
 Mas foi necessaria a sella,
 Fesse o homem forte nella,
 Toma a redea, proua o freo.

Assi dão volta ao imigo,
 O Ceruo quando tal vio:
 Homem ao caualo amigo
 Deixoulhe o campo & fugio,
 Foy buscar outro pacigo.
 O cauallo vencedor
 Corre o verde o corre o seco,
 Fora, fora, o contendor,
 Ficoulhe porem señor,
 Não foi tanto o outro enxeco.

Quem ha tal medo a pobreza,
 Tal a fome e frialdade,
 Que por ouro & por riqueza
 Da a

Da a sò rica liberdade,
E mais outré que a si preza.
Selhe ves herdades largas,
Não lhe ajas enueja á troca.

não se acha o que faltã.

Mas tu olhas o Sol que anda,
A migo que he tarde, folga ora
Deixemos esta demanda,
Mal auinda pera outra hora
A cea fora mais branda.
Com dous peixinhos passaras
Do rio não d' Almocreues
Que as villas fazem tão caras,
Beberas das fontes claras,
Sonharas sonhos mais leues.

Byeyto.

Voluesme as coufas de enuees
Ques por força que te crea
O que tu quiças não cres,
Sabe que alma he ja na Aldea
La me haõ de lauar os pees.
E tu dize o que quiseres

Torce ca & torce la,
De fende teus pareceres,
Mas onde hi não ha molheres
Vida, nem gosto não ha.

A quella graciosa idade
Que òs olhos vistos nos furta
Com tanta força a vontade,
Com tanta o juizo encurta
Não he de todo vaidade.
Suspiraste, ora eu te entendo
E vernoshemos despois
Por ora a Deos te encomêdo.

Gil.

Não te quero estar detendo
Byeyto. (bois.
Voume (q̃ he tarde) aos meus
Basto.

Contouse isto polla Aldea
De pastores, em pastores,
Logo foi a terra chea,
Entaõ quaes eraõ melhores.
Mas reuolto o Calendario
Visto tudo, & contas feitas,
Fica assentado hum summario
Gil por homem voluntario
Homem Byeyto ás direitas.

N

Celia.





E C G L O G A C E L I A

A o I f f a n t e D o m L u i s.



Erenissimo Iffante, a quien se deue
 Fuego d' Esmirna, o Mantua, a quien el mio
 Quando mas arde es vna fria nieue
 Del siempre clado Boote, y del tardio:
 Mas gran Señor en partes dò no llueue
 La niebla se deseca, y el rocio,
 Y no se puede continuamente estar
 En armas, y atalaya, y pelear.

Las Musas, quando Vuestra Alteza andaua
 Alas altas empresas, de si dinas
 Que juntamente tremia, y sudaua
 Africa toda, en veer las altas quinas
 De su Real guion, quando assomaua,
 Vistes las a sus fuentes mas vezinas,
 Entonadas mejor, y mas de veras,
 Oyllas eis aca, como estrangeras.

Por ora callarícha Tunes entrado
 A fuerça d'armas, y dende escondido
 Qual va huyendo el Tyrano apretado
 De las fuerças mayores constreñido,
 De Hercules vn ladron Caco a famado
 Por honra auer deuiera ser vencido

En humo

98

FR. DESA A DE MIRANDA
En humo se emboluiá, y fuegos vanos
Fiauafe en huyr, mas que en las manos.

S Al sancto Rey Luis com tanta gente
Cruzada, y Carlo quarto de negosse
(De Francia entramos) lo q̄ ora al presente
A vos em nuestra gloria referuofe,
L' antiga y gran Carthago juntamente
De los daños passados recordose:
Temblauan Africanos coraçones,
Viendo venir á si dos Scipiones.

Antonomasia pimenta yuame que dos quide demul

Ah los juizios ciegos de Christianos,
Ah furias infernales, ah pecados,
Que en vuestra sangre ensaziaes las manos
A tamaño sabor de arrenegados,
Auiáros I E S V Christo hecho hermanos,
Deshazeiuos crueles a bocados,
Tantas banderas, tantos capitanes,
Y dexaes la ciudad santa a los canes?

Quando sera aquel dia que a la vuestra
Armada mano se rinda la fortuna?
Que algo de embidia atãta gloria muestra?
Quando sera que yo vea vna laguna
De sangre infiel vertido dessa diestra?
Yo que lo cante al Sol, cante ala luna
Triumphos quanto a vos mucho deuidos,
Deseos quanto a my mucho atreuidos.

S Finalmente (Señor) puesta a de parte
Por vn poco la espada, el verdadero

N 2

Y alto

Y alto juicio buelua a questa parte
 Donde entra por la mar, turbado el Duero,
 Y donde con gran fe, mas com poca arte,
 Cantan pastores al modo estrangero,
 Corren lagrimas justas sin parar,
 Mientras Neiuva tambien corre a la mar.

Pastores da Egloga.

} Aurelio.
 } Mauricio
 } Amaro.

Aurel. Que quiere (ò mi Mauricio) dezir tal
 Vuiar de perros, como ala porfia?
 No se que se han, cierto es q algun gran mal.
 Aues nocturnas buelan dentre dia,
 Lobos tan brauos de su natural,
 Vienēse ala Aldea de la ferrania,
 No vees el mal gusano, y que pesares
 Se ha hecho de las huertas, y pomares?

Vna mula ha parido en nuestra Aldea,
 Y las vacas no paren, ayer cayo
 Del cielo vn breue, y no ay quien lo lea,
 Son frayle, o erego que ya missa cantò,
 Con dos cabeças (cosa estraña y fea)
 Vn poldro conseis pies (diz) que nascio,
 Como gallos cantaron las gallinas,
 No vinieron ogaño golondrinas.

Vemos muertos caerse los borregos,
 Caen las madres d'otra parte muertas,
 Los ojos que tal veen paranse ciegos,
 De todo son las causas encubiertas.

Buelan de noche por los ayres fuegos
 Que carreras atras dexan abiertas,
 Cosas que nunca vimos, ni pensamos,
 Dios nos guarde de mal los nuestros amos.

Ca dizen que ferio por la cabaña
 Del buen Alonso vn rayo, (aquel pastor)
 Que apacienta lo mas de la montaña
 Ah no nos tenga el cielo tal rancor,
 No parece fino que Dios se ensaña,
 Amor en nos no veè, prueua el temor,
 No vees quantas de vezes se estremece
 La tierra, antes tanfirme, ora enflaquece?
 Aquel noble zagal que aqui cercano
 Con tanta nuestra esperança crecio
 Quando el la boz diuina con la mano
 Tambien diuina, tañendo acordò,
 Luego a bozes lo dixo vn viejo cano,
 (Ah de lo por venir quanto que vio)
 Quan presto te arrepientes cruel hado,
 En dando vn grande don, de auelle dado.

Mauricio.

Por cierto que yo lo vi, que no quisiera
 Auello visto, lleuofelo el palacio
 Crecia en todo a ojo, quanto fuera
 Mejor, y mas seguro, irse despacio.
 Cuentan milagros del, es que alla fuera,
 Mas a tal prissa cierto està el cansacio,
 Sea de cuerpo, spiritu, o de ventura,
 A cansar presto va quien se apressura.

Mas bolviendo a no sotros (pastor bueno)

N 3

Quando

Quando aqui veo tantas de señales,
 Quando de maldad tanta el mundo lleno,
 Alla los viejos van, y los zagales,
 Estoy confuso, mal duermo y mal ceno,
 Temiendo a nuestras culpas desiguales,
 Es mucho el pecar nuestro, es sin emienda
 Que himos siempre acorrer suelta la riéda.

Mauricio,

Agora Aurelio entiendo que tu solo
 Eres el que aun no sabe el grande daño
 Deste nuestro concejo, que affololo
 Como por tierra vn caso duro y extraño:
 A quel bien suyo, la muerte lleuolo,
 Quien péso veer tã presto vn mal tamaño?
 Nuestra Celia es muerta, ay breue cuento
 Tan dino de infinito sentimiento.

Aurelio.

Afsi que es muerta Celia? y pudo muerte
 Hazer, (aunque cruel) tal crueldad?
 Como? y todo vasse ansi por suerte?
 Sin orden, sin razon, sin igualdad?
 Tan presto tanta gloria se conuierete
 En nada? estado, fuerça, y fresca edad?
 Triste de my, de vida ya Celia es fuera?
 Quien oye tal, tambien, q̄ no se mueua?
 Dexemos la beldad (que ella tenia
 Por cosa vana) (como cierto es vana)
 De que a las otras tal cuidado veyá,
 Mas en cuerpo tan sano, alma tan sana.
 Que para nos, no para si biuia,
 Como la muerte fue tanto villana?
 Cortò la rela ante tiempo sañuda,
 Dexa tanta de gente acá desnuda?

Mauricio

Mauricio.

D'Amaro y que sera? solo dexado
 Por raro exemplo d' vna triste vida?
 Como por muestra, y como por dechado
 A nos sera ella corta, a el complida.
 Quan presto tanto bien se ha traftornado?
 Ay bienes falsos, ay vana y finginda
 Muestra, que ala deshora buelue en daño
 Vanos ansi engañando d'año en año.

Aurelio.

Pues aun no sabes bien lo que passe
 (Digo con el combate desigual)
 Era el dolor deuido, pero fue
 El impeto primero irracional,
 No de hombre, aun que barbaro, y sin fe,
 Sin alma, y sin razon, todo bestial;
 Quiso boluerse a si como enemigo,
 Son que lidiar cumpliolo antes conmigo.

Quantas vezes que el alma vi cuitada
 Partirse tras la santa suia della,
 Dexando el cuerpo alli como vn nonada,
 Solo tendido como que iua a vella,
 Dende a buen rato, toda trabajada
 Boluer de nueuo, alli quanta querella?
 Y que gritos tan altos, tan sintino
 Vnos tras otros daua de continuo!

Cruel Celia (dezia,) ansi me dexas?
 Quien te me hizo cruel? no me responde,
 Señal que ya no las oye estas mis queexas:
 Tan lexos la lleuaron? triste a donde
 Te me han Celia lleuado? ansi te alexas

Sin mas piedad de my? quié te me escõde?
 Quien fuyendose va, (dezidme) ah quien,
 Fuyendo se me va con tanto bien?

Luego boluia, veis que piadosa,
 Veis como siempre blanda, y nunca esquiua,
 Me buelue a veer, mas como tan cuidosa,
 Dexadme alla salir, a veer si esbiua,
 O si me engaña esta alma dessecosa,
 Que es esto ado se fue; mudada que iua?
 Y quanto (ò triste) toda d'otramente
 De la Celia que yo vi primeramente?

Quantos de desuarios? que sin cuento
 De desconciertos dixo? y que de antojos?
 Y de fantasmas veyá en vn momento?
 Tieffos, y siempre enxutos los sus ojos,
 Dezian que del mucho sentimiento:
 Todo y en todo dado al dolor malo,
 Vn contino furor sin interualo.

Aurelio.

O Celia quantas lagrimas deuidas
 Y quantas teeran, si lagrimas nos dieffen
 Remedio alguno, de mas a las vidas:
 Y de otra parte si auidas no fueffen
 De los mas sabios, por mal entendidas,
 Y aun por flaqueza si gelo creyessen,
 No digo mas de si, ni mas de nõ,
 Soncas causas ternà quien nos las dio.

A quel dolor que va turbando dentro
 El cuerpo todo con los sus sentidos,

Y passa al coraçon, que es el su centro,
 Lagrimas d'allamanda, y los gemidos,
 Que abrè caminos a aquel duro encuétro,
 Sino que es fuerça siendo detenidos,
 Que alla encerrado el fuego, y las centellas
 Ardian las casafas, y el señor con ellas

Por tanto amigo ruegote Cacordadas
 Nuestras samponas (que aqui las tenemos)
 Mientras que van buscando las manadas
 Algo que coman, nos Celia cantemos,
 Que despues cantaran muchas vegadas,
 Pastores de que nada ora sabemos,
 Cantaran a la sombra de stos pinos,
 D'alto responderan montes vezinos.

Mauricio.

Que podria yo Aurelio hazer por tí
 Que mas de grado hiziesse? aũque estoy tal
 Del llorar mucho, y poco que dormi,
 De mi parte no se: mas tal o qual
 Cumplase todo por amor de tí,
 Que auenturo contigo en bien ni en mal?
 Pero començare sin mas escufas
 Con buena ayuda della, y de las Musas.

Canta.

Esta forriendo Celia de la ciega
 Nuestra vista mortal a tanto en ferma,
 Semejante à aquel juego que se juega
 D'ojos cubiertos, que tan mal aterra,
 Ella vèe todo, y juntamente ruega
 Por la su gente, y dize que no duerma,
 De contino amonesta, que eepequeño,

Es vn

AS OBRAS DE

Es vn no nada el plazo, es grande el sueño.

Bien vee que los plazeres, los enojos
Nuestros son vanos, pienso cierto, o creo
Que a menudo hazia aca buelua sus ojos,
Donde dexò de si tanto desseo,
Y donde aquellos sus altos despojos
Del cuerpo, donde sus joyas y arreo,
Los hijos (como en vida ella dezia)
Y donde la fiel su compañía.

Y viendo quantas lagrimas por ella
Se derraman aca, tanto mas fruto,
Enchiendo el ayre de tanta querella
Messandonos, cubriendonos de luto,
Sabiendo, si llegassemos a vella
Que luego todo se veria enxuto,
Buscaesme alla tanbaxo (dize) errays
Do buscar me deueis, no me buscais.

Mi bien, o que plànis? no la turbeis
Amigos la mi paz, sola esta es vida,
Muerta esta que por vida alla teneis
Vn punto, vn no se que, la mas cumplida,
En vanos pensamientos no os fieis,
Ay quan cedo que alla todo se oluida
De muerte en muerte andaes, no veis quan
Vna la vida mata, oluido el resto. (presto

Quanto tiempo sereis niños chiquitos
De los que andan burlando a su plazer?
Tiñese y no la cara, eis alçan gritos

De micdo,

De miedo, y van corriendo al mas correr,
 Lauase el gesto, bueluen los loquitos.
 Ryendo hasta de rifa se caer,
 De las rugas burlaes, blanco el cabello,
 Burlaes, miedo al morir, q̄ es como aquello.

Lo que de mi preciaes, es poca tierra,
 Que ya nada siente, es lo que siempre fue.
 Lo menos cierto os haze cierta guerra,
 Is vos tras lo que veis, no tras la feè,
 Qual de vos otros sus sueños afferra?
 Y soñaes toda via no se que,
 Deseos vanamente asì estimados,
 Que matan deseando, y ya alcançados.

Estès por siempre buena Celia en gloria
 Alla, y en fama qual dexaste aqui,
 Deuiose tal corona a tal victoria
 Del nemigo, del mundo, y de ti,
 Tales contrarios que en nuestra memoria
 No se vencido quien los aya asì,
 Derechamente corriste ala palma,
 Dexaste el cuerpo atras, auante el alma.

Aurelio.

O buen Mauricio y con que medecina
 Vngiste la mi llaga, honda, cruel,
 Con tan dulce breuage, y tan diuina,
 Que me diste por medida, y por niuel,
 A quel mal, muerto que me viera ayna
 Tu me saluaste de las manos del,
 Hirierame el dolor que aya mal grado
 Ayas lo bueno tu, que me has sanado.

AS OBRAS DE

Agora pues tal es, amigo escucha
Prouare la çampoña, si ha tambien
Cobrado aliento, traz l'angustia mucha,
Que a reuezes se van el mal y el bien,
Cayendo y leuantando como en lucha,
Las ondas con el viento van y vien,
Ora la buena Celia se leuante
Para que della taña, y della cante.

Canta.

Alçose deste baxo Celia a buelo
Dexo la tierra, que della era indina,
Passo nuues, passo de cielo a aielo,
Matò la sed en la fuente diuina,
Cessen los llantos, cesse el desconfuelo,
Que ella nos llama a fiestas, y encamina
No se oygan mas aqui, saluo cantares,
Dezidme los a cientos, y a millares.

Oyanme todos que la Celia nuestra
Es hecha de mortal que era, immortal,
Quien no lo vee? a quien no lo de muestra
Claramente tal vida? y muerte tal?
Quan diferentes fiestas que ya le muestra
Su guia (a toda parte) angelical
Bolued todos porende en vuestras inéguas
A Celia el coraçon, bolued las lenguas.

O buena, ô santa Celia, estos estremos
Que viste y vees d'alla de temporales,
No labramos las tierras, no tenemos
Con que, ni para que, si tu no vales,
Quanto sudamos, quanto q'hecho auemos

Todo

Todo fue por demas, a tantos males,
De Dios algun remedio nos alcanza
A los tuyos (oy mas) cierta esperanza.

Demuestranos d' ella Celia aquel santo
Amor, que de los tuyos te encendia
Que amaste tanto, y te amaron tanto,
En ti el su mal, en ti el su bien se vey a
Y conque angustia el mal, el bien con quanto
Zelo de caridad? con que alegria?
Como en la casa veese al grande espejo
El que entra ledos, o triste, el moço, el viejo.

A quien yran con fuza en los clamores?
En las sus rogatiuas y demandas
Son que a ti buena Celia tus pastores
Y las zagalas partidas en bandas?
Ellas cantando dellos sus loores,
Ellos callados texendo guirnaldas,
Ellos, y ellas todos tus deuotos
Comiença a acostumbrarte a nuestros votos.

Ergued aqui conmigo vn memorial
Que a cierto tiempo vengán por los años
El buen viejo anciano, y buen zagal
Y juntamente vernán con sus rebaños
Que de mala cagion guardes, y mal
De malos ojos que hazen tantos daños.
Vernán honestas, y buenas Zagalas
Manda el bosque vedar (Celia) a las malas.

Que es esto? o si me engaña el gran desseo
O Cierro

AS OBRAS DE ;
O cierto que las agoas deseadas
Caeran presto, que señales veo,
Las garças van bolando en alto alçadas,
Mueuse la floresta a lo que oteo,
Muestra la Luna manchas assombradas,
Vanse los altos de niebla cubriendo,
El Sol embuelto en nuues escondiendo.

Mauricio.

Como quien atrauiesia vn monte erguido
Sin sombras, y sin agoa en las calores
De Iulio y Agosto, vn mes, y otro cumplido,
Y quando son en toda parte ardores
A tanto mal, cansacio aun añadido,
Falta el aliento, crecen los sudores:
En fin por vna peña agoa que caya
Se buelue luego a vida el que desmaya.

Tanto tus dulces versos me pluguieron,
Y tanto tuuon de fuerça y poder,
Que otro me han fecho, como se perdieron
Entre nos el cantar, como el tañer?
Que tanta fama a los pastores dieron?
Mas dizenme que vienen a correr
Ciertos pastores del estremadura,
Que deste ayre hecharon la niebla escura.

Aurelio.

Oyes? o quiçano, Mauricio hermano
A quel por cierto s'es el triste Amaro,
Que con la muerte va peleando en vano,
Passado del dolor de claro, en claro,
Hanlo como metido a sacomano,
Amor y muerte fecho exemplo raro

De la

De la fortuna, y de sus embaraços,
Conel brauo dolor, anda a los braços.

Amaro,

A que parte se es ida esta alma mia?
Quien me la enseñara? o que hago aqui?
Sin ninguna de dos que antes tenia?
Entramas se ajuntaron contra mi,
Dexanme ciego, dexanme sin guia,
Pareceos este Amor? dexarme ansi?
Nunca han quefido conmigo llevarme,
Nunca tornarme a veer, ni a consolarme?

Como vna llama por el monte ardiendo
Que presto en alto buela, y no aparece,
Sale de vista assi, viendo, y no viendo,
El humo solo turbio remanece,
Ora tal claridad resplandeciendo
Agora agora como se escurece
Ansi tan presto? triste ado me ire?
Sin ti, y alla sin ti que me vere?

Cuitado, y los lugares do te veyá
Y donde me eras cadora presente,
Y todo aquello que en tu compañía
Me era vida y salud, son me otramente
Son ansias, soledad, y cuita mia,
Huyendo se va el coraçon doliente
Dexadme ir abuscallo, y si no viene
Tenga tambien amy quien me lo tiene.

Mauricio,

Sintionos compañero, y no ha parado
Como pararia, y a dò, quien de si fuye?

AS OBRAS DE

Bien como herido corre el gran venado,
Crece corriendo el mal que lo destruye,
Que labra el hierro, y tiro auelenado,
Tanto mas con el trabajo la vida concluye
Ya que no puede mas, caer se dexa,
Pone ala vida fin, pone ala quexa.

Mas vamos al lugar religioso
Ya agora, y sera en el siempre por venir
A todos, donde en paz yaze y reposo
Lo que de Celia no pudo sobir
Por ora al cielo, mas ò que sabroso
Letrero Aurelio, ponte me a oyr
Veras poner seis cientos por aqui
Tal deseo dexo Celia de sy.

EPITAPHIO.

Buen'alma que la carne aca dexaste
No pudiendo sofrir mas tiempo el peso
Suyo, con quien en bregas siempre andaste
De mi piedad te mueua, que aqui preso
Al amor de las cosas que aca amaste,
Estar me mandas, ay no basta el seso
A tanta cuita, todo prueuo en vano
Estiendeme d'alla, Celia, la mano.
Aurelio.

Este sacòlo Amor de las entrañas
D'aquelpreciado, tamaño pastor
No podieron las fuerças ser tamañas
En otro spirito, ni tan raro amor
Vernan pastores de nuestras montañas

Aprouar

A prouar sus samponas y valor:
 Mas quien quieres que iguale, o taña, o cante?
 A quien amando así passa adelante?

Ora abalemos para el nuestro abrigo,
 Que ya me parece que vrrian las cabras,
 Y las ouejas, Turibio y Rodrigo,
 Otros sueltan los bueyes, dexan las labras.

Mauri. Si, qu' es tiempo, mas primero amigo
 Digamosl' estas deuidas palarbas,
 Seate (ò Celia) la tierra liuiana,
 Nascan rosas aqui, nasca la grana.



A N D R E S.

Ecgloga ao Duque de Aueiro.



L congoxoso llanto, el temerario
 Amor del nuestro Andres, la marauilla
 Que al hato lo voluio, todo al contrario
 Que dantes era, ya manso y sin renzilla,
 Tanto medio mudo, y solitario,
 Que solo vello mueue a auer manzilla,
 Mientras yo canto, cante aqui conmigo
 Amor, aunque cruel, aunque enemigo.

O

El

As obras de

El primer amor suyo, el primer fuego,
Y los primeros suyos desconciertos,
Centellan los sus ojos sin sosiego,
A desora de lagrimas cubiertos:
De malos celos, y de furia ciego,
Va se brazos cruzados, quando abiertos,
Que reposo no da se, ni vn pequeño
D'espacio, ni al comer, ni al dulce sueño.

Señor, y no os sea en menosprecio
La çampoña de Pan Dios de pastores,
Tenida antiguamente en tanto precio,
Tambien entre los Principes mayores,
No podemos a Codro, a Mucio, a Decio
Todos cantar, no los altos señores,
Los Reyes vuestros passados y presentes,
Esforçados en guerra, en paz prudentes.

A vos señor no os cupo en suerte guerra,
Estamonos aqui como en vedado,
Por el gran Rey que en paz rige su tierra,
A nos vn Numa, Romulo grande armado,
A los infieles que lexos destierra
Temido dellos, de nos mucho amado:
Entretanto os abris altos caminos
Por los libros humanos, y diuinos.

Entre

Entre los quales tienen su lugar
 Las blandas Musas, que alivian el peso
 Del mucho estar a tento a especular,
 Que aturar no lo puede humano seso,
 Mas alto s'alça que solia estar
 El ramo, que algo yuso estuuo preso,
 Y puedese mejor boltando vn trecho
 Subir al monte, que luego al derecho.

Pudierades passar la juuentud
 Como otros grandes Principes, andando
 A passatiempos, y a la multitud
 Delos deleites, onde, como, y quando
 Hiziesseos mas hermosa la virtud,
 Assi como ella va de flaco vando:
 Tan presto conoscistes los afeites,
 Y el falso resplandor delos deleites.

Bien vimos quanto os plugo la pintura
 De Hercules quando moço en despoblado,
 Por hierta via, d'vna vieja dura,
 D'vna moça por llana encaminado.
 La vieja espinos muestra hasta el altura,
 Flores, fuentes, la moça por el prado:
 Mas aquel coraçon que no desmaya,
 Por el monte agro va, dexa la playa.

As obras de

Ora otra vez a Andres, que va fuyendo
Delos otros pastores, y lugares,
Y aun los caminos cuitado, añadiendo
Vanamente, cansancio a los pesares,
Ah loco y de quien fuyes? vas corriendo,
Vas dando viento al fuego, y si mirares
Arde la llama mas, otra vez loco,
Porque corres al mal? ve poco a poco.

Tu mientras que los otros apascientan
Los sus rebaños, Ioan, Pedro, y Rodrigo,
En duro pedernal huego arrebianan,
Y furtados al viento en buen abrigo,
Delos passados sus cuentos recuentan,
Tu debatiendo vas solo contigo,
Mientras tañiendo estan, mientras cantando,
Tu solo assi te vas devaneando.

Pascoala cruel sierpe, (no offendida
Alomenos de mi) toda inflamada
De su veleno, aâ d'arremetida
El cuello, el pecho, y la cabeça alçada,
En tres partes la lengua repartida
Como llama de fuego apressurada,
Qu'es esto? qu's lo que bize? ah que me quieres?
Cruel, la mas cruel de las mugeres?

Querida

Querida sobre todas las zagalas,
 O que hechizos, ò que encantamento,
 Y dura fuerça de palabras malas,
 Ansi te han hecho sin conofcimiento!
 Bien pintan al amor ciego y con alas,
 Alçose presto, y tan liuiano al viento,
 Yo tras el d'assomada en assomada,
 Que no se tras que voy, voyme tras nada.

Y nunca quiero entrar conmigo en cuenta
 Que cierta sea (triste) ni saber
 La causa por que esta alma a si se affrenta,
 Que a nadie mas que a si deue querer,
 Amor como enemigo, que consienta
 Me dize, vine triste a vn cierto ser,
 No se a quien fuyo, fuyo mi ventura,
 Que buen remedio locura a locura.

Aun las fieras seluages como son,
 Vencer se dexan de humanidad buena,
 El toro brauo, el tan brauo leon,
 Con tiempo muestran que no sienten pena,
 El vno en yugo, l'otro en la prision,
 Si la boz conofcida al ayre suena
 Del balconero, luego desd'el cielo
 Oyendola el balcon, baxa de buelo.

As obras de

Todo lo vence el tiempo, y la porfia:
En piedras duras si el agua desciende,
Ella tan blanda, caua toda via:

Es duro el hierro, gastase por ende,
Lo que vn dia no puede baze otro dia,
A las sus fuerças quien se le defiende?
Durissima Pascuala, quanto en ti
Amor, trabajo, fee, tiempo perdi?

Vemos la golondrina, buelto el pecho
Al viento, como vn rayo yrse bolando,
Or en cielo, or en tierra, el cuerpo estrecho,
Sin las alas mecer, son quando en quando:
Contra la vena d'agua va al derecho
La trucha, aun las acudas traspasando,
Con quantas aues mientras dia buelan,
Otras ay que las noches se desuelan.

Ay animales que a los nuestros fuegos
Se acogen, constreñidas del mal frio,
Otros nos buyen, son como vnos juegos,
Vnos al monte vanse, otros al rio,
Otros por dentro dela tierra ciegos,
Ende se biuen, otros del rocio,
Otros del fuego: no tienes Pascuala
Condicion de muger, no de zagala.

Mas

Mas antes de zagala, o de muger,
 Que debaxo d'aquella vista hermosa,
 Tan llegada a diuina al parecer,
 Escondio la natura artificiosa
 El mayor mal que pueden ojos ver,
 Engaño que haz la pena deleitosa,
 Ponçoña de gran fuerça mata el vellas,
 Mata el oyllas, mata el oyr dellas.

Oo que ayas mucho de mal grado Amor,
 Que assi nos turbas el entendimiento,
 En lo que's mas dañoso ay mas sabor,
 Errado el peso, la medid' y el cuento,
 Donde se sigue que de aquel error
 Se vengán recreciendo ciento y ciento,
 Qual fuente auelenada perenal,
 Donde mana despues tanto de mal.

Suerte triste y cruel, que tal consiente,
 De monte en monte voy, de valle en valle,
 Huyendo lo pisado dela gente,
 Para que solo grite, y solo calle:
 Amor viense tras mi porfiadamente,
 Que no se quien lo enseña a que me falle,
 Ya tiempo ser deuia que dexasse
 Este Andres triste, y qu'otro Andres buscase.

As obras de

A quien como a zagal mucho sandio
Mostrasse qu'en bolviendo los sus ojos
Tan blandamente, no dexa aluedrio,
Inchiendo el ayre de vanos antojos,
D'vn querer, d'vn esperar, mas que baldio,
Gozos inciertos, ciertos los enojos:
En fin (como se dize en viejos cuentos)
El ayre lleva los encantamentos.

Aquellas sus pinturas tan hermosas,
Aquellos muchos en puntos pequeños,
Aquellas prayas tanto deleitosas,
Aquellas tantas riquezas sin dueños,
Tantas sin precio piedras preciosas,
Las naues viento a popa, vanos leños,
Las fuentes claras, tan frescas verduras,
A desora (no veis?) son peñas duras.

Mas eya, que ansi manda aquel villano,
Aquel niño, aquel ciego, aquellos celos,
Que vaya adonde el mundo, el siempre cano,
De nieues blancas, de continos yelos,
Las aguas presas, el sol cansa en vano,
Siempre ñublados, y turbios los cielos,
Como se alçaron en las mis entrañas,
A ver si resfriaran llamas tamañas.

O por ventura seria mejor
 Irm' hazia estotra parte, adonde vea
 El sol andarme siempre al derredor,
 Que no s'esconda, como que esto sea
 Siquiera algun aliuio a mi dolor,
 De que esta alma vencida deuanee,
 Triste, d'otro quiza podras fuir,
 De ti como podras descabullir?

Si vn' hora no podia estar sin ti,
 Como podre passar por los tamaños
 Dias, como ora vienen sobre mi?
 Como las tristes noches? que son años?
 Si todo, si a mi mismo aborrece?
 Despues que supe mas destos mis daños,
 Ora desengañado aqui que attiendo?
 Que m'aconseja amor? que no lo entiendo?

Con que viene de nuevo esta mal sana;
 No se si es alma la que me detiene,
 De noche auiendo miedo a la mañana,
 De dia a la su noche quando viene.
 Ora fuye, ora buelue a mi liuiana,
 Por como algun antojo sobreuiene,
 Ya que no vee se aqui remedio alguno,
 A que prouando los anda vno a vno?

Ay!

As obras de

Ay que quereis de mi muerto ala luenga?
Quanto tiempo que mal gasto en querellas!
Dexadme ir ver primero Blanca y Menga,
Que m' embian dezir que vaya a vellas,
Las mis buenas amigas, y no es luenga
Iornada, barelo todo antes d'estrellas,
No lleueism' alla no, que Dios os vala,
Que no està como solia ende Pascuala.

Mudò los passatiempos que tenia
Aquella ya mi Pascuala, antes agena,
Antes tod' otra cosa, que no mia,
Quien la quisiere ballar busque Ximena,
Busque Anna la su buena compania,
La Sancha, la Toribia, y la Morena,
Enseñadas a hazer por mis peccados
D'vn solo coraçon muchos guisados.

Mas yo a quien me aquexo? el de culpar
Yo soy: de quien me quexo pues qu' andaua
Con tanta diligencia a m' engañar?
Si m' era el que traya y que lleuaua
(Qual dizen) al sabor del paladar?
No veyá, no entendia, no escuchaua,
Que mas ciego, o mas sordo puede ser
D'aquel que ya nada oyr quiere, ni ver?

Qual

Qual vida, qual salud se le pudiera
 Igualar a tal muerte como aquella?
 Que oyendo y respondiendose partiera,
 Los ojos al quebrar de vista en ella,
 Que cogia la niebla postrimera
 Delos sus ojos, que aun alçava a vella,
 Vete en paz moço con tales despojos,
 Que no bueluan atras nunca tus ojos.

Dexadme ir a los montes, qu'vn Cingial,
 Vn Osso, vn lobo, mientras los persigo,
 Quiza vn dia daran fin a mi mal,
 Murio enel monte Adonis, d'enemigo
 Colmillo en furia herido (y que zagal
 De tan hermosa Diosa hermoso amigo)
 Ella lo tiene en braços, quien los viere
 Apenas juzgarâ qual dellos muere.

Y quando fuesse que en los montes frios
 Peligros ni cansacios me venciessen,
 Y que los hielos por los hondos rios
 Por su dureza, passada me diessen,
 Acertars' hia que los canes mios
 De rabia, o quiza de hambre, me comiessen,
 Por los diuersos acontecimientos
 Que nos hazen creer los viejos cuentos.

Quien

As obras de

Quien te sabra dezir cierto sin falla
En que parte del mundo, en agoa, o tierra
Te desafia muerte a la batalla?
Que siempre amenazando a vn puto aferra
Como le aplaze, mejor es sin falla
Anteuiniendo dar fin a la guerra:
Vamos, que traera despues la suerte
Iusta vengança a la mi injusta muerte.

Alla me llama amor d'aquella altura
Abolar, tras el voy, verê si ansi
Podra fin darse à questa mi locura:
Passaran los pastores por aqui
Cantando dela mi corta ventura,
Cruel llamando amor, cuitado a mi,
A prissa por salir del val priado,
Por la muerte de Andres mal estrenado.

Los vnos a los otros cantaràn,
Huyd la valle do yaze el zagal,
Los otros tanto le responderàn
Huyd la valle do yaze el zagal:
Y todos juntos mas añadiràn,
Que por amar tan bien murio tan mal,
Que por amar tan bien tan mal murio.
Dessa peña tan alta Amor lo despenò.

Si

Si cantaran quiza por las florestas
 En tiempos por venir buenos pastores
 El cuento mio, y las duras requestas,
 Los faltos de ventura mis amores:
 En verano a las sombras por las siestas,
 Al fuego, o sol passadas las calores:
 Que refrigerio auran los huesos frios,
 Sintiendo assi acordar los casos mios &

Dixo, y teñido de color de muerte,
 Va se subiendo por la braua breña,
 Amor aqui los mis versos concierte,
 Si a los suyos y a mi versos enseña,
 Aunque seria bien d' aquella suerte
 Que dizen, Al mar agua, al monte leña,
 En versos añadir mas alas cosas
 Y a las obras de amor maravillosas.

Agora que me hare? que me aconsejas,
 La mi campona tanto ida adelante?
 Las Musas vergonçosas zagalejas
 Todas se me demudan al semblante,
 Los ojos baxos, baxas las sus cejas,
 Mas Apollo el mayor manda que cante,
 Por fuerza es que se cumpla su mandado,
 Sino que mal me tiene amenazado.

As obras de

En la gran peña vna honda cueua auia
No por fuerças humanas, ni exercicio,
La natura alli escondida la tenia,
Obra delas sus manos, y arteficio,
Para quando vn tal caso acontecia:
Ora Andres que al su proprio sacrificio
Pensaua, ende arribo, diz que acontece
Tal vez creciendo el mal que se guarece.

Fuesse verdad, o fuesse sueño, Andres
Vio dentro (o penso ver) d' aquella cueua
Satyros que cantauan cabripiés,
Y Faunos, y Syluanos, cosa nueua
Antes no vista, que yo sepa, ni despues,
Crean los por venir, qu' harto es grã prueua
Vello de loco sano, veer que alguna
Noche el caso cantò solo a la luna.


Diziendo en fin Saltauan las sus fiestas
Nuestros rusticos Dioses, yo estordido,
Delo que veyá, con mi mal a cuestas,
Cahi por tierra, ser me ha mal creydo,
En derredor boltauan las florestas
Boltaua juntamente el mi sentido:
A reuezes cantando vnos dezian,
Los otros despues, otros respondian.

Pasiphae

Satyros. Pasiphae (ah que verguença) va buscando
 El toro hermoso, va se a las manadas
 Delas sus vacas, sola suspirando,
 Teneisme aca el mi amor? tan mal miradas
 Que me forçais del mio, y veis qual ando,
 (Dezia, de mil lagrimas regadas
 Las sus mexillas blancas) ah cruel,
 Que s'anda tras vosotras, yo tras el.

Faunos. Rodeava las aguas vna y vna
 (Del blanco Cisne enamorada) Leda,
 Alçase a buelo, ella sin ninguna
 Color de biua, vn blanco marmor queda,
 El que traspone, ora aquella laguna,
 Ora aquel rio, quanto mirar pueda,
 Con mil sospiros busca siempre en lloro,
 Alla va el coraçon tras su thesoro.

Sylvanos. A quien su coraçon la gran guerrera
 Simiramis darâ? saluo al ardiente
 Cavalto, qu'ent las armas conosciere
 Corriendo, ardid, al freno obediente,
 A quien los pies, a quien vn blanco abriera
 Por medio la orgullosa, y alta frente,
 Y aquella que por si no teme a cosa
 Por el ala batalla entra medrosa.



Fueron

As obras de

Satyros. Fueron las nietas de Bello cincuenta
Y cincuenta los nietos, ajuntò
El casamiento a todos: de tal cuenta
Dela su sangre limpias no guardò
Las manos, salvo qu'vna mui sangrienta
Y cruel noche, que tal encubrio:
Tardaua el sol a ver el caso indigno,
Quando vno de venir cubierto vino.

Faunos. Beldad, sangre, thesoros, arte, y estrellas
Todo lo tuuo en su fauor Medea,
Aqui perdonen las nobles donzellas,
Si del su amor se cuenta obra tan fea,
Que buen remedio dellas sus querellas
(Quasi lugar no dexa a que se crea)
A los sus hijos tiernos ayrada puso
Manos, deuidas mas à rueca y buso.

Syluanos. Vn pastor brauo de luengos cabellos,
Ante quien no parauan los leones,
Quantas injurias por amores bellos,
Mas que buenos passò, quantas prisiones
Y en fin la muerte que no vee los sellos,
No se como assi son sus coraçones
Al reues, por bien mal, por el mal bien,
No miran como, no porque, no a quien.

Satyros. La joya de Eryfile, que escondia
 Tantos de males en la su riqueza,
 Sobre los otros tantos que hecho auia,
 Hizo aquella infamada, y gran crueza,
 La muerte d' Amphiarao, que toda via
 Mas no pudo, pero con la dureza
 Del hado, tal prudencia, y tal saber,
 Todo vencio cobdicia de muger.

Faunos. Esta nuestra riqueza ansi aldeana
 Offrescida però, quien la desfecha?
 El don hermoso dela blanca lana,
 Bien sab' el nuestro Pan quanto aprouecha,
 O que ella fuesse, o parescio Diana,
 Era alta la floresta, vno sospecha,
 No burlo mas de veras, como es esto?
 Quien mas cargado va, llega mas presto?

Syluanos. Aquel Galo pastor, aquel que tanto
 El Tityro alabára por licores,
 (Zagala ingrata) todo en cuita y llanto,
 Como muerto quedò matando amores:
 Ella sigue las armas, que ni tanto
 O quanto, a lloros mira de pastores,
 Socorriose el cuitado a la çampona,
 No remedio aaquel mal, antes ponçonã.

As obras de

Faunos. Las sus parientas tan ricas zagalas,
De tanto ganado, y de thesoro,
(En todas partes se ay delas Pascualas)
Colgò su amigo Andres de vn cordon d'oro
Que ella labrara por sus manos malas,
La mayor, la segunda siempre en lloro,
Y sangre, concluia el su amor breue,
El Sebetho lo sabe, y quien lo beue.

Syluan. Acab' del turbio Tybre, que rebaños
Ay de zagalas, mas que deuen sueltas!
Que bien de doblezes, y de engaños,
Palauras dulces, en ponçoña embueltas,
Con que a los moços, con que a viejos d'años
Hazen que ciegos van dando mil bueltas,
Isla de Circes mala: alli vereis
Vnos tornados puercos, y otros bueys.

Todos. Quien bastará contar cosas sin cuento?
Lo sin medida, quien piensa medir?
Armar las redes, que no fuya el viento?
En blanca arena sembrar y cubrir?
Bien veese qu'es mui vano pensamiento:
Las leyes communes hanse de cumplir,
Mas que emendar: a vezes se sostienen
Las cosas, que vnas van, y otras vienen.

Autor

Autor.

Siguiose deste mal grande prouecho,
 Que oyendo de Pascuala y de Andres
 Hablar, erguime a fuerça en gran despecho,
 Mas buelto a mi, diziendo, Esto como es?
 Si sueño? o vanamente si sospecho?
 Beso la tierra, y dando delos pies,
 Voyme a vn' agua corriente, ende lauado
 Boluime al hatu, huelgo ansi apartado.



ECGLOGA NEMOROSO.

A Antonio Pereira, senhor do
 Lamegal, & do Basto.



Elos nobles Floiais
 En Pereiras mudados,
 Derecho tronco, sin algũ cõtraſto,
 Que por nombre contaís

Todos vuestros paſſados,
 Del tiempo del buen Rei Alonso el Caſto,
Tan biuo ſe halla el raſto

As obras de

De succesion derecha,
Y noble antigüedad,
Hast' esta nuestra edad,
Si al grãde coraçõ algo aproueça,
Oyd vuestros pastores
Que riñen, y otros cantã sus amores.

Espero que algun dia
Aun s'oyga en lexos parte
(Sino qu' l grã de fleo siempr' engaña)
Otra çampoña mia
Labrada con mas arte,
De fino box, y no de flaca caña:
Agora en mi cabaña
Adonde al importuno
Tiempo me vine huyendo,
Que mal si estoy tañiendo
Rusticamët' y no offiêdo a ninguno?
Que abrigado este fuera,
Sonqu' entran aca vientos de fuera.

Quanto tiempo perdi,
No se por donde anduue,
Vi tierras, vi costumbres differêtes,
Ya tarde bueluo en mi,
Vn poco sobr' estuue

Arrimado

Arrimado, y dexé correr las gentes,
 Por los inconuenientes
 Veer con ojos mejores
 Segura, dulce, y santa
 Vida del monte! ah quantã
 Vana fatiga vi! quantos sudores!
 Y ansi cansado y muerto,
 De poluo llegue aqui todo cubierto.

Bien pudiera jugar
 Todo el dia al tablero,
 Con la suerte engañosa porfiando,
 Pudiera trasfegar,
 Los ojos al dinero,
 Por el jurando, por el perjorando
 Mas fuime sofacando
 A peligros de villas,
 Y embates del concejo,
 Busca abrigo el buey viejo,
 No es tãto el mal d'aca, no las rēzillas:
 Embiastesme el buen Lasso,
 Ire pagando asì mi passo a passo.

Al qual gran don, yo quanto
 Deuo, sabeis, que ardia

Temiendo y desfeando juntamente:
 No me atreuia a tanto,
 Qu'el son que me plazia
 Por mĩ aplazer fiziesse a nuestra gente,
 Aqui cab' esta fuente
 Jugaua solo el juego
 Sacaisme alla a la clarã,
 Lo que antes no acabará
 La soberuia amenaza, o el blãdo ruego;
 En compañia tal
 El bien fera mas bien, menos el mal.

PASTORES DA ECGLOGA.

Pelayo. Sancho. Rodrigo.
 Sallicio. Bras. Serrano.

Pelayo **D**ime pastor de cabras alquilado
 (Y no te enojas con la tal demanda,
 Que m'echas vn mal ojo atrauessado;
 A quien embio Toribia la guirlanda
 Qu'ella traya sobre sus cabellos?
 Cantando, y cõ que boz? clara, y quã blãda?
 Y a quien embiaua juntamente aquellos
 Sus ojos, que de amor son corredores,
 Y qu'el mismo se va biuiendo dellos?
 Mañana de san Iuan, quando a las flores
 Y al agua todos salen, quien tal gala
 Vio nunca, y sus desdenes matadores?
 Ora que parefcia alli Pascuala?
 Y Menga? què Constança, y la Perona?

Aquellas

Aquellas que a su veer quien las iguala?
Que gracia, que frescura, y que persona,
Que color d'vna rosa a la mañana
Se muestra al sol, que se abre, y se corona?

Sácho. Soldada tuya fue, cabeça vana

Todo esse cuento, si ves año, y años,
Enfin poco ganado, y poca lana.

Simple, que no percundes los engaños
Dessas demostraciones apparentes,
Vestidas por defuera en verdes paños.

Tu duermes, y no duermen los parientes,
No los amigos, no quien cada día
A tus locuras claras para mientes.

Pelado, oh, oh que erre; Pelayo, es mia
Vn' hora, es otra tuya, otra verna

De otros, que ansi se truecan a porfia.

Quando el tiempo sereno y claro está
Mas que no fuele, recogiendo, assuela
Todo con su tormenta por do vá.

El feo turbion, y escuro, buela

Todo, embuelue consigo quanto aferra,
Amenaza la villa, y el aldehuela.

Mudado aquel sosiego en tanta guerra
Tomate descuidado el temporal,

Ni quien eres sabras, ni de que tierra.

Correr no puede siempre el rio igual,
Ni el viento soplar manso, blando, y quedo,
Más durar (mal peccado) fuele el mal.

Va ledo, va seguro, va sin miedo,

Soberuio, todo inchado va, que ansi
Se cae a ser mas triste, que antes ledo.

Pel. A vos gracias mis ojos, con que vi

As obras de

Vno que anda por ser ya del concejo,
Y yaze sin saber parte de si,
Cierto no se llotraua de buen rejo.
Fazia vnos pasmar, otros reñir,
No lo tien' para si, quier dar consejo.
Que locura podeis mayor oyr,
Oydos pacientes? que vn bauoso
Creer que fortuna siempre le haya a réyr.
Que no pueda estar queda, por donoso
Por mas sabido de toda el aldea,
No, no, son por mas lindo, y mas hermoso.
Enfin prò te haga, por tu bien te sea
Zagal nascido en hora tan plaziente
Si confiança a mal no te acarrea.
Toribia, o que dire? braua serpiente
Puede tener amor? Antes terna
Llouiendo el rio hinchado, su corriente.
Y en seco los sus pesces dexará
Cada vno delos rios Tajo y Duero,
Destemplose el relox, quantas que dá.
Pel. Todo se mude, vaya al ventisquero
Bolando el Galapago, y ponga boca
A la gaita el nouillo plazentero.
Baile el buey perezoso, y viejo, en poca
De plaça; pues ay lengua tan osada,
Tan atreuida, tan dañada, y loca.
Mas muerde sierpe mala arrauiada,
Seas quien fueles: que fera quien fue
Toribia, siempre hermosa, y siempre amada.
El perro por costumbre, a quanto vee
Y no vee, ladra, sin mas dilacion,
Corre aca, corre alla, no sabe a que.

Mas:

Mas eis aqui que pongo el mi çurron,
 Tomo el cayado, falga a campo quien
 Defenderme quisiere otra tencion.

Turibia: (ay quien lo niegue?) es quanto bien
 Tenemos; (ay quiçá quien contradiga?)
 En bondad, y beldad digo tambien.

Sanc. Tus palabras (parlero) vna hormiga
 Al viento alç allasha, no pefan mas:
 La tu locura propria te castiga.
 Però porque loquillo inchado estàs,
 Solamente dirè que essa perjura
 Pensar, ni hablar mas della, es por demas.
 Que de muger no tien' son la figura,
 Con que engaña los ojos; vn bien tiene,
 Que sea mucho el mal, mucho no dura.
 La tan liuiana cosa no sostiene
 Reposo alguno: mas viene Rodrigo,
 Otro tiempo serà que te lo appene.

Rodr. Yo voy fuyendo, va solo conmigo
 Este enemigo Amor, siempre riñiendo,
 Que no lo entiendo, aunqu' harto lo he tratado,
 Siempre enojado, siempre murmurando,
 Causas buscando para sus sospechas,
 Cuentas estrechas, de celos pesados,
 Por mis peccados (como a Amor pluguiera)
 Vn bien me diera en que pensar pudiesse,
 Siquiera fuesse acompañado, o solo:
 Luego turbolo aquel plazer tamaño,
 Vn caso extraño, que en el pecho trayo,
 Era por Mayo el tiempo, y mis amores.

Lleuauan flores, vino vn cierço frio
En daño mio, todo lo ha quemado,
Ah bien passado, quando alcê mis ojos
Secos abrojos vide, que otro no,
Quien lo mudò assi todo d'otramente?
Quien la mi fuente turbò limpia y clara?
Do me mirara: y vi la gloria mia,
Quando fuya el tiempo a tal sabor,
Mientras a Amor le plugo, y mi ventura
Poco segura, fuydiza, y vana,
Suerte villana: mas yo quien oteo?
Zagales veo, Amor enemigo,
En buen abrigo me faltò el reposo,
Menesterofo aqui, y en toda parte.

Pel. Rodrigo guarde, no te aya traydo
La mala suerte quando yuas fuyendo
Los hombres, donde el drago era escondido.
A donde con la su lengua esgrimiendo
A biuos ni a los muertos no perdona.
Ora pensando mal, ora diziendo.

Sãcho. El mismo soncas es, que se apregona
Hablando assi, que bien hablar no sabe,
Su gesto lo descubre, y su persona.

Pel. Ha, ha, no cale mas que otro se alabe,
Ni que a otre desprecie, que oy tal dia
Se puede todo veer antes que acabe.
Si manda que partamos la porfia
A cantar y baylar, si quiere a lucha,
O si a puñadas, mas que plazer me haria.

Si canta, y no baila, y fino lucha,
Ni tiene manos, que no tenga boca,
Quiere a tañer, tu juzga, y nos escucha.

Rod. Ohla, teneos, que discrecion poca
Es esta vuestra? soncas bien tuuistes
De tiempo a la locura que ora os toca.
Si como adrede esperando estuuistes
Por mĩ, justo es tambien que de vos sepa
A punto, por qual causa ansi reñistes.

Sãcho. Yo m'estaua arrimado a aquesta cepa
Deste fresno, pensando al refran viejo,
Qu'en su pellejo cad'vno se quepa.
Vino se este loquillo zagalejo
Hablo como quien es de buena entrada,
Y no cupo por cierto en su pellejo.

Rod. Al mal se vaya el mal, dese passada
A toda furia, y todo encendimiento,
Que la pafsion es ciega, y no ve nada.
Sancho, y tu deues de tener mas tiento,
Qu'eres mayor de dias, y tu es bien
Que le tengas Pelayo acatamiento.
Mas oygo vna çampoña, y no se quien
Lo acompaña cantando, al que parece
Salicio, y Bras, el vno & el otro bien.

Salicio. Quando se pone el sol, quando amanesce,
Siempre anochesce en este valle aqui
Triste de mĩ, de doze o treze estios,
Los ojos mios quando enxutos vistes?
Ojos tan tristes, de lagrimas ciegos,
Que tantos fuegos acendeis llorando,
Cuitado y quando, pense qu'eran muertos,

Siendo

As obras de

Siendo cubiertos de tanta y tanta agua,
En la gran fragua alçose mayor fuego,
Dezidme os ruego de que pedernal
Se aciende tal hoguera, y que tanto arde?
Tanto a la tarde, que quando todo falta
Llama mas alta sube, y mas se esfuerça,
Toda otra fuerça, o vence, o mengua el dia,
Sola esta mia congoxa estâ dura,
Ay la ventura como vas burlando,
Bien esperando si yerra, mal no si yerra,
Fubi por tierra, fubi por la mar,
Nunca aportar a parte pude estraña
Nunca a tamaña de ayre diferencia,
Qu' esta dolencia, Amor, locura, o qu' era
Ende primeramente no arribasse:
Y me mostrasse que era por demas
Boluer atras, ni escabullir por pies,
Prouè despues, la mi paciencia luenga
Mas a la luenga, todo a faltar viene.

Rodr. Aca se vienen mis buenos hermanos,
Quantas de queexas van de los amores,
Las queexas vanas, los amores vanos.
Duelen mas que de veras sus dolores,
Sea mucho en buen' hora la venida,
Llegaos mas aca buenos pastores.

Sall. Sea la voluntad tuya cumplida,
Rodrigo estès con bien, Sancho, y Pelayo,
Todos

Todos plazer ayays, y larga vida.

Rodr. Y a vos amigos el cumplido Mayo
Corto os lo hagan los plazer buenos.
Con q̄ el tiempo se huye como vn rayo.
Aca nuestros amigos estan llenos,
(Ansi lo digo a entramos de consuno)
De celos arrabiados quando menos.

Sal. Dexemos los pastores, que ninguno
Sin queexas d'Amor va; dadme las aues,
Dad peces, y animales, vno a vno.
Todos yazen debaxo de sus llaves,
Y los Dioses tambien; por este Apollo
Inchio los campos de cantos suaues.
Pobre pastor de Admeto, oyolo, y violo
Con çurron y çampoña el rio Amphrifo,
Su cayado sopuesto triste y solo.
Quantos de lloros, por no se que rifo!
Siquier nonadas, mas son queexas viejas,
Guai de quié por señor lo quiere, o quiso!

Bras. O si no me angañan las orejas,
No m'engañã por cierto; este'es Serrano
Balandando le responden sus ouejas,
Que çampoña, que voz q̄ suelta mano,

Serr. Arrayad los ojos ya por las alturas
D'aquestos montes, salga el su luzero,
Huyan oy mas d'aqui sombras escuras.
O buena Delia, nasca el verdadero
Sol nuestro, nuestra luz, y nuestro dia,
Y nuestro resplandor claro qu'espero.
Hermosa Delia, real seña, y guia,
Aparece a los tuyos que desmayan,

Y

As obras de

Y amenazados dela muerte fria:
Los ojos tuyos soccorriendo vayan
A quien de otro no biue, ni otro espera,
A todos da remedio antes que cayan,
Si amaneciesses seria Primavera,
Y llevaria flores quanto alcança
A quella claridad relampaguera.
Quiera ella, o no, do los sus ojos lança
Fuele dado tal don, vida va dando,
Todos los bienes dá, saluo esperança.
Por donde assomaran? q̃ en assomando
Estos tus ojos, delas fuentes frias
Saldrã sus nymphas al sol, irs' hã peinando.
Luego las Drias, y las Amadrias,
Iranse passeando las florestas,
Como quando entre nos aparecias.
Versean Oreas por sus montes puestas,
A ver los ojos quales no se vieron,
Iamas en tierra, y estar's ha todo en fiestas.
Mas yo q̃ veo? con que me firieron
Subito de vna luz, como de rayo,
Con que mis ojos la fuya perdieron?
ò Delia, mientras los auezo y ensayo
A tanta claridad, que no sostengo,
Detente, q̃ o me muero, o me desmayo;
Sea paz con tus ojos, que no tengo
D'aliento tanto, ay que desbaratan
Si no te vengo a ver, triste a que vengo?
Ojos son estos que ansi desbaratan?
Comiençan de alegrar, quitan fosiago,
Comiençan a dar vida, y luego maran.

Cubre

Cubre, ô cubre effos ojos, que tal fuego
Alçan al su boluer, que luego enciende,
Quien no se les desuia, es' ora es ciego.

O Delia, qu'el poder fuyo se estiende
A mas delo que piensas, no los abras,
Trato entr'ellos y Amor, que no se entiende.

Mas que dire, si las mismas palabras
Me dexan ya? si fuego se derrama
Por montes, por los prados, por las labras?

Que no son ojos no, mas biua llama
De fuego, que siempre arde en sus meneos,
Biue ende, y reina Amor, ama, y desama.

Quien aguarda estos ojos Meduseos?
Que en piedras nos transforman con su brio,
Por mucha y desusada beldad feos,
Si se puede dezir tal desuario.

Rodr. O buen Serrano, a buen tiempo arribado
Sea por suerte buena, y no por vana,
Dame la mano aca de bien llegado.

Por effos mismos ojos, mas que humana
Beldad, y con razon tan alto erguidos,
Delante quien no para alma villana.

Ayudanos, que somos repartidos
Contigo assi a cantar como aqui estamos
A pares, lo demas juzguen oydos.

Defiendennos del Sol los verdes ramos,
El agua clara, y dulce son combida,
Y tal acierto, a que gafajo ayamos.

Del dia (pienso) la mayor partida
Passose en queexas, y parte en renzillas,
Sea ora en paz siquier la despedida.

Dexemos

As obras de

Dexemos las questiones a las villas,
Cantemos, y tañamos los pastores
Entretanto d' Amor las marauillas.

Ser. Cantando vn tiempo fue, los mis amores,
Todo este grande cielo el Sol corria,
Despues las noches con los Ruyseñores.

Ay buenas auezillas, que a porfia
Vnas con otras, en pendencia vfana
Cantastes, yo tambien de companhia.
Hasta que de color de roxa grana
Abriendose los cielos al Naciente,
Las aues saludauan la mañana.

Rodr. Los milagros d' Amor quien no los siente?
Quien no está escarmentado? y no que xoso?
Mas no se ha de cantar del al presente.
Cumplido el año del buen Nemoroso,
Que solos nos dexò (mas quanto ayna)
El fue se al desseado su reposo.

Que podemos hazer cosa mas digna
Del, y de nos, que somos naturales,
Que cantar del agora a la continua?
Quedarà por exemplo a los zagales
Que delos semajantes hagan fiestas,
Y tambien hagan ellos por ser tales.

Sal. No puede ser la causa mas honesta,
Vno taña, otro eante, a quien la suerte
Cupiere, sin escusa, y sin requesta.

Ser. Ora que sea afsi sin mal sin muerte,
A quien la mas cumplida, esse nos taña,
Y cante aquel a quien la corta acierte.

Rod. La mayor cupo a Bras; como estamaña!

La

La pequeña a Salicio. Bras. Artes vsas?

Rod. Engañado se vea el que te engaña.

Pel. Suso a cantar sin mas escusas,

Sal. Taña Bras, yo dire del Lasso nuestro,
Con buena ayuda fuya y delas Musas,
Con grande perdon fuyo, y grande vuestro.

SALICIO!

En la muerte del buen pastor Nemoroso,
Lasso dela Vega.

REzien subido al cielo
Pastor tan raro aca,
De muchos q̄ entre nos pascen la sierra,
Que assi te alçaste a buelo,
En tiempo ati quiça
A nos por cierto estraño, y esta tu tierra,
Temor el seso afferra,
Y flaco entendimiento,
Que sin ayuda darte
Se dispone a loarte,
Solos sospiros derramando al viento,
Y espedaçadas quexas,
Qu'en memoria de ti solas nos dexas.

El nuestro Nemoroso

Q

Que

Que las Musas d'España
 En mil regalos auian criado,
 Dexado el buen reposo,
 Leuolo a tierra estraña,
 De Marte el coraçon, o fuesse el hado,
 La su çampoña al lado,
 Con que fuerças ouiera
 De ala muerte poder
 Cantando enternescer,
 Si ni a la muerte supplicar supiera:
 Mas quando afsi la vio
 Ayrada, y toda fuego, arremetio.
 No fueron los ganados
 Dignos, no fuimos nós
 Pastores dela tierra, ingrata gente,
 Por los nuestros peccados,
 Que nos dexasse Dios
 Gozar de tanto bien permanesciente,
 Que tan suauemente
 Del Tajo a la ribera,
 Y por do quiera que yua
 A toda cosa biua
 Con la su dulce boz enternesciera:
 Y mientras el cantaua

Apollo

Apollo el su pastor d'alto escuçhaua.

Las Nymphas por las mãos
 Nayadas, y Napees,
 Al son andauan, al son desandauan,
 Los Faunos, y Syluanos,
 Satyros, Cabripies,
 Las bastas sobrancejas encarnauan:
 Las aues que bolauan,
 Partiendo el ayre puro,
 Por do sobia el son
 Baxauan de rondon,
 Dexando el cielo por el suelo duro,
 Oyendolo a sabor
 El merlo, la calandria, y el ruyseñor.

Mas aquel claro pecho
 Do tanta de vista vuo,
 Por esta nuestra noche escurã todo via,
 Todo tuuo en despecho,
 Todo en nada lo tuuo,
 Saluo dos llamas en que su alma ardia,
 Vna de que tañia
 La su dulce çampoña,

Otra de su valor,
Aquel y aqueste amor,
A la su corta vida vna ponçoña:
Mas parateme ledo,
Que siempre gran virtud se acabò cedo.

Alla por esos altos
No van los coraçones
Siempre dubdando, y en nuevos pensamiētos
Alla no ay sobrefaltos,
No vanas opiniones,
Pagadas siempre d'arrepentimientos,
Y no torres de vientos,
Que amenazan cayda:
Mas cierta y fiel suerte,
Segura dela muerte,
Y de canfacios desta estrecha vida,
Y tiempo apressurado,
Aboluerte a quitar quanto te ha dado.

Por otros frescos myrthos,
Y sauzes mas crecidos,
Otros mas verdes prados, otras fuentes,
Entre raros spritos,
Que adelante eran idos,

Destos

Destos que aca dexastes diferentes,
 Que nueuo gozo fientes,
 Ati gozoso viendo
 Venir el Sannazaro,
 Don Sebetho mas claro,
 Por la su orilla fresca repartiendo
 Con el su Melisseo,
 Del Reino resplandor Partinopeo.
 Quanto pastor Toscano,
 Que Arno en la deleitosa
 Ribera fuya, oyo como han cantado,
 Vendran aquella mano
 Tocar auenturosa,
 Que honraua or' el espada, or' el cayado,
 Dos que agora han alçado
 Sena, y Florencia tanto
 Por noble sangre y lengua,
 Daño tan grande y mengua,
 Que nunca pudo igualalla el llanto,
 Aunque fuera de lei,
 Iuan Ruscula, y Laçtatio, y Tolomæi.
 Que daño incomparable,
 De ingenios tan subidos,

Embiados aca tan raramente,
 Y la suerte no mudable,
 A todos los nascidos,
 No les perdona como a esta gente,
 Suerte que tal consiente
 Quan poco ha que los viera,
 Agora, agora, agora,
 Tan subito a defora,
 Mas son de vista, y d'esperança fuera,
 Ay fuydiza y vana,
 Que fuyes dela noche a la mañana.

Però buen Nemoroso,
 Mal por los tus pastores,
 Sin fiestas, sin plazer, sin cantares,
 Dexados sin reposo,
 Quien cantará de amores? (res?)
 Quiē las nymphas, y quiē otros canta
 Quien los nuestros lugares
 Sera que venga a ver?
 Quien las nuestras majadas
 Antes sin ti nonadas?
 Podistenos hazer y deshazer?
 Pues nos por ti que haremos?
 Si no se puede mas, que suspiremos.

Alcaste

Alcãstẽ el tu Toledo,
 Correr mas claro heziste
 El noble Tajo al gran padre Oceano,
 Mostrarseha siempre al dedo
 El lugar do cayste,
 Ah, ah, golpe cruel, barbara mano!
 Que hazia el Tajo vfano
 Commun naturaleza
 Mas qu'el rico thesoro
 De las arenas de oro,
 Con q' al mar llega ẽ buelto ẽn su riqza,
 Que de Numancia abona
 Hasta l'antigua, noble, y gran Lisbona,

Al mui antiguo aprisco
 De Lassos dela Vega,
 Tuyo, el nuestro de Sa viste ayuntado,
 Buen tiempo, o mal pedrisco,
 Abrigando se allega
 Y cãta end'el pastor, huelga el ganado,
 Elysa el tu cuidado
 Que aca tanto plañiste,
 Quexoso dela muerte,
 Cruel, ay dura suerte,
 Quien no plañio? despues do la subiste?

As obras de
Ora ella en alto erguida,
Dexas la muerte atras, vas te a la vida.

En lo demas pastor que te va ati,
Todo el daño es d'España,
Si enriquescen tus huesos tierra estraña.



ENCANTAMENTO.

Ecloga a D. Manoel de Portugal.

Fillho d'aquelle nobre & valeroso
Conde, mais junto â casa alta Real,
Abastara dizer do Vimioso,
Senhor dom Manoel de Portugal:
Lume do paço, das Musas mimoso,
Que certo vos darão fama immortal,
Quando homem cuida que no cabo estais,
Tornando olhos a vos, por vos passais.

Em

Em que vos seruirei ca deste monte
 Hũa merce na terra pouco usada?
 Tanto em outra aqui logo defronte:
 Aquella Ecgloga vossa me foi dada,
 Encostado jazendo à minha fonte,
 De versos estrangeiros variada,
 Parescia que andava a colher flores,
 Co as Musas, co as graças, cos amores.

Então tornando em mĩ, disse comigo,
 Certamente eu trazia errada a conta,
 Qu'inda ha quem nos renoue o tempo antigo,
 De que tanto se escreue, & tanto conta,
 Agora me reprendo, & me castigo,
 Fazia à nossa Lusitania afronta,
 Cudei que sò buscava prata & ouro,
 Buscastesme no meu escondedouro.

Andando apos a paga, ouue aos zizos
 Grã medo (que o confesso) & a hũs pontosos,
 De rostos carregados, & de hũs risos
 Sardonios, ou mais claro, maliciosos,
 Quem tantos tentos, quem tantos auisos
 Terã? que empare os golpes perigosos.
 E acostumados ora entre pastores?
 Que vos venhão cantando os seus amores.

Querem:

As obras de

Queremos por senhor, não por juiz,
Rigores a de parte, que são dignos
De perdão os começos: já que fiz
Aberta aos bõs cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por si diz
Aquelle, hum sò dos Lyricos Latinos,
Prouemos esta nossa nossa lingoagem,
E ao dar da vella ao vento, Boa viagem.

Pastores da Ecgloga.

GONÇALO.

INES.

BIEITO.

BREATIZ.

Gon. **Q** Vantas cousas (Ines, madrinha, & tia)
Se me vão descubriendo d'hora em hora,
Inda que faça corpo, & gesto, & ria,
Polla alma de quem mais não pode, afora
Outros respeiros, cumpre auer paciencia,
Té que seja da vida, ou da dor fora.
Aos erros he deuida a penitencia
Por seu conto, & medida, & por balança,
Pello que sabe a propria consciencia.
Però quando ao contrario da esperança
Em vez de galardão acode a pena,
Quem terá soffrimento em abastança?
Amor que por antolhos tudo ordena,
Mui pouco se lhe dà, nem da fè santa
Quebrada ou tida, grã culpa, ou pequena.

Faz

Faz hũa & outra poufa o gallo, & canta
 Or' eism' ospês, or' eism' á cabeceira,
 Tè que o canfaço vence, & me aleuanta.

E voume ao meu fuzil & pederneira
 Em fogo aceso, o fogo acendo, & ando
 Do quente ao frio, do frio à fogueira.

Afsi de cá de lâ canfado ando,
 Dou volta á cama, abrolhos me femelhão
 De claro em claro o coração passando.

Os fracos dos sentidos ajoelhão,
 Trabalhão por soltarfe, aperta o laço
 Em poder da mã dor mal se aconselhão.

Enes. Afilhado & sobrinho, juras faço
 Que disso mais não sei certo que seja
 Sò que perdeste muito em pouco espaço.

Quem não morria por aqui d'enueja
 De ti Conçalo em tudo o que fazias,
 Que graça, manha, & força te sobeja.

Todos nas festas onde aparecias
 Hum rosto, outro tenção logo mudava,
 Ciscauase outro pellas companhias.

Onde cantauas, ninguem mais cantava,
 Onde tangias, ninguem mais tangia,
 Onde te espias, ninguem mais lutava.

E lembrame que estando ora qual dia;
 Comigo Andresa, Ioana, & Breatiz,
 Tinhamos antre nos certa porfia.

Como ves que hũa diz, & qu'outra diz,
 Naquelle proprio ensejo eis que passauas,
 Passando diffest' alto, Eu que lhe fiz?

Parece que contigo aporfiauas,
 Como acontece, que hias bracejando,

As obras de

Sem dar vagar algum, nem o tomara.
Vite, ouuite, mas caleime; senão quando
Disse hũa contra mĩ, qual vay Gonçalo,
Como muitos) disse eu vay fadejando.
Tudo aquillo saõ mimos, & fez callo
(Disse outra) n'hũs affanhos de mimoso,
Ou que olho mau lhe fez algum abalo.
Quando eu ja aquillo ouui, S'elle he pontoso
Ou se ha n'aldea famica outro tal,
Contemolo antre nos por trabalho.
A primeira tornou como hum coral,
A companheira toda descòrada,
Parece que ambas o tomarão mal.
Tanto te sei dizer, he pouco ou nada
Saluo que às vezes estes nadas sam
Muito ao miolo que ja traz pancada.

Gôç. Quantos sonhos que vem, quantos que vão,
Coitado do dormente, que assi jaz
Ora torcendose, ora rindo em vão.

Quanta conta se faz, & se desfaz,
Erradas as pequenas, & as mayores.
Feitas em desauença, & inda em paz.

Ines. Certo mal comedidos sam pastores,
(Aja de ti perdão) sempre queixosos,
Não os entendo nestes seus amores.
Chamão isto antre nos, sam rouinhosos,
Não sabem estremar o mal do bem,
Sempre aggrauados, sempre sospeitosos.

Gôç. Mal te faberia ora por ninguem
Nem por mĩ responder, seja o que for,
Corrão ventos daquem, corrão dalem.

Mas

Mas dime tia pello meu amor
 Isso das mais louças de toda a terra,
 Quanto ha que foi; lembram' a minha dór.

Ines. Por certo se a memoria me não erra
 Contando, o Sol despois não se esccndeo
 A nós dez vezes, & dez deu vista à terra.

Inda te mais direi que aconteceu
 O que ja disse, por final em logo
 Onde tu ja cantaste outrem gemeo.

Dia de muito riso, & muito jogo,
 Venceste á luta & à choca, & auantejado
 Correste, & em fim cantaste a nosso rogo.

E mais aquelle teu cantar gabado,
 De todos tão sentido, & tão queixoso,
 Onde me acolherei tudo he tomado?

Gõç. Como fazendo vay o sol trigoso
 Tantas mudanças, quanto dos cantares,
 E quanto do cantar fui cobiçoso!

De todos me esqueci, muitos a pares,
 Até as vontades muda o tempo, & leua
 Configo, & do prazer faz maos pefares.

Ell'he o em que vay tudo o que releua,
 Faz, desfaz a deshora as agonias,
 Não olhes mais se choue, venta, ou neua.

Mas quanto ora ao cantar que antes dezas,
 Disso me lembro bem, era em Setembro,
 Quando as noites voltão sobre os dias.
 Do cantar prouarey se m'hora a lembro.

Canta em oitava Rhima.

Onde

As obras de

Onde m'acolherei ? tudo he tomado,
Não apparece esperanza nenhũa,
Sombras negras, & feas malpeccado,
Estas si que apparecem, causa algũa
Não ficou por fazer, tudo he prouado,
E tudo por demais, ouçame a Lũa
Delgada, que traspoem pello alto monte,
Seus trabalhos cos meus coteje & conte.

E se nos velhos solaos ha verdade,
Bem sabe ella por proua como Amor
Magoa, & auerã de mĩ piedade,
Endimio tão fallado, & tal pastor,
Entre as flores dormia em flor da idade,
Ella olhando do ceo mudaua a cor,
Tè das flores ciosa, & agoa clara,
Que o seu fermoso amor lhe adormentara.

Cantão & contão mais, que ouue hum tyrãno,
De poder grande, & muito grande auer,
Vendo a moça & minina em corpo humano,
Que andaua a colher rosas, & a prazer,
Salteouba, roubouba, & foise vfano,
Por força, ou por vontade ouue de ser,
Riquezas mas, injusto senhorio,
Que ajuntaes à vontade o senhorio.

Ora

Ora a mãy preguntando longamente
 Por hum só bem que tinha, ond' o acharã,
 D' hũa gente passando em outra gente
 Tambem os Deoses culpa, ah sorte mã,
 E justiça mayor que tal consente,
 Buscando por demais tudo o de cá,
 Achaa no reino de sombras escuras,
 Correm lagrimas vãs, fazem leis duras.

Partem o tempo de todo deuido
 A mãe triste & roubada, a que dos Reis
 Dalli veo este nome de partido,
 Em que seja forçado, & contra as leis,
 Que se pode fazer do ja perdido,
 As vossas lagrimas que as enxugueis,
 Como poderdes, o o o o o

Ines: Não te deixaráo hũa & outra fonte
 Desses teus olhos, sòmente acabar,
 E os meus, q' ja tãbem punhãose a môte.
 Andamos em tormenta como em mar,
 Com outrem & comnosco em differenças
 Cuidando o tempo que ha de melhorar.
 Pera o corpo se acharão mil doenças,
 E pera a alma cem mil inda peores,
Tantos acordos, tantas defauenças.

Gouer-

As obras de

Governão essa vã idade amores,
Estendese inda às vezes tẽ a velhice,
Quando ja tudo he pressa, & tudo dores.
Que lhes fallece de clara doudice?
As mãos, os olhos de affossegados,
Choros & gritos, como em meninice.
Aquelles seus sospiros apressados
Aos ventos que ouuindo homem de fatina,
Aquelles seus inimigos, seus cuidados.
Gõç. Passou ora qual dia hum çamphonina
Polla aldeia cantando, era elle cego,
Guiauaõ loura & bella hũa minina.
Tambem aquelle não tinha affossego,
Chegamonos a ouuir certos pastores,
Pelayo, Pedro, Ioão, Gil, & Diego.
Parece que suaua inda fuores
Mortaes, do peito sospiros sahião
Aos pares, cantou bẽ, mas mal de amores,
Feznos entristecer quantos o ouuião.

Cantiga do cego.

Vn tiempo mirome Helena,
Sospechè que eramos mas,
Nunca cosa hize tan buena,
Como no miralla mas.

Amor

Amor anda en sus consejas,
 Mas bien seria gran loco
 Quien de sus mañas tan viejas
 Mucho fiase, ni poco,
 Alma de lastimas llena,
 A que vienes, y a que vas?
 Que puedes negar Elena
 A quien los tus ojos das?

Enemiga y fuerte triste,
 Hasme la vida quitado,
 Y a quien piensas que la diste
 Quiça que nada le has dado.
 Harto mal, peor se ordena,
 Mas que debato yo mas?
 Si aun de ti a pena, a pena,
 No se si lo negaras.

Y estos ojos de mis juras
 Si se burlan, a la fè
 No se fien en locuras,
 Caten que los quebraré,
 Esta culpa sea agena,
 Otras son mias affaz,

R

Por

Por razão va que enla pena
 Vença lo que pena mas.

Ines.

Razões d'impetu cheas, & paixão,
 Não quero ora dizer que seja engano,
 Mas que ás vezes por si mesmas se vão.
 Não faças longo com queixumes o anno,
 Tente como aruore aos ventos em pê,
 Da tempo, da lugar ao desengano.

Gonçalo.

Não me diras madrinha Ines ate
 Quando esperar me madas hum ingrato,
 Que dizem que não ouue, & que não vê?
 Esperei & soffri, fiz mal barato
 De mĩ, & quem mal cae, diz que mal jaz,
 A Deos madrinha, tornome ao meu fato.

Ines.

Quiserate dizer, vaite ora em paz,
 Porem com que esperança? mas que vejo
 La vir, que em queixas todo se desfaz?

Gonçalo.

Este vos he Bicito, & bom varejo
 Dizê qu'elle ouue o gano, & anda a caça,
 Ay que não sei de mĩ, & outrem correjo.
 Neste mundo d'escarneo tudo he graça,
 Não sabemos o quando, como, o quanto,
 Aas vezes muito bem mal te ameaça,
 Offertese cada hum tia, a bom santo.

Quê

BIEITO.

Quem deu a Amor quebranto & fez cruel?
 Quem tornou tudo fel, quanto aprazia?
 Que se fez deste dia oje tão claro?
 Como se vendem caro os pensamentos!
 Que foi daquelles ventos d'hora em ante?
 Mandame amor que cante a frauta branda,
 Que jogos faz? em que anda à custa albea?
 A Deos por sempre aldeas, tè que caya
 Debaixo ou desta faya, ou deste freixo,
 Por onde m'hora queixo andando em vão,
 Alli se acabarão muitas contendas,
 Vaise a agoa pollas fendas, feit'be a conta,
 Hum pouco mais que monta de tal vida?
 Toda cousa nascida, quantas sam
 Naturalmente dão do seu perigo
 Sinal, como a imigo, por que seja
 Aviso a quem o veja, que não tarde,
 Vemos o fogo que arde, ir lbe diante
 Fumo escuro que espante: ante a tormenta
 Pellas deuesas venta leuemente,
 Ameaçando a enchente, vem zoando
 Vem de braua escumando, abate, estronca,
 O mar de longe ronca, alçase inchado,

As obras de

Logo a algum abrigado polla terra:
O pescador afferra, com grã pressa,
Pollo monte atraueffa o mao faminto:
Do lobo, por destinto o gado antende,
Ajuda-se, defende, & agasalha,
Ordenase em batalha, hum vssõ erguido,
Corre logo o appellido, & sae sem cor
Da cabana o pastor, que todo treme,
Do dano o medo empreme antes do danno,
Ora este amor humano, que assi apraz
No começo, & assi em paz a alma repousa,
Hũa tão branda cousa, com que empece
Isto como acontece à natureza?
Que de certa se preza? quem diria:
Onde triste trazia isto escondido?

INES,

Traspôs, & em vento he ido como tudo,
Soar fazia a ribeira tambem,
Parece que ficou todo este ar mudo.

Gonçalo..

Ves alli o que faz: mas eu com quem
M'esteu tia fallando? Ines. Inda lh'ouui
Suidades do meu mal, todo meu bem.

Gonçalo.

E tu não cuidarás qu'isto he assi,
Que saõ queixas vãs; como vos dais
A mór parte a Andre, fosse ora assi.

In. Tenho

Ines.

Tambem vosoutros todos vos queixais
 (Como ja disse) muito, & mais costume
 Parece, que rezão que ora tenhais.

Cad'hum se chama facha ardente & lume,
 E fragoa, onde se proua sua fineza,
 E destes tais, queixume apos queixume.

Quisera nos amores mais simpreza,
 Ou digo que os quisera mais singellos,
 E mais dissimulada esta tristeza.

Não os queria aysi tão amarellos,
 Nem tão achacadiços, este geme,
 Destoutro chorão os seus olhos bellos.

Outro por Julho & por Agosto treme,
 Arde em Dezembro, foge á claridade,
 Sospeitoso, de si mesmo se teme.

Mas emprendia or' eu outra vaidade,
 Deixarnos hemos d'estar mais ás chaças,
 Cuido em fazerte mal, bem à vontade.

Gonçalo.

O tia prazer ajas, que aysi o faças
 No que poderes, seja fem trespasso,
 E quanto a mĩ, mas qu'inda me desfaças.

Ines.

Hum pouco se nos vay fazendo escasso
 O tempo, porem peito á montanha,
 Crescẽ as sombras, va crescendo o passo.

Gonçalo.

Passadas dizes? ora olha esta tamanha,
 Qu' aqui te dou, log' outra & outra aperto
 Ora vejamos quem mais terra apanha.

R 3Ines. Tenho

As obras de

Ines.

Tenho sospeita qu'erão em concerto

De fazer romaria as mais louças,

Pode ser, & não ser, valha o acerto.

E que nos sayão as passadas vãs,

Não serão ja as primeiras, mal peccado,

Nem dizem sempr'as tardes coas manhãs.

Gonçalo.

Como logo s'enxerga o bom cuidado,

Inda somos a tempo, he bom final

Tanto amarelo, azul, tanto laurado.

Ines.

Olha que em tudo o soffrimento val,

A cabeça não corra mais que os pés,

Quem guia sempre seja a principal.

Gonçalo.

Ô boa tia, & grande amiga Ines,

Tu me guia & gouerna, qu'eu não reço,

Não sei, tu sabes; não vejo, tu vês.

Ines.

Olha que não t'empeça o ser lobejo,

Que se húa ora aproueita, muitas dana,

Benzete do diabo, & do desejo.

Cada húa destas moças anda vfana,

Cuidão que o sol lhes baila, são gabadas,

E ja não ha quem cuide que se engana.

Guardemonos das horas mingoadas,

Se nos sentirem logo hão de pôr sello,

Qu'eu sou a que ando nas mexericadas.

Mas afilhado tornas te amarello,

E

E branca a boca como esta toalha,
Tês as mão frias como hum caramello.]
Gonçalo.

O tamanho aluoroço a tudo atalha,
Muito mais o prazer, que a paixão, toma
Poder do coração posto em batalha.
Esforça, que hũa moça o adufe em soma
Começa de tanger com tanta graça,
Parece que traspoem, ora que affoma.]
Or' eu por fiador, a alguém prol faça
S' ella tão bem cantar como parece, .
E como soe, qu'inda ella oje nos faça
Desta tarde que he ja, quando amanhece.]

BREATIZ CANTA!

CANÇAM DO ENCANTAMENTO,

E M tempo antigo, longe, em terra estranha,
Hum Rei, & hũa Rainha
Ouuerão filhas: a primeira veo
De beldade tamanha,
Que algũa igual não tinha,
Somente a que despois foi a do meo:
Mas logo sobreueo
Inda outra, qu'estas fez como às estrellas
Faz o Sol claro tanto que apparece.
Fallauão caualleiros & donzellas,

As obras de

Como nas cousas raras acontece,
A gente se lhe offresce.
Como a Deosa immortal,
Têdo bem o sobejo sempre he mal.

Não soffreo tal offensa Amor altiuo,
Que fosse às Deosas feita,
Seu arco encorda, os tiros apuro,
De chumbo & d'ouro viuo,
Voando ao ar se deita,
N'hum momento tudo atraueffou:
Mas muito se enganou,
Que quando aquella Iffante ante si vio
Fugiolhe o coração, a frecha cae,
E no pè que diante hia o ferio.
Chora o mimoso, & grita polla mãy,
Com tal conselho sae,
Faz hum par que encantado,
Hi geme, alli suspira magoado.

Ia dantes disto àquella acesa fama
Da fermosa Princesa,
A grande Venus toda receosa,
Os seus Archeiros chama,

Em

Em secreta defesa,

As mostras são pore[m] de andar ociosa,

Quando polla amorosa

E delicada praya rumor corre:

Incerto assi do pouo

Que o poderoso amor de amores morre:

Mas outra & outra vez torna de nouo,

A mãy com tal renouo

Poem atras tudo, & ceua

A moça de alto sono, & ao Parque a leua.

Cae a noite do ceo, mas he de lumes

Vencida, & fazem dia,

Alli acordada vê viuas pinturas,

Ardem ricos perfumes,

Os cantares que ouuia

Erão pera abrandar as pedras duras:

Poemse a mesa: figuras

Correm, de vasos sem preço & sem conto

Mansamente ordenado & sem peleja,

Tudo se faz alli prestes n'hum ponto,

Que banquete quereis que o d' Amor seja?

Não acha alli a enueja

Que possa desdenhar,

As obras de
Nem appetitos que mais desejar.

Mas eu por que me vou ora detendo
Por causas que o sentido
Deixa por hum tamanho espaço atras?
Respeito ao sol auendo,
Direi d'hum sò partido
Que amor logo tirou, mas duro assaz,
Disse, Não me verás,
Contentete o que vês: a sorte esquerda
Tudo acomete, va tal pensamento
Em pedaços ao vento, cuida a perda
De se esuaecer tudo em hum momento,
Ha mister soffrimento
O mal, & he o bem,
Pouco estimado daquelle que o tem.

Promete do por vir ousadamente,
Fazemse comprimentos
Em abastança, temse despois mal,
Deseja ver sua gente
Para assoalhar seus ventos,
Querlhe mostrar andando o tal & o tal,
Cousa que tanto val,

Cos

Cos nossos coraçõezinhos pequenos:
 Ora indo assi crescendo estes desejos,
 A fermosura cada vez he menos,
 Quanto dos mimos mais, mais dos entejos,
 Em fim (diz) bẽs sobejos.
 Sem as minhas irmãs,
 Não sois riquezas não, mas visões vãs.

Ouuiu & estremeceo Amor, com tudo
 Ouue de dar licença,
 E diz no cabo, Pois ella assi quer
 (Por hum pedaço mudo
 Esteue) & porem vença
 (Tornou) vsada assi sempre a vencer:
 Vêna as irmãs ver,
 Mas vendo hi tanto de que auer enueja
 Mais tristes que antes (dizem) mal fadadas,
 Co que se perde aqui, co que sobeja,
 Foramos todas bemaumenturadas:
 Nadas, menos que nada.
 Nossas fracas riquezas,
 Como esta as chamarã tudo pobrezas.

Amoça amostra câ, & amostra lá,

As obras de
Do que não vem lhes conta,
Andava à face toda, ellas d'enues;
Não soffrem ver mais ja,
Não podem coa affronta
Com tudo: E cedo irão dar a traues,
O sol anda de pès,
E juntamente prazeres desandão:
Tambem as que fingiaõ suspirauão,
Quem sabe os corações alheos que andão
Fazendo? se quereis, inda chorauão,
Mas donde se entornauão
Aquelles vasos de agoa?
Parescia irmandade, ella era magoa.

Não se pode mais ter hũa: E em tal vida
Que gosto podés ter
(Disse) nossa irmã triste assi enganada?
Choramoste perdida
Vinhamoste ora a ver,
Tornamoste a chorar por mal achada.
E feita mais ousada
Tomoulhe a mão essoutra, E quem seria
(Disse) que cuidasse al, se te ama tanto?
E se tal fosse, elle s'amostraria,

Respondes

Respondes que não quer, disse m'espanto,
 Ora eu não to alevanto,
 Mas dizem neste lago
 Que às sonoutes se vê voando hum drago.

Não disse mais: os olhos não seis mais
 E os geitos, que disserão,
 Fazendo casos: a moça enfraquesce,
 Vão suores mortais:
 Todas nisto vierão,
 Que quando ha tempo, o dilatar empece:
 Eis a barca aparece
 Em que se hão d'ir, deixãolhe hum lume aceso,
 Ordenão o que faça antes que váose,
 Vejase em todo caso o tão defeso
 Esposo, & tão gabado, então descanse:
 Outra vez as mãos dáose,
 Soltão ao vento a vella,
 Eogem ellas co bvrco, coa praya ella.

Ora já noite, chega amor cansado,
 Lançase no seu leito,
 Lançase â boa fê, & dorme quedo:
 Da Iffante o delicado

Singello

As obras de
Singello & brando peito,
Vence-se, ora de amor, ora de medo:
Descobre-se o segredo
D' Amor (cousa diuina) olhos humanos
Como ter se podião ao resplendor?
Malina inueja, que causou taes danos!
Deixao dormir, dormisse sempre Amor:
A simple com temor
Os passos desconcerta,
Caelhe no peito o fogo, elle desperta.]

Quantos & que sospiros hi de nouo
Que gritos ameuda!
O jardim deleitoso em hum momento
Em brejo escuro & couo
(Quem o crerâ?) se muda,
Que se fez de tão rico apartamento?
Cousas sem fundamento
Assi se tornão em nada a desora:
As mas irmãs, mas furias infernais,
Com' bichas assanhadas lanção fora,
De si mesmas paga ájão as tais:
A moça ensinou mais
Simpresa santa, & jouue.]

Em



EPITALAMIO PASTORIL.

A Antonio de Saa, no casamento de
de sua filha, a Senhora Dona
Camilla de Saa.



Erecho successor, firme coluna
Desta casa de Saa, que sempre entera
(De las edades corriendo cad'vna,)
Por si segura, y tan constante, espera,
(Que reja, o no reja la fortuna,)

Cogida, o desplegada la bandera,
En vos quanto sperar se puede sobra,
En quien corren a par de sseo, y l'obra

Y no qual por aqui pechos vfanos
De sus blasones y escudos pintados,
(Cuentos inciertos quiçã, y algunos vanos)
(Porque puedan passar,) mucho ha passados.
Quien hizo differencia de villanos
A caualleros, blandos, y enseñados?
Sino proezas y buena criaça?
Toman las fuerças al tomar de lança.

Vos aun que tantos costados contaes
Noble de toda parte (como aqui

AS OBRAS DE

Bollicio algun se siente) alla bolae,
Testigo es Cepta, testigo, Casi.
Con quanta diligencia que buscaes
Grandes afrentas, y no ala buelta ansi,
Mas en reposo todos los recelos,
Que reposo no os dan vuestros abuelos.

Cuentase destas fiestas con espanto
Alla entre nos, mandadnos dar la puerta,
Cantaros ha esta gente aqui entretanto
Que el mayor regozijo se concierta,
Aunque al palacio so conuenga tanto
La çampoña Aldeana, aun poco abierta,
Y en fin vn Pythalamio, otros cantores
Ah de los mios Amores, Amores?

Pastores del Epythalamio. Nuño, y Turibio.

Nuño. A do te lleuan Turibio los pies?
Mas yo que digo? Eres tu este, o no?
Ni si te veo se, ni si me vees.
Tal te paraste? quien te demudò?
Mal espantado me has, y no se estrece,
Que alguna escura sombra te assombrò.
No se, de mi quiza que te parece
Puede ser que otro tanto: mas pariente
En ti mui poco de ti remanece.

Turi. Pienzas que con los pies, y no otramente:
Somos aca y alla soncas llevados,

Como

Como los mas se piensan dessa gente?
 Eres en muy gran yerro, y si guiados
 Cuidas que somos de los nuestros ojos,
 Los nuestros guiadores son cuidados.
 Que d'antojos nos lleuan en antojos,
 Como plumas que alçadas lleva el viento,
 Si vna vez de plazer, muchas de enojos.

Amy lleuame ora así sin tiento
 No (como dixes) pies, mas no se quien
 Que a pocas no me sobra entendimiento.

Nuño. Lo que yo pariente diría que fue
 La tu alma enagenada en fuerte punto
 Passose a cuerpo ageno, y d'alla vee.

D'alla responde a lo que te pregunto,
 A ti mismo eres fecho como extraño,
 Biues en otre, enti y'eres defunto.

Vna mala dolencia, vn claro engaño,
 Antojadizo, sin juicio, o tino,
 Oy mal y cras peor, al mes y al año.

Yo no soy escolar, mas adeuino,
 Que bien indalgare sin errar nada,
 Como vn ciego que está cabe el camino.

Mas es fatiga vana, y mal tomada,
 Por vn yerro comun de los zagales
 Que por rodeos van, dexan la estrada.

Atiente, si me crees, a las señales
 Mas que a palabras destos trasportados,
 Que mucho mas q' el biẽ precia sus males.

Dize se en general que enamorados,
 A todos juzgan los otros por ciegos
 Y al contrario ellos son d'ojos quebrados.

Bien entiendo pariente aquellos juegos,

AS OBRAS DE

Juegos son y digo, o que? digo locuras
De los pastores, y aun de palaciegos.
No se darne a consejo, voime a escuras
Hasta que estos antojos yuso cayan
Y a plaça vengan sueños, y folturas.

Nuño. Ciertos breuages se, con tanto que ayan
A ti mismo en ayuda, si los beues
Yo fio que la puerta al quicio trayan.

Turi. Quien sabe que podra? son cuentos largos.
Los mios, va mi mal mui de rondon,
He miedo de añadir cargos a cargos.

Nuño. Que poquedad es esta? eres varon.
Vees la verguença que es peor que el mal
Leuantate a pesar del coraçon,

Toma a la soledad odio mortal,
No te engañen lugares deleitosos,
Abrigados al cierço y vendaual.
Los prados con las sus fuentes hermosos,
Flores, y arroyos, que van discorriendo
Con los sus pexeçicos bulliciosos,
Abejas que andan la su miel cogiendo,
Con el zonido sordó por las flores
Y no vees que alli falte, ellas partiendo.

Y luego buelues suspirando, Amores
Sin que os coste nada, me podreis
Hazer el mayoral de los pastores.

Tiene por cierto Amor estrañas leyes,
Mas lo que con paz tuya dicho sca
Tomado lo aueis tal, tal lotencis.

Auisote tambien quando alborea
Tus oidos atapa al cantar blando
Del Ruy señor q̄ el ayre y el bosque arrea

Ruego,

Ruego, requiero, y si mas puedo, mando

Que arrojes lexos de ti la çampoña,

Los tus cantares no vas recordando.

Trae cada cantar su carantoña,

No podras con la carga y graue peso,

Es musica a aquel mal, clara ponçoña.

No confies (te auiso) del tu seso

Al tu peligro busca compañia,

Que te ayude a soltar, ya que estàs preso.

Del buen amigo todo lo confia,

Descargate seguro en sus oydos,

Que en noche tan escura cumple guia.

Va pidiendo prestados los sentidos,

Que los tuyos ya vees que los perdiste,

No te pierdas tambien tras los perdidos.

Mas pecador de my que no me oyste,

Estoyte hablando, pero que aprouecha?

El cuerpo aqui se està, tu trasposiste.

Turi.

Conuieneme passar la puente estrecha,

Y (como dizen) beuella, o veriella,

En fin que fue verdad la tu sospecha.

El alma mia a aquesta parte, y a aquella

En vn punto lleuada, mal podria

Estar queda, segura, y sin querella.

Nuño

Toribio contra el mal de fantasia

(Que es ligero, y a comete hõbre a desora)

Cumpre vela, atalaya, escucha, y espia.

Y no dexarte trasportar cad'ora

Diziendo, ò que iua Olaya tan loçana?

D'aquellos ojos quien no se enamora?

Si es fresca, tan apuesta, y tan galana,

Como no es tal a Diego, y es lo Elena?

Y a Pedro Elena no, es lo Ioana?
 Y esse tu cuerpo grande como acena
 A caerce cansado, arde el pauilo
 Vee se la llama, la candela appena.
 Ayudate Zagal ayrado dilo,
 Contrati mismo ayas de ti verguença,
 Como vn bouo no estes preso d'un filo.
 Vees que amor al peor siempre enderença,
 Despierta la razon lidien abraços,
 Ayudala, si quier que vna hora vença.

Turib.

Ay las mis cuentas, antes embaraços,
 Aqui estoy mal, peor si la mi tierra
 Medexo, haziendo el coraçon pedaços.
 Que mirando despues d'aquella sierra
 Hazia esta, pienso quan triste diria
 Quien me lança de ti? quiẽ me destierra?
 A do me lleua Amor? que es la mi guia?
 El fuesse el buen juez, pesasse el yerro,
 El pesasse el tormento, y cuita mia.
 Ansi passando mal de cerro en cerro,
 Ora mirando aca, ora aculla,
 Todo se es aguzar hierro con hierro.

Nuño.

Por demas son remedios, mi fè ha
 Aquien oyllos no quiere, ni vellos,
 Vasiya rota, que toda se vâ.
 No se puede salvar ni por cabellos,
 Son quien se ayuda, y aun esse confatiga,
 Quiẽ remedios quisiere ande tras ellos.
 Date date al trabajo, el cuerpo obliga,
 Sabe que reina Amor en ocio blando,
 Luengo y duro trabajo lo castiga.
 Toma el açada vaa despedaçando,

La tierra

La tierra no mollida, enxiere y planta,
 Vê la siebe, y pared y vallo alçando,
 Desuelate la noche, el lobo espanta,
 Aticia los canes, como si lo vieses
 Ya la oueja afferrar por la garganta.
 Despues cansado vella que no cesses,
 Al fuego trabajando en tu cabaña,
 Que mejor de trabajo es que murieses.
 Nunca falta al pastor que bien se amaña
 En que se passe la noche sombria,
 Y el trabajo tal vez cantando engaña.
 Refresque siempre la melanconia,
 Los deslabridos desprecios, y brios,
 Que Amor passando va de dia en dia.
 No te combido con breuajes frios,
 Hechizos suzios, magcios cantares,
 Vanos remedios, antes desuarios.
 Yeruas dallende de los nuestros mares,
 Cogidas ala Luna, en las entrañas
 Buenas a quitar vidas, no pelares.
 Cuentan las viejas en las sus patrañas,
 De cierta encantadera, que boluia
 Los que arribauan ende, en alimañas.
 Era vna Isla en la mar, alli gruñia
 El puerco, vuiana el perro, el osso tanto
 Temido, el Leon brauo ende rugia.
 O buen amigo, tu no vces que en quanto
 Nòs departimos, sube vna auezilla,
 No se ni si es cantar, no se si es llanto,
 Subio, que malaues aturo a oylla,
 Ni vella, son de quando en quãdo à pena,
 Digo en buena verdad, que vue manzilla.

Turi.

- Parecia espiritillo que anda en pena
 Por esos ayres, Nuño si la oyeras.
 Dizen por esso tal, Hija sey buena.
- Nuño
 Turi. Ora, Nuño, ora di cuenta de veras
 Que de veraste escucho, y estoime atêto,
 Cuéntame mas da aquellas hechizeras.
- Nuño
 Seria esso tener mano en el viento,
 Si no hablo mal, empero si lo has gana,
 Otro te contare, dexo aquel cuento.
- Turi. Perdona amigo a la cuita villana
 Que conmigo arremete, y sobrefalta,
 Esta alma mia, mal cuerda, y mal sana.
 Y fazeme caer cad' hora en falta.
 Mas cuenta Nuño que atento estare,
 Aunque en el pecho el coraçon me falta.
- Nuño De Ribero has sabido bien quien fue,
 Quanto pudo en tañer, quãdo en cantar,
 Del, y Gil otro tal, te contarè.
 Y quando otro tal digo, has de pensar
 En algun gran pastor de nuestros hatos,
 Que con el ser oydo pudo a par,
 Acuerdome a la sombra d'vnos latos
 De fauzes altos, verdes, y graciosos,
 Se ajuntauan pastores muchos ratos.
 Como vees que acontece a los ociosos,
 Hablar desto, y de aquello, y mas zagales,
 Que son parleros, y son porfiosos.
 En fin fin los conciertos fueron tales,
 Cad' uno destos cante su cancion,
 Vno bienes d' Amor, otro los males.
 Es de saber, Ribero en la prision,
D' Amor, sus queexas nos representasse

Las sus grandezas Gil, al mismo son.

Turi. Ay mi buen compañero, no traspasse
Tamanha ocasion al mi desseo,
Darm'has la vida, que anda al passe, passe.
Comigo hermano hasta agora peleo,
Agora pelearé soncas contigo,
Que muchos dias ha que lo desseo.

Nuño Ala ribera d'vngracioso rio
Quantos aquella vez eran presentes,
Ribero todo demudado y frio.
Cantò temblando los versos siguientes.



CANTA RIBERO LOS
males de Amor.

Mandaesme ora que cante,
Triste que cantare?
Y mas d'Amores que enemigos son?
Mandadme que leuante
Suspiros, que esto sé,
Conformandome al tiempo y a la razon,
Pues atinando al son,
Quexofo de mis daños,
Dire mil desconciertos
O que seran mas ciertos
D'Amor, y como quier, por cierto estraños!

Que

As obras de

Que me han este mal fano
Pecho, todo metido a saco mano.

Esto que Amor llamaes,
(Del qual me aueis forçado
Entre vos a dezir,) mas razon fuer
(Si alas obras miraes)
Del ser antes nombrado
Enemigo cruel, son que yo me muer.
Sabeis de que manera
Por bosques solitarios,
Nos lleva dando gritos,
Suspiros infinitos,
De q̄ son nuestros pechos tributarios
Si aquella es la su cura,
Por sus remedios, vereis que es locura.

Despues mirad sus fuegos,
Sus mudanças tan prestas,
Sus gettos, sobre saltos, y meneos,
En verdad que son juegos,
Que corren sobre apuestas,
Lleuados de los locos sus deseos.
Viejos demonios feos,
Teñidos, mal teñidos,

Los

Los gestos trasportados,
 Los pechos ora inchados,
 Ora del todo en vista consumidos,
 Muerefe vno arrauiado,
 Otro statua de piedra, anda pasmado.

Viene otro murmurando
 Configo, y no se entiende,
 Todos se burlan del, y el no los vee,
 Vanlo al dedo indilgando,
 No espereis que se emiende,
 Siempre esto así será, siempre así fue:
 Como me ayuntaré
 En tan poco d'espacio,
 Tantas diuersidades
 De las sus liuiandades
 Que aun pēsar no se puedē fin cansacio:
 Dire solo esto poco,
 Qu' a tãtos de mil locos, mada vn loco.

Tambien yo mal peccado
 Ende voy de confuno,
 Que ni lo que hago se, ni lo que digo.
 Hemos mal barajado,
 Yo comigo importuno
 Como enemigo con otro enemigo,

Quando

As obras de

Quando se siembra el trigo,
Quando anda por las eras,
Passa vno, y passa otro año,
No sientes el engaño,
Son quando ya del todo desesperas.
Sin ya triste en ti ser
Ir adelante mas, ni de boluer.

Que valles no corri?
Que bosques no busquè?
Que peñas? q̄ escõdrijos d'animales?
Por me furtar amy?
Qual destos cerros fue,
Que no sepa mis quexas desiguales?
De querios caudales
No rebolui riberas?
Ora arriba, ora ayuso,
Qual monte no respuso
A mis finales bozes lastimeras?
Tan claro que yo boluia
Ojos atras, por veer quien respondia?

Engaño poderoso,
Meter yo mesmo en seno
Vn fuego que ende alçò ilama tan braua?
Amor tan gracioso,

Amor

Amortan blando y bueno,
 Como tanto de mal dissimulaua
 Que cad'hora me laua
 De lagrimas el gesto,
 De tal color teñido
 Que es trabajo perdido
 Esperallo lauar foncas tan presto,
 Onde esperança pone
 Corriendo alla me lleua, ella traspone.

En infierno, ay quien cuenta
 Por vn monte alto arriba
 Q'vn câto a cuestras sube vn cõdenado
 Jamas por jamas se assienta,
 Quando que alo alto arriba
 Refuala, y buelue el peso atras priado:
 Prestamente el cuytado
 Torna a la su demanda,
 E iso sube del hondo
 Con su canto redondo,
 Qu'otra y otra vez cae, y en bald'anda
 Igual embaimiento
 Lleua, y trae el Amãte en tal tormẽto.
 Que vos dirie d' Amor que no sepais
 Enemigo cruel,
 Que los mas suyos, mas se q̃xando del.

A S O B R A S D E

Ansi canto Ribero, y vimos claro
Mientras cantava, que lo interrumpian
Muchos folloços del su pecho amaro.

Lagrimas de los ojos le cahian

Vnas tras otras por la cara ayuso,

Con harta compassion de los que oyan.

Yo vide algunos versos que el compuso

Quasi todos llorosos, tuuo vena

Blandissima, y aun mas blanda conel vso.

Mas Gil por la tu fè (si no te pena)

Que vino de la su parte arguyendo

No le auia afaltar gracia, ni lena.

Primero vuo que hazer, vnos diziendo

Que el su mal proprio cantara Ribero,

No los d'Amor, los otros defendiendo.

Que ansi dezian quien se paga el fuero

Sabe sus males de toda manera,

Del cabdal, de las geras, y dinero.

Con todo Gil, bien vimos que quisiera

Descabullirse al reto porfiado,

Por buena voluntad no falleciera.

En fin tomo el Rabel como forçado,

Y afinando lo estuuu cuerda à cuerda,

El arquillo bolaua, y ansi afinado

Acudia apuntando con la esquierda.

Canta Gil los loores de Amor.

No veis como al cantar

D'Amor el Sol se aclara?

Las auezinlyas abuelo se erguieron?

No veis

No veis regozijar
 Los pexes al agoa clara?
 Luego aca, luego alla se arremetierõ?
 Mas ah que me fuyeron
 El aliento y la lengua,
 Dubdando ala empresa alta
 A tal tiempo, tal falta,
 A quiẽ boluerme deuo en tãta mēgua?
 Son al fresco moçuelo
 D'Amor, q̃ siẽto andar cercano abuelo.
 Amor que en vn momento
 Visita este ayre puro,
 Del nõbre solo, quien no se enternece?
 Comun consentimiento
 Le dio deidad de juro,
 Y niñez, que jamas no se enuegece
 Todo d'cfaparece,
 Y todo aprissa fuye,
 Pera no boluer mas,
 Ya fuera todo atras
 Son, que Amor (su merced) lo restuye
 De nueuo refaziendo
 (Quiẽ lo puede negar?) siẽpre aplaziẽdo.
 Emprimavera vfana
 Mirad que se enamora,

La misma tierra, ved como se arrea
D'oro, y plata, y grana,
Viene Pomona y Flora,
Que la cubren, vestiendo a su librea:
Verá quien quier que vea
Toda cosa criada
D' Amor fauorecida,
De nuevo ir dando vida
En rios, en la tierra, y en mar salada:
Saltar pexes tan altos,
Que mas parecen buelós, que no saltos:

Las aues y las fieras,
Que nacen tan armadas,
Luego en poder d' Amor se paran bládas,
Mas antes lisongeras,
Las fuerças olvidadas,
Ronceando se van en sus demandas:
Senhor que todo mandas,
Nuestros pechos visita,
Tu buena merced sea,
Entra por nuestra Aldea,
Inchela toda d' Amor, y odios quita,
Que por muy buena suerte
Todo eres vida Amor, de amor muerte.

Entre

Entrè flores suaves
 Si estàs contra tu grado,
 No te podran tener, ni aun en cadenas,
 Ay quanto que son graues,
 Las fiestas al forçado,
 Quãto biẽ ende vẽ, buelue se en penas.
 Malas cosas y buenas
 Haze Amor, y deshaze,
 D'absoluto poder,
 Quereislo clar o veer?
 No llamamos plazer, son lo q̃ aplaze,
 Quanta noche esclarece,
 Y quantos dias que Amor escurece?

Ciertos emboluedores
 Falsos, y femëtidos,
 Entran hurtados, (siẽdo Amor ausente)
 Al arrayal d'Amores,
 Ende desconoscidos,
 Toman à engaño al simple, al innocẽte
 Causa que tanta gente
 Vaya con boz llorosa
 De mandando piedad,
 Tornad en vos, tornad,
 Que aũ trabajos d'Amor, sũ dulce cosa,

Catad que estos moçuelos
Que por Amor passais, son malos celos.

Amor nunca alabado
Por mucho que sea assaz,
Si a lo que se le deue se mirò,
Quien al mal prolongado
O fuesse en guerra, o em paz,
Puso dulce esperança, si Amor n
Quien el palacio enchio
De ricos atauios?

Aquellas opiniones
Degalas y inuenciones,
Que serian sin el: son defuarios?
El puso ende las damas
Arde el palacio todo en biuas llamas.

Y a nos quien nos softiene
Entre tantos sudores,
Desta vida cansada aca de fuera?
Saluo este Amor, que viene
Con los sus lamedores,
A esforçar vno a vno que no muera?
Templad d'una manera
En sus iguales modos
Estos nùestros rabees,

Tocad vno despues,
 Sin q̄ otros no toqueis, respõden todos,
 Amor que no podrá,
 Si tanta fuerça a los conciertos da:
 Es trabajo sin fin que me aueis dado
 Que a labança mayor
 No quier Dios de nos mas, q̄ solo Amor.]

Ansi nos canto Gil, y a nos boluido
 Dixo, esto fue complir vuestro mandado,
 No cantar, no tañer, que no lo ha sido.

Turibi. O mi buen compañero, ah que me has dado
 La vida con las tus buenas canciones,
 Menudamente de todo acordado.

Nuño. Si ansi Turibio te plugon sus sones,
 Oyendolos a ellos, que fizieras:
 No pude mas, conuiene me perdonec.

Mas tu quiçàs no vees las cantaderas
 Que alla parecen? que frescas Zagalas
 Vestidas como aguisa d'estrangeras.

Dos Mengas, dos Eluiras, dos Pascoalas,
 Semejan entre mil como escogidas,
 En cuerpos, gestos, gracias, y en las galas.

A fiestas deuen o'ir tan guarnecidas,
 Y tan acompañadas, abalemos

Turibi. Ah Nuño, como? y a fiestas me combidas.

Nuño. Otros a tantos de Zagales vemos
 Ala porfia contrales teniendo,
 No lo sufre razon que tal dexemos.
 Passar Carillo, viendo, y no lo viendo.

EL EPITHALAMIO.

Zagalas. Razon ay que tal sufra? vna donzella
Criada a mil regalos, en el seno
De su madre, ella çaharenha y bella,
Que venga vno de fuera, vn como ageno
Y que la lleue mientras se querella?
El gesto todo de lagrimas lleno,
Que se puede pensar cosa mas fea?
Entrada de enemigos el Aldea?
Sà, Saa, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagales.

Padres, madres, hermanos son vencidos
En los propios amores verdaderos
Destos esclauos que llamais maridos,
Hasta la muerte sanos compañeros:
Pero los suegros (como embeuecidos
Del plazer grande) piden nuevos fueros,
Dad que gelos deueis nietos a pares,
De que donayres cuenten a millares.
Sà, Sà, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagalas.

Ay Zagalejas nuestras tan preciadas,
Y vos que lo pensais, porende altiuas
Andais (al parecer) glorificadas,
Que no semejais quasi a cosas biuas:
Perdeislo todo como sois casadas,
Passaisuos de señoras a catiuas,
Quien lo puede negar? y en tanto daño
A pesar de razon, vence el engaño.
Sà, Sà, por ayre tierra y mar ressuena
En comun alegria y buena estrena.

Zagales.

No se puede negar que todo fuye,
 Quanto mas las liuianas voluntades,
 Este tiempo gloton todo destruye,
 Las duras peñas, quanto mas beldades,
 Tan delicadas, quien lo restituye
 Todo, si Amor, no por sus bondades?
 El solo nos defiende a la fortuna
 A las bueltas del Sol, y dela Luna.
 Sá, Sà, por ayre, tierra y mar ressuena
 En comun alegria, y buena estrena.

Zagalas.

Essa restitucion de que acenais,
 (Que son los hijos,) ay las sus fatigas,
 Ah los trabajos grandes que callais,
 Dissimulando cuitas tan antigas:
 Que vosotros sabeis que las causais,
 Dias crueles, noches enemigas,
 Desigual parçeria, juzgue Amor,
 La parte flaca mas, passa peor.
 Sà, Saa, por ayre, tierra y mar ressuena
 En comun alegria, y buena estrena.

Zagales.

Passais desgradecidas como en juego
 Tantos suspiros de los seruidores,
 Oyame el turbio Duero, oya el Mondego,
 Cad'uno con la su fuente de Amores,

AS OBRAS DE

No sabeis como va derecha al fuego,
Arbol sin fructo aunque lleue flores?
Y dize el que la riega, y que la escaua,
Que quiero mas aqui dest' Arbol braua?
Sà, Sà, por ayre tierra y mar ressuena
En comun alegria y buena estrena.

Zagalas.

O dulce libertad como te vas
Asi cubierta de nombres pintados!
Que nunca buelues ni apareces mas?
Corre el engaño todos los estados,
Si pudieffen boluer tiempos atras
Como no pueden, ni consienten hados,
Auerian lugar buenos consejos,
Seriamos a nos buenos espejos.
Sà, Sà, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagalas.

Zagales.

Relampaguean fuegos que nos ciegan,
Veis quanta gente? veis quanta señal?
Y todas d'alegria que saltan y se allegan
A nos, que no sera soncas por mal,
Estas lo que mas dessean, niegan,
Los sus esposos, no les creais tal,
No os engañen fingidos sus enojos,
No las lagrimas falsas de sus ojos.
Sà, Sá, por ayre, tierra, y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

T 4

Glosas





Glofas, Cantigas, & Chiftes, ao Modo
Italiano. De Francisco de Saa de
Miranda.

Glossa (como se na quelle tempo costumaua) a esta cantiga de
Dom Iorge Manrique.

No se porque me fatigo,
Pues com razon me venci?
No siendo nadie comigo,
Y vos, y yo contra mi.

Yo por aueros querido,
Y vos a my desamado,
Cõ vuestra fuerça y migrado
Auemos a my vencido.
Y pues fui mi enemigo,
En me dar como me di,
Quien osara ser amigo
Del enemigo de si?

Glossa ao costume daquelles
tempos.

Del tormento fatigado
No se que consejo sigo
Voi de cuidado en cuidado,

Mas despues en my tornado,
No se porque me fatigo,
Haz lo que suele el pesar,
Defatinandome ansi,
Mas boluiẽdo a en vos pensar,
No se de que me quexar,
Pues con razon me venci.

En aquella mi agonía,
Ya no me quexo: mas digo,
Quando fue la prision mia,
Quien ayudarme podria
No siendo nadie comigo?

Y aun esto no abastò,
Que harto mal era por si,
Que a my me faltasse yo?
No fui comigo alli, nõ?
Y vos y yo contra mi.

Que diran a tal concierto
Sin mas dilacion cumplido?
Entramos me auemos muerto
Vos porque no see, mas cierto
Yo por aueros querido.

Lo mas como lo sabrè?
Que en aquel pũto ordenado,
Que a vos los ojos alcè,
A mi desamado me'he,
Y vos a mi desamado.

En el mal quando acontece,
Es consuelo el ser forçado,
Tambien esto aqui fallece,
Que juntamente parece
Cõ vuestra fuerça, y mi grado.
Fuerça, en ñ no consentistes,
Mas vuestro poder sabido,
Em ñ venceis quanto vistes,
El, y los mis ojos tristes,
Auemos a mi vencido.

Que lagrimas, y que ruegos,
Alcançaran vn abrigo,
En tantos de lasos siegos?
Pues acendi los mis fuegos
Y pues fui mi enemigo?

Es la razon natural,
Cada vno an si por si,
Que a los otros fere tal,
Quãdo ami mismo hize mal,

En me dar como me di.

Todos van al su prouecho,
Yo ñ a mis males me obligo,
Ando conmigo en despecho,
De tão duro y cruel pecho,
Quien osará ser amigo?

Mas que digo yo? osará
(Y no mucho antes ansi
Qual peligro deterna)
Aquel que fuyendo vã
Del enemigo de si?

CANTIGA SVA.

Señora oid la mi suerte
Y de vuestra crueldad
Por no pedir os piedad
Antes la pido ala muerte.

El mi coraçon caido,
En tanta cuita y desmayo,
Pues ñ nunca os ha mouido,
Ante la muerte lo trayo,
Mas no se como concierto,
Tan grande desigualdad,
Que me hazeis pedir piedad,
Contra la muerte ala muerte.

CANTIGA SVA.

Quãto mal me era ordenado,
Las cosas con que naci
Algunas me han desechado,

Alcance

AS OBRAS DE

Alcance otras contra my.

De la mi alma no se
 Que es della, y mi coraçon,
 Ala fuerça no ay razon,
 Cad'uno tras vos se fue.
 Vida, memoria, y cuidado,
 Sentidos que a vos ergui,
 Estos nunca me han dexado
 Por seren mas contra my.

CANTIGA SVA.

Que he isto onde me lançou
 Esta tempestade ma?
 Qu'he de my se não sou la?
 E ca comigo não vou?

Inda que me eu ca não via
 Tudo vos confessarei,
 Onde a vos & a my deixei
 Cuidava que me acharia,
 Agora quem donde estou
 Nouas de my me trara?
 Pois dizeis que não sou la
 Não sei sem my onde vou.

ESPARSA SVA.

Porque podera abafar
 Ouviendo, o que nace mudo
 Com desejos de falar,

Antes se lhe nega tudo.
 Ora auendo de nacer
 D'ouuir de vos tal desejo,
 Porque ouui se vos não vejo
 Nem vos espero de ver?

CANTIGA SVA.

Puede se esta llamar vida?
 Ala qual se entra llorando
 Que se passa suspirando
 La muerte es la su salida?

Por lo qual yo sin ventura
 Con gran cuita he deseado
 Que viera sido lleuado
 Del parto ala sepultura,
 Tal esperanza perdida
 Yo no se loco tras que ando
 Voime assi deuançando
 Entre la muerte y la vida.

ESPARSA SVA.

Tornouseme tudo em vento
 Apos tormento, & tormento,
 Que eu passei cuidãdo em al,
 Em fim veo cedo o mal
 É tarde o conhecimento.
 Eu assi desenganado,
 Vejo vir males mayores
 O tempo a que sou chegado?
 Que posso doer às dores,
 É dar cuidado ao cuidado.

CAN-

CANTIGA SVA.

Mal de que me eu contentei,
 Contas rematadas ja,
 Agora descansarei
 Esta dor me matará
 Senão, e u me matarey.

Nas cousas que não ha meo
 He escusado cançar mais,
 Ir de receo em receo
 E de finais em finais.
 Em vão ca, & la cansei,
 Tudo me he tomado ja,
 Agora descansarei,
 Ou me este mal matará,
 Senão, eu me matarei.

CANTIGA SVA.

Comigo me defauim,
 Sou posto em todo perigo
 Não posso viuer comigo
 Nem posso fugir de mi.
 Com dor da gente fugia
 Antes que esta assi crecesse
 Agora ja fugir ia
 De mim, se de mim podesse.
 Que meo espero ou que fim?
 Do vão trabalho que figo
 Pois q̄ trago amim comigo
 Tamanho imigo de mim?

CANTIGA SVA.

Criado sempre no meo
 De dores, fez se a dor tal,
 Que pode chegar o mal
 Onde não pode o receo.

Que se eu podera algũa hora
 Em tanto tempo cuidar
 De ver tamanho pesar
 Poderão sofrer agora,
 Mas que farei se a ser veo
 Crecendo a dor a ser tal
 Que pos auante o final,
 Donde o posera o receo.

VILANCETE SE V.

Esperanças mal tomadas
 Agora vos deixarei
 Tão mal como vos tomei.

Que vida ha de ser a minha
 Por tépos, nem por mudanças
 Que possaõ vir? que nã tinha
 Mais bem q̄ estas esperanças?
 Agora às desconfianças
 E sospeitas que farei?
 Com que lhas defenderei?

Conselhos mal atinados
 O tempo ao menos vos cãse,
 Partão cuidados & vão
 E poreu, ò que cu

Mas deixēme erros passados
Em q̄ eu por meu mal entrei,
E por meu mal sairei.

CANTIGA SVA.

Sortes & venturas são
No mal que me assi fazeis
Se tendes causa ou não,
Senhora vos o sabeis.

Por isso quanto padeço
E o mais que de vos espero
Quero se o mereço,
E se não também o quero.
Que agora mal o cuideis
Annos & tempos farão
Que o que sem razão fazeis
Inda julgueis por razão.

VILANCETE SE V.

Que mal auindos cuidados
Me tomarão antre si!
Nunca taes cuidados vi.

A minha alma não repoufa
Nem de noite, nem de dia,
Dentro nella contraria
Toda cousa, a toda cousa,
O cuidado, que mais oufa,
nais confia em si,
& ora assi.

Que me quer este receo
Inda sobre meus agruos?
Temme tomados os cabos
Não tendo meus males meo.
Ia não confio nem creio,
Ia confiei, & ja cri,
Mal assi, & mal assi.

Inda se isto ser podesse
Que por tempo se faria,
Que hũa hora me nã temesse,
Isto me descansaria.
Mas não vejo porque via
Se possa fazer, que assi
Não moura como viui.

CANTIGA SVA.

Razão & tempo seria
De ver sua vaidade
Aquelle cega vontade
Que tão cegamente guia.

Que podera hũ grande imigo
Fazer mais? certo he q̄ não,
Por mimos do coração
Inda tudo o peor sigo.
Voume assi de dia em dia,
Olhos de longe à verdade
Entretanto esta vontade
Assi cega guia, guia.

CANTIGA SVA.

El agruio que recibo
De quien yo menos deuiera

Dexadme

Dexadme llorar si quiera
Ya que para mas no biuo.

Aliuio sea, o salida
Aldolor, esto que os cuesta?
Que no passe al otra vida,
Con tanta querella desta?
Mientras de mal tan esquiuo
Mas mal no quiere q̄ muera
Dexadme llorar si quiera
Terne solo esto de biuo.

ESPARSA SVA.

Do passado arrependido
Seguro doutro erro tal,
Seja o perdido, perdido,
E do mal, o menos mal.
Façase o que vos mandaes
Não nos ouça mais ninguem
Que do mal vosso & dobem
Não sei qual quisesse mais.

A este villancete velho.
Todos vienen de la villa
No viene Domenga.

Francisco de Sá.

Quanta Zagala tornò
Ahotas que yo las vi bien,
Vna falta, y es por quien
(Quanto a mi) nadie boluio.

Que me hare coitado yo
Con que la vida de fenda?
Hasta que me vida venga.

A estoutro villancete tam-
bem velho.

Por malos emboluedores
Pierdo triste mis amores.

Francisco de Sâ

Ahu m sò descanso q̄ eu tinha
E hũa sò esperança,
Donde veo tão afinha
Assi, tamanha mudança?
Que si fez da confiança
Com q̄ nos tormentos mores
Eu passaua as minhas dores?

Se auia o ser de ser tal,
Melhor fora antes não ser,
Ouuese me enueja ao mal
Que outré não pode sofrer.
E eu veyo vir a correr
Sobre mim meus matadores
E fugir os valedores.

Males q̄ eu tanto estimaua
Quê se nos meteo no meo?
Em tépo q̄ eu mais andaua
Sem sospeita & sem receo?
O engano & o enleo

Que

AS OBRAS DE

Que en geitão os seruidores
E querem antes senhores.

CANTIGA SVA.

Nada do que ves he assi
Tras os olhos não te abales,
Tudo he mudem me daqui
Matem me nesses outros vales.

Posto que al te assi pareça
Destte sonho & mostra vaã,
Por defora resplandece,
Dentro não ha coufa saã.
Corri montes, corri vales,
Cuidado cego apos ti,
Deixame morrer ja assi
Nã me mãdes ver mais males.

Vilancete por outro que diz
Serrana onde jouueste, feito
meo dormindo.

Francisco de Saa.

Coração onde jouuestes
Que tão má noite me destes?

Toda a noite pelei jei
Eu que ja mais não podia
Busqueiuos, não vos achei
Sem vos, eu sò que faria?

Destes me dores de dia
Pollo que assi me fizestes,
Denoite dores me destes.

CANTIGA SVA.

Foime grande agrauo feito
Sermia hora mal de crer
Quê mo fez podeo fazer
Ou a torto, ou a direito.

Estaua ordenada hũa hora
Veio, não ouue hi tardança,
E leuou hũa esperança
Que se não fora, eu não fora.

Que remedio ao q̃ he ja feito?
Quem o fez tinha o poder,
Eu que posso hi al fazer,
Senão gemer em meu peito?

VILANCETE SE V.

Se meu tormento me desse
Vagar para cuidar nelle
Não me queixaria delle.

Foy me dado hum so momêto
Des então pude atinar
Que não fora elle tormento
Se me dera este vagar:
Não mo quizerão mais dar

E ha

E ha que podera com elle
Ser vida, & morte sem elle.

ESPARRSA SVA.

Todas as coufas tem cabo
Seja paz, ou seja guerra,
Olhai quebrada da terra
O meu fâgue, & o meu agrauo
Cad' hora em tudo ha mudãça,
Vira apos esta outra tal
Fazer justiça & vingança
Negra da minha esperaça
Que me doe mais q' meu mal.

VILANCETE SE V.

Os meus castellos de vento
Que em tal cuita me posestes
Como me vos desfizestes;

Armei castellos erguidos
Esteue a fortuna queda
E disse, Gostos perdidos
Como his à dar tâ grã queda?
Mas ò fraco entendimento
Em que parte vos posestes
Que entã me nã focorrestes?

Caistesme tão afinha
Cairão as esperanças,
Isto não forão mudanças

Mas forão a morte minha
Castellos sem fundamento
Quanto que me prometestes?
Quanto que me falecestes?

CANTIGA SVA.

Cego deste meu desejo,
Mal dos males, mor dos mores
Quem não daria estas dores
Por quantos prazeres vejo?

Meu mal tudo tem por si,
Tão cegamente deseja,
Que inda não vejo, nem vi,
Cousa que me faça enueja.

Teue este mal os seus meos
Com que aprouue a sua dor
Mas trago inda os olhos cheos
Qu'hei de ver cedo outro mor

ESPARRSA SVA.

Não vejo o rôsto aninguem
Cuidaes que são, & não são
Homés que não vão nem vê,
Parece que auante vão,
Antre o doente, & o saõ
Mente cadora a espia
Na meta do meo dia
Andaes entre lobo & cão.

VILAN-

VILANCETE SEV.

Deixaime asminhas tristezas
Que ja gora outra alegria
Mayor perigo feria.

Aos males acostumados
O mesmo costume he cura
Bẽstão vãmente esperados,
Quem os sofre? & que atura
Senão de sapaxona dos?
Crieime con meus cuidados
Ia agora não faberia
Andar noutra companhia.

CANTIGA SVA.

O coração que vos ve
Aos olhos que vos não vem,
Não mos culpe, que não tem
Algũa razão porque.

Cad' hora estes olhos canso
Por estes montes arriba,
Que á vista curta & catiua,
Tolhem todo seu descanso.
Deixēnos cegar, que tem
Chorando razão porque,
Buscouuos a alma, & là he
Os tristes chorão daquem.

CANTIGA SVA

Toda esperança he perdida,

Tudo veo a falecer,
E o que fica da vida,
Ficou para m'euperder.

Aquella esperança minha
Aksi falsa, & vaã como era.
Cos olhos que eu nella tinha
A todo mal me atreuera:
Hora ella he toda perdida
Mas não m'hão de fazer crer
Que não ha mais nesta vida
Se não nacer & morrer.

Cantiga feita nos grandes câ-
pos de Roma.

Francisco de Saa.

Por estes campos sem fim
Onde a vista aksi se estende
Que verei triste de mim
Pois veruos se me defende?

Todos estes campos cheos
São de faudade & pesar
Que vem pera me matar
Debaixo de Ceos alheos,
Em terra estranha, & em ar
Mal sem meo, & mal sem fim
Dor que ninguem nã entēde
Atè quam longe se estende
O vosso poder em mim.

ESPAR

F R. D E S A A D E M I R A N D A.
E S P A R S A S V A.

Que la mi vida se affuele!
Sin razon q̄ ansi lo quiera!
Yo me pene, yo me muera!
Que nadie nome confuele!
Y porque afsi me a contece
Ninguno me lo demande
Toda razon desfalece.

C A N T I G A S V A.

Hũa morte hei de morrer,
Que faz mais afsi, que afsi?
Isto não posso sofrer
Aueremse de perder
Os olhos com que vos vi.

Os olhos porq̄ passarão
Os vossos ao coração,
Onde para sempre estão,
Sòs estes que me ficarão
Fora a minha salvação.
Mas se inda os hei de perder
Afora quanto perdi,
Acabarei de morrer
Acabarei de saber
Para quanto mal naci.

E S P A R S A S V A.

Como não quereis que seja
Meu perigo em todo estremo,

Se minha alma afsi deseja
Tudo o de q̄ me mais temo?
E para mor meu tormento
Afsi cego afsi enlhado,
De tudo o al fui roubado,
Ficoume o conhecimento.

A esta Cantiga velha.

La que yo tēgo no es prision.
Vos sois prision verdadera,
Esta tiene lo de fuera,
Vos teneis mi coraçon.

Por dom Fernando de Lima

De la gente que aqui viene
Entre my de rifa mueto,
Y del ciego carcelero
Que piensa q̄ aqui me tiene:
Solamente la prision,
Y hierros ven como quiera
No veen cad'uno q̄ ende era
Donde era su coraçon.

Toda vista por mas clara
Que sea, ha por torcida
Sea, remo, o sea vara,
Si está enel aguo a metida.
No os engañe mi prision
Aunq̄ el cuerpo aqui semuera
Buscadme alli por de fuera,

Por donde anda el coraçon.

CANTIGA SVA.

Pois meu mal com quãto he,
Inda a crueldade he mór,
Ao menos faça esta dor
Ante vos fê, de tal fê,

Vistes passar tantos annos,
Durou sempre este cuidado
Que nunca se vio mudado,
Não estranheis desenganos
Em homem tão enganado.
Sem causa, assi sem porque
Traz hũ mal, outro mal mór
Mas de mim seja o que for,
Lembre que foi polla fê.

VILANCETE SE V.

O meu mal pudeo sofrer
Co este que todo he vosso
Que vos não doa, não posso.

Vos passailo alegremente,
Mal ajão os maos finaes,
Que então saõ elles mortaes,
Quãdo homẽ seu mal nã fêre.
Vos não sentis ò presente
Quanto vos custa este vosso,
Assi quero, & assi posso.

Mas se hi ha peso & medida,
Nem de todo tudo he vento,
Tambem o meu sentimento
Deue ser final de vida.
O esperança comprida.
Que eu samente pello vosso
Tanto esperala não posso.

CANTIGA SVA.

Tudo passa como hum vento,
Hũ mal sêpre me he presête,
Que o coraçon innocente
Cad'ora poem a tormento.

Aas voltas coas sospeitas
Contas fiz, contas defiz,
Estas despois que as fiz
Forão pera sempre feitas.
Iaz alto seu fundamento,
Neste brauo fogo ardente
Por quem culpado se sente,
Moura o sê culpa a tormêto.

ESPARSA SVA.

Quãdo nos meus erros cuido
No meu claro & lãgo engano,
Leuemente passo o dano,
A par de tanto descuido.
Passando a força de braços,
Por hũs, por outros empeços,
Quam

Quam mal que nestes espaços
Dizem as fins cos começos!

VILANCETE SE V.

Estes meus olhos que assi
Lifongião a vontade
Se me falarão verdade?

Hey medo que ma não falem
Não me fio, no que vejo,
Que são cousas do desejo,
Cõtra quem olhos não valem.
Não são pera mais que assi
Andar ao som da vontade,
Chorar aa necessidade.

Na sepultura de Pedraza, que no Cancio- neyro geral de Castella se chama Constâcio.

Alma q̃ em tão breues dias
Tal nõbre, y tal fama has dado
Al cuerpo aqui sepultado
Que a outra parte regias,
Aqui la carne pesada
Ya tierra, espera por ti
Alma bienaventurada
En esto no te va nada
Los hombres piensan que si.

Cantiga de Ioão Cru.

Como no se desespera
Quien se vê como me veo?
Tan lexos de dõ deffeo
Tan cerca dõ no quisiera.

Ajuda do dito Pedraza.

Los males de los ausentes

Sanan cosas de presenciam,
Mas amy enfermo d'ausencia
Matanme cosas presentes.
Pues estoi do no deuiera,
Y lexos de dõ deffeo,
No llegàra a dõ me veo,
O nunca de allà partiera.

Ajuda de Francisco de Saa.

Triste q̃ ha de ser de mi .
Como biuo sola vna' hora
Cansado y corrido ansi,
De lo que me veo aqui
Y lo que he visto alguna hora.
Mi esperança lifongera
Con quien tanto ha q̃ peleo
Que me quereis? que no veo,
Porque la vida ya quiera.

AS OBRAS DE
[A Sepultura de hũa Dama]

de Francisco de Saa.

De quam pouca terra satisfeita jaz
A que toda ella a não merecia!
Aquella que triste, ou leda, como hia
Assi punha tudo ou em guerra ou em paz.
Leuounola a morte cruel que desfaz
As mayores cousas com mayor presteza
Ah morte! Ah mundo! A tua riqueza
De quam pouca terra satisfeita jaz!

CANTIGA SVA.

Olhai a camanha estreita
Senhora he minha alma vinda
Na vida tanta sospeita,
Na morte saudade infinda.

Quem me dara nouas penas
Inda q̃ me tudo tolha,
Com que voe? & q̃ me acolha
Do meo de tantas penas?
Afaida agra & estreita
Causaõ tanta ida & vinda,
Da vida lança a sospeita,
Da morte saudade infinda.

CANTIGA SVA,

Ledo em meus males sã cura,
E nos descansos cansado,
Querendo, & sendo forçado,

Ora cuidar me assegura,
Ora me mata cuidado.

Assi me tem repartido
Estremos que não entendo,
De toda parte corrido,
De todas desocorrido,
De nenhũa me defendo.
A vida està mal segura,
Eu tenho outro mor cuidado,
Que mal tão bem estimado
Que nesta desventura
Me faz bemau enturado!

Dialogo que mandarão os Fi-
dalgos as Dãmas.

Hũa cousa cuidava eu
Causa doutras muitas cousas
Razão tinha de a cuidar,
Dame sem razão cuidado,

Indei

Ind'ei de pedir a outrem
Das suas culpas perdão.

Respondeo a Senhora Dona
Lianor Mascarenhas.

Hũa cousa cuidava eu
Que nã sou para estas cousas,
Razão fora não cuidar
Em tão sem razão cuidados
Pois hei de sofrer a outrem
Culpas que não tem perdão.

Replicou Bernaldim Ribeyro

A mim me hei de tornar eu
Para vingar muitas cousas,
Que não são para cuidar,
Forão para dar cuidado.
Seja minha a culpa doutrem,
Que así val mais q̃ o perdão.

Otro Dialogo que lhes torna-
mos a mandar.

Vi sinaes, ho mal he grande,
Vios'no ceo, vi na terra,
Ouuese d'achar caminho
Para se tudo perder,
Desejos de mafiados
Não são desejos de vida.

Tornou ella a responder.

Outro mal ha muito grande
Nesta vida, & nesta terra,
Em que não vejo ca minho
Para me nella perder,
Meus desejos & cuidados
Não são postos nesta vida.

Francisco de Saa de Miranda.

Cauarei, & o meu mal grande
Em gritos direi à terra,
D'alma hei dò, q̃ he é caminho
Claro para se perder,
Que ja acabasse os cuydados
Quando se acabasse a vida.

A esta cãtiga que cantão pol-
las ruas em Dialogo.

Naquella ferra
Me ir quero á morar,
Quem me quiser bem,
Quem me bem quiser
Là me ira buscar.

Nestes pouoados
Tudo são requestas
Deixaime os cuidados
Que eu vos deixo as festas,
Daquellas florestas

Verei longe o mar
Porm'ei a cuidar.

Responde a parceira.

Sombras & agoas frias
Quando o sol mais arde
Despois sobre a tarde
Por cà bradarias
Vès que pressa os dias
Leuão sem cansar
Nunca hão de tornar.

A Primeira.

Não julgue ninguem
Nunca outrem por si.
Mais de hum bem que eu vi,
A vida não tem.
Não deixa este bem
Onde se elle achar
Mais que desejar

A Parceira.

Deixa as vaidades
Que da mão à boca
O sabor se troca,
Trocãose as vontades,
Essas vaãs faudades
Armadas no ar

Que podem durar?

Naquella espeffura
Me hei de ir esconder,
Venha o que vier,
Acharme ha segura.
Se tal bem não dura
Ao seu passar,
Tudo ha de acabar.

A este Villancete velho.

Posiera los mis amores
En vn tan alto lugar
Que no los puedo olvidar.

Al mi mal tan mal creido
Sin fin, comienço, ni medio,
El remedio era el oluido,
Yo oluideme el remedio.
Por vos, no duelen dolores,
Por vos, no pesa el pesar,
Como os podre olvidar?

Por vos, el contentamiento
(Quien nunca tal cosa oyo?)
Entre la muerte y tormento
Lugar para si fallò,
Y en medio de mis dolores,
Que andan para me matar,
Aplazer se puede estar.

A este

A este vilancete de Garci Sánchez de Badajoz.

Secaronme los pesares
Los ojos y el corazón
Que no puedo llorar, nõ.

Francisco de Saa.

Quedar qual esta alma queda
No se como pueda ser,
Si otros lloran con prazer
Que ella de triste no pueda?
Quando vna persona leda
Puede llorar, como nõ
Puede vn triste corazón?

A quella cantiga velha.

En toda la q̃Tramontana
Nunca vi cosa mejor
Que era la esposa d'Anton
Vaquerizo de Morana.

Naquelle longo desterro
Que eu por vontade segui,
Quer fosse razão, quer erro
Quis o coração así.
Vi hũa visãõ vana,
As vezes cuido que nõ,
Fosse verdade ou visãõ,
Hia em trajo de ferrana.

Não era o coração quedo
Indo, & tornando a meude,
Ora ò prazer, ora ò medo
Tiu eme o melhor que puede
Quantos bês ma forte dana!
Brada quem ò vè em vão,
Tal como era, era de Antão
Hum vaqueiro de Morana.

Olhos que taes olhos vistes,
Viuei bemaumenturados,
E porem ouuidos tristes
Para tanto mal guardados,
Que he isto que así engana,
E así despreza a razão?
Suspiraua por Antão
Quem nã té nada de humana?

A este vilancete alheo.

En las tierras de do vine
Vy quanto se puede veer,
Alla me quiero boluer.

Francisco de Saa.

Pero mientras deuanco
Pensando a quanto alla vy,
Forçado y tenido aqui,
Lleuado alla del desso,
Mientras debato y peleo,
Si me piensan de tener
El alma aura de boluer.

AS OBRAS DE

A este villancete velho.

Saudade minha

Quando vos veria?

Por terra ja assi,

Tudo, em tal mudança,

Que faz inda aqui

Nenhũa esperança?

A minha lembrança

A minha perfia,

Que mais aperfia?

Que faz hum desejo

Tão defenganado?

Que faz o sobejo

Deste meu cuidado?

Comigo apartado

Quando a noitecia,

Quando a manhécia.

Saudade & sospeitas

A torto & a direito

Não fereis desfeytas

Quando eu for desfeito?

Inda o frio peito

Inda a lingoa fria,

Por vos bradaria.

A este vilancete de Manoel
de Leyua.

Pois os meus olhos são vossos

Que faço eu,

Em dar a seu dono o seu?

Quantos conselhos se dão

Aos olhos com que vo svi,

Hum diz assi, outro assi,

Razões que não vem, nẽ vão,

Voume a pos o coração

Que vos já deu

Quanto foia ter de seu.

Tudo he em vosso poder,

De liure que eu aqui vim

Não deixastes nada em mim

Nem olhos que al possaõ ver.

E como podia ser

Veruos eu

E ter mais nada de meu?

A este vilancete velho.

Sola me dexastes

En aquel yermo

Villano, malo, gallego.

A do te fuisse

Voy, y no se a donde,

El valle responde,

Tu no respondiste,

Moça sola y triste,

Que llorando ciego

Passastelo en juego

Por

Por yermos agenos
Lloro, y grito en vano
Gallego y villano,
Que esperaua menos?
Ojos dagua llenos,
El pecho de fuego,
Quando auran fofsiego?

A este vilancete alheo.

Que vos farei meu cuidado
Onde vos trarei metido
Que não sejais entendido?

Descobrieis-me cad'hora
Cuidei q̄ era á minha mingoa
Mas em quanto vedo a lingoa
Sahis pellos olhos fora.
E não cuidaes que me fora
Sendo meu mal entendido
Melhor nunca ser nacido.

A estoutro tambem alheo.

Desenganei hum cuidado
De parte do coração,
C'hũa desesperação.

Tenho a conta feita & chea,
O que ha de ser, seja logo,
Pollo ferro, & pollo fogo
Que não he a morte tão fea.

Viui á vontade alhea,
Moura à minha, & quãdo não
Apesar do coração.

CANTIGA SVA,
Se me este cuidado atura
Que me persegue, & q̄ eu sigo
A vida està em perigo,
E a alma pella ventura.

Bem sei tudo o q̄ ha de ser,
Mas he de tanto pesar,
Que hei medo de o dizer,
E medo de o cuidar.

Não vejo couza segura,
Seguro he sò o perigo,
E o que agora não digo
Deixai fazer á ventura.

A este villancete que se cáta.

En mi corazón vos tengo
Por las gentes no os veo.

O Conde Luis da Silueyra.

Voy como loco sin tiento,
Con los ojos a buscaros,
Y de no poder miraros
Dios sabe lo que yo siento
Veos enel pensamiento,
Enel alma, enel desso,
Con los ojos no os veo.

de Fran.

AS OBRAS DE

de Francisco de Saa.

Por lo qual buuelto a mí seno
Por quanto bien del confio,
El mí coraçon ageno
Boluio de nueuo a ser mio.
D'otra parte yo sandio
Engañado del desseo
Con los ojos de uaneo.

A esta Cantiga alhea.

Ay que el alma se me sale
Lo porque siento perdella
Es porque estais vos en ella
Que la vida poco vale.

Loco de mí que pensana
Podella aqui detener
Comigo, vna alma q̄ estaua
Vfana en vuestro poder,
Que que reis q̄ a esto iguale!
Siendo vos senhora della?
Esta es toda mí querella,
Que lo mas todo, que vale?

Aquella cantiga velha.

Doña bella, mal maridada. &c.

Ansi que aquella hermosura
Nunca vista sin espanto,

La gracia y desemboltura
Todo se es tornada en llanto!
Fortuna tan mal mirada,
Que embidia tiene de si,
Donzella dichosa ansi,
Y Dueña tan desdichada.

No se que diga, o a quien
Culpemos en mal tamanho?
No se auynta tanto bien
Sino para tanto daño.
En todo tan acabada
(Dixe yo luego que os vi)
No nacistes vos ansi
para ser bien empleada.

A este vilancete alheo.

Este mal
Otro tiempo lo senti,
Mas no me dolia ansi.

Este es el fuego por cierto
(Si del todo no soy loco)
Que me quemó poco a poco.
Crecio andando encubierto,
No fue muerto
Como deuiera, yo si,
Que no se parte de mí.

Por de mas es que me vele,
Que me tema, y q̄ me guarde,
Que el

Que el Sol q̄ mas tarde, fuele
Salir mas rezio, y mas arde:
Aunque tarde,
Abriendo los ojos vi,
Que otro mal no duele ansi.

CANTIGA SVA.

Fuye el tiépo, está el mal q̄do,
Pense morirme, y no muero,
Defengarme no quiero,
Quando ya quiero, no puedo.

Todo se me va en antojos,
En esta prision esc'ura,
Cuitados de los mis ojos
Que pagan tanta locura.

De todo me pide el miedo
Lagrimas como de fuero,
De lo que puedo, y no quiero,
De lo que quiero y no puedo.

A este vilancete alheo.
Quem cuidar & quem differ
Que de matar fois seruida,
Náo sabe que cousa he vida.

Náo he dano o que não dana
Tee morte de vossa mão
Náo he morte, he nome vão
Que á primeira face engana.
Onde não ha cousa humana

Tudo sp irito, & tudo vida,
Maljarà a morte escondida.

Ficase porem julgando
Antre hũa & a outra sorte,
Se daes vida dando a morte,
Que fareis a vida dando?
A fê que vai embicando
Náo ve dos olhos tal vida
So mente porque duuida.

A este villancete de Dom Si-
mão da Silueira.

Tu presenciam desseada
Zagala desconoscida
Di, porque la has escondida?

Francisco de Saa de Menezes.

El cielo niega el rocío
El ganado se nos pierde,
El campo ya no es verde,
Ni corre tan claro el río,
Secose el valle sombrío
Con la tu triste partida
Zagala desconocida.

Francisco de Saa de Miranda.

Has la tu tierra assolada,
Que eras toda su riqueza,
Nacida

AS OBRAS DE

Nascida en ella & criada,
Podiste hazer tal crueza?
Que en tal miseria y pobreza,
Dexaste con tu partida
Y a mim cuitado en tal vida?

Oydos que enfordecistes,
A suspiros, y a los ruegos
Que veran los ojos tristes
Aqui dexados tan ciegos?
Vascos y desafiossiegos
Son en lugar de la vida
Tras los tus ojos fuida.

Y eruas por las sombras frias
Y las flores que has pisado,
Quanto te via, y tu vias
Todo queda auelenado
Vn triste, vn ciego, vn cuitado
Vn loco en la tu partida
Pasmando pierde la vida.

A este villancete de Antonio
de Azeuedo.

Polo bem mal que quisestes
E eu nunca tenha prazer
Se vos mal posso querer.

Francisco de Saa.

For'ella razão igual.

Mas vede as leis que amor tē,
Que é vez de vos querer mal,
Aksi vos quero mór bem.
E passo tanto inda alem
Do que este mal soe fazer
Que me venho a aborrecer.

Villancete de Iuão del En
zina.

Quien te hizo Iuan pastor
Sin gafajo, y sin plazer
Que tu alegre solias ser.

Francisco de Saa de Meneses.

Esse plazer que me viste
Todo fue vano y de viento,
Mostraua contentamiento
Por me dexaren ser triste,
Mas pues que lo entendiste
No te lo quiero esconder,
Yo nunca tuue plazer.

Francisco de Saa de mi-
randa.

Vn yerro, y mas en zagal,
No es cosa que mucho espãte,
Mas seguir siempre adelante
Que es mal? si este no es mal?
Pesame de te veer tal

Huye

Huye el gazajo a correr,
Nunca passa el desplacer.

CANTIGA SVA.

De quem me deuo queixar!
De vos que podera fer,
Nã vos sabe a alma culpar,
Fica samente o sofrer,
Se mais fica, he suspirar.

Os meus suspiros tẽ agora
Quasi erã contentamentos,
Tambem de prazer se chora,
Entrarã males de fora
Nã hũ, nã dous, mais seiscẽtos.
Nã lhes abastou entrar,
Mas inda sempre crecer,
Onde ha d'ir isto apatar?
Não fica senão sofrer
Ao mudo do suspirar.

Ora os suspiros que são
Saluo ar espalhado ao vento?
Onde brada o coração
Nossos ouvidos não vão.
Deixão tudo ao entendimẽto.
Que m'eu quisesse queixar
Quem me poderia crer?
Deixai, & venha o pezar,
Que pode o pouco empecer?
Que pode o muito durar?

CANTIGA SVA.

Alma tão sem allossego
Que nẽ deste ar me nã farto,
Dõde cum queixume chego,
Com cẽ mil delles me parto.

Nas cousas em que algũa hora
Esperei de ter repouso,
Triste de mim que ja gora
Samente cuidar nã ouso.
A que fraquezas que chego?
Em quantas partes me parto
Por este coração cego
Nunca de seus males farto.

Os meus perigos medonhos
Em q̃ a alma cad'ora empeça
Os ventos, a neuoã, os sonhos
Que não tem pees, nẽ cabeça.
O que coã linguaõ nego
Por muitos sinaes reparto,
Em poder daquelle cego
De cujo poder não parto,

Mal as noites, mal os dias,
Com medos, & com sospeitas,
Fazendo contas baldias,
Que asinha serão desfeitas.
Com muito desallossego
Com q̃ chego & com q̃ parto
Con ver tanto, & ser tão cego
Todos

AS OBRAS DE

Todos do que encubro farto.

A este Villancete velho.
Francisco de Saa de Mirãda.

Dime tu senhora di,
Si me fuere desta tierra
Si te acordaras de mĩ.

Los mis pensamientos faltos,
Que a defora erguidos caen
Por tierra: siempre me traen
En dubdas y sobrefaltos,
Passados montes tan altos
Que fera? lo que es aqui
No sabran parte de mĩ.

Con quanto ya desatino
En esto no deuanco,
Alla males del camino

A este Villancete de Pero d'Andrade Caminha em
louuor da Senhora Dona Margarida da Silueira
que intitidou Recco de louuor.

VILANCETE SE V.

Que posso de vos dizer
Pois que não posso chegar
Co desejo a vos louuar?

Francisco de Saa de Miranda.

No los que por aqui veo.
Mas el alma, y el desseo
Quien los lleuarà de aqui
Que no dan nada por mĩ.

Qu'estranha merced me fuera
En la triste ausencia mia
Solo el creer que se sabia
Quando ojos aca viera
Yà fuesse en burla si quiera
Los lugares dó te vi
Te hiziesse mencion de mĩ.

Bueluo alo en q̄ auia errado,
Por mis locuras me voi
Que ni sabes quien me soy
Entre quantos te han mirado.
Saluo si es por mas cuitado
Sin memoria otra de mĩ
Mas ya fuesse, y fuesse ansi.

Esta vaidade minha
Que tão ousada começa
Está sem pees nem cabeça
Nem deu começo ao q̄ vinha
A vaã que sô se mantinha
Como Camaleão do ar
Não se atreue a desejar.

Forças

Forças que vos enganaes
 Cuidando a tão altos voos
 Ia nestes começos taes
 Himos acabando nos
 Senhora a quem vos la pôs
 Tan alta, ha graças que dar
 E a vos de nos perdoar.

Quem sera de veruos dino?
 Vi vos, foi a alma pasmada,
 Fui así como hum menino
 Que vê, q̃ se espanta, & brada,
 Não sabe mais dizer nada,
 Podese a ver vos chegar,
 O mais he tudo pasmar.

A este Villancete q̃ se canta.

Taño os yo mi pandero,
 Taño os yo, y pienso en al.

Miëtra el mal arde, y destruye
 Busco con q̃ el tiempo engañe,
 A defora el alma fuye,
 Que no se quasi quien tañe,
 Dexa aqui que me acõpanhe
 La mi tanta cuita, y tal
 Y aun va pensando a mas mal.

D'amor por cierto villano
 Fieme como sandia,
 Pusome el pandero en mano

Fueseme con la alma mia.
 E nesta tantaagonia,
 De mĩ cuita desigual,
 Ni muere, ni mata el mal.

Sextina à maneira Italiana.

Não posso tornar os olhos,
 Donde os não leua a razão.
 Quem por à lei à vontade
 Confirmada do costume?
 Vontade que as suas leis,
 Manda defender por força?

Isto que al he senão força
 Que me fazẽ os meus olhos?
 Quebrantadores das leis,
 Brada apos mĩ a razão:
 Mas que val cõtra o costume
 Que senhorea a vontade?

Conselhos vãos à vontade
 Que sò pode, & sò tem força,
 Ajudada do costume,
 Vos não podeis estes olhos
 Alçar hum pouco á razão
 Que faz & desfaz as leis.

Amor taes saõ tuas leis
 Tal dureza a da vontade
 Agrão mingua da razão,

Queira

AS OBRAS DE

Queira, ou não queira he por força
Qu' se me vã estes olhos
Onde se vão por costume.

Não valem leis sem costume,
Val o costume sem leis,
Ay escrauos dos meus olhos
Mandados da vã vontade,
Aque destes tanta força
Em desprezo da razão.

He morta, ou dorme a razão
Não sente ja por costume,
Que farei à mayor força?
Ajão piedade as leis
De quem entregue à vōrade
Vai preso a pos os seus olhos.

Olhos apos a vontade,
As leis apos o costume
Apos a força a razão.

A hum cantar alheo.

Quem viesse aquel dia
Quando, quando, quando,
Saliesse mi vida
De tanto bando.

Los tristes ojos
Tan tristes, tan tristes,
Vistes mis enojos,

Vn prazer no vistes.

Vistes añadida
A mi pena, pena,
Y en tan luenga vida
Nunca vna hora buena.

Si ala suerte mia
Pluguiesse, pluguiesse,
Que viesse ora el dia
Con que mas no viesse.

VILANCETE SE V.

A costumeime aos meus males
Eu assi acostumado, & elles
Andão por me apartar delles.

Ah que cruel tirania,
Não sei que nome lhe ponha,
Não me doe de hũa peçonha
De que ja gora viuia:
Quãdo os meus males sentia,
Quando me queixaua delles,
Là me auiesse coelles.

Despois q se hia mais brando
Fazendo o mal por costume,
Virãome andar sê queixume
Matãome remedios dando.
Tudo se vay reuezando,
Males que tremia ante elles,
Mouro de saudade delles.

SONE-

SONETO.

De Francisco de Saa de Miranda
 à Madanella.

A vossa verdadeira penitente
 Quam bem guardastes seus pontos devidos,
 Os Apostolos erãõ ja partidos,
 Ella não parte, vede o que ali sente:
 E assi mereceo ver primeiramente
 Deos em terra em habitos fingidos,
 Tudo Amor vence, altissimos sentidos
 A quem tal ortelão se faz presente.
 Gregorio a poem por hũa, outros Doutores
 Fazêas tres, apos Gregorio vão
 Despois os mais, com todos os pintores.
 Aquelles direi eu senhor que saõ
 (Aquelles outra vez que saõ) Amores
 Dos taes suspiros, hum sò nunca em vão.

Trouas que Em Alcalá de Henares leuarão o preço
que foy hum Crucifixo de ouro. Sobre a
Conceição de Nossa Senhora.

P Rrincipio, medio, ni cabo
 Hallo Virgen singular
 Para poderos loar,
 Porque si mucho os alabo,
 Mas es lo que he de ignorar.

Y puesto que se ayuntassen
 Todos quantos crio Dios,
 Y siẽpre en vos se ocupassen,
 Vn punto dubdo alcançassen
 De lo mucho que ay en vos.

AS OBRAS DE

Fuente de nuestro consuelo,
Dechado de perfeccion,
Por diuina permission
Fuistes vos aca en el suelo
Preseruada en concepcion.
Y tuuistes entre nos
Tan alta palma y victoria,
Que concebistes a Dios,
Y antes concebio el a vos
Mentalméte en su memoria.

De dò nos consta sentir
Que no solo no pecastes,
Pero ni peccar pensastes,
Porque en vuestro concebir
De toda gracia abundastes.
Y en vuestro vientre jocundo
Vemos que pudo caber
Por misterio muy profundo
Aquello que todo el mundo
No lo pudo comprehender.

Hizo os Dios tã limpia y pura
Por acuerdo de los tres,
Y en vos tal merecer es,
Que l'Angelica natura
Teneis debaxo los pies.

Y en tan supremo lugar
Os quiso Dios sostener,
Que no podistes pecar
Porque do auia d'encarna,
Sin pecado auia de ser.

Ved que misterio excelente
Vuestra concepcion obrò,
Que por vos se reparò
El daño de la serpiente
Que a nuestro padre engaño.
Y quiso y permitio Dios
Por su decreto diuino,
Por vos tuuissimos nos
De congruo lo que vos
Merecistes de condino.

Quando Dios os dio la silla
Que está segunda en el cielo
Limpia os hizo, y sin recelo
Concebida sin manzilla
Por la mejor deste suelo.
Porque quando os fabricò
En el vientre maternal
Al punto os predestinò
Desde alli os eximiò
Del pecado original.

Forão mandadas estas trouas atras de Castella ao S^{en}hor Dom Duarte, Fezlhe Francisco de Saa
outras tantas na mesma forte de Troua

Ay razon

A Y razon que tal cōsienta?
 Piēfamiēto altiuo v̄fano,
 Que se atreua vnpecho huma
 A poner en tal afrenta (no
 Su lengua, ni la su mano?)
 Madre bendita si a vos
 No acudimos, no ay remedio
 Onde dēsmayamos nos
 Comiençan obras de Dios
 Sin fin, comienço, ni medio.

Si al Sol los ojos alçamos,
 Como algun' hora acontece
 La vista luego en flaquece
 De suerte, si aporfiamos
 Que a toda parte anochece.
 Si ante los mayores fuegos
 No van los menos a cuento
 Que no nadas, y que juegos
 Son a vos los ojos ciegos
 De tan flaco entendimiento.

Seso no te sobrefaltas
 No turbas, y alteras todo?
 Del immenso amor sin modo
 Quien fizo cosas tan altas
 Cobritse de nuestro lodo?
 Virgen y madre sin par
 Alçad lo que abaxo yo
 En vos se vino a encerrar
 Dios que no cabe en lugar
 Vuestro pecho lo crio.

Madre y Virgen juntamente
 (Quien nūca tal cosa oyera?)
 El que en principio ya era
 Del golpe de la serpiente
 Preseruada os vuo entera?
 Esto como puede ser
 Que contradize la edad
 Quien todo lo puede haerz
 Como Dios, tuuo poder
 Como hijo voluntad.

Fuente donde gracia mana
 Siempre clara, limpia y agena
 Del turbio, digan, que suena
 Quando por cosa tan llana
 Os llaman de gracia llena,
 Virgen diuino sacrario,
 No tuuo poder alguno
 Cōtra vos nuestro aduersario
 Que no pudo el vn contrario
 Con otro estar de confuno.

Bolua al camino, errado
 De en ti hablar Señora indino
 Madre del verbo diuino
 De tal claridad turbado
 Como atinare sin tino?
 Limpio espejo de la fè
 Escurecido ja mas
 Ah Señora, ah que dire?
 Ah, que soy niño, y no sè
 Que haga, o que diga mas.



COMEDIA

Intitulada, Os Estrangeiros: ao Iffante
Cardeal Dom Anrique.



O que V. A. manda que se pode dizer mais? A Comedia qual he, tal vai, Aldeã, & mal ataviada. Esta sò lembrança lhe fiz à partida, que se não desculpasse de querer às vezes arremedar Plauto & Terencio, porq̃ em outras lhe partes fora grãde louuor, & se mais tãbem lhe acoimassem a pessoa de hũ Doutor, como tomada de Ludouico Ariosto, que lhes possesse diante os tres auogados de Terencio, dos quaes hum nega, outro affirma, o terceiro duuida, como inda cada dia acontece: assi que des aquelle tẽpo vem ja o furto, não se enganem co nome de Doutor nouo, barbaro, & presuntuoso, como saõ muitos titulos, assi dos escritores como das obras de nossos tempos, tão differetes do comedimento dos passados, como foi o de Philosopho dado por Pythagoras. Tullio com que ameaçaua ja seu amigo Trebacio, tamanho Iurisconsulto, se não com as graças de Laberie? & Horacio com quãtas de suas graças passa hum sermão co mesmo Trebacio? a comedia tão estimada nos tempos antigos que al differão a quelles grandes engenhos que era, senão hũa pintura da vida comun á dos Principes se repartio à Tragedia. Todos estes & outros muitos inconuenientes eu passaua leuemente, o mais que arreceaua erãõ mas interpretações a cada passo, às quaes quem pode fugir, se tẽ os heres quãtos saõ tambem trazem a sagrada escriptura

AS OBRAS DE

em sua ajuda interpretando mal, & o diabo tambem. A isto tudo ouuera algũ remedio, que era o do fogo, mas ao mandado de V. A. que farei? saluo obedecer & pedir-lhe que empare estes estrangeiros, como fazem os grandes Principes & de cujo emparo somente cõfião, os q̃ vão por terras alheas. Eu nã vou pedindo saluo perdão, este pello prouerbio Grego he deuido no começo das cousas. Nosso senhor sua vida & Real estado. & c.

Os Estrangeiros.

Pessoas da Comedia.

Amente Mancebo.	Cassiano Ayo.
Alda Moça de servir.	Ambrosia Velha.
Dorio Casamenteiro	Briobris Soldado.
Deuorante Truhão.	Callidio Mancebo de seruiço.
Petronio Doutor.	Sarjanta Molher de seruiço.
Guido Mercador.	Galbano Velho.
Vidal Seruidor.	Reynalte Velho.

Apessoa da Comedia faz o Prologo.

PROLOGO.

Estranhaisme q̃ bem o vejo, que sera? que não sera? que entremes he este? foi grão dita que não apodaes ja, mas não ha de falecer quẽ me arremede. Os Portugueses fois assi feitos logo pola primeira, despois dareis o sangue dos braços. Agora parece que me estranhão a inda mais, parecceuos q̃ não diz a falla cos trajos? Esperaueis delles algũs triques troques, ora me ouui, diruoshei quem sou, donde venho, & ao q̃ venho. Quanto ao primeiro sou hũa pobre velha estrangeira, o meu nome he

Come-

Comedia, mas não cuideis q̄ me aueis por isso de comer, porq̄ eu naci em Grecia & la me foi posto o nome, por outras razões que não pertencem a esta vossa lingua. Ali viui muitos annos a grande meu sabor, passa raõ me despois a Roma pera onde entaõ por mandado da fortuna corria tudo. Hi cheguei a tanto que me não faleceo hum nada de ser Deosa: despois a grandeza da quelle Imperio que parecia pera nũca acabar, todauia acabou. E assi como a sua queda foi grande, assi leuou tudo consigo, alli me perdi eu com muytas das boas artes, & a hi jouuemos longo tempo como enterradas, que ja quasi não auia memoria de nos, te q̄ os vizinhos em q̄ dũs nos outros ficara algũa lēbrança cauaraõ tanto q̄ nos tornaraõ á vida, mal tratadas porẽ & pouco para ver. Agora q̄ ja hiamos (como dizẽ) ganhando pees, sentionos logo aquella nossa imiga poderosa q̄ nos da outra vez destroira foise la, pos, outra vez tudo por terra. Bẽ entẽdcis q̄ digo polla guerra imiga de todo bẽ. Venho fugindo, aqui neste cabo do mũdo acho paz, não sei se acharey affossego. Ia fois no cabo, & dizeis ora não mais, isto he auto, & desfazeis as carrancas, mas eu o q̄ não fiz ate agora, não quera fazer no cabo de meus dias, q̄ he mudar o nome. Este me deixai por amor da minha natureza, & eu dos vossos versos tambem vos faço graça, que são forçados daquelles seus consoantes. Eu trato cousas corrétes, sou muito clara. Folgo de aprazer a todos. Direis vos que não he muito boa manha de dona hõrada: direis, q̄ Portugueses fois. Finalmẽte a mĩ nunca me aproueraõ escuridões, nẽ fallo senaõ para q̄ me entẽdaõ, quẽ al quiser não falle, & tirará de trabalho á si, & a outrẽ. Muitas cõtas vos dou de mĩ logo de boa entrada, cuidaueis q̄ não auia de trazer de molher senaõ o

AS OBRAS DE

trajo? ora vistes que tãbem trouxe a lingua. Agora fa-
bei que inda auemos de fazer hum caminho longo. Ia
ouuireis fallar de Palermo cidade nobre em Cecilia,
hi vos hei de dar a mostra da minha tenda, porque la se
jais tambem estrangeiros. Cuidais que gracejo? O meu
poder he mór do q̄ pola vettura cuidais, não me tenhaes
em pouco por me verdes assi tão conuersauei, não se
moua ninguem, asseguraiuos. Vedenos em Palermo to-
dos à saluamento. Ora daquellas casas de fronte sairã
hum mancebo Valenciano por nome Amente, a este se-
gue hum teu Ayo que o vigia quanto pode, & destes &
doutros sabereis o mais, que eu lhes mandei a todos q̄
fallassem Portugues, & porque ouçaes cos corações re-
pousados, eu vos tornarei donde vos trouxe, ja sabeis q̄
o posso fazer. Ouui & fauoreceime.

AVTO PRIMEIRO.

Amente Mancebo.

Cassiano Ayo.

Amente.

Ia vês apos mim Cassiano? que me queres? por vida se
pode hauer hum tão pesado catiueiro? Cas. Catiuei-
ro chamas tu ao teu remedio? Assi fazeis vos outros, a
tudo, mudaes os nomes como quereis, & ficaes conten-
tes, eu Amente, eu sou o catiuo, que me trazes sempre
apos ti por onde queres. Améte. Ainda os escrauos
tem horas liures, tem suas festas eu sempre hei de jazer
debaixo deste jugo? que me queres? queresme acabar
de matar? Cassiano. Mas tu que queres? queresme

acabar

acabar de perder? O Amête quam mal te ensinou a minha mansidão. Amente. Como? sempre hei de ser menino? Cassiano. Agora te he ati mais necessario o teu Ayo que nunca. Amente. Não me diras que me queres? Cassiano. Guardarte que este he o meu cargo, como me encomendou teu pay. Amente. De que me has de guardar? Cassiano. Da tua doudice pois queres que to diga. Amente. Cuidas que te hei de fugir? Cassiano. Não andas tu nesses tratos. De Palerino não fugiras tu, mas de mim si. Ora ja que tu fazes o que não deues, deixame a mim fazer o que deuo. Amente. Que defa Ventura tamanha foi a minha? Cassiano. A boa companhia, & bõs conselhos de seu Ayo, chama este ora catiueiro, ora defa Ventura, não suspires, creme q̄ te hei de seguir como a tua sombra. Amente. Essa não me segue polo escuro, & tu si. Mas não estemos mais nestes debates, antes me tornarei a casa, hi que mal posso fazer? tu guarda a porta se quiseres.

Cassiano Sò.

Hi la tomar cuidado de filhos alheos, Onde ha isto de ir ter? Que se fez do acatamento q̄ estes moços sohião de ter a seus Ayos? que não fomente lhe oufação de levantar os olhos. Agora vedes em que mundo fomos, q̄ às vezes vos cūpre fazer que não vedes, & outras que não ouuis. A doudice não sabe ter meyo. A tanto são chegados, que gracejão, & dizẽ que ja se não costumão Ayos, como se fossem trajos curtos, ou lōgos, & dos velhos dizem q̄ cantão por hũa corda, & por fabor dão. O pois q̄ musica a sua delles, & que contra ponto! muitos escarneos, muitas mentiras, pouca verdade, menos vergonha. Beijão vos as mãos cem mil contos de vezes,
cedo

AS OBRAS DE

cedo haõ de beijar tambem os pees como ao Papa, se elle naõ acode por seu estado. Entregaõse vos por escrauos cos ferros nos pees, & cos ferretes nas testas, entaõ quando os requerreis, foi a mor mofina do mundo por que aquillo sò naõ podem. Ora da outra parte cotejai o canto chaõ dos nossos velhos, o seu si, pollo si, polo naõ naõ, o seu rego vai, rego vem, o seu dizer & fazer, qual aueis por melhor musica? Digouos em boa verda de q̃o da gora tudo parece escarneo quanto vedes, porẽm naõ se lancem os pays de culpa que os criaõ tanto na vontade. Todos somos emfeitizados co estes filhos, despois que os danão, encomendaõ no los. Quanto ha que partimos de Valêça, hiamos para Rhodes, nosso amo quiserá encostar este filho a aquella Religiaõ, estando aqui esperando passagẽ, vieraõ nouas do cerco. Agora já dizem mais da tomada, temos gastado muito do tempo, & o dinheiro todo. Este moço namorouse me aqui, & perdeu o siso, eu ando em vespõras de perder tambem o meu coelle, tenho escrito a seu pay que acuda, espero sua resposta, entretanto ando assi tendome ao mar. Esta doudice dos amores nace de ociosidade, & nella se mantem, esta ao menos lhe queria tirar, & por isso o perfigo coa minha presença, ao menos naõ falarã tanto co a quelle seu grande priuado Callidio.

Alda moça de seruir.

Ambrosia velha.

Assi hi como dizes minha tia Ambrosia, mas andemos mais, que faço ja grande detença. Ambrosia. Bem dizes Alda filha, se eu podesse, mas vou muito carregada. Alda. De que tia? Ambrosia. D'oitenta annos que trago às costas, & pesaõ muito. Cassiano. Aa min

guoa

guoa daquella carrega, anda meu criado Amente, tão leue. Alda. Mal he esse que todos deseamos.

Amente. Com muitos outros de companhia que tu não dizes. Alda. Que tais? Ambrosia. Estes homens filha principalmente. Alda. Gracejastia? Amb,

Gracejar dizes? Antes te esconjuro mil vezes que te não ponha ninguem medo cõ outras almas pecadoras.

Alda. Não serão todos tão maos. Cassiano. Ia aquella jaz. Medo hei q̃a velha acuda jatarde ao arroido.

Ambrosia. Todas queremos fazer essa esperiencia de nouo, então filha quantos queixumes? Alda. Ditosa he logo esta tua Lucrecia, que tantos aqui andão bebendo os ventos por ella.

Ambrosia. Afsi queira Deos que não se folte tudo em ventos. Cassiano. Como velha pratica & sesuda. Alda. He o Doutor Petronio tão rico.

Ambrosia. Bem o sei, mas tu dizes taõ rico, & não dizes taõ caluo. Alda. Diz que a tomarã em camisa.

Cassiano. E se vierem aos lanços, meu criado Amente a tomara nua. Alda. E a isso cuido que es agora chamada porque o Doutor aperta muito.

Cassiano. Que me matem se esta não he a paixão em que agora anda o doudo de meu criado Améte. Amb.

Aquelle dom Abbade tio de Lucrecia Religioso como elles soiaõ de ser, tanto lhe deixou do seu, q̃ Betrande apode casar sem lhe custar nada, & mais com tal ajuda de Deos como he parecer seu, & o siso. Alda. La sa

beras tudo, não façamos mais detença.

Cassiano Soo.

Se esta moça verdade cõta, empresto eu a nosso amigo
hũs pou-

hūs poucos de maos dias cō suas noites, que o negocio do Doutor he de siso, não para elle, mas pera Berrádo, & para a moça tambem, se ella he sesuda como diz a velha, fallo como se costuma de falar, que todos nos lancamos a este proueito do Doutor, crede se a colhe ás mãos, que elle terá cuidado de fechar suas portas & janelas a tempo, então deixai vos ao doudo rodear a casa & sospirar toda a noite, vos todavia não duuideis que entre tanto o sono não preste mal ao coitado do velho & desconfiado. Ah q̄ queremos forçar tudo, & a natureza tambẽ. Velho namorado cō moça fermosa, & empollada, não ha hi para dous dias, despois não lhe ha de faller outro melhor empenado, comquẽ logre o que lhe o velho deixar por sua alma tãto as suas custas. Mas deixemos a cada hũ fazer suas cõtas, & cuidar q̄ as acerta, prouesse a Deos que visse ja o casamento feito, o Doutor entraria em fadiga, eu polla ventura sahiria della.

Dorio Casamenteiro.

Cassiano Ayo.

Ate quando traremos nos ao pescoço este jugo dos Espanhoes? ate quando jaremos neste sono, & neste esquecimento da nossa liberdade? Cassiano. Tambem este vem bracejando & fallando consigo. Dor. Quando lhe cantaremos nos outras vesporas Cezilianas como fizemos aos Franceses? venha (como dizem) o diabo? escolha, todavia o Frãces roubate, & conuidate, o espanhol sempre quer senhorear, como se pode sofrer tãto senhor Capitão? Cassiano Coitados q̄ neste murmurar nos mantemos. Dor. Se a terra destes he como elles dizem, que buscão na nossa? ò Ilha tão abastada & tão rica por teu mal? Mas vejo quem buscava.

Cas. A mim

Caf. A mim se vem, não o conheço, que me quererá?
Dor. Senhor meu quando o assi por bem ouuelles,
releuame muito ouuirefme duas palauras. Caf. Não
digo eu duas, mas duas mil, se tantas mandares. Dor.
Polla tua humanidade & cortesia: Ora amim me cha-
mão Dorio, não sei se me conheces, mas sou muito co-
nhecido nesta cidade, por tratar meu officio muitos
annos ha com grande limpeza & fialdade. Caf. E que
o fficio he o teu? Dor. Grande & de muyta confiança.
Caf. Que tal? Dor. Casamenteiro, a seruiço de
Deos & dos bõs. Caf. Para tratar tamanha & tão san-
fa cousa como he o casamento, não se podia escolher sal-
uo pessoa das qualidades que deue d'auer em ti. Dor.
Não pollo eu merecer, mas faço todauia polo não des-
merecer. E vindo ao meu caso, digo que viuendo eu a-
qui em paz & amor de todos, seruindo meu officio co-
mo todo mundo sabe, agora ja no derradeiro quartel
da vida, hum mancebo de que me dizem que tés ca-
rego anda de todo posto em me matar. Caf. Matar ou
como? Dor. E mais sobre meu officio. Caf. Quem te
disse tal? Dor. Muitos, & antre os outros elle mesmo.
Caf. Contamo. Dor. Passando por mim ameçoume
mordendo hum dedo da mão, & dizendo não sei que pa-
lauras. Caf. São brauarias de Palermo. Dor. Hi vê
homem cada dia matar muitos. Caf. Inda esse que di-
zes tem por matar o primeiro. Dor. Não queria que
começasse em mim. Caf. Iustiça ha na terra. Dor.
Despois d'eu morto quer a aja, quer não. Caf. Não q̃
a sua pelle te guardará a tua. Dor. A muitos a não guar-
dou, que sei eu de quaes ferey? Caf. Não cuides somẽ
te nesse cachoparrão. Dor. Esses senhor meu são os q̃
eu arrecco, que não os velhos, se fudos, lançadores de cõ-
tas Ando

ras. Ando assi como vees metido neste mantão, hũa mão
 sobre a outra, q̃ mais he matarme animim que a hũa oue-
 lha? Cas. E porque ha de matar ninguem essa ouelha?
 Dor. Hús pella laã, outros pella pelle. Cas. Conhe-
 celo tu bem? Dor. Assi o não vira nunca, nem elle a
 mim. Cas. Por te pòr esse medo te ameaçou? agora
 se a ti fosse andaria eu mais seguro. Dor. Amigo &
 senhor meu, mais gente mata o descuido que os cuida-
 dos. He me necessario dar mil voltas à cidade de dia &
 de noute, digote q̃ hei medo aos acontecimentos, quã-
 to mais aos propositos. Cas. Têslhe feito algum a-
 grauo? Dor. Não que eu saiba. Cas. Que te diz o
 coração? Dor. Não me sei affirmar, mas pode ser q̃
 por ir à casa de Bertrando, onde ja não vou, no que re-
 cebi a perda que Deos sabe. Cas. De cujo mandado
 hias la? Dor. Isto não posso dizer, que são segredos
 do officio que tenho. Cas. E a esse teu matador que
 lhe vai nisso? Que has porque cospes? Dor. A longe
 va maõ agouro. Cas. Porque lhe chamei teu mata-
 dor? callate q̃ não te ha por isso de matar. Dor. As
 vezes se dizem as palauras em tal conjunção. Cas.
 Grãdes arteceos trazes a esta tua vida. Dor. Tenho
 necessidade della para mĩ, & toda a minha gente. Cas.
 Que lhe vai a esse mancebo nisso? Dor. Não sei elle
 o fabera. Cas. Ora Dorio amigo meu, quanto ao me-
 do não sei que te faça, que não he em mim tirarto, no
 mais farei quanto em mim for, não te posso prometer
 mais. Dor. Nem eu pedirte mais, & porem isso te
 peço muytas vezes. Cas. E eu muitas to prometo,
 descansa que não sera nada. Dor. Assi queira Deos.
 Cas. Este doudo em que anda cuida que pelas suas a-
 meaçãs ha elle de ficar por casar. Hũa hora do dia que
 se me-

se me furta, logo deixa rasto por onde vay, que faria se lhe eu tanto não desse em que entender. Ouue dõ do pecador que se dà por morto, & tremiãlhe os beijos q̄ badalejava. Ora me deixai co doudo q̄ por isso o hei de perseguir mais, Isto ganhará co as suas ameaças, quero ir ver o que faz.

Fim do Primeyro Auto.

Auto Segundo.

Briobis Soldado.

Deuorante Truão.

Assi que me tendes aquí catiuo em Palermo em tempos de paz, & terrade Christãos? Deuo. São obras do Amor, que ja fez a Hercules conquistador do mundo fiar, & debar. Bri. E eu que achandome na de Raucena, Chirinola, Vicença, Milão que viesse assi a cair nas mãos dũa moça; que te parece? Deu. Assi contão que se toma o Alicorne animal tão brauo. Bri. E assi aconteceo a Roldão & Reynaldo. Deu. E ontem a El Rey Carlos o da cabeça grande em Piamonte. Bri. Não sou acostumado a sofrer desejos. Deu. Acostumate por amor de mim, que os amores de seu natural são brandos, & queremse por bem. Bri. Arrenego destas vossas branduras, tenhome coa guerra, onde se tudo faz por força. Deu. Falla mais sem paixão, que te de mudas, & fazesme auer medo. Bri. Esse mal tenho, sou te neroso. Deu. O q̄ doutra parte es mais gracioso que a mesma graça. Bri. Porem quando me vem esta paixão perdoai. Se me viras no campo.

Deu. A hi

AS OBRAS DE!

Deu. Ahi dão os homês testemunho verdadeiro de quem são. Bri. Digo que se me la viras. Andava mais acompanhado que o capitão. Elle morria d'enueja, & eu não morria da bafas. Conteite ja dos toques q' lhe dei? Deu. O da Temuda? Bri. E esse não foi mau, mas primeiro te hei de cōtar doutros Anjos cogidos. Deu. Que aramaa la fui? Cuidei d'atalhar & rodeey, a pos estes virão os fritos, & despois os assados. Bri. Este capitão tocava no Tribu de Iuda, & como disse, tinha me grande enueja, polo qual mastigava & grosava ditos meus, que todos trazião na boca, polo qual eu a hũ proposito não fallando mais com elle que cos outros disse hum dia, Não se ha aos supitos de buscar a escama de tras a orelha. Deu. Ha, ha, ha. Bri. Que oueste? Deu. Não he para niuguem brincar contigo como dizem do ferro. E os outros? Bri. Torcião se todos. Mas quem te disse o da Temuda. Deu. Mil pessoas que o sabem, & o contão entre outras graçastuas. E elle mesmo foi o que mo contou, mas que hei ja de fazer? Bri. Este mesmo Capitão trazia amores em parte q' me hia nisso algũa cousa. A dama chamava se Temuda: mas que avia o Diabo de fazer? Viemosos hũa sonou-te à encontrar em hũ lugar escuso, elle rebuçouse, mas eu ao passar disse. Para q' he andar tão temudo? Deu. Destruisteo. Esse homem como se não foi logo lançar num poço? Bri. E isto em dizendo fazendo. Deu. São graças naturaes q' Deos reparte por quẽ quer bem. Bri. Não o digo por me gabar, mas quantas vezes me aconteeo não me darem samente vagar com requirimentos de cartas d'Amores, hũs a hũ proposito, outros a outro? Deu. Quais avias por mais trabalhosas? Bri. As primeiras. Deu. Como Mestre. Bri. E assi duas

d'huãs como doutras os começos, q̃ despois hũa palavra leua a outra por hũa maneira noua que hora descobrimos, que tudo se vai apurando cada vez mais. Deu. Ficartehião os treslados que leremos sobre mesa. Bri. Nunca as guardo, mas lembrame hum começo & dizia assi. Nas ondas destas lagrimas q̃ me leuão assi na sua corrente, não té estes meus olhos outro norte porque se rejão senão os teus. Deu. Ay ay que farei? Isso não se sofre. Bri. Outra. Deu. Dará cento como relógio mal concertado. Bri. Os enganos senhores da vōtade fazem o que querem de mim, & eu não quero acabar de entender o q̃ entendo, & fico assi como em mares encruzilhados onde a força não esforça, nẽ gouerna o gouernalhe. Deu. Busca quẽ te aguarde taes pãcadas que eu não posso. Bri. Pois se quisesse que te esmiuçasse isto pelo meudo. Deu. Fugirei quanto poder, tão emdiabrado es por bẽ, como por mal. Bri. Assi hão de ser os homẽs, & não como estes frieirões q̃ não são peixe nem carne. Outra. Nomeo dos desejos não acho cabo, no cabo não acho meyo: tal auiamẽto acho para o meu desauiamẽto, & tal esperança pera o cabo da desesperação. Deu. Finalmente para esta tua naugação tudo o mais temos, a moça sò nos falece, esta busquemos. Bri. Não se pode errar que não ha outra em Palermo, como em Palermo? como em Palermo? não ha outra no mundo. Aqui a achei, aqui a perdi, aqui me perdi. Deu. A bom santo te encomendaste, eu te tornarei a achar. Bri. Os cabellos como fio d'ouro, os olhos verdes que eschamejauão. Deu. Tais que te fartarão os teus? Bri. Mas tais que mos deixarão famintos para sempre. Deu. Ora cortame este pescoço & a caba. Que mais podera dizer hum Mancias?

A S O B R A S D E

cias? Bri. Pois ando para me enforçar como vees,
 Deu. Não faças por amor de mim q̄ he coufa de q̄ te ar-
 rependeras. Bri. Nūca fiz coufa de q̄ me arrependesse.
 Deu. E eu cadadia & cada hora. Vamonos a jantar fi-
 carnos ha tēpo para os negocios. Bri. Não o hão inda
 de ter prestes, eu vou a dar pressa, & terei cuidado do
 teu mantimento, tu tē cuydado do meu. Deu. Es hũa
 fonte perenal de eloquencia, nunca te acabarão desgo-
 star. Bri. Pois creme q̄ não anda aqui hũ terço de mĩ.

Deuorante Soo.

A que tēpo me Deos aparou este soldado? q̄ não achaua
 ja aqui hũa vez dagoa. Neste mūdo tudo são começos.
 Foime bẽ hūs dias, agora andaua ja às moscas. Cada tar-
 de me assentaua sobre hũ penedo a diuisar dali o mūdo,
 & dando ao papo como francelho manso, olhando para
 onde tomaria o voo. Trabalho officio este nosso, que
 tem sempre o mantimēto em mãos alheas. Muito bem
 me dizem dos Gallegos, & tē razão, que nunca em al fal-
 lão segundo me dizem senão em comer & beber. Nun-
 ca te vio tão roim mundo, o dizer bẽ das pessoas he cou-
 fa fria, & ainda despraziuel, o dizer mal he perigofo,
 quem quereis q̄ tome hum porto tão estreito? & por in-
 da ser nossa mofina mayor, os mancebos seruidores das
 damas com quem era todo nosso ganho vierão se nos a-
 fazer mais graues q̄ seus pays. O joyas, joyas quẽ tiuef-
 se bem de comer para rir de vos, como hi não ouue a-
 mores, não ouue homẽs, com elles se forão as canas, os
 touros, as justas, & finalmēte a liberalidade, nos outros
 ficamos como sinos em castello despouoado tãgendo as
 gralhas, & assi ja eu era (como digo) na espinha, lem-
 brouse Deos de mim, & acodiome cõ este soldado, ape-
titoso,

ritofo, cõuidador, mais vão q̃ a mesma vaidade, nas armas hũ Roldaõ, mais fermoso & mais namorado de si mesmo que Narciso mas a mim q̃ se me da: vê daguerra, & deftes seus a q̃ chamãõ sacos, onde roubãõ a Deos & aos santos. Vos porẽ vede como falais, & não lhes chameis roubos, senãõ olhay por vos, sacos si quantas vezes quizerdes. Quem me mete a mĩ com seus pontos de honra? venha donde vier, ganhaseo como quiseffe, sou pola ventura seu confessor? come, bebe, joga, & he de molheres, aquelles tais saõ os meus homẽs. O mal ganhado mal se ha de despẽder. Viuamos todos. He de louuaminhas: fartoo dellas. Quer contar suas mentiras, aparelho os ouvidos, enchoo de vaidade & elle a mim q̃ não sou tão espiritual, enche me disso q̃ se vende na praça, seja nas boas horas, trato he em q̃ elle poẽ dinheiro & eu palauras, duro q̃ durar. He enfadonho? Não ha logo de ser tudo como homem quer, & de q̃ me podẽ melhor feruir os meus ouvidos, & a minha lingua q̃ de me ganharẽ de comer? Amoça não vos ha de ser outra senãõ esta Lucrecia, para quem agora toda a cidade se embica. Guarda de escandalizar ninguem por ninguem, q̃ as obrigações esquecem logo, as magoas nunca, la se auenhãõ, q̃ eu não me mantenho d'olhos verdes quando me veredes. A mõi sciencia q̃ no mundo ha assi he, saber conuerfar cos homẽs, bom rosto, bom barrete, boas palauras não custãõ nada, & valem muito, & assi quem sabe de tudo isto faz bom barato, os paruos dar vos hãõ antes dinheiro, & eu antes o queria. Isto não se aprende em Paris. Voume a comer.

Cassiano Amente.

Meu criado como me sintio em casa dissimulou & partio,
Y 3 verdadie-

verdadeiramente o mais certo preso he quem guarda o preso. Achei esta carta pareceme q̄ lhe cahio coa pressa: letra de molher he, deue de ser da moça, quero ver o que diz. (Não sei porq̄ folgas fazer tanto mal ati & a mĩ) Bẽ me podera esta moça tambẽ aqu i meter no começo desta carta. (Que te perdes & não olhas com quanta perda mi nha querendome obrigar co isso.) Milagres saõ q̄ as fermosas fazem a que se não pode dar razaõ. (Em pago de me pesar do teu mal, queres ser causa do meu) Mais pesa a seu Ayo, & mais pesará a seu pay quando o souber. (Olha que ainda se pode remediar tudo) não abolssa que trouemos que arqueja, & tira quanto pode polo folego. (Disseraõme de tua parte que não querias mais que este meu desengano, ahi o tẽs) Que fara agora Amẽte se não ir se deitar naquelle mar aysi desenganado? Quanto melhor remedio fora não lhe dar nunca olhos nem ouvidos, mas isto por boas filhas que ellas sejaõ, não llo mandeis, q̄ lhe mãda o seu natural outra cousa. O artificio com que se jã tudo diz & faz, & digo em mayores casos. Mas he elle o que la vem? Esse he. Bem sabia eu q̄ esta carta mo auia de tornar à mãõ, querolha ir pòr onde a ache, não acabe de sair de seu sifo (se isto se pode dizer por quem ja não tem nenhum.

Amente Soo.

Não passa aysi o pesar. Quam pouco ha q̄ sahi daquella casa com tanto prazer, vendome liure de Cassiano, eis me agora torno por mim mesmo à prisaõ, de q̄ fugia, co prazer de todo perdido, & a carta pouco menos, & mais a q̄ tempo! quando me ja não ficaua outro bem, outro descan so, outra nenhũa consolação saluo aquellas poucas regras. Cuidei q̄ a leuaua no seo sobre o coração, donde a nunca tiraua,

tirava, elle foi o q̄a chou menos, queriame saltar fora do peito, fez me tornar é sua busca. Mas he aquelle Callidio? queroo esperar, não sei que novas trará. Coa cabeça baixa vem, não he aquelle o seu costume, acabem ja de me matar os amigos & os inimigos.

Callidio.

Amente.

Quem concertara tantos desconcertos? Digouos q̄ cuidado & cuido, & não lhes posso achar saida. Am. O que ahi não ha, como se pode achar? Cal. Estes namorados não viuem senão d'esperanças. Am. Que assi são ellas mui favorosas. Cal. Olhai q̄ peças: Doutor honrado & rico, os dedos cheos de ancis. Am. Pera mal vai este conto. Callidio, Callidio. Cal. E o negocio está em Bertrando tão sedudo & tão pesado. Amē. Callidio? ouuesme? vem cá, soubeste mais algũa nova? Cal. Fallei com Alda. Amē. Com Alda? & q̄ te disse? Cal. Que o Doutor apertava muito o negocio. Amē. E de Lucrecia? Cal. Que não trazia rosto de contente. Amē. O que farci a estes rostos, que tão afinha se mudaõ? Que disse de Bertrando? Cal. Que calla, & passa. Am. E a molher? Cal. A ambas as mãos pollo casamēto. Am. Não he sua filha. Cal. Nem he ella ha que ha de casar, & da tantas razões tão sedudas. Ia sabes que coufas são molheres. Am. E tu ja sabes que se não faz em casa senão o q̄ ellas mandão. Cal. Mal pecado. Am. Dissete mais algũa coufa? Cal. Que hia em busca de Ambrosia a velha, q̄ criou Lucrecia. Am. Para que triste de mim. Cal. Pregunteillo, mas deu aos ombros. Am. Que sospeitava. Cal. Mal. Am. E mal será, q̄ assi acontece as mais das vezes. Cal. Que pressa he esta tua, & mais para casa, donde sempre foges? Am.

A S O B R A S D E

Para que queres saber mais das minhas desaventuras: fureime de casa com tamanho aqodamento q̄ perdi aquella minha carta que sabes. Eu hi adiante, acheya menos, foi-me como achar menos o coração, torno em sua busca, deixame ir soo.

Deuorante

Callidio.

Então deixai vos frades bradar do pulpito, & bracejar q̄ não hahi dias aziagos. Callid. Mao rosto traz, serà com fome. Deu. Ditofos homēs que se lhes cre quãto dizē. Cal. Ando magoado de lhe ja ninguē crer cousa nenhũa. Deu. Que horas estas para andar inda em jejum, inda q̄ ora dia de jejum. Cal. Bem me parecia que dali vinha a tosse ao gato. Deu. Todos fartos & cheos, então querem gracejar, q̄ me anda o diabo attentando para fazer hũa doudice, então vereis como logo todos me dão o corro, como dizem do touro. Cal. Pois quanto á mingua da boa cornadura não fique. Deu. Cuidei de achar ja o meu Soldado à mesa, & hia lambendo os beiços dante mão, fenaõ quando eu vejo que me estaua aguardando á sua porta hum tauerneiro, a que sou em diuida d'algũs marauedis, olhei mais, & vejelhe hũ beliguinaz ao lado. Hialhe a cair nas mãos. Quanto val hum homem acordado, descobrios d'hũa legoa, desuicime entaõ por outra rua eu lá, aleuantauase hum arroido como barborinho em tardes de veraõ, lanças, pedras espadas, não sci como sa hi viuo. Cal. Vaso mau nunca quebra. Deu. Hum gentar que te Deos ministra, quantas cousas te estoruaõ? Cal. Pois ainda o meu quinhaõ te està cá guardado. Deu. De que te aproueita ser fesudo antre tantos doudos. Iudeu ouueras de dizer que não fesudo. Cal. O meu grandissimo amigo Deuorante, quanto ora folgo contigo. Deu. Este

Este me direis vos a mī q̄ não he dia aziago? Cal. Que he isso q̄ assi vês de mã graça? não era esse o teu costume Deu. Deixame passar que não hei contigo nada. Cal. Que te fiz? algũa agulha ferrugêta se meteo entre nós. Deu. Requeirote da parte de Deos q̄ me deixes ir em paz. Não sejas aqui oje o meu pecado. Cal. Espera q̄ logo te auiarei Deu. Que me queres? Cal. Dous toques de trouas d'improuiso q̄ tês nisto gracia gratis data. Deu. Não hia eu ora cuidando em al. Cal. Tanto mais d'improuiso

Começo.

Deuorante

Se es q̄brado, ou se es inteiro	Eras pera Alfeloeiro,
Que assi vas aos folles dando!	Qu'vai cascaueis tocãdo
Das à cabeça escornando,	Bê sei q̄ foste apalpando,
Se es touro, ou velho findeiro?	Mas nã esbõ chocarreiro

Cal. Ora ofizeste como quem es, & mais pelos consoantes outrora te conuidarei, ja podcs passar.

Briobris.

Deuorante.

Passaõ as horas do comer, o gentar danase, grão força de negocio detem à Deuorante. Deu. Quando me auerei eu dentro naquella casa, q̄ me oje tantas cousas defendê, mas vejo o meu soldado. Bri. Que detêça, foi esta? ouue quem te fizesse algum desprazer? Deu. Ia me conhecem por teu, digote q̄ não querê prouar como poês as mãos & offerro. Bri. E o fogo inda deueras de dizer. Deu. E o fogo tambem. Bri. Que não ha muito que eu chamusquei hūs poucos de villaõs por hũ desprazer que me fizerão. Nem saberas como eu jogucto d'Arcabuz. Deu. Saibaõ no teus imigos. Bri. E dos soldados desta vossa guarda

A S O B R A S D E

mo. Deu. Si, de como os desbarataste. Bri. Com hũa sô palavra queres tu passar por tamanho feito? Deu. Isso seria se as muitas abastassem. Bri. Bem disseste. Como es auifado. Deu. Vou aprendendo de ti? Bri. E do vſso tamanho, & tão medonho q̃ me dizes pois o viste? Deu. Sabes que então differão todos? Bri. Que por tua vida? Deu. Que se apalpara o vſso com o Lião. Bri. Ah, ah, ah. Ora nũca vi melhor dito de pouo. Deu. Assim diz o pouo que nũca vio melhor feito de hum homem sô. Bri. Nem de dez. Deu. Nem de vinte: ò senhor Deos que não fãra dizer a fome? Não sei para que forão mais polces, nem mais dados na testa, aquelle he hum vſso manso que anda por essas ruas brincando. Bri. Benzertehias quando me visses saltar a traues tão ligeiro. Deu. E tão ayroso. Mas tu não me perguntas por nada? Bri. O meu amigo grande, como quem descansa sobreti. Deu. Não he para as ruas coufa de tal segredo & preço. Bri. Entremos em casa, la faberas maravilhas, & eu tambem contarei das minhas. Deu. O demo diz a este q̃ hão de ser mentiras por mentiras.

Fim de Segundo Auto.

A V T O T E R C E I R O.

Petronio Doutor.

Se nos outros passamos tão afinha, que podemos fazer que dure muito? Tempus edax rerũ tuq̃; ò inuidiosa vetustas, Omnia consumitis. Aquella tão antiga, & tão nobre cidade de Pisa em que naci, he como posta por terra pois perdeu a sua liberdade, & os seus cidadões espalhados pello mũdo antes q̃ se verẽ seruir aos Florentis seus inimigos. Fizemos todos o que podemos & o que deuiamos,

agora

agora que temos de Pisa senão Pardieiros & campos vbi Troia fuit como diz aquelle diuino Poeta? A mim coube me em sorte este Palermo onde me magoão estas lembranças muitos annos ha, mas que farei? sempre aysi hei de andar gemendo? Ora quem viuer verà tambem a Floréça a sua pancada que quanto vai mais crescendo tanto ferà mais cobiçada. Não se começarão em nos, nem acabarão em nos, estes jogos da fortuna. Cõ isto me vou consolando os homês da minha calidade per si se hão de curar, & senã embalde embrãqueci sobre os liuros, patria est vbicũq; benè est. O bõ jogador emêda o lãço mao quãto pode co saber, porq̃ naõ farei o mesmo? fez me o mao lãço estrãgero a estes, eu me lhe farei natural coas boas obras, coa mãidão & co saber, & mais se acabamos este casamêto como cuido, cada dia spero por meu jrmão dizê me q̃ he arribada hũa nao de Poëte, assentarnos hemos a qui ambos. Certo os homês não deuião de fallar nas cousas do mundo senão despois de muita infinda esperiencia, q̃ segũdo ò Philospho, est mater rerum. Quantas contas tenho nesta vida feitas que me agora cumpre de riscar! O casamêto a que tantas vezes chamei catiueiro a costumado, torno agora a ver q̃ he cousa santissima & necessaria. Os filhos de que tantas vezes rì cos mesmos pais de como não sabê fallar saluo nas suas graças, dei de nouo volta, & acho que saõ todo o gosto da vida & da fazenda, & bẽ souberão as leis o q̃ dezião em chamarem seus proprios herdeiros ponto alto & de apicibus juris. Quãto a casar por amores & mais nesta idade, digo nella me he mais necessario algum contentamento, quando me os outros todos vão desemparrado. Que diferêças de costumes! A qui me deraõ dote hõrado com Lucrecia, & logo de fronte em Africa compraõ as molheres quem as quer, parece que não he mã razão. Mas

zão. Mas

AS OBRAS DE

zão. Mas vejo eu a minha criada? Si vejo, novas teremos.

Sargenta.

Petronio.

Duas sortes de homẽs ha no mundo que se possaõ servir, ou muito paruos, ou muito namorados, & inda os namorados tem grande ventagem. Quanto tempo ha que siruo meu amo sem medrar hum vestido, nem hũa boa palaura que custa menos. Pet. Que dar de linguaõ! gran caso este das molheres Sar. Vem o velho & namorase, logo fui vestida & priuada. Pet. Não aposso bem entender. Sar. Nunca vistes taõ boa gente, nem q̃ assi se vos deixe enganar taõ leuemẽte. Pet. Enganar, ou como? não hei aquella por boa palaura. Sar. E mais Dorio fora ja do trato. Pet. Nem tratos taõ pouco. Sar. A verdade he apañhar. Pet. Peor que peor. Sar. Muitas merces à fermosura de Lucrecia. Pet. Todo estremeci ouuindo aquelle nome, de là deue de vir, assi com elle na boca a quero chamar. Sargenta, Sargẽta. Sar. Huy aquelle he nosso amo. Se me ouuiria, mas elle não ouue ja muito bẽ. Pet. Vem ca Sargenta chegate mais a mim que te quero preguntar donde vês. Sarg. E logo te o coraçãõ disse donde? Pet. Que marauilha? se elle sempre por la anda. Sarg. E a mim me parece que o vi. Pet. Folgo com isso muito. E pois que anda a minha alma fazendo por la? Sar. Espalhãdo toruoadas como sino de virtudes. Per. E parecete q̃ fica o ceo despejado de todo? Sar. Limpo como hum espelho. Pet. Nem la contra o Poente não enxergas nada? Sar. Hũa pouca de neuoã & veato. Per. Dahi se leuantãõ as vezes grandes toruoadas, mas que entẽ deste della? Sar. Muitos sisos & muitas virtudes. Per. De quem Sargenta. Sar. De Lucrecia. Pet. Assi faze, nomeama muitas vezes

tas vezes

tas vezes. Sar. Nunca se tal graça vio, nem tal siso. Per. Tal assento, nem tal fermosura. Sar. O que todo mundo vê para que he dizerte mais? Per. Ora vem ca Sargenta que te quero agora preguntar por hum ponto, coufa em q̄ te nunca fallei. Ouuiſte algũa hora fallar num mancebo Espanhol, que ſegũdo dizẽ, anda aqui perdido d'amores por ella? Sar. Qual? hum capa em colo, que à primeira parecia algũa coufa, ja agora não terá que despende, & parece que cahio da forca. Pet. Ha, ha, ha, como opintaſte te tão bem. Sar. Coufa he iſſo para te ſomente lembrar? Per. A mim não, mas à Lucrecia. Sar. Que riſo, não he iſſo ſenão para a nomeares muitas vezes. Per. Ao homẽ ſe ſudo tudo ha de lembrar, & mais iſto, das idades releua muito. Sar. E bem que diſpoſição he a ſi a tua? Per. Da diſpoſição, Deos ſeja louuado, não hei enueja à ninguẽ, a idade polla ventura parecerà mais do q̄ he cos nojos, & cos trabalhos com q̄ ſe as caãs adiantão. Sar. Quem não ſabe que as caãs não fazem velhice? Per. E mais ſegundo o Philoſopho, no caſamento, o homem ha de ter boa auantagem d'annos à molher. Sar. Muito releua o q̄ quer o Philoſopho para o q̄ ellas querem. Per. Ao homem he neceſſario mais ſiſo, & mais experiencia como quem ha de gouernar. Mas aqui temos Deuorante a colhete Sargenta, que eſte ſempre anda em ſpreita para leuar nouas dũs para os outros. Sar. Que dita tamanha vir quẽ nos eſpartiffe. Não ſei porque dizem tantos males da mentira, digão o q̄ quiſerem. Como? & bom ſiſo fora contar eu a noſſo amo mui verdadeiramente donde vinha & tudo o que fizera? O q̄ prazer para elle, & pera mim que proueito? & aſſi co eſtoutra mezinha, elle fica doudo de prazer, & eu vou em paz.

Deuorante.

Petronio.

Não aja bi

AS OBRAS DE

Não aja hi mais tal paruoice, nem se enforque ninguem por paixão quelhe venha. Pet. De boatepera parece que vem. Deuo. Como eu oje andaua joya? com todos queria auer brigas. Bem dizem que fome & frio, mas o frio he vento. Esperarei quanto frio ha em Alemanha cõ esta capa çafada, não me falle ninguem em fome. Pet. Fome ou que? não he para o esperar, q̃ se inuiaria aos dẽtes. Deu. Em fim quisme Deos dar sofrimento, quando cheguei, achei tudo prestes. O soldado bebẽra ja á minha reuelia, então começou a cõtar das suas façanhas, matou, venceo catiuou, eu tambem entretanto por não estar o cioso dei saco à mesa. Pet. Bem está, farto deue de vir. Saibamos nouas. Onde se vai o grande meu amigo Deuorante? Deu. Onde mais comprir aos seus senhores & amigos. Pet. Que nouas correm? Deu. Muitas & pouco certas como em Palermo a contece cadadia, saluante se he verdade hũas que me derão pouco ha. Pet. Que taes Deuorante? Deu. Que esja dos nossos. Pet. E isso has por cousa noua? Deu. Si que dantes tinhamos te como emprestado. Pet. E agora como? Deu. Por mais q̃ nosso. Pet. Assim quis a fortuna. Deu. E o amor tambẽ. Pet. Ah, ja te entendo, & nisso auera mil sentẽças. Deu. Antes a todos ouço fallar por hũa boca, deixemos algũs dedos queimados fora. Pet. Ha, ha, ha, & esses farão a mim inda mais velho, & a ella inda mais moça. Deu. Como q̃ não vissemos por aqui moças fesudas, & velhas doudas que farte, & se muito te comprirem de minha casa podes ser seruido. Pet. Eu to agradeço muito, mas por agora na praça estão às moscas. Deu. Tomai la? assim fazẽ, pagaõ hũa graça com outra. Pet. Que dizes? Deu. Que tudo se acha em ti sifos, graças, & galantarias. Deu. De ti me vem que me aleuantas os espiritos, mas falando de sifo

de sifo

de siſo, grandes priuilegios tẽ as molheres dos Doutores, ſe os ellas entẽdeſſem. Deu. Que negra cõſolaçãõ principalmente para as bellas mal maridadas. E aſſi os outros homẽs em voſſo reſpeito certo que ſe podem chamar corpos ſem almas. Pet. Donde ſingularmẽte vãõ inferindo os noſſos Doutores que ſe nãõ pode doutorar hum homẽ morto. Deu. Iſſo he certo? Pet. Certiſſimo. Deu. Que mais queres? eis o q̃ ſe diz de cabra morta nãõ diz mee. Pet. Eſpantas te? Pois nota mais, que cabendo nas molheres tãõ altos titulos como he Condeſſas, Duqueſas, Rainhas, Emperatrizes, &c. Mas Doutoras iſſo nãõ por mais letras que tenhaõ. Deu. E eſſas nãõ tem ſpirito. Pet. Subtiliter Deuorante, mas reſpondendo breuiter, decla-rome que o do ſpirito que diſſe, procede negatiuẽ, non affirmatiuẽ. Deu. Todauia a molher do Caualleiro, tãõ pouco ſe chama Caualleira, nẽ eſcudeira a do eſcudeiro. Pet. Porque nãõ ſãõ Amazonas que tragaõ armas & eſcudo, & por iſſo logo das noſſas diſſe, por mais letras que ſaibas, que te parece? Deu. Nãõ ſei, la vos entendeis, grande vida leuais. Pet. Aſſi podemos dizer co aquelle noſſo grãde Iuſtiniano Noctes ducimus in ſõnes &c. Deu. Pois deſſe voſſo Iuſtiniano nãõ ſei que eu ja ouui dizer. Pet. E que? Deu. Que nãõ fora elle dos mais Catholicos. Pet. O lingoas de ſerpentes, eſcreuendo elle tãõ altamente, de ſumma Trinitate, & fide catholica. Deu. Tãõ enfadonho he eſte, & tãõ vãõ como o meu ſoldado, E nãõ conuida tãõ bem. Que faço aqui? Mandas de mim algũa couſa mais? Pet. Nãõ al ſenaõ que ſou teu, eu & quanto tenho. Deu. Eiſme rico & bẽauenturado. Aſſi viua elle & aſſi medre, & deſpois ſabeis que vos reſpondẽ por ſuas leis? Que palauras de cortesia nãõ obrigaõ. Nunca taes direitos viſtes. Achaõ que hũa ſõ palaura obriga, & muitas nãõ

tas não: não ajaes vos medo que co estes taes eu faça muita farinha.

Petronio Doutor sò.

Desque homem nasce tè que morre, não trata coufa de mòr peso, q̃a do seu casamento, que cada dia rematamos tão leuemente. Grande feito, que se te vendem hum ro-cim manco, ou hũa mula maliciosa, logo hi são mil leis a te ajudar, & tè procuradores tanto que dizer & allegar, & na tua molher, por quem deixamos os pais & as mais, ali nos desampara tudo, & sò a morte pode ser boa. Pello qual estiue tanto tempo solteiro, vim aqui, com sòs as letras, de que me a fortuna não pode roubar: coellas me remediei, que a estes nossos direitos não se lhes pode negar o senhorio de todas as outras sciencias. Os Theologos jazem por todos esses mosteiros mendicantes como se elles chamão. Philosophos ja passarão mal auindos hũs cos outros, com suas barbas, & grauidade. Poetas tudo poe em flores, pollo fruto não espereis. Os Oradores nõ sos tiramos das suas vezes. Os Astrologos sempre tratão do por vir, de que elles nem ninguem sabe pouco nem muito. Físicos ganhão bem de comer, porem he co ourinho na mão. Artistas debatem sempre sobre a lã da porca, & antre todos estes não ha hum homem de negocio: sòmente o Jurisconsulto he o que pode tratar & rematar duuidas de substancia: Todavia frades entremeterse querião: mas não tem asas com que voem, que a vontade não lhes fallece. Sò o Jurista pode andar co peito alto, & satisfeito do seu saber, quer seja pera concertar as cousas desta vida, quer da outra. Isto he o que te releua, & creme q̃ te não busca ninguem senão o que te ha mister.

Guido, & Petronio irmãos.

Guido.

Gui. Ainda me não parece que ponho os pés em couza firme. Pet. Hũ estrangeiro vejo, quero ver se traz nouas. Gui. Este mar tamanho, tão brauo, tão mudauel, tão espantoso, quem ousou primeiramẽte de accometer? Pet. Não sei se me engana o desejo: mas este me parece Guido meu irmão, por que esperaua. Guid. E mais neste tempo em que homem que no mar entra, o menos que teme he o mesmo mar. Pet. Sem duuida este me parece. Guid. Quem sempre anda cuberto de nossos inimigos, & da fee. Petr. Sem duuida algũa este he: ò meu irmão Guido, boa seja a tua vinda. Guid. Meu irmão & pay, es tu este? Pet. Pois tu es vindo a saluamento, este sou, & tudo he saluo. Gui. Se inda obem soubesses, segundo se os tempos tornarão aos nauegantes. Ah peccador de mĩ, que bem deuerão de abastar os seus males proprios de mar. Petr. Qui ascendunt mare, in nauibus, viderunt opera eius, & por isso as nossas leis seis meses do anno defendem a nauegação. Gui. Todos doze a deuerão de defender. Petr. Inda agora vês, como esteueres em terra dous dias, tornarás outra vez a bradar pello mar. Guid. Bem sei que assi somos feitos. Petr. E toda via eu bem folgo de vires assi aborrescido destes caminhos, se não he com grande perda da fazenda. Gui. Tudo passou tormenta, & porem somos em Palermo, & achote viuo, & saõ. Petr. E daquella nossa minina descobriste noua algũa? Guido. Dirr'hei o que pude saber. Em Serdenha achei hum nosso payfano, & conhecente, este me contou que a vira despois em Florença, & despois em Roma. Petronio. Em Roma! ora a dà por perdida de todo. Guido. Não sabes que as duas partes de Florença são passadas com este seu Papa a Roma? Petronio. Não me falles naquelles clerigos tão ricos, & tão ociosos, que eu

não

nam cuido q̄ Deos com toda sua paciencia os possa sofrer muito tempo. Gui. Inda entam polla idade era coufa im possiuel. Pet. Tanto mais feito Romaõ. Gui. Contaua mais q̄ dera em Roma a peste em casa daquelle mercador Florentino, onde a menina estaua, & q̄ hum Dom Abbade seu irmaõ delle, homem Religioso & bõ, atrouxera para esta terra, onde elle tinha renda, agora cõ estes finais naõ te pode errar. Pet. Daqui por diante busquea quẽ quiser. Gui. Porque? Pet. Porq̄ as mulheres naõ haõ de andar muitos caminhos q̄ saõ hũa perigosa mercadaria, quebraõ como vidro. Gui. Em tẽpo de tantos trabalhos & tamanhas mudanças q̄ menos se podia a contecer? Pet. Eu to direi, perderse de todo, q̄ nunca della mais souberamos. Gui. Tu mo encomendaste. Pet. Desejaua de ter nouas q̄ escreuer a seu pay, & essas quẽ lhas escreuerà? Gui. Ire mos por estes sinaes mais auante, polla ventura naõ sera o mal tanto. Tenho necessidade de repoufar q̄ inda me a cabeça dà voltas. Pet. Vamos & la te darei muitas outras contas.

Fim do terceiro Auto.

A VTO QVARTO.

De me naõ poder mais ter às lagrimas, me sayo ca pera fora, nam sei q̄ faça a este moço, entrou desatinadamente em casa em busca de sua carta, eu dissimulei, fazendo que entendia em outras coufas, elle como a achou, tornou em sua cor & a cordo, falou, rio, finalmente gentamos em paz: mas despois q̄ passeou & cuidou, recolheose á camara, alli fez suas lamentações, eu q̄ o espreitaua, & que o criei naõ no pude sofrer mais, venho fugindo à minha fraqueza, chore á sua vontade, & desabafaraa, que a sangria destes males

males taes, são lagrimas. Depois q̄ chorar muito tornara a rir. Mas q̄ doudo he o q̄ vê corrédo? não lhe errava eu ora muito o nome, q̄ este he Callidio, q̄ cabeça.

Callidio

Cassiano.

Aparta, aparta, q̄ prouo estes meus pees, para quanto são quero ver o q̄ tenho nelles, nas pressias se conhecê os amigos. Guarda de diãte, guarda, q̄ vai sobre a posta. Cas. Isto passa ja de doudice, & deue ser vinho. Cal. Não se me ponha ninguem diãte, se não quer saber como encôtro. Cas. Ora nũca vi bebado tão desemuolto dos pees, quero o chamar, Callidio, Callidio. Cal. Aquelle he Cassiano, assi fomos neste mũdo, & eu buscava Amête. Cas. O doudo q̄ te mingoa para tirares pedras á gête? Cal. E dislo q̄ me mingoa me pesa. Cas. Porque? Cal. Não sabes tu aquelle dito tão verdadeiro, q̄ o homê ou auia de ser Rey, ou doudo? Cas. Pois quanta de doudo eu te asseguro. Mas porq̄ corrias assi? Cal. Dos doudos todos se rim, & não se espanta ninguem. Cas. Mal se podê rir os aque elles fazê mal. Cal. E eu q̄ mal te fiz? Cas. Quantos passamos em Palermo, q̄ são muitos. Cal. E assi o dizes a todo mũdo. Cas. E a inda essa mã vingança não queres q̄ tome? Cal. E assi o has de dizer a nosso amo. Cas. Quando sera isso? Cal. Cedo. Cas. Onde? Cal. Nesse mesmo Palermo. Cas. Doudo, q̄ nunca homê sabe quando falla de verdade. Cal. Agora. Cas. Quêto disse? Cal. Estes meus olhos bellos. Cas. Em que lugar? Cal. Na ribeira. Cas. Porq̄ o não acõpanhauas? Cal. Vim diãte adar recado. Cas. Torna apos mĩ. Vai Cal. por agora sò. Folguei de me despejar deste por buscar Amente para lhe dar estas boas novas, com q̄ aja seu conselho, q̄ eu auido tenho o meu d'apanhar os pees. Andava o triste para perder o siso co negro casamento, agora q̄ fara cõ tal ajuda? ay mimosos, criados em vossos appetites, q̄ em fim vê a ser o q̄ não quereis crer nê ouuir, então esmorecer. Mas pay & fi-

lho são. A mim sô cūpre buscar meu remedio, & mais cõ tal valedor como tenho no Ayo, Mas eu esta conta faço, q̃ tão pouco tenho aqui como em Valença, bõs pees tenho, & arrezoadá linguoa, do mais (como dizem) sobre a terra anda o auer. Quê fae de nossa casa?

Amente

Callidio.

Cassiano não aparece nem Callidio, onde fugirei d'hũ, & onde acharei o outro? Cal. No peor não fallas que he teu pay? Am. Oje coapressa da carta não tiuemos tẽpo. Cal. Cada vez se elle vai encurtãdo mais, Amente. Am. Quê me chama? O meu Callidio que ati buscaua eu. Cal. E eu a ti? Am. Desuiemonos, & vamos buscar algum lugar em q̃ fallemos á nossa vontade. Cal. O Amente à nossa vontade não podemos nos fallar. Am. Porq̃ Callidio? Cal. Depois que me dexaste, dei comigo na ribeira que me temia muito do mar e velauame d'elle, em fim tantas vezes fui lá ate que arrecadei. Am. E q̃ Callidio? Cal. Achei nouas de teu pay. Am. Triste de mim he elle morto? q̃ assi te de mudaste. Cal. Tu & eu Amente somos os mortos, q̃ elle viuo he, & são. Am. Isso he bem. Cal. E dentro em Palermo. Am. Isso he mal. Cal. Não ves quam perto estaua o mal do bem? Am. Contas me tu verdade Callidio? Cali. Muito contra minha vontade. Am. Que te parece desta sua vinda a tal tempo? Cal. A meu parecer o Ayo o mandou chamar, & assi quando lhe agora dei a noua, não duuidou della muito. Amẽte. Fallastelhe? Calli. Fallar dizes? Valeome q̃ o vi primeiro que elle a mim. Doutra maneira (como dizem do lobo) tolherame afala de todo. Amẽ. Que conselho amigo meu Callidio? Callidio. Amente o espaço he pouco, as palauras não podem ser muytas. Teu pay bem o conheces, hade trazer suas contas repartidas em duas partes não igoacs, cõuen a saber ati reprimerte,

& a mim

& a mĩ castigarme. Bem saber q̃ se criou em Gáles, aquelle amor de pay, que o cà traz te ha de valer, não te encomendes a outro santo, a mĩ he necessario encomendarme aos meus pês. Oula, quem he aquelle? todo homem me agora parece Valenciano. Am. Assim deixarias em tal desemparo? Cal. Tu mesmo me deuias de acõselhar que fugisse, se te lembrasse o perigo em que me vees, pois he tanto mór que o teu. Am. Lembra, mas não ves em q̃ tempo me este mal toma? Cal. Se visse em que te podesse ser bom, tudo o mais me esqueceria.

Deuorante. Amente. Callidio.

Deu. Em Doutor me fallais em tempo de paz? bem me parecia a mĩ q̃ auia o negocio de dar a traues. Am. Aquelle he Deuorante, que ja tambẽ foi dos meus em mais bonãça, todos me vos his hũ & hũ. Deu. Quando elle aqui veoter de Pisa, não trazia quella barriga, porq̃ naquella sua terra acostumauase então o ferro, & aqui agora costuma se mais a pena. Am. Que diz. Cal. Mil sentidos que te uesse, todos traria occupados com teu pay. Deu. Em fim que ouue de levar a moça? agora enforçar feruidores. Am. Entendeste? Deu. Mancebos barbipoentes, bem despostos. Vem hum doutor velho com seus habitos longos, & derubalhes a lebre diante. Am. Parece que falla no Doutor. De. E o meu soldado mui posto em sair para Domingo cõ hũa inuenção de labyrinthos por Lucrecia. Am. ô meu coração. Deu. Esta noite teremos festas & cea. Am. Que te parece? Cal. Calaceiro, que nunca sonha em al, saluo em conuities. Deu. Fortemente atalharão a minha negoceação, que eu andaua por alongar, & encurtarãoma; agora quero buscar o dos labyrinthos, & tiralloey daquelle trabalho em que anda.

Amente.

Callidio.

Tu vês a q̄ termo eu sou chegado? segundo as nouas q̄ tu d'hũa parte, & Deuorãte d'outra me dais? Cuidei q̄ tinha de ti algũa necessidade: mas pois as cousas assi vão, té a vida me sobeja, procura polla tua. Cal. Vos outros mimos logo quereis morrer. Am. Não se ajuntarão em balde tantos males a hum tẽpo. Call. Taõ pouca confiança tẽs em Lucrecia? Am. Ah Callidio. Cal. Que ah Callidio. Am. Que esperança tão fraca! Cal. Queres dizer como de foã; Am. E de foã, & de foã. Cal. Naquillo tem razão, & mais nesta terra, em q̄ o poerão mui afinha em cantar Cecilia-no, como dizem. Vem cá Amente, seras homem pera me ajudares a hum feito? Am. Em tal desesperaçãõ, que posso eu arrecear? Cal. Ora bem vês q̄ esta vinda de teu pai embaraça tudo, pello qual aqui cumpre de acudir, se queres remedio. Cal. A maneira he a q̄ não vejo. Cal. Dirto hei; Façamos q̄ não conhecemos teu pai, por mais Valéciano que falle. Am. E em tamanha agonia podẽs estar gracejando? Cal. Não gracejo, mas antes te dou hũ cauallo na batalha, se tu fores pera o tomar. Am. E a meu Ayo q̄ lhe faremos? Cal. Como que? Diremos q̄ esse he o que faz todas estas calabreadas, & q̄ traz este velho falso aqui com nome de teu pai, & assi não recolheremos em casa hum nẽ outro. Am. Nisso bem vejo eu o erro, o remedio não o vejo. Cal. Eu to direi; Podemos acudir ao negocio do casamento, como dantes, & se cũprir, diremos duas palavras ao Doutor, q̄ não se jão de libellos dar, nẽ lides contestar. Am. Chamarse hão à justiça. Call. Que fraco remedio hũs & os outros: & quanto ao Doutor Deixalo reuoluer seus Bartholos. Am. Assi q̄ tambem queres que erre a Lucrecia? Cal. Por amor da mesma Lucrecia. Am. Al quisera eu fazer por ella. Cal. Não pode por agora Es moço, enfiate a acudir sempre ao môr perigo. Amẽte. Não tenho

rosto contra a verdade. Cal. Acharás logo muitos que o tenham, & ficartehão com grande auentagem inagibilib^o, como dizem estes pratticos. Am. Logo a mentira se estrema da verdade. Cal. Antes se vierão a parecer tanto, que cada dia se passa hũa por outra. Am. Triste de mĩ que farei? Cal. Se queres cõselho nega, & senão entregate. Am. Como ey de negar cousa tão sem duuida? Cal. Negando (dizem elles) se faz tudo duuidoso. Am. Mas não se faz por isso torto do direito, nem direito do torto. Cal. Antes que isso se declare, hum juiz he sospeito, outro occupado, outro vagaroso. Isto não he tempo de mimos, teu pay não pode tardar. Am. De que me velarei em tamanho aperto? Cal. Do defauergonhamento sobre todas as cousas; Bra-da, jura, esbrauea, queixate, chama por justiça, olha pera o ceo. Am. Morreome o coração de todo. Cal. A maõ tẽpo te deixou, mal o fez contigo. Am. Não me ficou outra cousa, senão mãos pera me matar. Cal. E a mĩ pês pera fugir; & vello que apparece. Am. Aquelle he, não o posso esperar. Cal. Que fazes? onde te vas? torna, q̃ eu era o que auia de fugir. Am. Perdoame Callidio, & lembrate de mĩ, que se não pode soffrer o rosto do pae a q̃ tẽs errado. Cal. foise, & deixame a mĩ cos combates. Que farei? Que ei aysi de fazer, senão terlhe companhia com fugir? Estes moços fouueiros são muito molles dos cascos. O homem ha de ser callejado para correr o molle & o duro. Quanto folgâra de nos vermos co velho aositês. Que nos ouuera aysi de fazer? por justiça? teria procurador? E nos procurador; diria o seu, & nos o nosso. Pois inda hey d'esperitar mais deste negocio, que não estamos agora em Valença, para auermos tamanho medo a este velho, que viraa enojado.

Galvão velho. Vidal seu criado. Callidio.

Gal. Em que idade estaua eu jágora, para tornar a soffrer o mar, & os marinheiros? Vid. Certo registete nisso pollo amor de pay, & não por razão. Cal. Aquelle he Vidal, homem de bem, criado seu antigo, os outros não conheço, roim gête me parece; hũa por hũa não vem com elle Casfiano, de que muito folgo. Gal. Isso assi he, mas que remedio? Vid. Deixalo lutar hum pouco coa fome & frio, que elles to castigaraõ. Gal. Ouue medo algum mau recado, q̃ nesta terra aposentáraõ os Poetas as suas Sereas. Vid. Ia he algũa maneira de desculpa. Gal. Naquella idade taõ cega, & sobre tudo tais conselheiros. Cal. Aqui somos. Vid. Quaes conselheiros? Galb. Os que aqui tal vida leuão às minhas custas. Vid. Coitados dos seruidores, que inda haõ de fazer mais que seruir. Cal. Oh que homẽ! sempre assi foi defenganado. Galb. A mĩ eraõ obrigados a seruir, que não a elle. Vid. Teu filho he ja homem, & afora Casiano seu Ayo, o officio dos outros era seruir, que não aconselhar. Cal. ô bom procurador, & mais sem dinheiro. He hũ milagre. Aquelles outros carrãcudos, não ajais vos medo que ajudem, nem c'hũa só palavra, nunca os ajude Deos. Gal. Ao doente não se lhe ha de fazer a vontade, & que elle por então o não conheça; despois o conhecerá, & aggradescerá. Cal. Aquelle he forte ponto, vejamos que alli responde o nosso procurador. Vid. Nesse caso que dizes, o que jaz doente, jaz fraco, & não pode fazer mais que ameaçar, nestoutro põete logo as mãos, & vingãose. Cal. Isto não he ja procurador, mas hum pay. Gal. Ia te diste q̃ a mĩ ouuerão elles de ter respeito. Vid. Estauas lóge, acudurias tarde, entretanto o espancado andâra espancado, o roto roto, o aggrauado aggrauado. Cal. E mais que peça he andar aggrauado? que fogem de ti hũa legoa, como

de

de caõ doente. Galb. Mas foi bem feito deitar assi a perder hum moço tão bem principiado? Cal. Ia se o velho afanha, assi fazem quando os atalhaõ per razão. Vid. Estamos em tempo em que ninguem quer ouuir conselho. Ora achas Amente viuo & são, tudo o mais se fará bem. Galb. Assi o queira Deos. Cal. Digovos que este Vidal me curou de todo do meu medo. A razão o velho a conhece já, do mais que me pode fazer? sei que não estamos em Valença d'Aragão. Vi. Por aqui me differão que poufaua, não vejo a quem preguntar. Cal. Quero acometer o velho, que pode ser mais? Gal. Cà vem hũ, & he or' este o bõ de Callidio? Cal. Que he isto, milagre, ou sonho? Gal. De que te espantas? Cal. De não saber se estou em Valença, se em Palermo. Gal. Quero dissimular co este roim. Estais cá todos de faude? Cal. Todos por agora. Galb. Guia pera a poufada, q̄ venho cansado, queria repoufar. Cal. Aqui he. Oula, abri. Esta gente não ouue: abri digo. Galb. Em quanto este falla cos de casa, fallo eu com vosoutros, trazeime este raposo diante de vos, & se reuelar, entre por força. Vid. Ah senhor. Gal. Calate, boa parece a casa, & em bõ lugar. Cal. Dizem me q̄ não são cá Amente, nê Casfiano, voume em sua busca. Gal. Agasalha os hospedes primeiro. Cal. Não tenho com que. Gal. Coa boa vontade. Cal. Oula, que quer isso dizer? quereis prouar forças comigo? Olhai que chamarei por justiça; Oh, Oh. Gal. Tapalhe essa boca Grifaõ, & tu Feramonte desapegalhe essa mão da porta, & fecha sobre ti.

Fim do quarto Auto.

AVTO QVINTO.

Reynaldo soo.

No cabo desta minha tão longa & trabalhosa jornada, quando os outros descansão começa o mor cansaço meu, coa duvida q̄ tenho se acharei aqui hũa filha em cuja busca venho. Têgora na minha esperança hia passando meus males, sem ella como passarei isto que fica da vida? O mor bê que neste mundo tiue que foi a mãy desta moça, a morte mo leuou dias ha, o da filha que me em seu lugar ficaua, se mo também tem leuado, fello cruelmente comigo, que me não deixou nesta vida a que possa allevantar somente os olhos. Aquelle foi o meu primeiro amor, aquelle sera o derradeiro, a grande dor da sua morte me lançou então de toda Italia, o desejo da filha me torna agora ca. Deixei ha encomẽ dada à hum Doutor grande amigo meu em Pisa onde então estudaua, entre tanto que aquella nobre cidade esteue em pee sempre tinha nouas, desque ella cahio fiquei as cegas, têgora q̄ venho a Palermo onde me disserão que acharia o amigo em cuja busca ando ha dias. Assim venho cõ tão pouca certeza, & quanto mais me vou chegando a esta minha esperança, tanto se me faz ella mais pequena. Oje he o dia da sentença, eu apercebido venho para tudo, toda via ao abaixar do golpe a carne he fraca, & estremece toda. Achasse ja o amigo, velohia & saberia da filha em que parte ma come a terra, se ja la he, & então determinarei de mim & do meu o que me parecer. Que fortes brados vê aquelle homem dando, os pees para ca o trazem, os olhos parece que lhe ficaõ atrás naquella casa para onde olha.

Callidio.

Reinaldo.

Regedores, Cidadões, homẽs de bem, os grandes & os pequenos todos me acodi, todos me valei q̄ a todos releua, se aqui ha algũa lêbrança de liberdade & justiça. Rey. Tamañas duas cousas cuidauas tu d'achar assi polas ruas? Cal. No meo do dia no meo de Palermo não me ouue ninguẽ,

não me

não me acode ninguê. Rey. Callate ora cõ teu mal. Cal. Que fazê aqui tãtas varas de justiça? Rey. Que riso? Cal. Todo o mūdo dorme? Re. Dormes? tu sonhas? tu trefualtas? Cal. Ah cidadães q̃ todos somos escranos. Rey. Ia vai entrãdo em seu acordo. Cal. Assim ha isto de passar? Esfoloume, açoutoume, matoume, se me ajuística não acode acabarei de entender q̃ faz cada hum nesta terra o q̃ lhe vem a vontade, & farei tambẽ o que me a minha mais der que faça. Rey. Olha não vas, como dizem, de mal em peor. Cal. Vello falso, dissimulado, como me acolheo, bẽ empregado foi em mim. Mas vejo vir Deuorãte cõ seu soldado, a que tempo? quando eu buscaua quẽ ouuesse de mim doo, & me aconsellasse, outra gente me cumpre de buscar.

Briobris soldado, Deuorante, Reynaldo.

Não acharemos oje este Doutor, & faremos esta demanda mais curta q̃a das suas audiencias. Deu. Nũca homẽ acha o que busca. Rey. Mande Deos não seja eu assi. Bri. Não acabaremos cõ este Doutor? co este Petronio. Rey. Assim se chamaua a quelle amigo q̃ aqui busco. Bri. Ia reuolui toda a cidade. Deu. Aprenderia quãdo era escolar a se fazer inuisuel. Bri. Cumprelhe logo andar sempre metido na sua serpente. Deu. Ha, ha, ha, Bri. Tu riste? Deu. Quem se terã às tuas graças? mas darta hũ conselho d'amigo. Bri. Que tal? Deu. Pois não podés alcançar o que desejauas, que de fejes o que podés. Bri. Como me enfadão estes fisos que todos trazem na boca, & inguem por obra. Rey. E Lucrecia auia a minha filha nome. Bri. E senão nunca mais cingeria espada. Onde tem este Doutor a pouxada? Deu. Junto da quella Igreja alta. Bri. Bem estã, perto tem logo outra pouxada para mais dias. Deuo. Não no has agora d'achar em casa.

casa. Bri. Esperarei até noite, não tem onde se me acolha,
 sete braças entrarei depois elle polla terra detrás como pe-
 dra de corisco. Deu. Santa Barbora virgem, cuidei que era
 morto, Paternoster polla alma do Doutor. Rey. Estou em
 Palermo, ouço falar em Petronio Doutor, ouço fallar em
 Lucrecia, que cuidarei? quero fallar ao q̃ fica só no terrei-
 ro. Amigo Deos te salue. Deu. Sejas vindo nas muitas das
 boas horas. Rey. Por cortesia, que Petronio he hum em q̃
 fallaeis? De. Porque o p̃regūtas? Rey. Por bem. De. Não
 he natural desta terra. Rey. Dōde veyo aqui ter? Deu. De
 Pisa nobre cidade de Toscana. Rey. De que idade pouco
 mais ou menos. De. Darredor dos sessenta. Rey. Casado
 ou solteiro? Deu. Antre hũa cousa & a outra. Reyn. Pois
 a idade não he ja muito para esposado. Tambẽ fallaeis em
 hũa Lucrecia. Deu. Muitas cousas quer este saber de mĩ,
 que sei eu onde isto irá ter? Rey. Não me respondes? Deu.
 O outro foi que fallou em Lucrecia. Reyn. Si, mas fallava
 em som como que aconhecias. Deu. Não sei mais que ou-
 uila por ahi gabar de fermosa. Reyn. Natural ou estrãgei-
 ra? Deu. Muito anda este apos as naturezas. Amigo & se-
 nhor meu, tudo saberemos, se nisso te vai algũa cousa. Rey.
 E aquelle teu amigo porque ameaçava tanto o Doutor?
 Deu. Amigo ou como? nunca outro tanto com elle fallei
 como agora. Reyn. Parecia que tinha delle algũa paixão.
 Deu. orante. La se auenhão co as paixões, dos prazeres que
 ria parte, das paixões la se auenhão. Reynal. E este teu a-
 migo he tão merencoreo como parece? Deu. orante.
 Que forte p̃reguntador. Cuida que me tem alugado,
 por pouco que me peites eu to segurarey desta vez. Rey.
 Este me parece dūs truhaês que sempre ha nos lugares
 grandes. Voume em busca de Petronio. Deu. orante.

Vistes

Vistes o grande preguntador, donde me agora fahia de traues? Que fei eu quem este he? nem que por aqui andaré espreitando? Hũa por hũa muitas cousas que ria saber de mĩ. Outro vejo dos mesmos trajos, vejamos se he outro tal; mas eu vos direi, o meu cabedal tudo he palauras, isso auenturo.

Galbano.

Deuorante.

Galb. O bom Callidio partio não polla fria (como dizem) mas pella quente, como cuido que elle vai: vâ, & leue no uas aos outros. De. Velhos, & mais de má graça, não está aqui muito certo o ganho. Gal. De quanto bom tempo té aqui leuado, descontem. De. E sobre tudo contas & descontas, não me apraz. Galb. Seruidores todos se tem hũs cos outros, não mo açoutáraó bem, mas ja he começo de paga. Deu. Dayo ao demo, em pagas anda, & não me deue nada, que fei se lhe deueri eu, & andaré arrecadando? mas tudo he prouar. Deos te salue Sñor meu, parece me estrágeiro, & eu sei que cousa he andar por terras alheas, offresçote o meu seruiço. Gal. Muito to agradeço. Deu. Tés negocio na terra? Gal. Não de mercadorias, como pola ventura cuidarás; mas busco hum filho mancebo, que se me perdeo por aqui. Deu. Terra he pera isso, mas os finais? Gal. Hum mancebo Valenciano, que ja lhe começará de vir a barba, fohia de ser gentilhomem. De. O nome? Galb. Amente, se o elle cá não mudou, como fez a outras cousas. Deu. Como, & tu es Galbano seu pay, em que tantas vezes ouui fallar? Gal. Eu por meus peccados. Deuor. Aqui poufa, & por final que tem hum Ayo, que se chama

Calsiano,

AS OBRAS DE

Cassiano, & hum seruidor por nome Callidio? Galb. Conheces bem toda essa gente? Deu. Como minhas mãos: mas como não estão aqui contigo? Galb. Estamos desafiados. Deu. Assim isto foi. Galb. Não por minha culpa, que em chegando logo cõuidei Callidio de boa entrada. Deu. Trarias fruttas de Valença, que está homem pasmado de tanta gentileza, & perfeição. Galb. Tempo foi, ja tudo isto he passado a Portugal. Deu. Taõ conuidador vi-nhas? Gal. Auia muito que nos não viramos. Deu. Assim haõ de ser os homẽs da tua qualidade. Ora dizeme q̃ iguarias aueis lâ entre vos por mais saborosas? Gal. A vingança. Deu. Eu fallo em iguarias, não em allegorias. Gal. Queres que te diga o claro: vingueime em chegando des-se ladraõ, que mandei açoutar, nũca me couza assim soube, entendesteme? Deu. Agora si, isso chamo eu fallar ao pẽ da letra. Galb. Ora ja aquelle pagou, os outros pagarão. Deu. Outros, ou como? Gal. Truhães maluados, que tanto do meu aqui tem comido, & bebido. Deu. Comigo o ha. Gal. Mas eu volo farei amargar. Deu. Ia me amã começa o mau sabor da boca. Gal. Comer, beber, jugar, franquear. Deu. Que mais claro quereis que hũ homem falle? cõ que negros conuidadores vou topar oje. Querome acolher com minha honra, se poder. Gal. He aquelle Cassiano? Deu. Aquelle he, hum bom homem. Ora me cõtaycos conuidados, se mais aqui espero. Quantas cousas te-reis ambos de fallar, pois vos inda não vistes. Quero despejar. Gal. Espera, cearemos todos. Deu. Não curo de cõnites. Gal. Que he isso, porque corres? deve de ser algum defasifado, & deulhe o vento na corda. Voume esperar Cassiano em casa, & assentarm'ei, que inda não tiue vagar.

Cassiano

Cassiano Soo.

Venho pasmado dos acontecimentos, andando em busca de nosso amo fui dar com Reinaldo nosso natural, que agora também chegou. A hū trouxe ca hū filho perdido, ao outro hūa filha q̄ perdera muito ha. O filhos desejados, & estes são os vossos descansos? Doutra parte tendo o Doutor concertado seu casamento chega Reinaldo, & acha neste proprio dia, nesta hora, neste pōto, q̄ Lucrecia aquella q̄ a todos nos tē dado tanto trabalho he a sua propria filha q̄ andava buscādo por mar, & por terra, & sobre tudo q̄ he a filhada do mesmo Doutor, assi lhe podera ser inda mais. Enão se saber a tēpo. O coitado q̄ não via ja o dia nem a hora & que estaua coa boca aberta para papar a moça, ficará assi coella às moscas. E polo contrario meu criado Amēre q̄ lhe era la posto o cutello na garganta, esperando sō pello pregão, vem a fortuna melhor casamenteira muito q̄ Dorio, & negoçalho tudo a pedir de boca. Que diremos as cousas deste mundo? hūas parece q̄ se alcançāo a poder de negociaçāo & viua diligencia, outras por soo dita & bom acerto. Ia acharei nosso amo em casa voume la darlhe estas nouas, & passarão as paixões, & tormētas q̄ tão armadas estauão.

Deuorante Soo.

Venho espreitando o Ayo por ver se o conuidará tambem o velho em chegādo como fez a Callidio, & quisera fazer a mim, mas Deuorante não dorme. Como me quisera acolher aquelle velho falso, nunca se outro tal vio. Cuida q̄ he senhor de Palermo, assi ameaça & assi assopra. Custado me ouesse do meu muito & pegasse outras poucas ao Ayo cō toda sua grauidade. Ou que vem là? Cuidei q̄ me atalhauão por estroutra parte. Estes são Amēte & Callidio, & inda não sei o q̄ sera, q̄ este maluado tē ja o seu quinhão & andara ajuntando mais cōuidados, Mas q̄ me não vingou eu do truhão q̄ me assi oje queimou o sangue, vejamos que

trouas

AS OBRAS DE
trouas agora faz de improviso.

Amente, Callidio, Deuorante.

Taes nouas me trazes tu Callidio cō tal rosto? Não te pude ser bõ no teu mal, perdoame & ajudame a sofrer tanto bẽ, q̃ não tenho outrẽ com quẽ o parta. Cal. Do mal partiste comigo bẽ, do bem partiras mal. Am. Não me doco nada menos q̃ a ti. Cal. Não sei, mas bẽ te punhas em saluo. Am. La me coube o meu quinhão. Cal. Mostrame ora em ti al gũ final dos meus açoutes por este corpo. Am. Não terião menos os meus se os podesse ver. Cal. Pois eu não recebo pagas inuisiueis. Deu. Quãto q̃ sabe este maluado co elle me tenho Am. Afsi me cōtas de Reinaldo & q̃ he Lucrecia sua filha, & filha tãbem spiritual do Doutor? Ca. Afsi passa. Deu. Hum destes anda fora de si com dor, outro cō ceumes, não lhes creio nada. Am. O Callidio amigo da minha alma, q̃ te direi? que te darei? q̃ te farei? por taes nouas & a tal tẽpo? Cal. Outras taes aluixaras como as de teu pay, q̃ en fim estes são os vossos galardõs. Deu. O falso como os conheces bẽ. Am. Hei medo q̃ me dẽ o miolo volta co prazer. Cal. E a mim co pesar. Am. Prometote que eu te agaldoe como tal obrigação merece. Cal. A vos outros mais vos lembra hum seruiço por fazer q̃ cento feitos. De. Daiho ao diabo, que inda falla a proposito. Am. Como se pode desempear tal meada em tão pouco tẽpo. Cal. A verda de logo vai por diante, & foi grande ajuda a velha que oje achei cō Alda. Am. O Doutor estaria finado. Cal. Toda-ua elle fallaua. Am. E que? Cal. Hũs poucos dos seus latĩs. Am. Que taes? Cal. Aleuantou dous dedos nos quacs repartio seus direitos natutaes & espirituaes, concruindo toda-ua que naquelle caso cabia dispẽsação. Am. Como dispẽsação. Cal. E ainda te digo que soltou hũa ma palavra. Am. Que tal triste de mim. Cal. Disse que por dinheiro não fica-

não ficasse, & bateo na bolsa. Am. A essa não chamas tu mais q̄ ma palavra? chamolhe eu mortal. Cal. Mas sabes quē de fatoutodos aquelles empeços & razões Doutoraes. Am. Quē Callidio? Cal. Lucrecia. Am. Como? Cal. Disse que não queria q̄ toda sua vida fora orfaã & estrangeira, agora que lhe deixassem ir a servir aquelle pay a q̄ tanto deuia, & logralo algum tempo. Am. O feito de Lucrecia? Deu. Estaua recolhendo nouas pera o meu soldado, agora eilas todas entornadas, que deixará logo o Doutor, & ha de querer p̄r toda Valença à espada. Am. Como podeste saber tanta couza em tão pouco tēpo? Cal. Tiue cuidado. Am. E eu terei lembrança. Cal. Para quando. Am. Bem vestu que eu agora não posso. Cal. E despois não quereras. De. Euangelho. Mas porque me não vingos eu deste roim de Callidio, & que lhe tardo mais? Deos vos salue & a ti Callidio prolfaza. Cal. Passo que fallamos segredo. Deu. Não hias tu oje de tão ma graça, quando trouauas de improviso. Cal. Nē tu de tão boa. Seraõ milagres do vinho. De. Isso se podera dizer mais por ti, pois te conuidarão em chegando. Cal. E tu em conuites. De. Durate ainda aquella vea de trouar, romperemos aqui hum par de lâças por festa diante d'Amente. Am. Dexao pera outra hora Deuorante, q̄ temos al em q̄ entēder. De. Ia hei de ver para quãto he, que não me valeo oje coelle creita, nem sopee.

Deuorante.

Callidio l'eu vi outro homē
 Mais saõ das costas que ti,
 Porque te torces así?
 Pulgas sei q̄ te não comem,
 Vergões, pode ser que si.

Callidio.

Deuorante que se tanja,
 Que se cante em para iso,
 Não he aquella a tua grãja,
 Pois se là falla de sifo,
 E não he terra de manja.

Deuorante

AS OBRAS DE

Deu. Não valha q̄ não foi pollos consoãtes. Am. Não seja mais, ambos o fizestes bẽ. Deu. Tudo se faça oje a tua vontade, & tudo seja festa. Cal. Donde auentou este coruo carnical a carniça? Deu. Ferrei oje a tua q̄ foi arrezoadã. Am. Não lhe respõdas Callidio. E tu Deuorãte não falles mais sobpena de te ser aquella porta cerrada em quãto aqui estiueremos. Deu. Naõ me veras mais boquejar. Am. Ora nos vamos cear cõ meu pay. De. Elle mesmo me cõuidãua pouco ha. Cal. Eu não vou por agora a essa casa, perdoar-m'has. Am. Como, & tu sò me has de falecer, em quẽ eu ti nha toda minha esperança? De. Vẽ ca Callidio dame essa mãõ, sejamos amigos, & dirtei como fazamos, q̄ eu tambẽ não me fio ora muito de ninguem. Acompanhemos Amẽte atè a porta, dahi espreitaremos, & assi como viremos assi aueremos nesso acordo. Ia sabes o q̄ se diz, naõ te fies, & naõ te enganaraõ. Am. Ditos de gente baixa & desconfiada. Hi comigo seguramente.

O Representador.

Naõ foraõ necessarios rogadores, nem a rengas, o filho lançoise por terra aos pees do pay, elle cos olhos cubertos da guoa aleuantouho, d'hũa parte, & da outra as lagrimas sopriãõ por palauras. A cea fazse prestes. Ao Doutor & ao Soldado naõ faleceraõ outros amores, as outras festas haõ se de fazer em Valença de Aragaõ.

T A V O A D A.

	Quem cuidar & quem disser.	fol. 158.
	Quien te hizo Iuan pastor.	fol. 158.
	Que posso de vos dizer.	fol. 159.
R	Razão & tempo seria.	fol. 150.
S	Señora oid la mi suerte.	fol. 149.
	Sortes & venturas saõ.	fol. 150.
	Se meu tormento me desse.	fol. 151.
	Sacaronme los pesares.	fol. 156.
	Saudade minha.	fol. 156.
	Sola me dexastes.	fol. 156.
	Se me este cuidado atura.	fol. 157.
T	Tornouseme tudo em vento.	fol. 149.
	Todos vienen de la villa.	fol. 151.
	Todas as cousas tem cabo.	fol. 152.
	Toda a esperança he perdida.	fol. 152.
	Tudo passa como hum vento.	fol. 153.
	Tu presençia desseada.	fol. 158.
	Tañõ os yo mi pandero.	fol. 160.
C	Virgem fermosa .Canção.	fol. 2.
	Comedia. Os estrangeiros.	fol. 163.
	E cglogas.	
	Como corre & como atura.	fol. 91.
D	Dime pastor de cabras alquilado.	fol. 115.
E	El congoxoso llanto el temerario.	fol. 105.
Y	Yo vengo como pasmado.	fol. 81.
Q	Que quiere ò mi Mauricio dizir tal.	fol. 97.
	Quantas cousas Ines madrinha & tia.	fol. 125.
	Epythalamio.	
	Ado te lleuan Toribio los pies.	fol. 137.
	Epytaphio.	
	De quam pouca terra satisfeyta jaz.	fol. 154.
	Fabulla do Mondego.	
	Inclito Rey que desse al otro pólo.	fol. 60.

T A V O A D A.

Glosas Del tormento fatigado, á cantiga,
No se porque me fatigo. fol. 148.

Sextina.

Não posso tornar os olhos. fol. 160.

Sonettos.

- | | | |
|----------|--|----------|
| A | A principe tamanho cujo rogo. | fol. 1. |
| | A vossa verdadeira penitente. | fol. 5. |
| | Alma que fica por fazer desdoje. | fol. 7. |
| | Aquella fee tão clara & verdadeira. | fol. 7. |
| | Aquellas esperanças que eu metido. | fol. 10. |
| | Amor que não fará? fezme engeitar. | fol. 10. |
| | Aquella apressurada y rueda biua. | fol. 11. |
| | Ah que dire que es esto que a si enganha. | fol. 13. |
| | Amor tirão vá por Cielo y tierra. | fol. 15. |
| | Ado seboluerá, que no se espante. | fol. 15. |
| | A si que me mandaueis attreuer. | fol. 16. |
| C | Cabe vna fuente a bõz alta y sintino. | fol. 11. |
| D | Del Tibre embuelto al nuestro Tajo vfano. | fol. 8. |
| | Desarrezoado amor dentro em meu peito. | fol. 9. |
| E | Em tormentos crueis tal sofrimento. | fol. 9. |
| | Entre Sesto y Abido almar estrecho. | fol. 13. |
| Y | Ynda que em vossa Alteza menos parte. | fol. 1. |
| | Yo no la entiendo bien, mas esta fuente. | fol. 5. |
| N | Não sei que em vos mais vejo, não sei que. | fol. 12. |
| | Não ousarão a te agora a parecer. | fol. 16. |
| O | O sol he grande, caem com a calma as aues. | fol. 14. |
| Q | Quien diera a los mis ojos vna fuente. | fol. 8. |
| | Que es esto Philis que estas tan turbada? | fol. 12. |
| | Quando eu senhor em vos os olhos ponho. | fol. 14. |
| S | Soem as vezes ser mais estimadas. | fol. 6. |
| T | Tardei, & cuido que me julgão mal. | fol. 2. |
| | Tantas merces, tão desacostumadas. | fol. 6. |
| | Traida en sacrificio Poligena. | fol. 13. |

Auto da approvação destas obras.

A Nno donascimento de nosso Senhor Iesu Christo, de mil & quinhentos nouenta & cinco annos, ao primeiro dia do mes de Janeiro do dito anno, em a mui antiga, Augusta, nobre, & sempre Leal cidade de Braga, no campo da Vinha, nas pousadas do Senhor doutor Pero Carualho, Iuiz ordinario nesta dita cidade, & seu termo, pello Illustrissimo Senhor Dõ frey Agostinho de Iesus per merce de Deos, & da sancta See Apostolica Arcebispo, & Senhor de Braga, Primas das Espanhas, nosso Senhor. &c. Estando elle Iuiz ahi presente, perante elle pareceo Manoel de Carualhaes criado do Senhor Dõ Ieronimo de Castro, & lhe apresentou hũ liuro encadernado em purgaminho brãco, ja velho, das obras q̃ fez o doutor Francisco de Saa de Miranda, Comẽdador q̃ foi da Comenda de Santa Maria de duas igrejas, deste Arcebispado de Braga, juntamẽte cõ este transumpto, & treslado q̃ delle fora tirado dizendo a elle Iuiz, q̃ a elle lhe era necessario justificar em como era verdade q̃ o dito liuro era escrito da mão do dito Doutor Francisco de Saa de Mirãda, & aquella era a sua propria letra, para q̃ constandolhe ser assi, elle Iuiz lhe interposesse a este transumpto sua autoridade judicial: o q̃ visto por elle Iuiz, mãdou perante si vir testemunhas fidedignas, per cujos ditos & testemunhos (q̃ judicialmente lhe forão tomados) lhe constou a letra do dito liuro ser escrita da mão & letra do dito Doutor Francisco de Saa de Miranda, donde este transumpto & treslado se tirara & concertara, & por ser carecente de vicio, & suspeição como delle cõsta, elle Iuiz interpôs a este sua autoridade judicial, & mandou q̃ lhe fosse dado tanta fee & credito como ao proprio, se exhibido & mostrado fora, de q̃ mãdou fazer este auto de Reconhecimento, & approvação. E eu Manoel de Lemos taballião q̃ o escreui, & asinei de meu publico final aos dous dias do dito mes & anno.

Erratas. Notese que o b, significa pag. 2.

Fol.	Lin.	diz	diga.
1.	5.	se atogo.	se me afogo.
7.	13.	dengano.	den ganos.
13.	3.	braço erguido,	braço erguido.
21.	3.	não va.	não vai.
27.	3.	parece q̄ assi.	parece assi
27.	4.	sentido.	sentindo.
28.	19.	A amores.	& as mais.
36.	16.	ima.	alma.
37.	19.	or.	por.
42b	3.	ja torceis.	torceis.
48.	21.	porfia,	fadiga.
57.	24.	quelle.	aquelle.
62.	8.	que oro.	que en oro.
63. b	9.	y firmeza.	y de firmeza.
64. b	7.	& e: criue señor.	& es-criueme señor.
65. b	16.	de como.	como.
69. b	15.	nuestro.	nueuo.
69. b	21.	falta a regra seguinte	Sobre verde variado en mil colores.
73.	1.	mi pecho.	mi seno.
74. b	12.	impiedad.	piedad.
79.	16.	sabido por.	sabido en.
84.	12.	si a buir.	si a beuer.
91.	16.	a elle.	a ellos.
93.	22.	assi.	as.

Fol.	Lin.	diz	ciga
94.	3.	for.	tor.
95.	1.	de genda.	derenda.
95.	23.	nosso os.	nos fós.
95.	17.	se.	fer.
95.	26.	galante.	galantes.
97.	7.	q̄ he tarde.	le tarde.
98.	15.	auiaros.	auiaos.
98.	20.	serinda la.	serinda.
99.	23.	mueua.	muera.
101.	20.	muerta essa.	muerde essa
102.	7.	leuante.	lleuante.
103.	3.	della.	de alla.
103.	17.	guimaldas.	guirládas.
110.	24.	peña tá alta.	peña alta:
112.	4.	mirada.	miradas.
	17.	por esta nuestra.	por esta.
122.			
123.	1.	dexastes.	dexaste.
123.	2.	no mudable	mudable.
126.	2.	mas caleime.	caleime.
135.	5.	não seis	não sei.
135.	21.	paga.	a paga.
138.	9.	quien.	que.
148.	3.	q̄ saltan.	saltan.
156.	15.	la que.	la.

Comite
...



T
BIBLI
Dep.
Núm

14
14
D.S.A

1483.



TOLEDO

LIOTECA PUBLICA

Dep. 1:
Túm. **460**